BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.1/258

578

Proc: 698

LIV.- 01
PAG.- 21
REG.- 665

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA: ** ... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS **

AUTOR DA PEÇA: ** ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA *

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

Recebi as cópias e os respectivos certificados

das peças... em moeda corrente do país."

Brasília, 17 de outubro de 1968

Raquel

Sec. do Dep. José Richa (Pr.)

P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 3

3a

CENÁRIO

Sala de estar-jantar de um apartamento, num dêsses edifícios de habitação coletiva, construídos por uma instituição de previdência social.

É um apartamento de fundo e a janela central da sala dá para uma área promíscua.

Entradas à direita e à esquerda.

Decoração moderna, pobre e de gôsto duvidoso.

Mesa, cadeiras, um móvel ao longo da parede para várias serventias, bibelôs, livros, etc., etc.

Um aparelho de televisão.

Mais ou menos 10 horas da manhã.

Um rádio funciona furiosamente no apartamento vizinho.

Guimarães trabalha, sentado à mesa. Escreve, anota, faz contas, numa pequena máquina de calcular, compulsa processos e examina papéis espalhados pela mesa.

É homem de seus 35 anos, sem mocidade, tipo normal, classe média. Trabalha em mangas de camisa, sem gravata. O paletó está no espaldar de sua cadeira.

É difícil concentrar-se no serviço com aquele locutor gritando desesperadamente os "slogans" publicitários. E que publicidade!

LOCUTOR — Senhoritas! atenção! Halitol é a garantia de um noivado! O mau hálito acaba com qualquer namoro! Halitol acaba com qualquer mau hálito! Halitol, pela manhã, Halitol ao deitar-se. Vai ver a noiva? Halitol. Halitol, sempre Halitol. A venda em tôdas as farmácias e drogarias, que se prezam! Halitol! Não se esqueçam! Halitol!

LOCUTOR — Prisão de ventre?! Laxativos Trovão (barulho de trovão). Não há mais prisão de ventre! Em pílulas, óra pílulas! Laxativos Trovão — é a solução.

LOCUTOR — Dentifrício Pérola! A pérola

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.4

dos dentifrícios? Use dentifrício Pérola e seu sorriso serão pérolas!

LOCUTOR — Senhora e senhoritas! Loiras e morenas! Para o cheiro de corpo não basta só água e sabão! Usem Cececida! Com sabão ou sem sabão, Cececida é a própria expressão de seu nome — Cececida mata qualquer cecê.

LOCUTOR — Número um — escassez. Número dois — excesso. Regulador Gestoira.

LOCUTOR — E agora um pouco de música oriental. O programa que passaremos a ouvir — Ritmos do oriente — é patrocinado pelo comércio da rua 25 de Março. Ritmos do Oriente é a hora da saudade levantina. Façam suas compras na Rua 25 de Março. Medidas exátas. Pesos exátos. Preços sem redução. Os mais baixos da praça. Comprando na 25 de Março, o senhor, a senhora, a senhorita, levará um embrulho, sem ser embrulhada. E por pouco dinheiro. O dinheiro não interessa. O que interessa é que o freguês saia satisfeito para voltar. E vamos ouvir o primeiro número do programa — Ritmos do Oriente — Saudades de Beirute — Música de Wadih Chama — Letra de— Farid Derah.

(E segue uma langorosíssima música síria).

(Guimarães esboça um gesto de impaciência. Não póde trabalhar com êsse barulho. Resolve levantar-se. Dirige-se à janela para fechá-la. Na ação de fechar a janela é interrompido pela voz da vizinha, Dona Hermengarda, com pronunciado acento nordestino).

VOZ DE HERMENGARDA — Bom dia, seu Guimarães.

GUIMARAES — Bom dia, dona Hermengarda.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Dona Floripes está?

GUIMARAES — Como? Não entendi?

VOZ DE D. HERMENGARDA — Dona Floripes está em casa?

GUIMARAES — Não, senhora. Foi a feira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.5

4a

VOZ DE D. HERMENGARDA — Foi aonde?

GUIMARAES — À feira. Mas volta já.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O que? Fale mais alto, seu Guimarães.

GUIMARAES — É o rádio.

VOZ DE D. HERMENGARDA — É o que?

GUIMARAES — O rádio.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Espera um pouco.

(O rádio é desligado.. Guimarães suspira aliviado.)

VOZ DE D. HERMENGARDA — Seu Guimarães: o sr. póde me fazer um favor?

GUIMARAES — As ordens, dona Hermengarda.

VOZ DE D. HERMENGARDA — É de me emprestar o último número de "Grande Hotel". Dona Floripes tem. Ela comprou êle.

GUIMARAES — Pois não. Vou ver se está aqui.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Vou buscar, então. Aí na porta.

(Guimarães sai da janela. Procura pela revista. Encontra-a. Sai da sala. Ouve-se o diálogo, no vestíbulo.)

VOZ DE D. HERMENGARDA — É essa mesma. Hoje de tarde devolvo para dona Floripes. Estou acompanhando a novela — "Honestidade de amante" — Muito bonito. Real. O sr. não leu?

VOZ DE GUIMARAES — Ainda não, senhora.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Adoro história de quadrinho. É a coisa melhor que tem. Cinema e fotonovela! E é instrutivo, o sr. não acha?

VOZ DE GUIMARAES — Acho, sim senhora.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Muito obrigada. Póde ficar sossegado que hoje de tarde, o mais tardar, de noite, eu devolvo. Até logo. Obrigada.

VOZ DE GUIMARAES — Até logo, dona Hermengarda.

(Guimarães volta à sala. Silêncio. Não se ouve mais o rádio. Guimarães senta-se à mesa e vai reiniciar o trabalho, mais esperançado. Nem bem recomeça o serviço, entra furiosamente o som do rádio de dona Hermengarda. Guimarães não se aguenta. Vai à janela e chama, com veemência.)

GUIMARAES — Dona Hermengarda: Dona Hermengarda!

VOZ DE D. HERMENGARDA — Que é, seu Guimarães?

GUIMARAES — A senhora póde me abaixar um pouquinho o rádio, por favor?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.6

VOZ DO LOCUTOR — Sal de frutas Demo alivia o seu ventre e melhora o seu máu humor.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O sr. precisa tomar sal de frutas Demo, seu Guimarães. O sr. anda muito azêdo.

GUIMARÃES — É o meu fígado. Suco hepático.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O quê?

GUIMARÃES — Hepático.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O senhor é simpático, mas tem máu humor. Quem tem máu humor não póde morar em apartamento.

(Baixa sensivelmente o som do rádio. Mas fechou a janela e cerrou a cortina, abafando completamente o som.

Uns instantes após, entra Floripes, vinda da feira. É mulher de seus trinta e poucos anos. Tipo de mulher nervosa e agitada que fala, fala sem parar. Veste calça comprida e malha. Não é elegante, mas está bem, na sua indumentária de ir à feira. Traz um carrinho com os mantimentos que comprou. Floripes entra em cena e ataca logo a fala, não parando de falar).

FLORIPES — Não sei como não rebenta logo uma revolução nesta terra. Nós somos mesmo uma carneirada! Uma carneirada! Um absurdo! Não se póde mais ir à feira! Uma barbaridade! Não há dinheiro que chegue. Da semana passada para agora tudo subiu! Os preços sóbem de semana a semana! Você se lembra de que quando nos mudamos para êste cortiço... porque isto aqui é um cortiço... não é prédio de apartamento... um cortiço! Eu me casei com você e acabei morando num cortiço! Mas não há de ser por tôda a vida, não. Nem que você queira. Isso é que não. Se você pensa que eu vou morar neste viveiro, neste galinheiro, o resto da vida, está muito enganado... Mas que calor! Isto aqui está abafado! Também com a janela fechada! Só você mesmo!

GUIMARÃES — Fechei por causa do rádio, alí, da Hermengarda. Não podia trabalhar com o barulho.

FLORIPES — É o que eu estou dizendo! Uma gentinha!

GUIMARÃES — São funcionários públicos! Colegas nossos!

FLORIPES — Que colegas! Você pensa que por eu ser funcionária pública...

GUIMARÃES — ... você é melhor que os outros?

FLORIPES — Que essa gente aí sou. Pelo menos tenho educação. Se não nasci rica, pelo menos fui bem educada. Essa gente não tem educação para morar em apartamento. Onde já se viu ootar o rádio alto? Gentinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 7

5a

Gentalha. E isso. Pobreza é isso. Eu podia ser rica.

GUIMARAES — Era só fechar os olhos.

FLORIPES — E que adiantou? Não casei com êle porque era feio.

GUIMARAES — feio é apelido!

FLORIPES — E que é que eu ganhei me casando com você?! Você é bonito, por acaso? Que é que adiantou? Êle está lá morando no Jardim America, automóvel e tudo. Acabou casando com mulher bonita e eu... eu aqui... indo à feira... trabalhando.

GUIMARAES — Até que de trabalho você não póde se queixar.

FLORIPES — E eu me queixo? Não estou me queixando! Não adianta. Eu não sou de falar. Suporto tudo quetinha. Mas um dia eu estouro. Ah! Isso eu estouro! E ninguém me segura. Vou aguentando, calada... Mas um dia a casa cai. Hoje na feira já dei o "show"! Não se póde mais ir à feira sòzinha! Uma senhora não póde mais ir a feira! É tudo uma roubalheira e além do mais é falta de educação geral. É só palavrão. Não respeitam mais ninguém. A gente passa perto do guarda, de fiscal, ouve-se palavrão, e o polícia não faz nada. Nem o fiscal. O fiscal não fiscaliza nada. Está ali para agradar os feirantes e ir ganhando suas gorgetas. Eles pagam, mas abusam. E afinal de contas quem paga é o povo!

GUIMARAES — Alguém lhe faltou com o respeito?!

FLORIPES — Que faltou com o respeito nada! Eu é que dei uma lição. Na barraca tinha uva. Cem cruzeiros o quilo. Um absurdo! Nem que fossem de ouro! Cem cruzeiros o quilo. Peguei uma, uma uva só. Para experimentar. Não ia comprar uva ordinária por cem cruzeiros. E o galego gritou comigo. — "A um cruzeiro o bago". — Falou gritando. Malcriado. Eu disse: "Ah! E! Um cruzeiro?" — Me deu uma raiva! Eu já estava esquentada... não aguentei... Peguei o cacho todo, joguei com fôrça no chão, esmigalhei... esmigalhei os bagos todos. — "Agora conta. Conta, quantos são. E vai cobrar do meu marido. Quer saber em que repartição êle trabalha? Quer?" — O homem não disse nada. Também, se êle abre a bôca eu jogava outro cacho na cara dêle. São uns covardes. Quando viu que eu estava disposta, que não tinha mêdo, ficou quieto... Ah! Eu tinha que ter nascido homem...

GUIMARAES — Daqui a pouco vem o homem encrencar aqui na porta. Você deu nosso endereço?

FLORIPES — E eu ia dar o endereço?

5b

GUIMARAES — E você me punha na fogueira, com os seus bagos de uva?

FLORIPES — Não precisa ficar nervoso que êle não vem não. Êle ficou com mêdo de mim! Eu tinha que ter nascido homem!

GUIMARAES — Acho melhor você não ir mais à feira. Você é muito briguenta. Um dia acontece qualquer coisa de muito desagradável. O melhor é você não ir mais.

FLORIPES — Você pensa que vou à feira por gôsto? E quem é que vai? Você? A Dalva?

GUIMARAES — Não. A empregada.

FLORIPES — E onde é que está aquela desgraçada? Ainda não veio!! Se vou esperar por ela, ficamos sem almôço. E nós vamos ficar sem almôço mesmo, porque vou mandar ela embora. — Ela pensa que sou idiota! Que horas são? São dez horas! Mais de 10 horas! E ela ainda não veio. Justamente dia de feira. É uma semvergonha! Não faz nada!

GUIMARAES — Como não faz nada?! Faz almôço e jantar. Limpa a casa.

FLORIPES — É claro. Eu não vou esperar que você me dê razão! Você nunca me deu razão! Eu vou morrer e você nem no caixão vai me dar razão. Eu sei que é assim. Não adianta me queixar. Por isso que eu não abro a bôca. Você defende a criada. Você defende aquela semvergonha, contra mim. É claro. Mas ela vai embora. E é hoje. Nem vai fazer o almôço. E chegar, fazer meia volta e chão mesmo. Tua irmã que faça o almôço. Eu não tenho fome. Tua irmã, que é folgada, que vá para a cozinha. Eu é que não vou fazer fôrça. Não me casei para ser sua criada.

GUIMARAES — Está certo. O melhor é você não despachar a empregada até arranjar outra.

FLORIPES — E onde vou arranjar outra? Ninguém quer trabalhar neste cortiço. Só a pêso de ouro!

GUIMARAES — Pois vamos aumentar o ordenado.

FLORIPES — É. Vamos dar todo o dinheiro para a empregada. Você é que devia tratar de ganhar mais. Você é mole. Molenga. Trabalha... trabalha... trabalha. O expediente é só de tarde. Você traz serviço para casa. Fica enchendo a mesa com essa papelada. A gente nem póde ouvir televisão. Não se póde fazer mais nada.

GUIMARAES — De manhã não há televisão.

FLORIPES — Você devia trabalhar na repartição. Assim lhe pagavam tempo integral. Mas você é mole! O que é que se vai fazer? Na sua repartição [illegible] o mundo está [illegible] Ninguém faz nada, e [illegible] ganham por [illegible] Mas você é que [illegible] trabalho [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.9

6a

GUIMARAES — Floripes! Não fale mal de meus colegas. Todos trabalham e muito.

FLORIPES — Conversa. Trabalham meio expediente e olhe lá! E não me venha dizer que não comem por fora! O dinheiro êles não é de borracha. Se ganham como você, não podem ter automóvel e nem jogar nas corridas. Você ganha, eu ganho, a Dalva ganha e o nosso dinheiro dá apertado! Se alguém aqui ficar doente eu não sei como é que vai ser! E lá o pessoal a viver folgado. Boa casa; a mulher luxando. D.K.W. Cinema todo o dia. Teatro. Nós nem podemos ir a teatro, que é caro! Não, Guima, aquilo não é só ordenado, não. Essa não passa por aqui. Aliás, todo o mundo sabe.

GUIMARAES — Você não deve estar falando sem saber. Êles têem outras fontes de renda. Você não deve estar falando.

FLORIPES — Estou falando para você, que é meu marido. Também se não posso me desabafar com meu próprio marido. Aliás não sou palmatória do mundo. Nós é que somos idiotas. Nós, não. Você. Você é que é um perfeito idiota. Me desculpe a franqueza, mas é.

GUIMARAES — Idiota, não. Honesto, é o que você quer dizer?

FLORIPES — Homem, não sei, por isso me calo. Mas, nos tempos que correm, honesto ou idiota é quase a mesma coisa.

GUIMARAES — Mas tem o — quase — que atrapalha.

FLORIPES — Atrapalha você, mas tem ajudado os outros. O que eu sei é que todo o mundo se vira e vai para a frente. E nós aqui nesta dureza...

GUIMARAES — Não acho que seja tanta dureza. Vivemos decentemente. Não devemos nada a ninguém. Temos nosso teto.

FLORIPES — Teto?! Você chama isto de — teto —?! Está bom! Não vou discutir êsse assunto com você. Você nunca me deu razão. Mas que está na cara, está. Isso ninguém diz o contrário. Só você. O mais cego é aquêle que não quer ver. Não é, não quer ver. É que você não tem peito. Peito, Guima, peito. Você nasceu é pra isso: trabalhar, trabalhar, ganhar uma micharia, viver uma vida michia e quando morrer, nem lugar no cemitério tem. É na vala comum. Viver assim não é vantagem. Vantagem é ganhar a gaita. De um jeito ou de outro, a gaita é que vale. O dinheiro é que manda, Guima. Porque que êles não bolem com quem tem dinheiro? A corda sempre rebenta do lado mais fraco. Bem, não adianta falar. Estou pregando no deserto. O melhor é levar isto para dentro. Uma dú-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 10

6b

zia de ovos, oitenta cruzeiros! E você vem me falar em honestidade! Quanta gente não roubou para o ôvo chegar a êste preço! Vou te contar! Não é só o dono da galinha não. É todo o mundo! E para pagar ôvo a oitenta cruzeiros a dúzia, só com dinheiro roubado! Na semana que vem vai estar a cem! Vou te contar.

(Floripes sai com o carrinho da feira.)

(Guimarães observa a sua saída, no mais absoluto conformismo e volta para seus estudos e cálculos.)

(Entra a empregada, Edwiges, prêta ou mulata pernóstica.)

EDWIGES — Bom dia, seu Guima. A patroa está, não está, não?

GUIMARAES — Está na cozinha. Acabou de vir da feira.

EDWIGES — Hi! Hoje é dia de feira! Dia de feira é espeto! Não é que eu me atrazei por ser dia de feira. Até que eu gosto de ir à feira. Mas a patroa vai pensar que eu manquei só por ser dia de feira.

GUIMARAES — É melhor você explicar tudo diretamente a ela.

EDWIGES — Eu não careço de dar explicação. Minha obrigação é fazer a comida e limpar a casa. Tenho tempo para tudo. A comida chega sempre na hora e a casa está sempre arrumada. Obrigação de ir na feira não tenho. Vou porque me apraz. Gosto de espairecer um pouco.

GUIMARAES — Não sei se você deve explicar ou não. Vá entender-se com ela.

EDWIGES — O senhor não acha que estou com a razão, seu Guima?

GUIMARAES — Não sei. Só sei que você entrou muito tarde, hoje.

EDWIGES — O senhor também já quer me dar a bronca, seu Guima?

GUIMARAES — Eu não quero dar ... êsse assunto não me interessa. Me deixe trabalhar um pouco.

EDWIGES — O senhor está azêdo hoje, seu Guima.

GUIMARAES — E faça o favor de não me chamar de Guima. Meu nome é Guimarães.

EDWIGES — Está certo, Dr. Guimarães.

GUIMARAES — E não sou doutor.

EDWIGES — O negócio que está azarado por aqui hoje está. Até seu Guima, seu Guimarães, que é uma moça ... É. É noroeste de banda errada. Quando o Noroeste vem de lá, está bem. Mas quando sopra de cá, então é andar de figa e se benzer. Eu figa não trouxe e me benzer não posso.

GUIMARAES — É. Então a coisa vai mal para o seu lado! Prepare-se, que vem pé de vento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 11

7a

(Entra Floripes.)

EDWIGES — Bom dia, dona Floripes. A senhora me desculpe de eu chegar atrazada, mas não foi por causa da feira, não.

FLORIPES — Não é questão de atrazo, é que há muita coisa aqui que não está certo.

EDWIGES — O que é que não está certo?

FLORIPES — Em primeiro lugar, isso não é horário. Você sabe muito bem que você deve entrar às oito.

EDWIGES — As oito, não senhora, às nove. Quando a senhora me tratou foi às oito, mas depois a gente viu que às oito não adiantava nada e passou a ser às nove.

FLORIPES — Mas são mais de dez.

EDWIGES — E que deu galho lá em casa. Houve briga. Tive que ir na delegacia prestar declarações.

FLORIPES — E ainda por cima criando caso com a polícia.

EDWIGES — AH! Isso é com a minha vida particular, ninguém tem nada com isso. O que acontece aqui, nesta casa, está certo, quer dizer, tenho que dar satisfações... mas fóra daqui, na minha vida privada... a coisa é comigo... se a casa está limpa e a comida na hora.

FLORIPES — Mas eu soube que na nossa ausência, durante o expediente da repartição, você recebe pessoas aqui em casa. E isso não é possível! Não posso admitir uma coisa dessas!

EDWIGES — Já foram fazer fofóca para a senhora! Vejam só! Foi uma vez... uma vez não... foram duas vêzes... juro que foram só duas vêzes... quero cair dura aqui de ataque, se foi mais de duas vêzes...

FLORIPES — Então? Recebeu, não é? E você acha que isso está direito? Eu ser chamada a atenção pelo zelador do edifício?!

EDWIGES — Mas não foi para safadeza não, dona Floripes. Quero morrer torrada agorá mesmo, se não é verdade. Foi meu primo.

FLORIPES — É sempre a história do primo.

EDWIGES — Está bem... essa de primo não pega mais... Mas não foi para safadeza. Eu respeito a moral da casa dos outros... Eu tenho minha moral e respeito a dos outros. Não é como muita gente que conheço. Não me faça falar...

FLORIPES — O que você quer dizer com isso?

EDWIGES — Nada. Não quero dizer nada.

FLORIPES — Vamos. Explique-se. O que você quis insinuar? Não gosto dessas coisas assim. Trata-se de alguém desta casa?...

2a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 12

EDWIGES — Não, senhora. Não é nada. Não é com esta casa.

FLORIPES — Você não pode receber ninguém nesta casa, na nossa ausência. Está certo?

EDWIGES — Está bom, dona Floripes.

FLORIPES — E tem mais. É melhor a gente falar as coisas, para não haver mal entendidos. Não adianta depois vir me dizer — eu pensei que — Isso não. Comigo é tudo combinado, esclarecido e tratado.

EDWIGES — Eu estou dizendo que a coisa está virada hoje.

FLORIPES — O que é? O que foi que você disse?

EDWIGES — Não foi nada. Prossiga, dona Floripes.

FLORIPES — Pois é. Eu sei que você leva coisas para casa. Mantimentos. Comida que sobra. Você leva tudo. Isso eu não quero.

EDWIGES — Como é que eu levo coisas para casa? Aqui nunca sobrou nada! Cozinho numa marreta desgraçada!

FLORIPES — Leva, sim senhora. Leva pouco, mas leva. E eu não quero que leve nada. Ora essa! Ontem você levou dois ovos. Isso que eu sei, porque conte! Fora o que eu não sei.

EDWIGES — Puxa, vida! Que micharia!

FLORIPES — Pode ser. Não é pela quantidade. É que não está direito! Você tem que respeitar a propriedade alheia. O que está na cozinha não lhe pertence, seja pouco ou seja muito.

EDWIGES — Estou vendo que a senhora quer que eu vá embora.

FLORIPES — Não estou lhe mandando embora. Mas se você quer continuar, tem que ser conforme combinamos. E tem mais uma coisa.

EDWIGES — É a última?

FLORIPES — É. Eu sei que você, assim que a gente sai, você abre a televisão a tarde toda. Isso também não quero. Não quero que bula na televisão.

EDWIGES — Sabe o que mais, dona Floripes? A senhora quer mesmo que eu vá embora. Pois, vou. Prefiro catar papel na rua que trabalhar nesta micharia! Puxa vida! Nem televisão! A televisão fica aí mofando! É. Eu vou me embora. Vou catar papel na rua.

FLORIPES — Está muito em moda. Depois você escreve um livro.

EDWIGES — Quero ver a senhora arranjar uma empregada paciente como eu?! Está tudo trabalhando em fábrica.

FLORIPES — Se não arranjar, paciência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.13

Eu sei me virar. Fui educada no trabalho e não na dependência de empregada.

EDWIGES — Não é pela senhora. É pelo seu Guimarães que se acostumou com o meu tempero.

FLORIPES — Êle se acostumará com outro, não se incomode.

EDWIGES — Êle se acostuma com tudo, coitado! Que remédio, não é seu Guima? Bom. Então, eu vou me embora mesmo. Aqui não venho mais, nem morta. Póde fazer minhas contas.

FLORIPES — Só no fim do mês. Você é quem vai sair. Não lhe mandei embora. O ordenado só no fim do mês.

EDWIGES — Deixa. Meu marido vem buscar o dinheiro.

FLORIPES — Pois que venha. Só no fim do mês. Antes, pódem vir seu marido, seu pai, sua mãe, toda a sua família, que não recebem nada. Não pense que eu tenho mêdo. E póde ir embora já. Se é para ir, que vá já.

EDWIGES — Tá. Depois nóis acerta. Até logo, seu Guimarães. Te guenta aí, seu Guimarães.

(Edwiges sai.)

FLORIPES — Ah! Eu devia ter nascido homem!

GUIMARAES — Para quê? Deus nos livre?!

FLORIPES — Para encher a cara dessa negrinha! Viu o que ela disse? Como se eu fôsse alguma jararára! Você acha que está certo passar o dia todo ouvindo televisão? Está certo? Levar coisas para casa? Receber pessoas aqui? Você viu o que ela insinuou?! Garanto que isso é com a Dalva!

GUIMARAES — O que é que há com a Dalva?

FLORIPES — Não sei. Mas o que a Edwiges insinuou foi com a Dalva. Com sua irmã é o Gervásio. Ela recebe o Gervásio aqui. É isso.

GUIMARAES — E o que é que tem que o Gervásio venha aqui? Êle é meu amigo. Meu colega.

FLORIPES — É que êle vem aqui, sozinho com ela. Ela é moça solteira. Isso não está certo. Eu não tenho nada com a vida dela. Ela é maior, livre. Tem você que é irmão. Mas mora aqui em casa. Isso não está certo.

GUIMARÃES — Você põe veneno em tudo!

FLORIPES — Eu não estou dizendo nada. Quem devia ver isso é você. Mas você fecha os olhos. É como a avestruz. Prefere fechar os olhos. Eu não gosto de falar. Mas o caso já está na bôca da negrinha.

GUIMARÃES — Ela não disse nada.

FLORIPES — Não disse nada, mas estava

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.14

na cara. Eu devia ter apertado ela, que ela se explicava.

GUIMARAES — Para quê?

FLORIPES — Pelo menos você ficava sabendo. Você teria que tomar uma atitude.

GUIMARAES — E que atitude iria eu tomar? Vou expulsar minha irmã de casa?

FLORIPES — Não sei. Isso é com você. Aqui em casa é que não quero que se encontrem. Isto aqui não é "rendez vous".

GUIMARAES — Como você é maldosa! Floripes! Porque você fala assim de sua cunhada? Ela trata você tão bem! Trabalha. Ganha sua vida! Decentemente! Não teve a sorte de se casar.

FLORIPES — Sorte de se casar? Como eu!? Quer me enganar que tive a sorte de me casar? Com você! Sorte de casar, eu!

GUIMARAES — Eu não disse nada, Floripes. E vamos dar o assunto por encerrado.

FLORIPES — Eu falo quanto quiser! Engraçado! Diz o que quer e depois quer dar o assunto por encerrado! Essa é boa!

GUIMARAES — Então, fique falando sòzinha.

(Guimarães levanta-se, começa a arrumar sua papelada para retirar-se, quando se ouve uma discussão no apartamento vizinho. A voz de dona Hermengarda é possivelmente a de seu marido, ou do homem que vive com ela.)

VOZ DO MARIDO — Vamos acabar com isso! Você é uma vagabunda! Uma cachorra! Uma cadela! Cala a bôca!

VOZ DE HERMENGARDA — Cala a bôca é sua mãe, ouviu?

VOZ DO MARIDO — Repita, ai sua vaca!

VOZ DE HERMENGARDA — Me bate! Me bate!

VOZ DO MARIDO — Olha que eu te quebro a cara! Um dia ainda te dou tanta pancada! Sua cachorra! Eu que te pegar de novo com êle! Não sei como não te esgano!

VOZ DE HERMENGARDA — Cachorro é você, seu canalha!

VOZ DO MARIDO — Cala a bôca!

VOZ DE HERMENGARDA — Me mata! Me mata!

(Ruído de pancadaria. O marido bate em Hermengarda. Esta põe a bôca no mundo. Pancadaria e gritos.)

(Floripes não se contém. Vai à janela e grita.)

FLORIPES — Vou chamar a rádio patrulha! Vou chamar a rádio patrulha!

(A pancadaria e a gritaria cessam.)

VOZ DE HERMENGARDA — Cuida da vida da tua cunhada que é melhor!

(Floripes fecha imediatamente a janela e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 15

GUIMARAES — Pode deixar, Dalva. Como de leiteria. E o jantar?

FLORIPES — Eu janto com papai.

DALVA — Jantar não é problema. O almôço é que é para agora.

GUIMARAES — Não tem importância. É que precisamos arranjar outra empregada.

FLORIPES — Pode deixar que eu arranjo. Isso é comigo.

(Floripes sai.)

DALVA — Você ainda vai trabalhar na mesa, Guima? Eu queria passar a blusa.

(Guimarães pega um processo e vai para a cadeira onde se senta. Dalva, com certo método, faz lugar na mesa, enquanto liga o ferro elétrico, que estava guardado no móvel ao longo da parede. Prepara-se para passar a blusa.)

DALVA — Se você quiser, podemos almoçar juntos. Eu, você e o Gervásio. Êle vem me buscar. Nós entramos na repartição, assinamos o ponto e saímos para almoçar. Você quer?

GUIMARAES — Não vai dar tempo. Estou muito ocupado com o levantamento dêstes débitos. Vou ter muito serviço, por êstes dias.

DALVA — Aliás, o Gervásio queria muito falar com você...

GUIMARAES — Sôbre que assunto? Quer pedir você em casamento?

DALVA — Antes fôsse. Mas sei que é assunto sério e que te interessa.

GUIMARAES — Com o Gervásio o assunto que mais me interessa é o casamento com você.

DALVA — Ora, Guima! Deixe eu com o Gervásio assim, que está muito bem.

GUIMARAES — Está bem, mesmo, Dalva?

DALVA — Isso é comigo. Sou maior de idade, não tenho pai nem mãe a quem dar satisfações, ganho a minha vida...

GUIMARAES — ...está certo. Não se fala mais nisso. Eu só queria que você se casasse, se fixasse na vida, se definisse.

DALVA — É... Eu também queria... falar é fácil... Você já terminou êsse levantamento? São muitas emprêsas?

GUIMARAES — São todos os maquinistas.

DALVA — Todos?

GUIMARAES — Todos... bem entendido... os que não exportam... os que vendem aos exportadores.

DALVA — A cifra é grande?

GUIMARAES — A sonegação é enorme. É total.

DALVA — Você não tem mêdo de investir contra uma classe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 16

9a

cerra a cortina. Momento de expectativa. Floripes considera Guimarães.)

FLORIPES — Você está vendo? Está na bôca do povo!

GUIMARAES — Você fêz muito mal em intervir. Devia ter fechado a janela e pronto.

FLORIPES — E êles a darem escândalo aí?! E eu sou obrigada a ouvir essas coisas? Vou me queixar com o zelador. Isso não pode continuar. Que gentinha mais réles! E você ouviu o que ela disse? Foi bom que você ouvisse. Está na bôca do povo. Falam no edifício. Falam na repartição. E eu ter que morar neste cortiço! Mas não há de ser para tôda a vida, não. Não tem perigo! Eu não agüento isso! Nem morar com tua irmã, de vida irregular. Vida suspeita! Suspeitíssima! E muito menos morar neste cortiço, a ouvir pancadaria e palavrões. Deus que me livre! Isto não é vida! E agora aquela estúpida foi-se embora. Eu é que não vou ter empregada para ouvir televisão e levar comida para seus homens. Isso não. Quer ir se embora, que se vá. Comigo aqui tem que andar direito. Não tem ninguém para fazer almôço. Eu é que não vou para a cozinha! Também é demais! Aguentar o que eu aguento e ter de fazer comida?! Não. Nunca! Não vou para a cozinha. A Dalva que vá. Onde está ela? Está dormindo! Leva a vida mansa! Não tem marido para chatear! Vida mansa! Está dormindo! Qual é a dela? Mas comigo, não. Almôço eu não vou fazer. Não tenho fome. Tomo um copo de leite, um pedaço de pão com manteiga e pronto.

(Entra Dalva. É uma môça bonitinha, simpática, de seus vinte e oito anos. Veste saia esporte e está sem blusa, apenas de "soutien". Traz a blusa na mão, para passar.)

DALVA — Bom dia. Bom dia, Guima. Bom dia, Floripes.

GUIMARAES — Bom dia, Dalva.

DALVA — Onde está a Edwiges? Queria que ela passasse esta blusa. É a única que tenho para hoje.

FLORIPES — A Edwiges despediu-se.

DALVA — Quando?

FLORIPES — Hoje, agora. Chegou tarde. Levou pito. Achou ruim e foi-se.

DALVA — E agora?

FLORIPES — E agora! E agora! E agora arranja-se outra. Que o mundo não vai se acabar, só porque a negrinha foi se embora. Hoje não tem almôço. Que eu não vou para a cozinha. Só se você fizer, Dalva. Faça para o Guima, porque eu não preciso.

DALVA — Você quer que eu faça um almocinho para você, Guima? Faço num instantinho. Um bife, ovos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 17

GUIMARAES — Médo de quê? Cumpro a minha obrigação. Êles não pagaram o impôsto! Eu não estou investindo contra ninguém. Estou apurando. Fazendo um levantamento fiscal, de acôrdo com o serviço que me é atribuído.

DALVA — Mas você ainda não apresentou o serviço?

GUIMARAES — Não. Ainda há muito o que fazer. Quero apresentar o levantamento integral. Completo. E encerro o caso. Depois, é com os outros. É sôbre isso que o Gervásio quer me falar?

DALVA — Acho que sim.

(Dalva experimenta o ferro elétrico. Vai passar a blusa.)

DALVA — Que calor? Como aqui está abafado! Também com a janela fechada! Porque fecharam a janela, com êste calor?

GUIMARAES — É que lá, com a Hermengarda, estava mais quente que aqui.

DALVA — Brigaram novamente?

GUIMARAES — Para variar. Pancadaria da grossa. E xingação.

DALVA — Quem sabe se já acabou? Vou ver.

(Dalva abre a janela com cuidado. Silêncio.)

DALVA — Reina paz em Varsóvia.

GUIMARAES — Depois da tempestade vem a bonança.

(Dalva volta ao seu mistér. O diálogo prossegue, enquanto Dalva passa a blusa.)

GUIMARAES — O Gervásio está bem de vida?

DALVA — Não sei bem. Deve estar. Por quê?

GUIMARAES — Porque você não força um pouco a situação?

DALVA — Que situação?

GUIMARAES — Você não gosta dêle? Êle não gosta de você? Você gostaria de se casar com êle?

DALVA — Naturalmente.

GUIMARAES — Então? Porque você não força um pouco a situação?

DALVA — Isso não é assim tão fácil, não. Já falei a respeito e refalei. Não quero insistir. Êle diz que não tem condição para se casar.

GUIMARAES — Mas, êle ganha bem!

DALVA — Não tanto quanto deseja. E, além disso, êle diz que não está preparado psicològicamente para o casamento. Diz que é contra o casamento.

GUIMARAES — Contra o casamento, ora bolas! Uma situação bem cômoda essa!

DALVA — Então? Se é cômoda, para que se amolar? Qual é o dêle?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 18

10b

GUIMARÃES — Mas eu pergunto: qual é o seu? Afinal de contas você é uma môça solteira...

DALVA — Pois é. Mas êle não quer, não é? Eu devia terminar, não é? Isso é fácil de falar... Mas eu gosto dêle. E depois... a esperança é a última que morre... não é?

GUIMARÃES — Você ainda tem esperanças de casar-se com êle?

DALVA — Naturalmente. A gente vive dessa esperança. Sou uma môça absolutamente normal. Gostaria de me casar, ter filhos...

GUIMARÃES — É. Principalmente ter filhos...

DALVA — Desculpe. Saiu sem querer...

GUIMARÃES — Desculpar o quê? É isso mesmo. Eu não tenho filhos. Floripes não tem filhos. É um mal. Um tremendo mal para um casamento. A gente deve ter filhos. Pelo menos dois filhos. Um só também é mal. É mal para o próprio filho. Muitos também é exagêro.

DALVA — Se a Floripes fizer um tratamento, ela poderá ter filhos... O médico disse...

GUIMARÃES — É. Quem sabe? Agora já perdi o elan. O que está feito, está feito. É muito tarde para começarmos.

DALVA — Tarde nada. Floripes é môça. Você é môço. Há tempo para tudo.

GUIMARÃES — Somos casados há mais de oito anos. Mais um, para tratamento. Outro, para ter filho e já lá se vão 10 anos.

DALVA — Que é que tem?

GUIMARÃES — Agora eu falo como o Gervásio: é psicològicamente tarde para ter filhos...

DALVA — Porque? Não acho.

GUIMARÃES — A minha vida com Floripes já desencantou. Não tem mais jeito. É melhor deixar as amarras soltas. O barco que tome o seu rumo, o seu destino. Filho seria complicar demais a coisa. Assim, como estamos, vivemos sem compromissos. Isto é: ela não tem compromisso. O dia que quiser: porta da rua é serventia da casa. Eu assumi um compromisso e não fugirei dêle.

DALVA — Também não acho que seja assim. Não há razão para os dois estarem se suportando...

GUIMARÃES — Há razão, sim, senhora.

DALVA — Não acho. Ao contrário: acho que imoral é viver junto sem se gostar. Só porque casou. Isso é que é imoral. Se têm filhos, vivem juntos por causa dos filhos. Mas se não têm filhos, não têm nada e não se amam; que besteira é essa de viver juntos?

GUIMARÃES — É, talvez você tenha razão. Mas cada qual tem seu modo de pensar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 19

11a

E... principalmente... sua maneira de encarar a própria responsabilidade...

DALVA — Você é que sabe.

GUIMARÃES — Posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

DALVA — O que é?

GUIMARÃES — Vou perguntar: Você responde se quiser; se não quiser, é igual.

DALVA — Está bem. Pergunte.

GUIMARÃES — Você vive com o Gervásio?

DALVA — Como vivo com o Gervásio?! Pois, não moro aqui sòzinha. Se vivesse com êle, iria morar com êle!

GUIMARÃES — Você entendeu muito bem a minha pergunta. Você vive com êle?

DALVA — Não. Sou apenas namorada dêle.

GUIMARÃES — Jura?

DALVA — Juro. **(Pouco convincente.)**

GUIMARÃES — E eu tenho que acreditar no que você está dizendo?

DALVA — Acho que você deve acreditar.

GUIMARÃES — Está certo.

DALVA — Afinal de contas, porque tôda esta conversa a meu respeito com Gervásio?

GUIMARÃES — Nada. Porque sou seu irmão. Acho que devo me preocupar um pouco com a sua vida. Ou você não acha?

DALVA — Você nunca tocou no assunto! Não. O que é que está se passando por aqui? Conheço você muito bem. Alguma coisa se passou por aqui. Seja franco comigo. Nós somos amigos. Somos ou não somos amigos?

GUIMARÃES — Somos.

DALVA — Então, me conte. Falaram alguma coisa?

GUIMARÃES — Já se comenta no edifício. Floripes soube que você recebeu o Gervásio em casa, na nossa ausência. E ela não gostou!

DALVA — Bem. O Gervásio estêve aqui. Duas vêzes.

GUIMARÃES — Você acha que isso é direito?

DALVA — Nós não estivemos sòzinhos. A Edwiges estava em casa. E não fizemos nada de mal. Nem poderia ser.

GUIMARÃES — Mas falam, não é?

DALVA — E o que é que você quer que eu faça? A casa é minha, também. Pago pensão. Não estou aqui de favor. Não sou criança. Ganho a minha vida. Acho que posso receber um amigo em minha casa, sem ter que dar satisfações. De mais a mais, não fizemos nada de mal.

GUIMARÃES — Eu não tenho a menor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319,p.20

11b

dúvida. Mas dá margem a comentários maliciosos. Isso dá.

DALVA — Que me importa que falem. Se a Floripes acha ruim, eu posso me mudar. O que pago aqui, posso pagar num apartamento pequeno, de sociedade com uma amiga ou colega. Se vivo aqui, é por sua causa. Aliás, você também não precisa de minha pensão. Podem viver muito bem vocês aqui só com o que ganham. É melhor eu ir me embora. Assim ninguém mais vai falar. O que eu não posso é perder o direito de receber um amigo em minha própria casa. Sôbre êsse ponto eu não transijo.

GUIMARÃES — Fica o dito por não dito. Pronto. Não pensei que você fôsse tão brava! Ninguém falou nada, pronto!

DALVA — A gente tem que se defender, ora essa! Já levo uma vida bêsta. Sem graça nenhuma. Não me casei. Não sou rica. Só tenho você. Você é minha liberdade. Minha liberdade é meu consolo. E êsse eu defendo.

GUIMARÃES — Naturalmente. Ninguém quer brigar com você. E eu peço que você continue comigo. Você há de reconhecer que morar comigo e Floripes é sempre uma situação para você. Você não é nenhuma môça abandonada. Eu prefiro que você more comigo, do que sòzinha. E também para o meu caso pessoal. Eu lhe peço. Nós aqui precisamos de você. Você, sem querer, ou sem sentir, é o anteparo de muita coisa, que pode acontecer aqui.

(Dalva veste a blusa) ~~e vai abraçar o irmão. Faz um carinho no irmão e o beija no rosto.)~~

DALVA — Coitado: eu gosto de você, Guima. Você é a própria vítima de sua boa formação moral. Engraçado! Acontece cada coisa nesta vida! Você é o conformismo em pessoa! Conheço muito bem você. Não é medo. Não é falta de energia. É educação. É formação moral. É o senso de responsabilidade. Deixa estar, meu irmão: não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe...

GUIMARÃES — Dalva: você está muito enganada. Eu não estou me queixando, nem lamentando...

DALVA — E como diz o Gervásio: a araruta também tem seu dia de mingau.

(Toque de campainha.)

DALVA — Deve ser o Gervásio.

(Dalva sai para abrir a porta de entrada. Momentos depois, volta, com Gervásio, rapaz de seus trinta e poucos anos, alegre, jovial, bem posto. Não faz muita cerimônia. É de casa, como se diz.)

GERVÁSIO — Que tal, Dalva? — le

...NRJUD NC.CPR.TEA.PTE. 0314, p. 21

12 a

GUIMARÃES — Bom dia, Gervásio. Sempre firme?

GERVÁSIO — Mais ou menos. E você? Muito serviço? Quando é que você vai perder essa mania de trabalhar de graça? Quem trabalha de graça é relógio e quem faz fôrça é guindaste.

GUIMARÃES — Eu não trabalho de graça. Sou pago para trabalhar.

GERVÁSIO — Você ganha para trabalhar um expediente. Eu não tenho nada com isso. Você gosta. O que é de gôsto, regalo da vida. Gostos não se discutem. O que é isso aí? É o caso dos maquinistas?

GUIMARÃES — É.

GERVÁSIO — Você chegou a alguma conclusão?

GUIMARÃES — Há muito tempo. Que existe a incidência nem há dúvida. A questão jurídica, vamos dizer, a questão fiscal é absolutamente clara. O Impôsto sempre foi devido e sempre foi sonegado. A dúvida está no quantum. Acho que a coisa atinge a cifras astronômicas!

GERVÁSIO — Mas... houve má fé por parte dos maquinistas? Êles sabiam que deveriam pagar?

(Dalva sai sem avisar, após uma troca de olhar com Gervásio. Guimarães não percebe o jôgo.)

GUIMARÃES — Eu estou convencido de que houve má fé. A lei é clara. E êles sempre são bem assessorados.

GERVÁSIO — Então, além do impôsto em débito, vai haver multa?

GUIMARÃES — Penso que sim, que devem ser multados. Houve sonegação de má fé.

GERVÁSIO — Mama mia! Então a coisa vai longe! Você não tem mêdo de uma represália? Afinal de contas, tôda uma classe a ser prejudicada!

GUIMARÃES — Que é que eu posso fazer? Sou um modesto funcionário público. Limito-me a cumprir ordens. Não estou inventando nada, nem criando problemas.

GERVÁSIO — É que êles podem fazer uma representação, pelo Sindicato. A coisa póde tomar até um aspeto político.

GUIMARÃES — E daí?

GERVÁSIO — O Govêrno póde ~~derrubar a situação.~~ substituir a Chefia.

GUIMARÃES — Melhor para êles. E melhor para mim, também. Não tenho percentagem na arrecadação e muito menos na multa. Para mim é igual. Se lá em cima revogarem a cobrança, melhor.

GERVÁSIO — Mas você fica com uma cara de tacho. Vão chamar você de perseguidor. Guimarães, o Javert do fisco.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 22

126

GUIMARAES — Não vejo razão para isso. Nem eu sou um perseguidor e nem êles são miseráveis de roubar um pão.

GERVÁSIO — Eu não topava um negócio dêsses. É antipático.

GUIMARAES — Meu velho: eu recebo ordenado para fazer levantamentos de débitos fiscais. Não me cabe ser simpático ou antipático. Ao contrário: até ajudo os contribuintes, dou orientação, ensino, coisa que não tenho a menor obrigação de fazer. Mas sonegação é sonegação.

GERVÁSIO — Quanto você está ganhando agora?

GUIMARAES — O mesmo què você, não é? Vinte e oito contos, fóra os descontos. Com a reforma vou passar para uns 40.

GERVÁSIO — Como isso?

GUIMARAES — Claro. Você também; isto é: você um pouco menos porque tem menos tempo de serviço. Eu vou ser aumentado e reclassificado.

GERVÁSIO — E se não sair a reforma?

GUIMARAES — Como, não sair! Então você não acompanhou os trâmites?! Já está tudo pronto, aprovado e sancionado. Na semana que vem está na rua.

GERVÁSIO — E se você não fôr promovido, nem aumentado?

GUIMARAES — Não póde ser.

GERVÁSIO — Nesta terra tudo é possível.

GUIMARAES — Então, seria o caso de se rasgar o Estatuto do Funcionalismo Publico. Mais ainda: jogar fóra a Constituição.

GERVÁSIO — E quantas vêzes já se violou a Constituição? Não seria a primeira e nem a última.

GUIMARAES — É. Por incrível que pareça, isso póde acontecer. Você sabe de alguma coisa? Vão dar com tudo para trás?

GERVÁSIO — Não sei de nada. É só uma hipótese. Estou argumentando para provar que você não está com tôda a razão nesse seu caso aí. Nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Você não póde se transformar num escravo incondicional de suas obrigações, quando a instituição a que você serve não merece essa incondicionalidade. Ninguém é profeta em sua terra. Não. Não é êsse o provérbio. Não se deve ser mais realista que o rei. Se o Govêrno póde amolecer com os maquinistas, porque há de ser você que vai endurecer? Vai preparar o prato para êles comerem lá em cima?

GUIMARAES — Isso é da vida, meu velho.

GERVÁSIO — O bom bocado não é para quem o faz e sim para quem o come. Bem. Eu já vi que a coisa vai ser dura. Tenho um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P.23

13a

assunto a propor a você. Vou falar por desencargo de consciência, e digo mais, para seu bem, para seu bem estar e de Floripes e da Dalva também. De tostão a tostão se faz um milhão, Uma óva! Não é na enxada que se fica rico! não! A gente fica rico explorando o trabalho dos outros. Matheus, primeiro os teus. Essa é a ordem. Olha, Guimarães: o advogado do sindicato dos maquinistas é meu primo e mais que parente: meu amigo. Parentes os dentes, diz o ditado. Mas o homem é meu amigo aqui do peito. Posso falar porque tenho a máxima confiança. É aqui, entre quatro paredes. Eu falo, está falado, se você não topar, azar seu. Os homens estão apavorados com êsse processo aí que está nas suas mãos. Se essa sua autuação vingar, êles estão perdidos. Vai ser uma quebradeira geral. É uma questão de vida ou de morte.

GUIMARAES — Mas êles podem pagar em prestações.

GERVÁSIO — E a multa?

GUIMARAES — É possível que se releve a multa. O advogado, seu primo, criou uma teoria sôbre a não incidência do impôsto. É uma teoria absolutamente falsa. Puro sofisma. Mas tem sua habilidade, não há dúvida. Talvez por meio dela, com boa vontade, relevem a multa, quem sabe?

GERVÁSIO — Pois olhe, meu velho: êles estão com mêdo. E estão com tanto mêdo que me incumbiram de falar com você. Se você der um jeito nisso.

GUIMARAES — Como é que eu posso dar um jeito nisso?!

GERVÁSIO — O chefe já sabe de suas conclusões?

GUIMARAES — Claro que sabe. Pois foi êle que levantou a lebre.

GERVÁSIO — Foi você.

GUIMARAES — Sim. Êle cismou com os maquinistas. Pediu-me para fazer a verificação. Êle está a par de tudo.

GERVÁSIO — Não tem importância. Deixa o chefe comigo que eu controlo...

GUIMARAES — Controla, como?!

GERVÁSIO — Minha primeira etapa é aqui com você. Os homens estão dispostos a lhe dar três milhões em gaita viva, para você dar para trás com essa incidência. Três milhões! Três mil abobrinhas! Nem mais e nem menos!

GUIMARAES — Mas não é possível!!

GERVÁSIO — O que não é possível? Arquivar êsse negócio?

GUIMARAES — Não. Não é possível eu me vender. Êles querem me comprar, Gervásio! E você está se prestando a isso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 24

GERVÁSIO — Vender... comprar... não são êsses os termos exátos. Três milhões é uma pequena fortuna. Nem você vai se vender, nem êles vão lhe comprar. É uma questão de tese. Você vai ao jurista. Vai consultar o advogado. Vai pedir um parecer. Você faz a consulta e êle pergunta "O senhor quer sim ou não?" — Porque? Porque se o senhor quiser uma resposta afirmativa, tem que citar os livros do lado esquerdo". Então? Tudo é interpretação. Êles pedem a sua boa vontade para uma interpretação favorável. O caminho já está preparado. Você concorda com a tese do advogado, meu primo, que é mais inteligente que você e conhece direito e pronto. Estará com uma renda aí de sessenta contos por mês. Mais que o dôbro de seu ordenado. E não cria inimigos e não planta para os outros colherem. E ninguém póde falar nada, meu velho, porque quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho.

GUIMARAES — Então, êles me pagam três milhões?! E o chefe?!

GERVÁSIO — Tem rabo de palha. Deixa que eu controlo êle. Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.

GUIMARAES — Eu não posso fazer isso.

GERVÁSIO — Porque? São três milhões, meu velho. Pagos na bôca do cofre, em moeda corrente do país. Não fica rabo, não. Você está louco! É sua independência! É um automóvel. É um apartamento melhor para sua família! Não pense só em você, meu velho!

GUIMARÃES — É. O negócio é duro! Porque você vem me fazer uma proposta dessas?! Porque você vem me criar êsse problema? Nunca pensei nessa hipótese.

GERVÁSIO — Porque um dia é da caça e outro do caçador. A araruta também tem seu dia de mingáu.

GUIMARAES — Já ouvi êsse ditado. Não, Gervásio, não posso aceitar essa proposta. Até devia repudiá-la mais enèrgicamente. Sinto-me culpado de não a ter repelido liminarmente.

GERVÁSIO — Você é um louco!!

GUIMARAES — Você quer dizer outra coisa: que eu sou uma bêsta. Burro! Burro! Póde ser. Mas nasci assim. Que é que você quer que eu faça? Não dou para êsses golpes, não. Eu tenho que ir devagar, devagar. Olhe: com o aumento da reforma, sou capaz até de comprar um automóvel. De segunda mão, é claro. Para quê eu vou me lançar em altas cavalarias? Enveredar por êsses caminhos? Não. Você me desculpe, Gervásio, mas não posso aceitar.

GERVÁSIO — Quer dizer que você recusa os três milhões?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.25

14a

GUIMARAES — É. Recuso. Dá dó, mas recuso.

GERVÁSIO — Por honestidade?

GUIMARAES — Não sei. Talvez, sim. Por princípio.

GERVÁSIO — Que loucura! Você vai é botar na mão do Chefe êsses três milhões, você vai ver!

GUIMARAES — Paciência.

GERVÁSIO — Êle já está rico. Agora é sua vez! Isso é de amargar! Êle vai dar para trás com a sua autuação, com todo o seu trabalho. Vai virar herói e se encher da gaita! à sua custa! Vai ver que já fêz isso de propósito! Tocou você na frente para criar a dificuldade e vai vender a facilidade. À sua custa. E quem faz o papel de bôbo será você. Tem dó, Guimarães, tem dó!

GUIMARAES — Eu sou assim, que é que você quer que eu faça? Você pensa que eu gosto de ser assim? Não gosto.

GERVÁSIO — Você disse que ainda não concluiu o serviço?

GUIMARAES — Falta muito, ainda.

GERVÁSIO — Quantos dias?

GUIMARAES — Uns quinze, trabalhando aqui em casa.

GERVÁSIO — Então você tem tempo para pensar. Não apresente o trabalho sem primeiro falar comigo. Não me vá fazer essa falseta.

GUIMARAES — Não adianta nada. Mostre ou não mostre, o que está feito está feito.

GERVÁSIO — Não. Você vai pensar. Não se jogam três milhões assim pela janela, não. Você vai pensar. Tem quinze dias para pensar. Se você não voltar atrás, azar seu, não posso forçar, nem fazer mais do que fiz.

(Entram Floripes e Dalva. Floripes vestida para sair, saia e blusa, com um sanduíche na mão e um copo de leite na outra.)

GERVÁSIO — Que tal, Floripes?

FLORIPES — Bom dia. Gervásio.

GERVÁSIO — Que leite é êsse? Vocês não vão almoçar? Vim filar a bóia. Hoje é dia de feira, não?

FLORIPES — Estamos sem empregada. Ela foi despedida. Ou melhor, despediu-se, porque eu a proíbi de ver televisão.

GERVÁSIO — Bem. Então vamos todos almoçar no Gigetto. Eu estou convidando. Marca-se o ponto e vamos todos ao Gigetto. Por minha conta e risco. Eu vinha filar a bóia, mesmo. Não havendo, é justo que eu os convide. Póde deixar êsse leite e êsse sanduíche.

FLORIPES — Eu aceito.

GERVÁSIO — Há males que vêem para bem. Vamos, Guimarães.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 26

14b

GUIMARAES — Não. Eu não vou. Fica para outra ocasião.

FLORIPES — Que cara é essa, Guima? O que foi que aconteceu, que o Guima está com essa cara de organização social de luto?

GERVÁSIO — Claro. Não é para menos. Acaba de jogar fóra, pela janela, assim, olhe (vai à janela e faz gesto de quem atira) três milhões de cruzeiros! E sabe quem está lá em baixo? O chefe. O chefe dêle, para pegar a gaita que êle jogou fóra!

FLORIPES — Como?! Três milhões?! Onde estão?!

GERVÁSIO — Aí. Nessa papelada. Uma questão de interpretação. Nada mais. Se êle chegar à conclusão de que o impôsto não é devido, êle ganha três milhões, alí, na batata.

FLORIPES — E qual foi a sua conclusão, Guima?

GUIMARAES — Estou convencido de que o impôsto é devido.

FLORIPES — Estava convencido, mas não está mais.

GUIMARAES — Não é assim, como você pensa, Floripes.

FLORIPES — Se você pensa que eu vou deixar você jogar três milhões pela janela, você está muito enganado! Só louco é que rasga dinheiro. Eu não estou louca. Você está, Dalva?

GERVÁSIO — Bem. Ainda há tempo. A resposta não é definitiva. O Guimarães tem 15 dias para pensar.

FLORIPES — Isso nem tem o que pensar. Vamos almoçar. Deixe o louco aí. Depois nós conversaremos. Vamos embora. Se êle não aceitar êsse negócio eu me mato. Isto, é, mato êle primeiro, que nasceu antes de mim. Não. A miséria tem que acabar nesta casa. É só ver os outros comendo a carne, na cara da gente, e a gente roendo osso?! Não. Isso vai acabar. Chega de filosofia. Chega de psicologia. Hoje o que vale é o metal sonante. A gaita. L'argent, money, plata... O resto é conversa. Ciáo, meu Robespierre de araque. Vamos embora. Vem, Dalva. Vamos fazer êste gaúcho gastar uns cobres.

(Floripes sai. Dalva beija o irmão, que ficou perplexo, estatelado na cadeira.)

GERVÁSIO — Até logo, Guimarães. Que o Espírito Santo ilumine tuas idéias.

Saem os três. Guimarães fica estático por uns momentos. Está pensando intensamente. Quase fala sòzinho. Começa a arrumar a papelada. Põe a gravata. Veste o paletó. Quando entra Edwiges.)

EDWIGES — Eu voltei, seu Guimarães.

GUIMARAES — Você não encontrou o pessoal aí fóra?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 27

15a

EDWIGES — Eu vi êles, mas êles não me viram. Me escondi na escada. Quando tomaram o elevador, eu entrei. Eu ainda tenho a chave. Eu voltei só por sua causa, seu Guimarães.

GUIMARAES — Muito obrigado.

EDWIGES — É verdade. Não é brincadeira, não. Com Dona Floripes, empregada nenhuma fica no emprêgo. Eu sei. Conheço minhas colegas. Patrôa que implica com um ôvo, com televisão, com não sei o quê, não guarda empregada. Não ficam nem um mês na casa. Eu ganho 4 mil cruzeiros por mês... Olhe, seu Guimarães: nem por oito mil. Ninquem aceita. Com implicância ninguém aceita. Eu fico, por sua causa. O senhor não merece ficar sem empregada. Depois eu sei que o senhor já se acostumou com minha comida... O senhor não almoçou? Vou preparar o seu almôço...

GUIMARAES — Obrigado, Edwiges, mas não há mais tempo.

EDWIGES — Um instantinho só. Eu frito dois ovos, passo um bife na chapa...

GUIMARAES — Não há tempo. Olhe: eu como isto aqui **(e pega no copo de leite e no sanduiche que Floripes deixou em cima do móvel. E principia a comer.)**

EDWIGES — É pena. O senhor trabalha muito. Precisa comer bem. Assim, ninguém agüenta.

GUIMARAES — Você me prepare um jantar bem reforçado. Agora não tenho fome. Aconteceu tanta coisa aqui em casa, hoje de manhã, que eu perdi a fome.

EDWIGES — O senhor me desculpe, mas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.28

15b

essa gente não compreende o senhor. Eu compreendo...

GUIMARÃES — Não chame minha mulher de essa gente...

EDWIGES — Eu pedí desculpas. Eu não tenho educação, mas tenho sentimento. Eu compreendo o senhor. E eu gosto do senhor. Não é gostar de... de coisa... não. Eu gosto do senhor espiritualmente. O senhor é como meu falecido padrinho. O senhor é um bom. E hoje em dia, com o progresso, contra o subdesenvolvimento, ninguém compreende uma pessoa boa. E é tão fácil compreender. Mas tudo está voltado para o mal: Diz que foi a bomba atômica que espalhou mal pelo ar. Eu não sei. Mas gente boa está fóra de moda.

GUIMARÃES — Até logo, Edwiges. Então, um bom jantar, hein? olhe as ordens de Dona Floripes...

EDWIGES — Já sei: nada de televisão, néca de levar coisas para casa e néca de receber visita. Está certo.

(Guimarães já saiu, com sua papelada que pôs numa pasta.

Edwiges cantarola baixinho. Pega na vassoura. Vai principiar a limpeza da sala. Ela agora é a dona. Senhora da situação, vai à televisão e liga, com a maior calma dêste mundo. Nem dá bola. Continua cantarolando e inicia a limpeza. Surge a imagem no aparelho de televisão.)

PANO

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 29

SEGUNDO ATO

15 a (2)

(Mesmo cenário.
Nove horas da noite, uma semana depois.
Floripes em cena, procura qualquer coisa pela sala. Chama pela empregada.)

FLORIPES — Edwiges! Edwiges!

VOZ DE EDWIGES — Senhora!

FLORIPES — Onde é que está o "Grande Hotel", que estava aqui na sala?

(Edwiges aparece.)

EDWIGES — Grande Hotel?!

FLORIPES — Sim. O último número.

EDWIGES — Acho que seu Guimarães emprestou para dona Hermengarda.

FLORIPES — Porque havia de emprestar?!

EDWIGES — Ela sempre pede e êle sempre empresta. Os números atrazados.

FLORIPES — O que estou procurando é o número desta semana, que comprei há dois dias. Ainda não li e êle já foi emprestar!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 30

15b (2)

EDWIGES — Vai ver que êle não sabia que era o último número.

FLORIPES — Não estará com você?

EDWIGES — Ora, dona Floripes! Que desconfiança! Para que que eu quero aquilo?! Eu nem sei ler!

FLORIPES — Não precisa saber ler. É história de quadrinho.

EDWIGES — Juro por tudo quanto há de mais sagrado que não bulí nessa revista!

FLORIPES — Então, péde à vizinha. Se está com ela, que devolva. As coisas nesta casa, quando emprestadas, tem dois V.

(Edwiges vai à janela e chama.)

EDWIGES — Dona Hermengarda! Dona Hermengarda!

VOZ DE HERMENGARDA — Que é?

EDWIGES — O patrão lhe emprestou o último número de Grande Hotel? A senhora tem êle?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 31

16a

VOZ DE HERMENGARDA — Emprestou hoje de manhã. Está aqui comigo.

EDWIGES — É que a patroa ainda não leu. A senhora me devolve que depois ela empresta.

VOZ DE HERMENGARDA — Não tem dúvida. Eu também posso comprar a revista. Se quiser, não precisa emprestar.

EDWIGES — Não é isso. Ela não está reclamando. Ela quer é ler. Depois que ler não interessa, que ela não faz coleção.

VOZ DE HERMENGARDA — Já sei. Já sei. A gente não deve é pedir as coisas emprestado para não passar por êsses carões. Vou devolver aqui, pela janela mesmo.

EDWIGES — Pela janela não, que póde cair lá embaixo. Eu vou buscar aí na sua porta. Um momento.

(Edwiges sai da janela.)

FLORIPES — Além de ~~malcriada~~ mal agradecida, é mal-~~agradecida~~ criada essa Hermengarda.

Além de mal agradecida é maleriada, essa Hermengarda.

EDWIGES — É uma infeliz!

(Sai. Instantes depois volta Edwiges com a revista.)

EDWIGES — Está aqui, dona Floripes.

(Floripes pega a revista, prepara uma luz junto à poltrona, enquanto Edwiges sai para a cozinha.

Floripes liga a televisão e depois se acomóda na poltrona, iniciando a leitura. A imagem surge. Ela levanta-se da poltrona para acertar o som. Volta. E mergulha na leitura da história de quadrinho.

Edwiges aparece pronta para sair. Terminou o serviço diário e Edwiges vai se embora para sua casa. Leva uma bôlsa grande, quase um balaio. Sente-se que ela quer esconder o balaio de Floripes.)

EDWIGES — Até amanhã, dona Floripes.

FLORIPES — (Distraída na leitura) Até amanhã.

(Edwiges passa, está quase à porta, quando Floripes dá com o balaio.)

FLORIPES — O que é que você está levando aí, nêsse balaio?

EDWIGES — Não é balaio, não senhora. É bôlsa.

FLORIPES — Bôlsa dêsse tamanho?

EDWIGES — Que é que a senhora quer? São exigências da moda!!

FLORIPES — Que é que você vai levando nessa bôlsa?

EDWIGES — Nada.

FLORIPES — Nada?! A bôlsa recheada dêsse jeito?! Abre aí, quero ver.

EDWIGES — Ora, dona Floripes! Não posso abrir! São coisas íntimas!

FLORIPES — Não tem importância. Só eu estou aqui. Abre.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 32

16 b

EDWIGES — São umas coisas à tôa. É um pouquinho de comida que sobrou. O seu Guimarães não veio jantar. Sobrou alguma coisa. Não adianta guardar para amanhã. Não dá. Tem que fazer arroz novo, mesmo. Eu não vou misturar arroz novo com arroz velho. Assim, nem um nem outro. Estraga tudo. Se tivesse qualquer serventia, eu juro, dona Floripes, que eu deixava. Eu não levava. Nêsse ponto eu sou muito direita. Nunca roubei casa de patrôa. Deus me livre! Mas, não tendo serventia...

FLORIPES — Porque você não fala antes? Não pede licença? Eu não sou pão dura! O que não acho direito é você levar as coisas sem me falar.

EDWIGES — É que a gente tem vergonha de pedir essas micharias. Parece que a gente está passando fome! A gente sente vergonha. (Edwiges começa a falar chorosa e depois chora mesmo.) O pior é que a gente precisa mesmo. O Dito está sem emprêgo. Deu de beber. E assim piora tudo. Bebe porque não tem trabalho. Não tem trabalho porque bebe. E a fome bate na porta da gente. É uma infelicidade! A senhora não sabe. Mas a vida está dura. Muito dura. Dizem que aqui no Brasil ninguém passa fome! Uma ova! Passa, sim senhora. Tem muita gente que não come nada. Almôço e jantar todo o dia é luxo. Só quem está bem.

FLORIPES — Eu não faço questão nenhuma que você leve as coisas. Olhe: póde até levar uns ovos. Amanhã é dia de feira, vou comprar mais. Hoje não precisa. Quantos tem lá na cozinha?

EDWIGES — Tem três.

FLORIPES — Devia ter quatro.

EDWIGES — Puxa, vida, que a senhora conta!

FLORIPES — Conto, mesmo. Não gosto de passar por bôba.

EDWIGES — Pois, desta vez, com perdão da palavra, a senhora boiou, porque tinha um ôvo que estava pôdre. E eu não boto ôvo pôdre na comida. Então, tive que quebrar outro. Nesse ponto eu sou muito honesta. Não tenho costume de roubar patrão, não. A senhora póde se informar nas casas onde estive. Se saí foi por incompatibilidade de génio. Meu génio não combinava com o da patrôa. É como aqui. A senhora é boa, mas tem mau génio. Eu não combino com a senhora. Mas combino com o patrão. O seu Guimarães é muito boa pessoa. Eu gosto dêle. Não pensa que é outra coisa. Não é, não senhora. Eu gosto de seu Guimarães sem malícia. Nunca dei bola para patrão. Com bebida ou sem bebida, tenho o meu Dito, lá em casa, que me dá muito tra-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 33

17a

balho. De homem estou cheia. De homem, quero sossêgo. Gosto de seu Guimarães porque êle é um santo. E de santo a gente não gosta para safadeza. Agora, se a senhora quer que eu devolva essa micharia de resto de janta, que eu levo, eu devolvo, mas é para botar no lixo, porque não tem serventia.

FLORIPES — Não precisa devolver nada. E se vocês estão precisando, póde levar os ovos. Póde levar o que quiser. O que não gosto é de fazer papel de idiota. É uma questão de disciplina. Eu sou a patrôa. Tenho que controlar a casa. Gosto de saber o que estou dando. Gosto de saber o que se está passando na casa. Não é pãodurismo, não. É minha obrigação de dona de casa. Ninguém gosta de ser roubada.

EDWIGES — Mas ninguém está roubando a senhora. Isso não é roubo.

FLORIPES — Não sendo seu e não tendo licença, é roubo, sim. É pequeno. Roubinho sem importância, mas não deixa de ser roubo. Então o que é?

EDWIGES — É... é... é sobejo.

FLORIPES — Está bem. Seja o que fôr. O nome não tem importância. Póde levar. Leve os ovos também.

EDWIGES — Deu. Está dado. Amanhã eu levo.

FLORIPES — Quando houver qualquer sobra, você me fale, mas pede licença, que eu dou. Eu deixo levar. Não vá fazer sobrar de propósito, que aqui em casa não nadamos em dinheiro. Nós também temos nossas dificuldades. Não é por gôsto que moro aqui neste cortiço.

EDWIGES — A senhora fala à tôa. A senhora não sabe o que é cortiço. Isto aqui é palácio, perto donde eu moro. É palácio, dona Floripes. A senhora nem deve falar, que Deus castiga...

FLORIPES — É tudo muito relativo, Edwiges. Enfim, não tem importância. Até amanhã. E venha cêdo, que é dia de feira. Não vá me fazer como da semana passada.

EDWIGES — Sim, senhora, dona Floripes. Amanhã às oito horas estou aqui. Então, até.

FLORIPES — Até amanhã.

EDWIGES — Muito obrigada, dona Floripes. Desculpe qualquer má palavra.

(Edwiges sai. Floripes considera um pouco sua saída e volta à sua leitura, depois de desligar a televisão. Momentos depois entram Dalva e Gervásio. Dalva acende a luz maior da sala.)

GERVÁSIO — Que tal?

FLORIPES — Como vai, Gervásio?

GERVÁSIO — Onde está o Guimarães?

FLORIPES — Não veio jantar. Tinha que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P.34

171

ir a uma reunião depois do serviço. Até agora não apareceu.

GERVÁSIO — Como vai o nosso negócio?

FLORIPES — Que negócio?

GERVÁSIO — Dos três milhões.

FLORIPES — Não progrediu nada.

GERVÁSIO — Você falou mais vêzes com êle?

FLORIPES — Falei. Falei duas vêzes.

GERVÁSIO — Estou achando que você não está muito empenhada. Olhe que são três milhões! No mínimo sessenta mil por mês! Se quiser apurar no juro, serão uns noventa mil por mês. Não é para se desprezar.

FLORIPES — Eu sei, Gervásio. Eu sei. Ninguém está mais interessada do que eu. Mas é preciso ir com calma. Já falei. Já insisti. Nada. Êle parece nem me dar atenção. Fica me olhando como se eu fôsse uma parede. Estou esperando uma ocasião. Um determinado momento. (~~Não sei~~) Ainda não dei o ultimatum. Ainda não briguei, nem ameacei. Vamos ver. Se êle deixar escapar esta ocasião, nem sei o que faço...

GERVÁSIO — Devagar com o andor que o santo é de barro, diz o ditado.

FLORIPES — Êle tem muita esperança na reforma. Tem certeza de que vai ter um bom aumento, vai ser promovido. A ocasião não é muito propícia...

GERVÁSIO — A ocasião faz o ladrão. Pois parece que ela se apresentou. Nem que fôsse encomendada! Agora, acho que a coisa será fácil. É aproveitar o momento psicológico. A reforma saiu e êle não foi promovido, e nem aumentado...

FLORIPES — Será possível?!!

GERVÁSIO — Será, não. É. Consumatum est. O melhor da festa é esperar por ela. A coisa saiu e êle continua na mesma. Na mesma, não. Muito pior, porque muita gente passou na frente dêle. Bem... mal de muitos consolo é... Êle não ficou sòzinho. Tôda a classe dêle foi prejudicada. Só onde êle trabalha foram uns 15. Fóra os outros setôres...

FLORIPES — Então, êle já sabe?

GERVÁSIO — Deve saber, com tôda a certeza.

FLORIPES — Sabe. Achei êle meio transtornado quando me disse que não viria jantar. Essa reunião deve ser lá com o pessoal...

GERVÁSIO — É. Já foram se reunir para tomar providências. Hão de cavar alguma coisa! Cavar nada! Aqui é assim: não dão valor a quem tem valor. Ah! Se fôsse comigo! Deus dá nozes a quem não tem dentes. Eu no lugar do Guimarães estaria pôdre de rico. Eram dois golpes dêsses por ano!

FLORIPES — Mas foi uma enorme injus-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 35

tiça! Como puderam fazer isso? Guima disse que já estava tudo resolvido!

GERVÁSIO — Levaram êle no bico. Direitinho. Passaram êle para trás. Agora é malhar o ferro enquanto está quente. Hoje êle vem aqui tinindo. Com raiva de todo o mundo. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. To night or never.

FLORIPES — O Guima é de muito boa fé. Por isso que fazem isso com êle.

GERVÁSIO — Pois agora acabou-se. Amor com amor se paga. Se fizeram a sujeira com êle... Quem rouba ladrão tem cem anos de perdão... Bem... o resto é com você. Você sabe o que faz. Conhece o marido que tem. Não vou ensinar Padre Nosso ao vigário. O momento psicológico está aí dando sôpa. Não é que eu estivesse torcendo para o Guima ser prejudicado. Mas... há males que vêm para bem... Assim, êle aprende o caminho. Êles mesmo é que mostraram. Agora se aguentem. E não têem que aguentar nada. É tudo assim. Quem tem o seu vintém bebe logo. Não se aflija, que êles não aumentaram e nem melhoraram a classe do Guimarães; já pensando nisso. Êles sabem que a turma come mesmo. E comendo, não precisam, não reclamam. Malandro não estrila...

DALVA — Mas o Guima nunca fêz isso!

GERVÁSIO — Ah! Até que enfim você deu o ar de sua graça.

DALVA — Estive ouvindo. Vocês não me deram chance.

GERVÁSIO — Minha filha: a regra é a desonestidade. Essa é a verdade. Nós sabemos que o Guimarães é um sujeito batata? Que não está na gaveta de ninguém. Quem lida com êle sabe disso. Mas os de cima não sabem. Para êles, todos são iguais. E estão certos. O Guimarães é que está errado. Gente como o Guimarães, hoje não existe. Bem... eu vou indo. É melhor que êle não me encontre aqui. O trabalho é vosso. Olhe que são três milhões; é um barbadão. Em menos de 15 dias o Guimarães estará com a mão na massa...

FLORIPES — E você não leva nada nisso?

GERVÁSIO — Pura camaradagem. É para servir o meu primo e também vocês. Vocês são daqui do peito. É justo que vocês tenham uma folga. Bem... você entra com o jôgo direitinho. É melhor deixar vocês operarem. Vocês são da família. Roupa suja lava-se em casa. O momento é ultra psicológico. Não vá entornar o caldo. Vá com diplomacia. Com cuspe e jeito... bem... êsse, não. Êsse é impróprio. Mas você já sabe, não é? Você também, Dalva. Êle é seu irmão. Gosta à bessa de você. Você ajuda...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 36

18 b

DALVA — Eu não me meto nisso. Deixa a Floripes...

GERVÁSIO — Como não se mete nisso? Você também tem seu interêsse, ora bolas!

DALVA — Não gosto de interferir na vida dos outros.

GERVÁSIO — Isso não é interferir. Estamos pedindo apenas a sua colaboração...

FLORIPES — Deixa a Dalva. Ela parece que tem mêdo do irmão...

DALVA — Não. Não é mêdo. É respeito. Acho que é um assunto muito delicado êsse de bulir com consciência...

FLORIPES — Consciência! Consciência! Isto é conversa! Onde é que está a consciência do pessoal que fêz a reforma? Onde? A consciência está no estômago e não na cabeça. O homem trabalha dia e noite, todos os dias. Traz serviço para casa, todos os dias! Alguém reconheceu isso? Nada. Reconheceram nada. Ao contrário. Coice. Só deram coice! O idiota do Guima ficou para trás! Idiota mesmo. Pois agora é pagar na mesma moeda...

GERVÁSIO — Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Bem, minha gente: parece que estamos entendidos. Ciáo. Amanhã vocês me contam o resto. A Dalva me conta. Entra com o jôgo, Floripes. Deixa a Dalva, que é meio mole. É como o irmão. Quem sai aos seus não degenera. Ciáo!

FLORIPES — Até amanhã, Gervásio. O pior é se a gaita não sair. A gente ter todo êste trabalho de convencer o cabeçudo do meu marido e no fim êles passam o bôlo e não dão o dinheiro!

GERVÁSIO — Isto é comigo. Quando chegar na hora, é comigo. Manja aqui o papai. Já está tudo pensado e combinado. Não tenha o menor receio. É macuco no embornal. Depende de vocês. Ciáo!

(Gervásio sai. Dalva o acompanha. Floripes pega a revista.

Instantes depois Dalva vem de volta.)

FLORIPES — Eu não sei porque êsse camarada não casa com você!

DALVA — Eu também não sei.

FLORIPES — Sujeito gozado êle! Fala do Guima! Fala de todo o mundo! Mas onde está o dinheiro dêle? Êle devia ganhar muito dinheiro, com as teorias dêle!

DALVA — O cargo dêle é diferente do de Guima. Mas êle ganha muito dinheiro. Gasta. Gasta tudo.

FLORIPES — Mas não gasta com você. Pelo menos, que gastasse com você.

DALVA — E porque havia de gastar comigo?

FLORIPES — Então, gasta com outras?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 37

19a

DALVA — Acho que não. É desperdiçado. Gasta em besteiras. Joga. Perde um dinheirão nos cavalos. De vez em quando vou com êle às corridas. Vejo quanto êle perde.

FLORIPES — Você devia controlar...

DALVA — Eu não! O dinheiro é dêle!

FLORIPES — A coisa está muito mole para êle. Você é que é bôba...

DALVA — Cada qual sabe de si.

FLORIPES — Comigo a coisa fiava fino. Êle não é solteiro? Você não é solteira? Então, porque não se casam?

DALVA — E porque havia de casar? Ora essa? Eu não posso obrigá-lo a se casar comigo. Nem estou interessada.

FLORIPES — Nessa não caio.

DALVA — Não me interessa. Acho que cada qual sabe onde lhe aperta o sapato... Que injustiça que fizeram com o Guima, heim?!

FLORIPES — Foi bem feito! Quem manda êle ser de boa fé?

DALVA — O que é que você queria que êle fizesse? Foi traído. Disseram que iria ser promovido e aumentado. Aliás, êle tem direito.

FLORIPES — Está certo. Agora aprendeu. Êle não podia ter feito nada. Agora póde. Agora, êle sabe como são com êle. Vamos ver o que vai fazer.

DALVA — Com tôda a certeza vai recorrer à justiça; êle e os demais colegas que foram prejudicados.

FLORIPES — Boa noite! E adianta? Leva anos e anos discutindo. Quando ganhar a questão, já está no Araçá. Se ganhar...

DALVA — Se tiver de ganhar, ganha. E no fim recebe tôda a diferença...

FLORIPES — Vá esperando! E a mágua? A mágua da injustiça, quem é que paga? Não. Êle tem de dar um jeito. Nem que seja por vingança. Mas deixa isso comigo. Só peço que você não me atrapalhe. Sua colaboração, sei que não vai adiantar. Você é mole como êle. Mas comigo, não. Eu não sou de apanhar e ficar quieta, não. Sujo por sujo, vamos ver quem sai ganhando. Você é testemunha de que, até agora, não forcei. Só pedi. Pedi só, sem grande empenho. Não quero transtornar ninguém. Não quero que digam que virei a cabeça de ninguém. Fiquei quieta, como sempre fico. Bico calado. Só apreciando. Esperando. Afinal de contas, êle ia ser promovido; aumentado. Está certo. Vai ganhar bem, melhorar de posição. Está certo. Vamos agir direitinho. Bom por bom, ninguém é melhor que eu. Mas fizeram sujeira. Passaram êle para trás. Nem aumento, nem promoção e muito menos satisfação. Não. Essa, não! Agora, a coisa é comigo. Eu não tenho sangue de ba-

BR DFANBSB NS:CPR.TEA.PTE. 0319, p38

rata, não. Deixa êle vir aí, que eu vou dar o baile! Pode ser até que não precise. Póde ser que êle venha e diga logo: "Floripes: chama o Gervásio. Vamos resolver o negócio". Aí, vai ser ótimo! Mas êle é um tímido. Não tem peito. É como você: não tem peito para fazer o Gervásio casar. Então, eu entro. Porque não durmo de botina. Até agora fiquei calada. Esperei. Agora é minha vez.

DALVA — Bateu a porta do elevador. Deve ser êle.

(Floripes se cala. As duas ficam em expectativa. Barulho de porta. Entra Guimarães. Aspecto normal. Talvez com a fisionomia um pouco carregada. Nada mais. Entra calmamente. Tira o paletó. Senta-se. Floripes ataca a conversa.)

FLORIPES — Como foi de reunião?

GUIMARAES — Fui bem.

FLORIPES — Você jantou?

GUIMARAES — Não.

FLORIPES — Não comeu nada?

GUIMARAES — Não.

FLORIPES — Você não está com fome?

GUIMARAES — Nem um pouco.

FLORIPES — Posso fazer qualquer coisa para você. Ovos fritos. Você não póde ficar sem comer. Vou ver dois ovos quentes. Ovos quentes, um copo de leite, pão com manteiga e depois um cafèzinho.

GUIMARAES — Não, Floripes. Não precisa. Estou completamente sem apetite. Aceito um cafèzinho.

FLORIPES — Guima, meu bem. Você precisa se alimentar. Vou ver um café e uns biscoitos. Um momentinho só. Você deve estar muito cansado. Aborrecimento também cansa muito a gente.

(Floripes sai.)

DALVA — Esqueceram mesmo de você na reforma? Totalmente?

(Guimarães confirma com a cabeça as duas perguntas.)

DALVA — Era de se esperar isso?

GUIMARAES — Não. As informações eram positivas. Não posso imaginar o que houve. Ninguém, na reunião, soube explicar... Não havia razão... motivo... Ainda não compreendo... Foi de fato, uma decepção. Nós todos ficamos perplexos. A princípio, poderia parecer um êrro de impressão. Essas publicações oficiais muitas vêzes saem com incorreções... com omissões... Fomos ver, fomos consultar. Estava tudo certo. A classe tôda foi preterida.

DALVA — É incrível que isso aconteça! E o que é que vocês vão fazer?

GUIMARAES — Já resolvemos tudo. Vamos fazer uma representação ao Govêrno.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 39

20 a

Uma reclamação administrativa. Se não formos atendidos, entraremos com um mandado de segurança.

DALVA — Não vai demorar muito?

GUIMARAES — Eu fui contra o administrativo. Por mim, entrávamos logo com o mandado de segurança. Assim não se perderia tempo. Depois de muita discussão e de muito falatório, encontrou-se uma solução intermediária: se dentro de três semanas não atenderem o pedido, vamos ao judiciário.

DALVA — E na Justiça não demora muito?

GUIMARAES — Mandado de segurança, não. É imediato e não há jeito de se perder.

DALVA — Foi uma injustiça muito grande. Acho até que foi uma desconsideração. Afinal de contas...

GUIMARAES — Foi uma grande besteira dêles, isso sim. Incapacidade... incompetência. Nem sabem o que estão fazendo! Nós não vamos perder nada. Nem tempo. Porque vão pagar todos os atrazados. Perde a administração pública, porque um fato dêsses tira todo o estímulo. A turma já não gosta muito de trabalhar...

DALVA — Você gosta. Trabalha fóra do expediente. Serviço extra sem ganhar nada.

(Entra Floripes com chinelos, para Guimarães. Floripes está muito solícita. Tira os sapatos de Guimarães e lhe calça os chinelos.)

FLORIPES — Eu sempre dizia para êle. Porque trabalhar fóra de expediente? Eu sempre disse. Já pus a água no fogo. Vamos tomar um café fresquinho. Tem presunto lá, meu bem. Você não quer um sanduíche de presunto?

GUIMARAES — Não. Café com biscoito... está bem. Muito obrigado.

FLORIPES — Sujeira grossa fizeram com você, hein, Guima?!

GUIMARAES — É.

FLORIPES — Não há de ser nada. Você agora pega a sua vingança. Que foi um desafôro, foi.

GUIMARAES — No fim, dá tudo certo.

FLORIPES — E a raiva? Eu não posso com injustiças. Até faz mal para a gente. Essas injustiças é que acabam com a gente. A maioria dessa gente aí, que morre do coração, é por causa das injustiças. A pessoa já vive cansada de trabalhar muito, ainda sofre um desgôsto, é o coração que paga. Bem, vou ver o café.

(Floripes pega o paletó e os sapatos de Guimarães e sai. Assim que ela sai, Dalva bate três vêzes na madeira.)

GUIMARAES — Que é isso?

DALVA — Nada. É uma cisma.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P.40

20 b

GUIMARÃES — O Gervásio andou por aqui?

DALVA — Foi êle que nos contou.

GUIMARÃES — Que é que êle acha?

DALVA — Como você. Ficou admirado. Êle não acredita muito no sucesso de suas reclamações.

GUIMARÃES — O que é que se há de fazer? O caminho é êsse. É o único caminho indicado. Greve não é possível. Funcionário público não faz greve. Temos que ir pela justiça.

DALVA — E porque não vão pela política?

GUIMARÃES — Isso também já foi discutido. É impossível. É tudo do contra. Não tem um lá, que tenha pistolão seguro. As opiniões políticas na classe são muito divergentes. Quem vai pedir? E a quem?

DALVA — Vai ver que foi por isso que vocês não foram contemplados. Por política.

GUIMARÃES — Não creio. O fato é que a reforma saiu e eu não fui promovido e nem aumentado. Isso é de amargar, hein?! E o pior é que não se sabe a razão. Francamente, é de deixar a gente desanimado. Palavra de honra. Eu senti uma decepção... Quando vieram me contar, não acreditei. Devia ser êrro, omissão. Qual! Era verdade. A gente sente um vazio... uma coisa assim... sei lá. É amargura, é desilusão... Dá um desânimo na gente... Dá vontade que tudo acabe naquela hora. Então a gente trabalha, entra no serviço pontualmente todos os dias, anos...

DALVA — Você trabalha. Você é dedicado, mas a maioria não é. Os justos pagam pelos pecadores.

GUIMARÃES — Isso não está certo. Deviam distinguir. Premiar os cumpridores do dever ou pelo menos castigar os faltosos. Assim, como fazem, iguala tudo... por baixo. Quer dizer, ninguém mais se esforça... Se não há compensação?! O que é que adianta a gente trabalhar, trabalhar e no fim ser tratado como aquêles que não fazem nada? O negócio é igualar por baixo. Francamente, não adianta nada esconder. Eu sofri um grande desapontamento. Um grande desgôsto. Uma grande mágua.

(Entra Floripes com o café e biscoitos.)

FLORIPES — Pois é, meu bem. Essa mágua, quem é que paga? Vamos que êles te paguem os atrazados; vamos que você, um belo dia, ganhe êsse tal mandado de segurança. A desconsideração... o desgôsto que você passou, êsse ninguém tira do seu coração. Não há dinheiro que pague. É uma ruga a mais no rosto. Um vinco a mais na testa. Uma mecha de cabelo branco e a gente vai envelhecen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.41

21a

do mais depressa. Não, Guima. Meus avós nasceram na Calábria. Eu tenho sangue de calabreza nestas veias. Amor com amor se paga. Olho por olho, dente por dente. Só com vingança. Com desforra. É um prazer que compensa o desgôsto.

GUIMARÃES — Mas que vingança a gente pôde tomar num caso dêsses? Se o juiz conceder o mandado de segurança, já teremos plena satisfação. É um prazer têrmos nossos direitos reconhecidos na justiça.

FLORIPES — Um prazer, não. Um consolo. Uma reparação. Reconhecer nossos direitos não é vantagem nenhuma. É obrigação, ora essa! Está bom o café? Acho que agora você devia descansar um pouco. Não falar mais nisso. Espairecer as idéias. Quer ir a um cineminha comigo? Ainda dá tempo.

GUIMARÃES — Você veja: o salário está sempre atrazado sôbre o custo da vida. O meu dinheiro só, não dá. E deveria dar. A regra geral seria o casal viver só com o dinheiro que ganha o marido. Se o homem trabalha, tem competência, cumpre suas obrigações no emprêgo, teria que ganhar o suficiente para viver, ter mulher e filhos. A mulher cuidando da casa e dos filhos. Mas aqui, não. O nosso dinheiro dá, porque você trabalha e a Dalva também.

FLORIPES — Daqui a pouco, como vão as coisas, o que ganhamos juntos não vai dar mais e nós vivemos uma vida modestíssima. Daqui, só para a favela.

GUIMARÃES — É que o regimem é imoral. É uma imoralidade não se poder viver com o fruto do próprio trabalho. Então, como é que vamos viver? Temos que roubar?

FLORIPES — É o que todo o mundo acaba fazendo. Você pensa que êles nasceram roubando? Não senhor! Todo o mundo entra no emprêgo com boas intenções. No funcionalismo também. Depois êles aprendem a dançar conforme a música. Mas passam a trabalhar o mínimo possível, para viver de outros bicos. Outros trabalham pela gratificação. Você veja êsse pessoal que atende o público. Sem um dinheirinho por fóra a coisa não vai. É que o ordenado não dá!

GUIMARÃES — Eu não acho que seja cem por cento assim. Há pessoas que são naturalmente boas e outras que não prestam. Quem é safado, é safado mesmo, com qualquer ordenado. Se ganham muito, querem ganhar mais. Há também os preguiçosos. Êsses não fazem fôrça, por natureza. Não adianta aumentar o ordenado.

FLORIPES — Há também os que trabalham como você. Dão duro; conhecem o serviço, e não vão para a frente. Porque?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P. 42

21f

GUIMARAES — Não sei. O regime é imoral. É a regra do "malandro não estrila." Do desapertar para a esquerda. Mas enjoei, sabe? Enjoei. Depois dessa palhaçada, perdi a bossa por completo. Agora, êles não contem mais comigo. Chega. Já vi tudo. Não adianta nada.

FLORIPES — Ainda bem que você abriu os olhos. Eu sempre disse...

GUIMARAES — Agora, não tem mais conversa. Trabalho só nas horas de expediente e olhe lá! Se o tempo der, melhor. Se não der, azar dêles, eu é que não vou ~~fazer~~ trazer serviço para casa. Acabou-se. Agora, de noite é um cineminha; ouvir televisão; dormir. Trabalhar, não. Isso já está resolvido. Que ganhei trabalhando extra? Nada. Ao contrário. Enganaram-me. Preteriram-me. Está certo. Pois agora vou levar a coisa como êles. No mole.

FLORIPES — Ótimo! Isso mesmo! De hoje em diante você vai trabalhar para você. No seu próprio interêsse.

DALVA — O Guima pode pegar um bico, pode pegar outro emprêgo no período da manhã.

GUIMARAES — Não sei o que possa fazer. Há anos que estou no funcionalismo. Não aprendi outra coisa. A gente mergulha a carcaça na repartição e é absorvido por ela.

DALVA — Você podia trabalhar em corretagem.

GUIMARAES — Não dou para isso.

FLORIPES — Isso é bobagem. Não é na picareta que se ganha o dinheiro. Quem trabalha muito não tem tempo de ganhar o dinheiro. E isso é vida? Trabalha de manhã num serviço e de tarde noutro. Nem tem tempo de almoçar. É viver num corre corre danado. Um ordenadinho aqui, outro lá. Isso adianta? Isso compensa?

GUIMARAES — É. A Floripes tem razão.

FLORIPES — Claro que tenho, meu bem.

GUIMARAES — Eu admito que um sujeito trabalhe quinze horas por dia; vamos dizer, durante cinco anos. Pra ficar rico. Agora, se matar no serviço para viver de ordenado, para ganhar um pouco mais, não é negócio.

FLORIPES — Naturalmente. O que o Guima tem que fazer está na cara.

GUIMARAES — Claro. Então eu sou idiota? Agora eu vou levar tudo na flauta. Em casa não trabalho mais. Durmo, leio, faço palavra cruzada.

FLORIPES — E se trabalhar, é para levar vantagem. Você sabe, Guima, foi bom ter acontecido isso. A injustiça veio na hora. Na hora H. Agora você sabe o que tem que fazer.

GUIMARAES — Se sei! Vou terminar êste serviço aqui e acabou-se. Êste é o último

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 43

22a

serviço extra que eu vou fazer. Já está no fim. Paciência. Entrego. Amanhã ou depois entrego e basta.

FLORIPES — E agora a coisa está mais fácil. Não precisa fazer tantos cálculos.

(Dalva sai.)

GUIMARAES — As contas já estão feitas. É só concluir.

FLORIPES — Pois é, meu bem: agora você também vai ter a sua satisfação. A sua primeira satisfação. Foi preciso levar na cabeça...

(Guimarães começa a arrumar os processos em cima da mesa e a máquina de somar, preparando-se para iniciar o seu trabalho. O diálogo prossegue.)

GUIMARAES — Apanhando é que se aprende.

FLORIPES — É uma dupla satisfação: moral e material.

GUIMARAES — Moral e material. É isso mesmo.

FLORIPES — Assim, nós vamos viver uma vida melhor; já não era sem tempo.

GUIMARAES — Graças a Deus.

FLORIPES — E sua mulherzinha poderá andar mais bem vestida e você poderá ter o seu automóvel.

GUIMARAES — Claro.

FLORIPES — Você quer que eu ajude você, meu bem? Quanto mais cêdo você terminar isso, melhor. Eu acho que você deve ter cuidado ao entregar o relatório. Você deve falar antes com o Gervásio.

GUIMARAES — Eu prometí a êle. Isso não tinha a menor importância.

FLORIPES — Ah, meu bem, eu estou tão satisfeita! Agora nós vamos viver. Viver bem. Antes, vegetávamos. Você, com o seu carrinho. Você precisa tirar carta. Carta de motorista.

GUIMARAES — Tem tempo.

FLORIPES — Você entra na auto escola. É melhor entrar já. Sempre leva uns vinte dias aprendendo.

GUIMARAES — Então! Temos tempo de sobra. Agora, eu não vou fazer mesmo nada, de manhã. Até sair o mandado de segurança, receber os atrazados... Eu pretendo comprar o carro com os atrazados.

FLORIPES — Não precisa, meu bem. Você pode comprar o carro com o dinheiro do Gervásio.

GUIMARAES — Está maluca! Eu não! Não quero ficar devendo nada ao Gervásio!

FLORIPES — Que devendo o quê! Êles é que vão ficar ainda muito agradecidos.

GUIMARAES — Êles quem?

FLORIPES — Os maquinistas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0319, P.44

GUIMARÃES — Coitados. Êsses vão se estrepar direitinho. Que azar que êles tiveram! É como o soldado que morre de uma bala perdida depois do armistício. A guerra acabou e êles ainda estão morrendo. Por ignorância, porque a notícia demora um certo tempo para chegar. É azar.

FLORIPES — Não estou entendendo nada do que você está dizendo.

GUIMARÃES — Então. Eu sou o inimigo. A guerra acabou. Êste meu relatório vai ser o último tiro. Azar dêles.

FLORIPES — Não entendo mais nada. Quer dizer que...

GUIMARÃES — Confesso que não tenho nenhum prazer nisso. Perdi todo o entusiasmo.

FLORIPES — Como é que você vai concluir o relatório?

GUIMARÃES — Não tenho o que concluir. Os homens devem o impôsto. É uma questão de máquina de somar.

FLORIPES — E os três milhões!? Você vai desistir dos três milhões?!

GUIMARÃES — Que três milhões?!

FLORIPES — Do Gervásio. Êle disse que se você concluisse pela não incidência do impôsto, você ganharia três milhões do advogado dos maquinistas...

GUIMARÃES — Mas os maquinistas sonegaram o impôsto...

FLORIPES — E que tem isso? Se não fôsse você, ninguém saberia. Pois, agora você deixa tudo na mesma.

GUIMARÃES — Isso eu não posso fazer...

FLORIPES — E êles podiam te passar para trás, podiam? Não podiam, mas passaram. Agora, você desforra. Chegou sua ocasião. Não foi você quem começou. Quem deu o exemplo. Você não disse que ia levar as coisas no mole?

GUIMARÃES — Bem... no mole, é uma coisa. O que o Gervásio pretende são outros quinhentos cruzeiros. Isso eu não faço.

FLORIPES — É assim que você responde pela sujeira da reforma?

GUIMARÃES — Não. São duas coisas diferentes. Fui preterido: então, em compensação, não dou mais duro no serviço. Isso é uma coisa. O que o Gervásio quer é outra bem diferente. É crime. É desonesto. É porcaria e isso eu não faço.

FLORIPES — Não sei porque.

GUIMARÃES — Eu sei e é o bastante. Êsses negócios você não entende, Floripes. Você vê as coisas muito fáceis, onde elas são impossíveis.

FLORIPES — Ai, meu Deus do céu! É de deixar a gente louca! Ia tão bem. Eu não entendo. Parece até castigo! Nossa Senhora

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P-45

23a

de Fátima me dai paciência para convencer êste burro...

GUIMARAES -- Burro, não. Apenas, honesto.

FLORIPES — Honesto! É muito fácil dizer! Honestidade à custa de quem? De mim. Que vivo nesta micharia. Isso não é ser honesto. É ser egoista. É orgulho. Orgulho idiota de quem não tem dinheiro.

GUIMARAES — Você não póde se queixar. Temos vivido mais ou menos bem, até agora. Vida modesta, mas decente. Não devemos nada a ninguém. O apartamento é quase nosso...

FLORIPES — E para quê que eu quero esta porcaria?

GUIMARAES — Você tem que se conformar. Ricos não somos e nem seremos. Nunca pensei em ser rico.

FLORIPES — Mas o dinheiro está aí. Na porta! Está querendo entrar e você não deixa.

GUIMARAES — Êsse é muito caro. A êsse preço, não convém. Você não me compreende, Floripes?

FLORIPES — Quem é que póde compreender uma coisa dessas? Quem é você, para recusar três milhões de cruzeiros? Um pé rapado presunçoso. Cretino, que pensa que é melhor que os outros! Isso é de amargar! Só comigo é que acontece uma coisa dessas! É da gente ficar louca!! Três milhões de cruzeiros! Dez anos de ordenado! Trabalhando todos os dias! Será possivel, meu Deus! Minha Nossa Senhora de Fátima! Mê dê uma inspiração.

GUIMARAES — Não invoque Nossa Senhora para te ajudar. Dinheiro ganho assim, não traz felicidade.

FLORIPES -- Hum! Não traz felicidade! Só esta é que faltava agora! Dinheiro, agora, tem marca de fábrica! Dinheiro é dinheiro. Uma coisa só. Tudo igual. Venha de onde vier. Pergunte aí para os teus colegas que ganham menos do que você e que têm automóvel e que moram em bairro bom e que as mulheres luxam. Vai dizer pra êles que dinheiro não é bom.

(Entra Dalva.)

GUIMARAES — Eu não tenho nada com a vida dos outros. Isso é lá com êles. Você está vendo, Dalva? A Floripes levou a sério aquela conversa do Gervásio. Dos três milhões do advogado dos maquinistas. O que é que você acha? Você acha que eu devo engulir aquela enorme sonegação dos maquinistas e embolsar os três milhões de quem não conheço?

DALVA — Eu não acho nada.

GUIMARAES — Como? Você não tem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 46

23h

personalidade? Eu não sou seu irmão? Não temos o mesmo sobrenome? Dê a sua opinião. Você acha que devo sujar minhas mãos recebendo bola, só porque os outros recebem e porque fui desconsiderado?

DALVA — Bem. Acho que você tem razão. Dinheiro não traz felicidade.

FLORIPES — Dinheiro não traz felicidade, mas a vida é bem mais suportável com dinheiro.

DALVA — Meu irmão não seria feliz sentindo-se desonesto.

FLORIPES — Essa é muito boa! É de dar gargalhadas! Olhe só quem vem me falar em honestidade!

DALVA — Que é que tem? Pediram minha opinião, e dei! Não quero ofender ninguém e não admito que me ofendam.

FLORIPES — Você seria a última pessoa aqui a falar em honestidade.

DALVA — Não! Porque você me diz isso?

FLORIPES — Acho engraçado essas coisas! Até me irritam! E ainda pergunta? Essa eu digo! Não sou de falar por trás não. Digo e na cara. Comigo não há hipocrisia.

GUIMARAES — Floripes!

FLORIPES — E você defendendo sua irmã! Você está de acôrdo com essa vida que ela leva? Você que tem a mania de honestidade, não devia consentir que sua mulher, sua família vivesse aqui, com ela; ela, que vive pùblicamente com um colega seu! Ela é môça solteira e vive de amigação! Está certo isso? Agora eu pergunto: está certo isso?

DALVA — Sou maior de idade. Tenho vinte e oito anos. Não tenho que dar satsifações de minha vida a ninguém.Não vivo á custa de ninguém. Não dependo de ninguém. Se sou demais nesta casa é outro caso. A solução é fácil.

FLORIPES — Vai. Vai morar com o Gervásio. Aí completa tudo. Vocês, que são pela honestidade!

DALVA — Irei morar com quem quiser! Meu irmão não tem nada com isso! Você quer fazer dêle um ladrão! Um venal. Isso é outra coisa! Honestidade é uma coisa. Imoralidade é outra.

FLORIPES — O Gervásio é um venal e você vive com êle! Está certo isso? Me diga! Está certo? Não. Não. Isso é hipocrisia! E eu nesta miséria! A irmã faz o que quer e eu que aguente. Esta miséria de vida! E quando se apresenta uma oportunidade de sairmos do chiqueiro... não... porque é honesto... porque não é venal, porque não sei o quê... Mas isso há de acabar. Eu aqui não fico mais. Eu fico louca! Eu fico louca!

(Floripes cai num pranto nervoso. Guima-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 47

24a

rães vai acudi-la. Faz apenas menção de movimentar-se em sua direção.)

FLORIPES — Não. Não venha cá. Estou farta! Chega! Não quero saber mais de vocês. Vou me embora. Chamem o Gervásio. Gervásio fica com ela. Eu me vou.

(Floripes sai da sala. Há uma pausa de estupefação.)

GUIMARAES — Me desculpe, Dalva. Quem havia de esperar uma coisa dessas?!

DALVA — Um dia tinha que acontecer! Eu sabia. E a culpa é minha. Ela tem razão. Ela não é obrigada a viver comigo. Sou demais aqui.

GUIMARAES — Mas você paga. Nós não estamos fazendo favor!

DALVA — É impossível. Eu tenho mesmo minha vida, Guima. O que ela disse é verdade. Eu vivo com Gervásio.

GUIMARAES — Ninguém tem nada com sua vida!

DALVA — Ela tem direito de reclamar...

GUIMARAES — Ela está furiosa por outra coisa e você sabe bem o que é. O seu caso não lhe afeta. Ela disse isso na raiva. É desabafo. Você sabe como ela é nervosa. Sofre dos nervos. É uma insatisfeita. E eu compreendo... Não teve filhos. A gente tem que dar o desconto.

DALVA — Naturalmente. Eu compreendo, Guima. Não tenho raiva dela. Mas... é impossível eu continuar aqui. Tudo estava mesmo por um fio. A gente sente essa situação. É falsa. É quase uma situação imposta. Um dia vem o desabafo e sai tudo para fóra...

GUIMARAES — Se você sente-se mal aqui...

DALVA — Não é por você... mas... sempre é um constrangimento... eu preferia morar aqui... é uma segurança... uma situação... como você já disse... mas agora é impossível.

GUIMARAES — Está bem. Você faça como quiser. De qualquer modo, você pode contar sempre com êste seu irmão. Em qualquer circunstância. Eu não sou daqueles que apontam o dedo, não. Eu compreendo a vida.

(Entra Floripes com uns papéis na mão e enxugando as lágrimas; momento de surprêsa e constrangimento.)

FLORIPES — Dalva. Você me desculpe, Dalva. Não fiz por mal. Eu gosto de você, Dalva. Foi nervoso. Eu me descontrolei... é um desespêro.

DALVA — Não tem importância. Não se fala mais nisso.

FLORIPES — Você não precisa sair daqui, Dalva. Eu lhe peço que você não saia. Eu sei que você não precisa desta casa. Eu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P. 48

24b

sei. Mas você nos faz companhia. A casa irá ficar muito triste sem você. É uma casa vasia, sem crianças... (chora).

DALVA — Não se preocupe, Floripes. Ninguém falou nada... Tudo continua na mesma... Tá!?... Agora se acalme... que no fim tudo dá certo.

FLORIPES — Obrigada, Dalva. Não vá ficar com raiva de mim. Eu sou muito infeliz... Mas não há de ser nada. Agora eu lhe peço. Me deixe aqui um pouco sòzinha com meu marido. Quero falar em particular com êle. Um momento só. Não é nada. Estou calma. O nervoso já passou. Você me desculpe, Guima. Fiz uma cena idiota. Estou com raiva de mim mesma.

DALVA — Está bem. Com licença. Se precisarem de mim...

(Sai. Pausa. Floripes se recompõe, pensa. Reflete bem, escolhendo como atacar o assunto. Afinal, resolve-se.)

FLORIPES — Guima: sou sua mulher. Há oito anos que sou casada com você. Não é?

(Guima confirma com a cabeça.)

FLORIPES — Se não lhe dei filhos, você sabe, a culpa não é minha. É a coisa que mais desejo ter... um, dois... três, uma porção... mas Deus não quis, e a gente também tem que se conformar com isso...

GUIMARAES — Êsse é um assunto superado. Não interessa mais falar sôbre isso.

FLORIPES — Sempre fica no coração da gente. É uma mágua que a gente não supera. Nem eu e nem você. Paciência. Vamos nos conformar. Bem... mas fóra disso... eu tenho cumprido minha obrigação. Sou honesta. Você faz tanta questão de honestidade. Sou honesta. Sempre me comportei como sua mulher. Nesse ponto você não póde ter a menor queixa...

GUIMARAES — Mas, eu nunca me queixei...

FLORIPES — Eu sei. Você nunca se queixa de nada. Mas que eu sou honesta, sou. Nunca olhei para homem nenhum. Nunca criei dificuldades para você. Até trabalho. Trabalho, não é só para ajudar... mas o trabalho ajuda a viver... a passar o tempo. E a gente ganha. Está certo? Eu estou mentindo?

GUIMARAES — Não. Absolutamente. Mas... para que você está se preocupando...

FLORIPES — Deixa eu falar. Eu preciso falar. Eu podia ser uma mulher semvergonha. Homem não falta por aí. Eu podia lhe enganar e você nem perceberia nada... Eu podia não ser econômica. Ser gastadeira. Fazer você gastar mais do que ganha... Viver em dificuldades... Não. Não faço nada disso. Controlo a casa. Você não tem a menor preocu-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 49

250

pação. O dinheiro dá. Eu faço o dinheiro dar. Tudo isso tem valor, não tem?

GUIMARAES — Claro que tem. Tudo isso tem valor. Eu reconheço tudo isso, Floripes. Sou muito reconhecido. Talvez tenha sido um pouco ríspido...

FLORIPES — Não interessa. A gente é como é. Tenho meus defeitos...

GUIMARAES — Você tem muito mais qualidades que defeitos.

FLORIPES — Então?! Nunca lhe pedi nada, Guimarães. Nunca!!! Não sou mulher de pedir. Você sabe disso muito bem. Agora eu vou lhe pedir um favor. Um favor só. É preciso ser uma coisa que muito interessa, senão não estava aqui implorando. Se você me reconhece direitos... se eu tenho algum direito de pedir alguma coisa a você... agora eu lhe peço: Está aqui. Está aqui. Foi o Gervásio que me deu. É um parecer de um advogado. De um grande advogado. De um professor da Faculdade de Direito. Está aqui. Aqui está escrito e provado que os maquinistas nada devem. Você póde ter razão aí no seu relatório. Mas é uma questão de interpretação. Se tem um professor que diz, que escreve e assina, com tôda a sua responsabilidade de professor, que o impósto não é devido... É uma questão de interpretação. Veja. Você tem costas quentes. Você não estará sòzinho. Veja. Leia.

(Entrega o papel a Guimarães. Este o pega e passa os olhos por cima.)

GUIMARAES — Êsses pareceres não adiantam nada, Floripes. Você sabe como são feitos. Depois, eu não posso mudar de opinião. Minha opinião já é conhecida. Você tem o direito de pedir o que você quiser, que esteja ao meu alcance. Isso que você quer é impossível!

FLORIPES — Você nem leu! Como é que póde saber?!

GUIMARAES — Sei. Sei de sobra. Êles também sabem. Senão não estariam aí a me comprar.

FLORIPES — Guimarães: seja razoável meu bem. Pensa um pouco. É tua mulher que te pede. É muito importante, para a nossa vida. Você nem imagina! Mas eu sei. Eu estou vendo. É uma interpretação. Não tem a menor importância. Ninguém irá lhe querer mal por isso. Ao contrário: você facilita as coisas, ganha amigos. Ganha dinheiro e amigos. Não ganha inimigos. A vida fica mais fácil, mais alegre. Eu lhe peço, Guimarães, com tôda a humildade. Não é por orgulho. Eu me ajoelho. Eu peço de joelhos. Olhe: estou me ajoelhando. Peço de joelhos. Como uma escrava que pede a sua liberação. Êsse rela-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 50

tório é a nossa libertação. Minha e sua também, Guima, meu bem. É um favor. Para mim. Para a sua mulherzinha. Tem gente que rouba, que mata pela sua mulher, não tem? Então, Guima?

GUIMARAES — Levante-se, Floripes. Você perdeu completamente a capacidade de raciocinar. Você está obsecada! Nunca pensei que o dinheiro lhe transtornasse tanto!! Eu compreendo que se roube, que se mate para matar a fome. Mas aqui ninguém está passando fome, Floripes. Vivemos bem. Melhor que oitenta por cento da população. A grande maioria vive pior que nós. É até um sacrilégio você tomar uma atitude desta, por causa de um infame dinheiro. Eu faço tudo por você, Floripes. Mas você não tem direito de me pedir uma coisa dessas. Que adianta êsse dinheiro? Não, Floripes. Você está me criando uma situação terrível, mas não póde ser. Eu não posso fazer isso.

FLORIPES — Está bem. Não insisto mais. Assim você quer. Está bem. Mas não conte mais comigo. Não quero mais saber de você. Dêsse inferno! Nunca! Fique aí com seus relatórios, com sua honestidade... Fique aí. Seu burro! Seu cretino! Idiota! Imbecil! Medíocre! Há de ser um pé-rapado tôda a vida. Pensa que vai ganhar o mandado de segurança? Pensa que vai receber os atrasados? Nunca. Nunca há de receber nada. Só coices. Você gosta de receber coices. Você é como cachorro: apanha e vai lamber a mão de quem bate. Pare da escrever isso aí. ~~Vem me escrivido~~. Seu burro! Burro! Tira isso daí! Essa porcaria! Vá trablahar na repartição. Aqui não. Aqui é minha casa! Não quero!

(Nêsse momento entrou Dalva. Floripes no auge do desespêro, procura espalhar os papéis pelo chão, rasgá-los. Faz um espalhafato dos diabos. Por pouco não inutiliza os processos. Rasga tudo. Quase histeria. Dalva assiste à cena, estagnada. Guimarães é obrigado a agir prontamente e com energia. Agarra Floripes pelos pulsos, com certa violência. Não é seu feitio, mas necessário torna-se salvar todos os processos da destruição. Floripes grita, inteiramente fóra de si.)

FLORIPES — Burro! Cretino! Pé-rapado! Pé-rapado! Covarde!! Covarde!

(Ouve-se a voz de Dona Hermengarda pela janela, que estava aberta.)

VOZ DE HERMENGARDA — He! Olha a Rádio Patrulha! Olha êsse barulho aí!! Eu chamo a Rádio Patrulha!

(Há um silêncio repentino. Floripes estaca, perplexa. Guimarães fecha repentinamente a janela. A mulher dando acôrdo de sua atitude, corre para dentro. Pausa. Perplexida-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P.51

26a

de. Guimarães, com muita calma, começa a ordenar os papéis novamente. Cata as fôlhas esparsas pelo chão. Dalva o ajuda. Cena silenciosa. Os dois se entendem. Há fôlhas esparsas, fôlhas rasgadas e fôlhas amassadas. Em dado momento, Dalva mostra dois pedaços de fôlha, consultando Guimarães. Este passa os olhos pelos dois pedaços e os guarda, recebendo-os de Dalva. A cena muda é um tanto longa. Um minuto e meio mais ou menos. Depois de coordenados os papéis, Guimarães senta-se na poltrona, muito mais desanimado que cansado.)

GUIMARAES — Que coisa, hein?! Você podia pensar numa coisa destas?! Você viu o problema?! Vai ser por tôda a vida! (Pausa) Bom. Paciência. Vamos ver.

DALVA — Sáia um pouco, Guima. Vá se espairecer.

GUIMARAES — Eu não! Ela é capaz de vir aqui e me queimar tudo isto. Ela ficou louca! Você já viu uma coisa destas?!

DALVA — Eu saio com você, Guima. Vamos a um cineminha. Isso passa. Tudo passa. No fim dá tudo certo.

GUIMARAES — Não é bem isso. A gente se acostuma com tudo. Se conforma com tudo. E parece que deu tudo certo. Mas é uma mentira.

DALVA — Você viu que eu não posso mais continuar aqui, não é?

GUIMARAES — Não há nada com você, Dalva. Posso lhe garantir que não há nada com você.

DALVA — Mas não convém, você não acha?

GUIMARAES — Bem. Você não tem nenhuma necessidade de agüentar êste ambiente. De passar pelo que eu passo. Eu sei. Não quero prender você comigo. Nunca. Acho que você deve sair. Para seu bem. Há coisas que não têm mais consêrto. Mas não saia já. Assim, de repente. Por uma questão de situação. Não vá pedir nada ao Gervásio. Dentro de uma semana, você se compõe com uma amiga, uma colega, e vai morar com ela num apartamento, de sociedade. Ou numa pensão. Onde queira. Mas não dê parte de fraca ao Gervásio. Com êle, você tem que se impor, senão estará perdida. Gervásio póde saber que você gosta dêle. Que você o ama. Mas não deve sentir que você necessita dêle econômicamente. Nem você necessita. E se precisar, eu ajudo. Hei de lhe ajudar. Você deve sempre guardar a esperança de se casar. Não que eu reprove a sua vida. Não aprovo e nem reprovo. Compreendo. Não discuto. Nem quero saber. Sei que você é uma môça direita. Mas casar, sempre é melhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.52

26 b

DALVA — Um dia ainda hei de lhe contar tôda a minha vida. Há de me fazer bem.

GUIMARAES — Está bem. Está bem. Não quero saber de sua vida. Não que não me interesse por ela. Está claro que me interesso. Não para julgar ou condenar. Mas para aconselhar. Encaminhar, se adiantar alguma coisa. A experiência dos outros não adianta nada. A gente aprende à própria custa. É sempre assim. Também... eu não tenho experiência alguma. Fui sempre um menino bésta... sem mocidade alguma. Casei-me... nem sei porquê... porque gostava. Sim, eu gostava de Floripes. Não era nada de extraordinário. Nada em mim é extraordinário. Vai ver que você tem mais experiência que eu. Engraçado! E eu aqui a dar conselhos! Enfim. Uma coisa é certa. Não se entregue, Dalva. Não cave sua ruína. Defenda-se. Arranje uma companheira de apartamento. De quarto. Defenda-se.

DALVA — Muito obrigada, Guima. Eu vou dar um jeito. Floripes não tem importância. Tudo se acomoda. Compreendo bem o que você quer dizer. Vou agir com calma. Também sair daqui não é sangria desatada. Quem viveu tantos anos aqui, póde esperar mais uma semana. Vou conversar com a Inês. Ela, uma vez, me convidou para morarmos juntas, de sociedade. Vou falar com ela. Muito obrigada, meu irmão. Boa noite. Se fôr possível, uma boa noite depois de tudo isso.

(Guimarães levanta-se e vai arrumar a mesa para o seu trabalho. Coloca a máquina de calcular a seu alcance na mesa e começa a dispor os papelada.)

DALVA — Não trabalhe mais. Descanse. Afinal de contas... não é pelo dinheiro que o Gervásio lhe ofereceu... mas será que êsse trabalho valerá todo o sacrifício?

GUIMARAES — Não sei. Nem quero pensar. É um perigo, pensar. Se pensar muito acabo cedendo. Sou capaz de me vender, por uma situação cômoda. Não. É melhor eu terminar de uma vez. Entregar e... pronto. E aguentar o baque.

DALVA — Você sabe o que deve fazer. Boa noite. Obrigada. Deixe eu beijar você, Guima. Nós nunca fomos afetuosos. Somos sêcos, ríspidos por natureza. Você precisa de carinho, Guima.

(Dalva beija e acaricia o irmão.)

DALVA — Boa noite. (~~Tenha o bom~~)

(Sai.

(Guima se prepara para o trabalho. Já está refeito da briga. Aliás, a cena de Floripes não o transtornou muito. Guima é um forte. Ajeitou a máquina. Colheu uns papéis. Apagou a luz central.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 53

27a

Efeito de luz sôbre Guimarães, trabalhando à mesa.

Surge Floripes com uma mala na mão.

Floripes atravessa a sala, lentamente, em silêncio.

Vê-se claramente, que abandona o lar. Quase que desafiando o marido.

Êste, suspende o olhar do trabalho, fita a mulher, com tristeza. Acompanha o seu trajeto, sem dizer palavra, sem um gesto, sem

27b

um sinal de contrariedade, plácido, triste, porém, calmo, quase tranqüilo.

Floripes sai.

Guima, quase que automàticamente faz a máquina de cálculo funcionar e mergulha no serviço. No malfadado serviço, enquanto o pano se fecha lentamente.)

PANO

FIM DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P. 54

TERCEIRO ATO

27a (2)

(O mesmo cenário, três semanas depois. Hora do jantar.

Guimarães e Dalva estão à mesa, em final de jantar, servidos por Edwiges.

Guimarães abre uma garrafa de champagne. Cena silenciosa, cujo silêncio é rompido pelo estouro do champagne.

Guimarães serve a bebida.

Levanta-se, com o copo na mão, como quem vai fazer um discurso.

Sente-se que está ligeiramente tocado pelo álcool.)

GUIMARAES — Dalva... minha irmã. Mais que irmã... minha amiga. Festejamos hoje, o seu aniversário. Aniversário triste. Faltam duas pessoas nesta mesa: Floripes e Gervásio. A ausência de minha mulher é problema meu. A de Gervásio é uma imposição sua. É a sua greve em prol do casamento. Há três semanas que vivemos sós nesta casa. Neste solar da mediocridade. Levanto a minha taça... taça não... copo... para beber à sua saúde, neste seu melancólico natalício, fazendo votos que você vença a sua greve e que Gervásio se case com você, dando-lhe uma situação jurídica e moral, a que você tem direito por todos os títulos. Amém e tenho dito.

(Tomam os copos e bebem. Há uma pausa.)

DALVA — Guima: eu rompi com Gervásio. Eu exigi o casamento. Eu disse a êle que se não quisesse se casar comigo, não me procurasse mais. Êle me tem procurado e eu não tenho recebido...

GUIMARAES — Êste champagne que estamos bebendo e a sobremesa que comemos foram presente dêle.

DALVA — Pois é. Mas não saí mais com êle. Agora vou te contar uma coisa: não está certo o que você disse. Eu não tenho direito. Nenhum direito. A greve que estou fazendo é uma chantagem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 55

27b (2)

GUIMARAES — Não sei porque. Tôda môça tem direito ao casamento.

DALVA — Não, meu irmão. Quero que você saiba que Gervásio não tem a menor responsabilidade. Êle... êle não foi o primeiro. Não posso me queixar dêle. É um bom companheiro. Sei que êle gosta de mim. Nós nos amamos. Eu tenho certeza.

GUIMARAES — Então, porque êle não se casa com você, ora essa?! Nada impede.

DALVA — Foi o que pensei. Por isso fiz a greve. Se êle gosta de mim, tem que se casar comigo. Foi assim que eu pensei. Foi uma chantagem.

GUIMARAES — Não sei porque.

DALVA — Eu sou môça estragada, como vocês dizem. Não tenho direito. Só se êle quiser casar. Se êle tiver vontade de se casar, para constituir família. Mas quem é que vai constituir família com uma môça estragada?

GUIMARAES — Você está completamente errada e complexada com êsse negócio de...

DALVA — Negócio de que? Diga. Você não tem jeito, não é? Você está vendo? Negócio de virgindade. Pela nossa lei, pelos nossos costumes, a môça deve ser virgem.

GUIMARAES — Há muita môça virgem que não vale nada e muita mulher como você que dava ótima espôsa e mãe.

DALVA — Póde ser. Mas aqui, de acôrdo com as nossas leis, o homem que se casa fica prêso à mulhér durante tôda a vida. Aqui não há o divórcio. O homem fica marcado, vinculado. Há também a questão econômica: o homem é obrigado a sustentar a mulher durante tôda a vida. Mesmo depois de separado. Porque tudo isso? Porque êle tirou uma môça virgem da casa dos pais. Porque essa môça, depois, não tem mais chance de se casar. A lei foi tôda feita nesse sentido.

GUIMARAES — Num sentido mais econômico do que moral. Mas tudo isso evoluiu, modernizou-se. A coisa hoje não é mais assim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 56

28a

DALVA — A lei continua a mesma. O Código não foi alterado.

~~modernizou-se. A coisa hoje não é mais assim.~~

GUIMARÃES — A lei devia ser diferente.

DALVA — Pois é. Eu também acho. Mas não é. O que é que você quer que a gente faça? Eu acho que a lei devia variar conforme o caso. Por exemplo: com mocinhas saídas da casa da família, virgens... o casamento como está na lei. Com tôdas as responsabilidades. Com as môças estragadas como eu, casamento com direito a divórcio. Assim é que seria justo. Por isso é que é bom êsse casamento que não vale nada. Êsses casamentos de pessoas desquitadas. No México. É uma fórma de resolver uma situação...

GUIMARÃES — Sem responsabilidades irremediáveis. Quer dizer: o marido tem responsabilidade moral de sustentar a mulher. Mas não fica vinculado a ela por tôda a vida...

DALVA — Tudo isso é muito complicado. Mas não é justo.

GUIMARÃES — O justo é quem se gosta se casa. Podendo se casar, é claro. E o Gervásio e você bem se podem casar.

DALVA — Eu só queria que o Gervásio chegasse para mim e dissesse: está bem, Dalva. Você fêz chantagem comigo. Mas eu não posso viver sem você. Vamos nos casar. Eu juro, Guimarães: estava tudo salvo. Eu não me casaria com êle. Iria viver com êle. Continuava assim, vivendo com êle, ou morando juntos, ou separados, não tem importância. Mas eu queria que êle capitulasse.

GUIMARÃES — E filhos? Você não gostaria de ter filhos?

DALVA — Ah! Isso é outro caso. Então, eu me casaria. Tenho certeza de que Gervásio casaria. Mas, não quero assim. Gervásio deve querer casar-se comigo, por mim mesma. E não para legitimar o filho. Você me compreende?

GUIMARÃES — Como não? Está tudo tão claro! Agora vamos beber pelo seu casamento e pelo seu futuro filho.

(Guimarães enche novamente os dois copos. Os dois brindam e bebem.)

GUIMARÃES — Filhos... o problema é filhos... Ter filhos. É o caso da Floripes. É frustração. Ela não era tanto assim. Foi ficando. Com o tempo. Mas olha aqui. Já resolvi. Antes tarde do que nunca. Está vendo isto aqui? É uma consulta. Mil cruzeiros. No ginecologista. Só daqui a uma semana. Puxa vida! Como ganham êsses médicos! A turma faz fila, a mil cruzeiros por cabeça! Mas vale a pena. Eu vou acabar com esta alegria. Com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.57

28 f

esta folga. Vou buscar o meu tormento. Vou tratar dela. Vamos ter um herdeiro.

EDWIGES — Deixa estar que dona Floripes, numa gravidez, deve ser de amargar.

(Edwiges serve o café.)

GUIMARÃES — Nem é bom pensar. Mas vou aguentar a mão. Coitada da Floripes. Gênio mau. Como é que vai viver sem mim? Sòzinha, ela não pode. Os pais não aguentam. Nem sei como suportaram tanto tempo. Três semanas. Ela encrenca logo na casa dela. Só quem aguenta aquêle gênio sou eu mesmo. E ela sabe disso. Tenho a certeza de que ela voltará. Mas não vou esperar mais, não. É egoismo. Não vou fazer ela quebrar o orgulho. Amanhã mesmo vou buscá-la. E eu gosto de tudo no seu lugar. A situação assim desgovernada não me agrada. Não está caminhando bem. Afinal de contas, quem está com a razão? Ela ou eu?

DALVA — Nós dois com os nossos problemas, hein?!

GUIMARÃES — E o pior não é isso. É um nunca acabar de problemas. Resolve-se um, aparece outro. Você não se casa com o Gervásio. Pronto. Acabou-se. Resolveu o problema da felicidade?

DALVA — Não. Não é assim. Nesta vida a gente luta para ser o menos infeliz possível. Acho que nós estamos muito pessimistas, o que não é próprio para um dia de aniversário. E agora tenho que sair. Barriga cheia, companhia desfeita, como diria o bandido do Gervásio. Tenho que dar o fóra porque êle póde aparecer por aqui.

GUIMARÃES — Você tem mêdo dêle no seu próprio reduto?

DALVA — Tenho sim. Se me encontrar com êle hoje, sou capaz de capitular. E por isso vou ao cinema. Já devo estar atrasada. Marquei encontro com a Inês, às oito horas na porta do cinema. Venha comigo, Guima. Vamos espairecer um pouco. Não é bom a gente ficar aqui, ruminando amarguras.

GUIMARÃES — Não. Não vou ao cinema. Não gosto de ir ao cinema sem Floripes. Engraçado... Ela briga desde a escolha da fita. Implica. Eu quero uma e ela logo escolhe outra. Encrenca no ônibus. Fala no cinema. Comenta alto. Dá alteração. A turma olha duro. Muda de lugar. Quando a fita é policial, então, é um desespêro. Não entende nada. Quer que eu explique. Me aperta o braço. Dá gritos... O engraçado é que me acostumei com tudo isso. Sinto falta. No cinema, sinto falta. Nem vejo a fita até o fim. A natureza humana é gozada, não?

DALVA — Isso é vocação para faquir.

GUIMARÃES — Nem tanto. O negócio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.58

29a

também é recíproco. Porque eu sou um chato, hein? Chato de galocha! Eu tenho me analisado ultimamente e cheguei à conclusão de que sou um grande chato. O Gervásio é um camarada divertido. É exuberante. Exagerado. Gosta de movimento. Se agita. Vibra. E eu? Eu sou uma múmia. Pensando bem, ela também precisa ter estômago para me aturar.

DALVA — Quer dizer que a vida é isso? É um aturar o outro?

GUIMARAES — Eu acho que é. Não sei. O problema é viver. A gente vai vivendo. O tempo vai passando e a gente vai se acomodando. Desgraçado daquele que reage. Que não se acomoda. E no fim, como aquele sábio da história universal: êles nasceram, sofreram e morreram.

DALVA — Belíssimo panorama! E para que vou casar, então? Para que você quer um filho?

GUIMARAES — Faz parte do programa. É a rotina melancólica da vida.

(Dalva prepara-se para sair.)

DALVA — Até logo, meu irmão.

GUIMARAES — Não quer beber mais um pouquinho?

DALVA — Não. E você tenha juízo. Não vá beber demais.

GUIMARAES — Já ando cansado de ter juízo.

(Guimarães despeja champagne no seu copo e bebe.)

DALVA — Está certo. Vou ao cinema. Só quero te dizer uma coisa. Vou aguentar esta greve mais uma semana. Se Gervásio não se render, quem vai capitular sou eu.

GUIMARAES — Seria a primeira greve fracassada na história das greves nesta terra.

DALVA — Paciência. Mas vai ser assim. Só mais uma semana. Ciáo!

(Dalva beija o irmão no rosto e sai.

Guimarães, só com os seus pensamentos, tira o paletó, a gravata, abre a janela que dá para a área interna do edifício, senta-se na poltrona e acende o seu cigarro. Edwiges entra e sai da sala, tirando a mesa.)

EDWIGES — Boa môça. Muito boa môça. E foi gostar do seu Gervásio. Aquêle cavalão de homem! E êle fazendo luxo para se casar! Tomara êle pegar uma espôsa como a Dona Dalva!

GUIMARAES — Pois é. Os dois vão se casar, você vai ver.

EDWIGES — Não sei não. Os homens andam muito ariscos. Está tudo virado hoje em dia. Ninguém quer falar em casamento. Eu acho que é porque tem muita mulher sobrando por aí. O senhor veja o meu caso, seu Guima: até aquela peste do Benedito...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 59

GUIMARAES — E as férias vão terminar, porque amanhã mesmo irei buscá-la.

EDWIGES — Ah, patrão! Espera mais uma semana, para completar um mês.

GUIMARAES — Não, Edwiges. Essa separação já durou muito tempo. Durou demais para meu gôsto. Ou a gente é cu não é. Ou bem eu me separo ou então continuo casado. Cem por cento, de um lado, ou cem por cento do outro.

EDWIGES — Tá bom. O senhor sabe o que faz. Por mim, eu esperava mais um pouquinho. Mas eu sou uma errada. Não dou palpite.

(Edwiges sai. Toque de campainha. Volta Edwiges resmungando.)

EDWIGES — Quem será que já vem encher a gente? Estou vendo que não saio cêdo hoje!

(Ewiges vai atender a porta. Barulho de vozes no vestíbulo.)

VOZ DE GERVÁSIO — Boa noite, môça. O patrão está aí?

VOZ DE EDWIGES — Está, sim senhor.

VOZ DE GERVÁSIO — Já acabaram de jantar?

VOZ DE EDWIGES — Já, sim senhor. Dona Dalva saiu. Foi para o cinema. Seu Guimarães está em casa. Êsse é como o caranguejo. Não larga a casca.

(Os dois entram na sala.)

GERVASIO — Boa noite, meu velho.

GUIMARAES — Boa noite, Gervásio. Muito obrigado pela lembrança. A sobremesa estava muito boa, e êste champagne está ótimo. Quer provar um pouco?

GERVÁSIO — Quem dá e toma fica corcunda.

GUIMARAES — Eu estou oferecendo. Vamos beber à saúde dos ausentes, mas que estão presentes no nosso coração.

GERVÁSIO — Então, que vá!

(Guimarães serve a bebida, os dois, de pé, brindam e bebem silenciosamente.)

GERVÁSIO — Bom champagne. É quase tão bom quanto o estrangeiro. Mas nós chegaremos lá. É uma questão de tempo. Fuma um charuto? Puro baiano.

GUIMARAES — Espere o café. Edwiges, traz um cafèzinho pra gente.

GERVÁSIO — Está bom. Então vamos esperar pela rubiácea.

(Pequena pausa.)

GERVÁSIO — Então, a Dalva saiu. Foi ao cinema. Nem esperou pela gente. No dia de seu aniversário. E eu tenho novidades para contar. Duas grandes novidades. E trouxe também um presentinho para aquela ingrata. Está aqui, neste embrulhinho. Não veio numa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 60

30a

GUIMARAES — Você não é casada com o Dito, Edwiges?

EDWIGES — Casada, não senhor. Amancebada, sim senhor. Eu vivo maritalmente com êle, há quatro anos. Também não carece de casar. Agora nem tem mais graça.

GUIMARAES — Mas você não gostaria de ter uma situação definida? De ter certidão de casamento?

EDWIGES — Isso não adianta nada. A gente apanha do homem, com certidão ou sem certidão. O senhor veja aí a vizinha, Dona Hermengarda. Ela é casada no civil e no religioso.

GUIMARAES — Continuam brigando?

EDWIGES — Então. Uma ou duas vêzes por semana êles dão o show.

GUIMARAES — Dizem que êle bate porque ela não lhe é fiel.

EDWIGES — Isso é conversa, patrão. Êle bate porque êle é de bater. Tem uns que são de bater e outros que não. E o Dito? Também não bate em mim? E eu não passo êle pra trás, não senhor. Eu sou pessoa séria. De respeito. Também não levo desafôro para casa, não. Mêdo de homem eu não tenho.

GUIMARAES — Isso é uma questão de educação. Com gente bem educada, não há dessas coisas.

EDWIGES — Ora, seu Guimarães, deixe disso. Eu já fui empregada em casa de gente rica. De gente granfina que mora no Jardim América. E vi o pau comer muitas vêzes. E minhas colegas também sabem disso.

GUIMARAES — Eu falei: com gente bem educada e não com gente rica. Uma pessoa póde ser muito rica, morar no Jardim América, ter automóvel e tudo e não ter educação. E outra pode ser pobre e ser bem educada.

EDWIGES — É mais difícil. É mais fácil rico ser bem educado do que pobre. Dinheiro ajuda muito. Mas êsse negócio de bater é questão de sentimento. Às vêzes a gente bate porque gosta. Outras vêzes, porque não gosta. O que há é muita semvergonhice por aí.

GUIMARAES — É. Talvez você tenha razão.

(Guimarães levanta e vai servir-se de champagne.)

EDWIGES — O senhor devia era sair um pouco. Ir a um cinema. Passear com os amigos. Assim o senhor acaba neurastênico. Nem aproveitou as férias.

GUIMARAES — Que férias?

EDWIGES — As férias conjugais. Dona Floripes lhe deu uma folga, o senhor não aproveitou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.61

30 b

rista e pronto. Dois milhões para lá e três para cá. Está bem?

GUIMARAES — É. Todo o mundo na repartição já soube do fato. Só se comenta isso. Que eu não topei; que eu recusei milhões e que o chefe entrou na bola.

GERVASIO — Quer dizer que você está de herói?

GUIMARAES — Herói?!! O contrário. Olham-me como um idiota. Como um louco. Ou como um cretino, pretencioso. Passei a ser uma figura incômoda na repartição. O chefe, com culpa no cartório, trata bem todo o mundo. Releva faltas. Aquilo está uma bagunça! A turma tôda tem medo de mim. Me olham com reservas. Não tenho mais serviço. O ambiente lá, para o meu lado, está muito desagradável!

GERVASIO — Mas, como foram saber? Foi tudo entre quatro paredes!

GUIMARAES — Deve ter sido a Floripes. Você sabe como ela fala.

GERVASIO — É um assunto desses! Não tem importância. O que está feito, está feito. E a gaita já entrou. E o principal. O que desceu pelo esôfago e caiu no estômago eu não vomito mais.

GUIMARAES — Não sei como o chefe acomoda a sua consciência. Afinal de contas, êle é um chefe. Como é que êle se organiza? A disciplina, a moral.

GERVASIO — O corcunda sabe como se deita. Essa é a grande verdade. O corcunda sabe como se deita. Você vai ver que êle se ajeita muito bem. Dois milhões, meu velho, resolvem muitos problemas.

GUIMARAES — E três, ainda mais, não é, doutor Gervásio? Você sabe, Gervásio. Perdemos a representação. Você se lembra? Pois, não deram bola. Um parecer de lá, uma informação de cá e um indeferimento em sêco. Nem houve fundamentação. Nem consideranda. Nada. Um despacho em sêco: "não assiste razão aos peticionários" "indefiro a representação de fôlhas". Quatro linhas. Escrevemos 16 laudas e, em quatro linhas foi tudo por água abaixo. Tenho a impressão exata de que houve desconsideração. A classe não se impõe, por causa dessas coisas.

GERVASIO — Isso é uma injustiça. Pouca gente pode atirar a primeira pedra. Até me revolta, sabe? Mas, vocês não vão entrar com o mandado de segurança? Vocês querem ir no mole?! Toca um mandado de segurança na cabeça dêles e acabam com essa conversa! Ora bolas! O que é que estão pensando?

GUIMARAES — Era o que havia resolvido, naquela [illegible] Mandado de segurança. Aliás, eu queria entrar imediatamente com a

ANBDNS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 62

31a

caixa em condições, porque eu comprei no contrabando. Mas que é legítimo, é. De primeira qualidade. O que vale é o conteúdo, e não o rótulo. Está aqui. Manja só que beleza!

(Gervásio abre o embrulho e mostra um colar de pérolas de três voltas que Guimarães examina.)

GUIMARÃES — Muito bonito. Mas isto deve ser um presente muito caro, mesmo no contrabando. Aqui vai pelo menos um mês de ordenado!

GERVÁSIO — Bote coisa nisso, velho. Dois meses de ordenado! E isso porque eu sei comprar. Para qualquer trouxa seria muito mais.

GUIMARÃES — Quer dizer que você anda de caixa alta?

GERVÁSIO — Graças a você. Eu disse, meu velho: você vai preparar o prato para os outros comerem. Foi o que aconteceu.

GUIMARÃES — É. Eu soube. Todo o mundo já soube. Atenderam a representação do sindicato dos beneficiadores. E arquivaram a autuação, tudo. Que me importa? Melhor assim. Vamos beber à saúde do seu primo. O advogado dos beneficiadores, pela vitória que teve.

GERVÁSIO — Vitória?! A vitória foi minha! Estava na cara. Eu te disse. Cantei a bola direitinho. Você não topou. Foi melhor para mim.

GUIMARÃES — Melhor, porque?

GERVÁSIO — Bem. Vou te contar. Antes, vamos virar mais um copo. In vino veritas. Hoje vamos sair do sério. Eu e você vamos encher o canecão. **(Servem e bebem vinho).** Saúde! Eu menti quando disse a você que não estava levando nada. Menti. Você sabe: o segrêdo é a alma do negócio. E eu sou safado mesmo. Não com os amigos. Com os amigos sou batata. Amicus certus in re incerta. Mas negócio é negócio e ninguém precisa saber com quantos paus se faz uma canôa. A bolada era de cinco milhões. Os homens entravam mesmo era com cinco milhões. Eu dava três a você e engavetava dois. Você não quis. Eu tinha que me virar. São Paulo não póde parar. Então trabalhei o chefe. Eu disse a você. Você jogou fóra a pepineira. Jogou pela janela e o chefe estava lá em baixo para pegar. Mas eu não fui bêsta. Meti a conversa no chefe. Não deu trabalho: nem foi preciso muito rodeio. Foi barbada. Só que inverti o programa. Dois milhões para êle e três para mim. E dito e feito. O homem achou que você era uma bêsta. Um exagerado. Que não conhecia direito fiscal. Achou que meu primo é que era um crâneo. Baseou-se no parecer do ju- sido

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P. 63

ação judicial. Agora ninguém mais quer entrar com o mandado, está bem?! Ninguém! Dizem que é melhor deixar. É melhor não procurar encrenca. Que o aumento sai mesmo. Você está vendo? É um pessoal de amargar!

GERVASIO — Malandro não estrila: desaperta para o lado. Eles resolvem o problema pelas laterais. Qual é o deles? Eu disse a você. Você estava com a faca e o queijo na mão. Agora...

GUIMARAES — Eu vou entrar com o mandado de segurança. Eu vou. Sòzinho. É direito meu, ora essa! Eles que se danem!

GERVASIO — É um direito que lhe assiste. E ganha. Não ha duvida. E aproveita a todos. É sempre assim.

GUIMARAES — Paciência. Eu vou entrar com o mandado. Não tenho nada com a desonestidade deles. Não tenho rabo de palha.

GERVASIO — Eles são umas bêstas! Poltrões, para não dizer outro nome. Não têm classe! Estão passando o recibo. Foram preteridos porque são ladrões, porque são safados. Porque pegam tudo. E passam o recibo. Ficam quietos. Não reagem. Falta de classe! Comigo não tinha conversa. Continuava roubando e estrilava. E abria a bôca e cantava de galo. Comigo não. Enquanto êles vão com o milho, eu já volto com o fubá. Ninguém pode apontar o dedo para ninguem.

(Entra Edwiges com o café. Os dois tomam o café em silêncio.)

GERVASIO — Otimo café! Excelente! Dona Edwiges esta de parabens. E cá estão 200 mangos para minorar os seus males (e Gervásio tira do bolso uma carteira recheada de notas e dá o dinheiro à criada.)

EDWIGES — Muito obrigada, Doutor Gervásio.

GERVASIO — Você está vendo, colega? A fôrça do dinheiro? Já fui promovido. Dinheiro põe até DR na frente do nome da gente. Dinheiro dá até diploma.

GUIMARAES — Ser doutor não é documento. Eu conheço uma familia ... são quatro irmãos. Três formados. Dr. José, Dr. Edgar, Dr. Valencio. Todos prontos, vivendo de ordenado. O Geraldo não se formou. Está rico. O filho do Dr. José dizia: quando crescer quero ser seu: Seu José.

GERVASIO — E não deixa de ter suas razões.

GUIMARAES — Eu não sei se estou certo ou errado. Penso muito diferente da maioria. Puxei pelo meu pai. Não há nada que pague o direito de estrito. O individuo muito rico, o grande industrial, o tubarão, tem muitas responsabilidades a zelar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.64

GERVASIO — Tomar conta de dinheiro também dá muito trabalho.

GUIMARAES — É isso mesmo. Você sabe, o rico é ambicioso; quanto mais, melhor. Tem patrimônio a defender. Posição para sustentar. Então vivem na dependência de muita gente. Tem que agradar e engulir milhares de pessoas. Gente do govêrno. Políticos. Cafe Society. Até cronista social! O diabo! Vivem sorrindo amarelo. E com dinheiro, hein! Eu não. Não tenho nada, mas nada devo. E não abaixo a crista para ninguém. Vivo modestamente. Mas não tenho que dar satisfações a ninguém. O direito de estrilo ninguém me tira. Sou pobre mas em compensação posso gritar e estrilar. Não preciso bajular ninguém. Idiota é o pobre que ainda bajula. Esse tem alma de cachorro. Pois, se a gente não tem nada a perder, ainda vai suportar panca dos outros? Não. Só imbecil. Bulíu comigo, levou trôco. Essa é a vantagem do pobre. Veja êsses industriais. Quinhentas fábricas. Bilhões e mais bilhões. Tem que agradar o Govêrno. Tem que fazer rapapé para senador, para deputado, senão é espeto. Aumentam o impôsto. Tocam-lhe uma fiscalização. É o diabo. E com os jornalistas ainda é pior. E com os comunistas. Você sabe que tem muito tubarão aí que comparece com dinheiro para o Partido Comunista? Eles querem é sossêgo. Então, procuram cobrir-se de todos os lados. Vida miserável! Não invejo a vida dessa gente, não.

GERVASIO — Nem eu. Se eu pudesse ter o dinheiro, sem as responsabilidades... é impossível... Todo o mundo se incomoda com os ricos. Quando não é por interêsse, é por inveja.

GUIMARAES — Vá se preparando, que você vai indo pelo mesmo caminho. Hoje três milhões. Amanhã, cinco...

GERVASIO — Quem? Eu? Ainda estou muito longe! Quem nasceu para dez réis não chega a vintém! Você não sabe da missa a metade. Há gente por aí que ganha três milhões por dia! Três milhões por dia! De renda, está bem? Eu podia meter os peitos. Botava um negócio aí. Contrabando. No fim de um ano teria dez milhões. Ou bunda de fora ou calça de veludo. Ou bem cabeludo, ou careca de tudo. Para quê? Para sair do meu natural? Deixa.

GUIMARAES — Está certo. Um dia lhe apreendem a muamba e lá se vai todo o lucro. E não há remédio, porque é negócio imoral e extra-legal.

GERVASIO — Extra-legal, de acôrdo. Mas imoral, não. Todo o mundo faz contrabando.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0314, p.65

32b

[illegible] Nessa Iorque, encontra a brasileirada, lá. Só pensam em contrabando. Só falam em contrabando. Você nem queira saber!

GUIMARÃES — É. Essa corrida atrás do dinheiro ... do dinheiro ... A corrida não pára ... depois do dinheiro ... a notoriedade ... a fama ... a glória. Vaidade. É uma coisa louca!

GERVASIO — O expresso não pára. É a reação em cadeia. Uma coisa puxa a outra. Você sabe que tem milionário aí que dá para artista. Não sabem mais o que fazer com o dinheiro; então botam banca de artista.

panca?

GUIMARÃES — Pois eu penso diferente. Talvez seja por eu não ser rico. Quem sabe, se fôsse rico, naturalmente agiria como rico. Mas, não se tendo dinheiro, o panorama é outro. É levantar a cabeça. É não entrar na gaveta de ninguém. O estrilo é livre. Exigir e não pedir. Lutar pelo meu direito. É uma condição humana. A gente tem que manter a condição humana!

GERVASIO — Muito bem, Guimarães! Bravo! É isso mesmo! Você é um braço! Você é que está com a razão! Às vêzes eu fico pensando, pensando ... Eu sou um ladrão de galinha, colega! Desta vez eu entrei na bolada. Mas já me vendi por gorgeta. Por quinhentos mil réis. Com qualquer gorgetinha eu facilitava as coisas. Eu não tenho dignidade. Eu falo isto aqui, para você. Entre amigos. Ninguém me diz isso na cara, que eu reajo à altura. Mas é a verdade. Eu não passo de um ladrão de galinha. De um achacador! Cá para nós, hein? In vino veritas. Eu tenho uma profunda admiração por você, colega! Você é que está certo!

(Pausa. Guimarães levanta-se e avança para o centro da cena, lentamente, com um copo de vinho na mão.)

GUIMARÃES — Eu não sei se estou tão certo assim, Gervásio. Não estou nada convencido da minha certeza. Eu também estive pensando, pensando ... você sabe ... três semanas. Há vinte dias que a Floripes saiu ... eu tive bastante tempo para pensar ... não tenho feito outra coisa ... não sei ... dúvida ... A dúvida. A princípio parecia absolutamente certo. Convencido. Agora, não. Eu não me vendi. Não comi bola. Três milhões de cruzeiros ... em moeda corrente do país ... Está certo. Você pensa que eu recusei por patriotismo, em nome da Pátria, por civismo? Não. Nada disso. Minha recusa foi automática. Inconsciente. Nem ponderei prós e contras. Não comi bola, acabou-se. Foi um problema íntimo. Todo pessoal. A coisa é cá por dentro. Não pensei em ninguém. Talvez [illegible] mini-os, Aí é que está. Isto também é cá [illegible]

/, du"

33a BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.60

hein? Vai por conta do vinho e de nossa amizade. Minha recusa foi um ato puramente egoístico. O que eu ganhei com isso? Nada. Não agi dessa maneira, atrás de compensações. Não. Foi automático, já disse. A moral da repartição não melhorou. Até piorou. Porque a venalidade veio de cima. Do Chefe. E eu sabia que êle cederia. Mas o problema não era só meu. Havia a Floripes. Eu joguei fóra uma chance de ficar rico. Uma chance de Floripes melhorar consideràvelmente de vida. Eu encarei o problema do meu lado exclusivamente pessoal. Egoismo. Vaidade. Sou um grande pretencioso. No fundo, não passo de um idiota pretencioso. Vou reformar o País? Vou moralizar a Nação? Eu? Quem sou eu, para recusar três milhões em moeda corrente do País? Eu faço questão de que você saiba, Gervásio, que não estou arrependido. Não estou chorando o dinheiro que deixei de ganhar. Não. O que está se passando comigo é que não estou tão convencido de estar com a razão. É isso. Está tudo bailando, aqui, na minha cabeça. Estou confuso. É isso. Confusão. Não sei mais onde está a verdade. Talvez a verdade esteja dentro desta garrafa. Vamos a ela.

GERVASIO — Mas se todo o mundo pensar assim, então, êste país não tem mais salvação!

GUIMARAES — Eu sei lá! O fato é que todo o mundo se vende e o País vai indo para a frente. Eu acho que é como nêsse negócio de terras. O desbravador do sertão nada mais é que um grileiro. Êle rouba a terra do Estado. E leva o progresso para a região. A história da terra vem dos posseiros. Do grilo. De um roubo. Na indústria é a mesma coisa: o capitalista, com o dinheiro, ajeitando as coisas, uma facilidade de cá, uma licença de exportação, uma moleza cambial por baixo do pano. E monta a fábrica. Depois dana-se a vender sem nota. Compra tudo que é fiscal. Esconde o lucro na contabilidade. Fraude. Ajuda na caixa do partido da situação... e está aí mais uma fábrica... mais um fator de progresso. E a verdade é que todo o mundo ganha com isso. Você está vendo a confusão?

GERVASIO — Quer dizer que a ordem é roubar?

GUIMARAES — Eu não quero dizer nada. Estou pensando alto. Estou considerando os fatos. E agora vamos nos despedir desta bebida. Vamos, colega. Meu colega rico. O colega pobre e o colega rico. Você com a gaita no Banco e eu com a conta no empório. Mas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0314, p.67

33 b

Você veja o que aconteceu comigo. Continuo pobre, fui preterido, sou uma figura indigesta na repartição onde trabalho. Briguei com minha mulher e durante tôda a minha vida vou ouvir dela êsse queixume: Idiota, imbecil, medíocre. Há de ser um pé-rapado tôda a vida. Coitada da Floripes! Deve ter amargurado.

GERVÁSIO — Não adianta, Guimarães. Você é que está certo. Você sabe disso. Eu não sei provar. Não sei demonstrar. Sou um ignorantão. Só sei provérbio. E me virar por aí. E quando é preciso eu me viro mais que charuto na bôca de bêbedo. Mas você é que está certo.

GUIMARAES — Acho engraçado você dizer isso com êsse charutão na bôca! Com êsse ar de prosperidade. De industrial em férias. Você é quem está certo, Gervásio. Todo o mundo se vendendo por aí. A turma do dez por cento. Não sai um empréstimo sem correr o dez por cento. Não se paga um fornecimento, sem o dez por cento. Não se vence uma concorrência. Não se constrói uma casa. É a caixinha, a moleza, sei lá! E o Govêrno a aumentar os impostos! O pior cego é aquêle que não quer ver. E está na cara. É só fiscalizar. É só fazer pagar o que já é de lei. Se não houvesse sonegação, a arrecadação atingiria cifras astronômicas. Mas não, aumentam-se os impostos. Os trouxas irão pagar mais. Pagam pelos águias. Qual, seu Gervásio. É uma situação muito cômoda.

GERVASIO — Eu não sirvo de exemplo para ninguém. Até nem fica bem estar falando assim. Mas você acredite se quiser: ainda que pareça mentira: eu preferiria ser como você, Guimarães. Ter a sua moral, a sua têmpera. Você é como um sacerdote. Como um militar. Já tem a sua trilha certa. Não sai do regulamento. Tem o regulamento e não há problema. Não há a encruzilhada para se escolher. Você me entende? O caminho já está traçado. É mais simples.

GUIMARAES — É mais simples. Já sei tudo que me vai acontecer na vida. Trabalho mais quinze anos. Subo duas letras. Me aposento. E fico esperando a morte sentado. É. De fato. É mais simples. Mais fácil, é a expressão. Há muita coisa que não entendo. Nós não somos donos da verdade. Por isso é que não se deve ir julgando, nem condenando. Você veja a minha irmã, Dalva. Ela tem a mesma formação moral que eu. A mesma educação. E gosta de você. E irá com você para onde você fôr. Que importa a ela que você tenha sido um venal, um... ladrão de galinhas? É como você diz. Onde é que está a sanção?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.68

34.a

GERVÁSIO — Puxa! Você, agora, tocou na ferida. E está na hora da segunda novidade. A princípio não era novidade. Você já sabia. Mas esta é: Eu vou procurar a Dalva. Ela ganhou a parada. Há males que vêm para bem. O casamento é contra a minha religião, mas vou me casar com ela. E vou dividir êsses três milhões com ela. E depois você diz que não adianta ser honesto. Vou me casar com ela porque ela é assim como você. Batata! Cem por cento! Vinho da mesma pipa! Quero lhe pedir a mão de sua irmã. Você é o irmão mais velho. Meu colega, meu amigo e meu futuro cunhado. Venha de lá um amplexo.

(Guimarães levanta-se e abraça longamente Gervásio.)

GERVASIO — Entreguei os pontos direitinho, hein?! Eu gosto dela, sabe? E te digo francamente. Há muito tempo que já estava resolvido. Vou me casar com a bichinha. Entro nos três milhões e caso com ela. Há mal que vêm para bem.

EDWIGES — Meus parabéns, doutor Gervásio... agora, o senhor falou com sabedoria.

GERVASIO — Em que cinema que ela foi? Quero me encontrar com ela. Já. Quero lhe dar os parabens pelo aniversário. Este modesto presente. Oitenta mil cruzeiros e a grande novidade.

GUIMARAES — Não sei qual o cinema. Sei que marcou com a Inês na sessão das oito.

EDWIGES — Acho que ela foi ver Ben-Hur no cinema Regina.

GERVASIO — Quatro horas de projeção! Enche, hein? Não faz mal. Isso já vai por conta do casamento. Vai começar a minha via sacra. Bem. Até logo, meu futuro cunnado. Até logo. Depois você escreve um tratado de filosofia. Até logo, Edwiges.

(Gervásio, sai e Guimarães o acompanha ao vestíbulo. Edwiges já terminou o serviço da sala. Tudo em ordem. Sai em direção à cozinha. Guimaraes volta. Apaga a luz maior da sala; pega uma revista. Prepara seu cigarrinho e vai refestelar-se na poltrona. Aparece Edwiges pronta para sair, carregando o baiaio de costume.)

EDWIGES — Até amanhã, patrão.

GUIMARAES — Até amanhã, Edwiges. Muito obrigado pelo jantar. Estava ótimo. Hê! Edwiges!

(Edwiges, que ia saindo, pára na porta.)

EDWIGES — Pronto, patrão.

GUIMARAES — Balaio cheio, hein?! Aproveita, que essa alegria vai se acabar. O contrôle vem aí.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.69

34b

o tal sou eu? Está bom, Guimarães, pobre, porém honesto. Bonito... não há dúvida! Hein! Edwiges! O que é que você acha disso tudo?

EDWIGES — Eu não acho nada. Cada qual sabe onde lhe aperta o sapato.

GERVASIO — Boa, Edwiges! Nada como a sabedoria popular.

GUIMARAES — Adeus, meu bom champagne. Desculpe, se não o saboreei como um mestre de cerimônia. Seu gazúa! Abridor de cofres de segrêdo!

EDWIGES — Quer mais café? Está na hora de tomar café sem açúcar.

GUIMARAES — Vocês pensam que eu estou bêbedo? Absolutamente. Estou apenas um pouco alegre. Assim, no ponto de dizer umas verdades. E mais êste é pronto. Adeus. Vamos voltar à rotina. Amanhã a rotina. Trezentos e sessenta e cinco dias de rotina. E nos bissextos 366. E a gente vai vivendo. Vai-se se tocando o barco para a frente. Viva a mediocridade! Peito! Bem que a Floripes disse. Peito! Me faltou peito para aceitar os três milhões. Eu sou um mediocre. E hei de ser isso tôda a vida. E viva a mediocridade!

GERVASIO — Guimarães: você é que está certo. Um tipo honesto, direito, correto. Póde gritar, não está na gaveta de ninguém. Tem um nome para deixar para seus filhos. Uma tradição de honestidade.

GUIMARAES — Pobre de mim! Nem filhos tenho. Ainda bem. Senão êles tinham que herdar um nome honrado. O que você prefere: herdar um nome honrado de um pai liso como bunda de anjo, ou receber uma fortuna de um pai sujo como pau de galinheiro? Vamos, meu colega. Responda. Um nome honrado. Ou gaita? Está aí. Vamos ouvir o senso comum do povo. Edwiges: responda você.

EDWIGES — Eu, seu Guima? Quem sou eu para herdar qualquer coisa? Nem dinheiro, nem nome honrado. Que meu pai, como muito pernambucano, era ladrão de cavalo.

GUIMARAES — Mas o que é que você preferiria?

EDWIGES — Dinheiro, seu Guima. Dinheiro não tem côr, nem procedência. Vale por si.

GUIMARAES — E quem responder o contrário, está mentindo. O dinheiro tem uma fôrça descomunal. Você tem um padrinho rico. Êle lhe faz bem. Lhe encaminha na vida. Lhe socorre nas suas dificuldades. Você lá quer saber se [illegible] Você é naturalmente [illegible] Votará [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319,p.75

35a

EDWIGES — O diabo não é tão feio quanto se pinta, patrão. Nós dá um jeitinho. Bye, bye.

(Edwiges sai. Calma, sossêgo, tranquilidade. Há uma pausa longa. Guimarães larga a revista e vai acender a T.V. Acende e volta à sua poltrona, cigarro na bôca. De repente, entra Floripes, como saiu no final do segundo ato. Com o mesmo vestido e a mesma mala na mão. Só que a direção de sua marcha é diferente. Antes saía. Agora volta.

35b

Floripes pára no centro da sala e quase sem voltar para Guimarães, exclama, sêcamente, sem ser perguntada:)

FLORIPES — Eu voltei.

(E entra para o interior. Guimarães nem se mexe. Fuma e o pano se fecha lentamente.)

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 71

CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE LONDRINA
(criado pelo Decreto 145/65 de 4 de outubro de 1965)

Londrina, 12 de setembro de 1 968.

Senhor Diretor :

No cumprimento de suas finalidades, êste Órgão decidiu empreender a encenação de um espetáculo teatral, contando, para tanto, com o concurso de amadores locais e de um diretor profissional contratado, por um período que expira em 30 do corrente mês, para supervisionar o trabalho.

O texto escolhido foi a comédia em três atos de Abílio Pereira de Almeida "... em moeda corrente do país". Devendo a estréia, pelo motivo já inicialmente exposto, ocorrer iminentemente, permitimo-nos apelar diretamente para V. S.ª, no sentido de que se digne de ordenar pronta expedição do certificado de autorização do espetáculo (documento do qual solicitamos três cópias de sobressalente, uma das quais destinaremos à Polícia Federal, nesta cidade). Juntamos (para fins de censura) um exemplar do texto em questão, reproduzido pelo processo "Thermo-Fax".

Valemo-nos da oportunidade para externar a V. S.ª nossos protestos de estima e consideração.

Prof. Galdino Moreira Filho
Presidente do C.M.C.

Membros do Conselho Diretor: Prof. Galdino Moreira Filho - D. Lidia Costa Branco - Profa. Ruth Lemos - Padre Eduardo Afonso - Arq. Luiz Pinheiro Santos

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 72

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: Em moeda corrente do País.

Nome do Autor: Abílio Pereira de Almeida

Nome do Tradutor: —

Gênero: drama.

Entrecho: Guimarães é um funcionário público como qualquer outro. Um dia, surge para êle a oportunidade de fazer uma falcatrua e ficar rico da noite para o dia. Êle resiste heròicamente e continua sua vida normal, embora durante a peça se retrate justamente o momento da aceitação ou não aceitação da proposta desonesta. E justamente ocorre um grande problema de família envolvendo sua mulher e sua irmã.

Apreciação moral: A peça é uma crítica geral à situação do funcionalismo público e, pelos comentários lembrados, do funcionalismo há alguns anos passados, já. Mas mostra, ao mesmo a consciência de um homem, abalado por não encontrar em seu semelhante, um "semelhante" ou seja, outra "consciência" como êle, independente da espera de recompensa. Não é uma peça para crianças.

Observações: A impropriedade abaixo [illegible] parecer acima, só se referem ao texto. O ensaio geral deve ser assistido por censor ou pessoa credenciada.

Classificação final: Deve ser proibida para menores de 14 (catorze) anos de idade.

Brasília-DF. em 30 de Setembro de 1968

Censor Federal - matrícula n. 209548

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.73

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Setor, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: Eu Moda Corrente do País

AUTOR: Abílio Pereira de Almeida

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 14 (catorze) anos. Condicionada ao exame do Ensaio Geral

OBS.

Em 1/10/68

[signature]

Chefe da TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do **SCDP**, para a decisão final.

Em

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acôrdo com voto do Censor

Em 1/10 out/68

[signature]

CHEFE DO SCDF

DPF-SAv. 0

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319,P.74

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL — S.C.D.P

Certificado Nº 665/68

PEÇA -/::: ... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS :::/-

ORIGINAL DE ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 01 de OUTUBRO de 19 69

Brasília, 01 de OUTUBRO de 19 68

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

AP%

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.75

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 21, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada ...EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

Original de ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

Tradução de

Adaptação de

Produção de CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE LONDRINA (PR)

Tendo sido censurada em 30 de SETEMBRO de 19 68 e [illegible]ebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATO[illegible]ZE) ANOS.

- CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 01 de OUTUBRO de 19 68

- JOSÉ SAMPAIO BRAGA -
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF SAv 7034-RFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.76

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 139646

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: ..... "EM MOEDA CORRENTE DO PAIS" .....

Original de ..... ARIZIO PEREIRA DE ALMEIDA .....

Música de .....

Tradução de .....

No Teatro ..... Cidade .....

Emprêsa ..... Pela Cia. .....

nos dias ..... "PARA LIB. DA CENSURA" .....

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % ..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ .....por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

..... GRAMA, 17 de OUTUBRO de 1968.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P. 77

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou qua[illegible] quer outros responsáveis pelas representações, exibições [illegible] irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualm[illegible] precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1[illegible]:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 78

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 21 de Maio de 1969

SR.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSOÊS PÚBLICAS

BRSILIA - D.F.

Saudaçoês.

Com o presente, temos a honra de encaminhar a V.Sa., para fins de CENSURA 3 (TRES) exemplares da peça intitulada " EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS " comédia em 3 atos de nosso associado sr. Abilio Pereira de Almeida, para proxima apresentação no Festival Fluminense de Teatro Jovem, no mês de Agosto de 1969, pelo grupo Teatro Amador Cabofriense, em Niteroi, Estado do Rio de Janeiro.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração.

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 1863
Em 22/05/1969
Protocolista

pdo José Lazaro
Djalma Bittencourt
Diretor Administrativo da SBAT.

SOC. BRASILEIRA AUTORES TEATRAIS - RIO
SBAT 21 MAI 69

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

5.000 - 3/63

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 79

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.° N.° S/Nº
Data 23/06/69

Do: TÉCNICO DE CENSURA - SEBASTIÃO MINAS BRASIL
Para: SR. CHEFE DA T.C.T.C.
Assunto: DEVOLUÇÃO DE PEÇA TEATRAL (FAZ)

SENHOR CHEFE,

ATENDENDO A SOLICITAÇÃO VERBAL DE V.Sª. ANEXO ESTOU ENCAMINHANDO OS TEXTOS DA PEÇA ... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS, INFORMANDO QUE OS REFERIDOS TEXTOS CONFEREM, NÃO HAVENDO ALTERAÇÃO.

SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 80

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr.Chefe da Seção de Censura

O Diretor Administrativo da SBAT, em Niteroi Rio de Janeiro, enviou para exame dêste SCDP a peça teatral " EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS" de Abílio Pereira de / Almeida, que será levada no Festival Fluminense de Teatro Jovem, em agosto p. futuro.

A referida obra, já foi examinada e liberada por êste Órgão, com parecer do Censor ANTONIO FERNANDO DE SYLOS e expedição de Certificado, classificando-a / IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 ANOS.

Feita a comparação dos escritos , o já liberado e o objeto do presente, pelo Técnico de Censura / credenciado SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO, concluiu-se que são idênticos, conforme memorando daquêle Técnico.

Assim sendo, à vista do exposto, sugerimos/ que seja mantido o mesmo critério classificador, emitindo-se os certificados requeridos. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 23.06.69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

Ao Senhor Chefe do SCDP para decisão. Em 24/6/69

De acordo com parecer do Chefe da TCTC/SCDP, cumpridas as formalidades legais.
Rio 24/06/69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 81

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 1196/69

-/::: * EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS * :::/-

PEÇA _____

ORIGINAL DE ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 24 de JUNHO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Brasília, 24 de JUNHO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. CARLOS LÚCIO MENEZES - SUBST.

4P/

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319,P.82

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 41, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS-

Original de ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

Tradução de

Adaptação de

Produção de (CENSURA REQUERIDA PELA SBAT-RIO) GRUPO CABOFRIENSE

Tendo sido censurada em 23 de JUNHO de 1969 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS:::: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 24 de JUNHO de 1969

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 83

LONDRINA, 20 DE SETEMBRO DE 1.969.

AO
EXMO. SR. DIRETOR DO
SERVIÇO DE CENSURA DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA

PREZADO SENHOR:

O "GRUPO DE TEATRO NÔVO", DESTA CIDADE, ATRAVÉS DO PRESENTE OFÍCIO, VEM MUI RESPEITOSAMENTE À PRESENÇA DE V. EXCIA. A FIM DE SOLICITAR-LHE AUTORIZAÇÃO PARA APRESENTAR, NO II FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DE LONDRINA, A PEÇA TEATRAL DE ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA, "... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS", COMÉDIA EM TRÊS ATOS, DA QUAL JUNTAMOS AO PRESENTE AS DEVIDAS CÓPIAS.

POR OPORTUNO, QUEREMOS INFORMAR A V.EXCIA. QUE ESTA REFERIDA PEÇA, QUE ESTÊVE SENDO ENSAIADA EM NOSSA CIDADE, SOB A DIREÇÃO DE ALBERTO DE LOS SANTOS, EM SETEMBRO E OUTUBRO DE 1.968, FOI CENSURADA EM BRASÍLIA E LIBERADA NAQUELA OCASIÃO, PARA UM PERÍODO DE DOIS ANOS A CONTAR DE ENTÃO.

ASSIM, VISANDO EVITAR EVENTUAIS CONTRATEMPOS E CUMPRINDO COM AS DETERMINAÇÕES VIGENTES, PEDIMOS A V.EXCIA. A LIBERAÇÃO DÊSTE TEXTO, QUE DEVERÁ SER APRESENTADO NO DIA 11 DE OUTUBRO DE 1.969.

NA EXPECTATIVA DE SUAS PRONTAS E HABITUAIS PROVIDÊNCIAS, ENVIAMOS-LHE NOSSAS

RESPEITOSAS SAUDAÇÕES

Recebi em 2/10/69

LINDA BULIK - DIRETORA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 84

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1969

Ilmo Sr.
ABINOAN DE SIQUEIRA
DD. Diretor do Departamento de Cultura
LONDRINA-PR

Senhor Diretor,

Com a presente acusamos o recebimento de s/C de 18, que passamos a responder.

= CONCURSO DE TEATRO DO II FESTIVAL UNIVERSITÁRIO

Das peç as programadas para o Concurso de Teatro do II FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DE LONDRINA, a SBAT não pode autorizar, as que se seguem, pelos motivos que indicaremos:

O ASSALTO - de José Vicente - a peça está presa ao repertório de Cia Profissional, sob regime de exclusividade;

ANGUSTIA- o sr. Henrique de Aragão não é nosso associado.

O TROCO - Está nas mesmas condições a peça do sr. DOMINGOS PELLEGRINI JR.

A SBAT AUTORIZA, com direitos autorais cobrados na base de 10% da receita bruta de cada espetáculo, com o mínimo garantido de NCr$ 30,00 (TRINTA CRUZEIROS NOVOS), por espetáculo, as seguintes peças:

O PAGADOR DE PROMESSAS - de Alfredo Dias Gomes;
EM MOEDA CORRENTE DO PAIS- de Abili P. de Almeida
O SANTO INQUÉRITO- de Alfredo Dias Gomes.

ARENA CONTA TIRADENTES, peça musicada de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, é autorizada nas seguintes bases:

15% da receita bruta de cada espetáculo, com o mínimo garantido de NCr$ 45,00 (QUARENTA E CINCO CRUZEIROS NOVOS) por espetáculo.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

p. Djalma Bittencourt
Diretor Administrativo
Agnello Macedo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.85

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: ... EM MOEDA CORRENTE DO PAIS.

b) Título original: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA - AUTOR.

c) Autor:

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: QUATORZE ANOS, MANTIDA A CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR.

II) Análise

a) Gênero: PEÇA JÁ CENSURADA PELO SCDP E COM CERTIFICADOS EXPEDIDOS EM DUAS OPORTUNIDADES — CERTIFICADO N. 665/68, DE 1º DE OUTUBRO DE 1968 E CERTI-
b) Argumento: FICADO N. 1196/69, DE 24 DE JUNHO DE 1969 —. COUBE-ME, TÃO SÒ MENTE, A COMPARAÇÃO DOS TEXTOS, O QUE FIZ. ESTANDO RIGOROSAMENTE IGUAIS, NADA VEJO QUE IMPEÇA A LIBERAÇÃO DA PEÇA, MANTIDA A MESMA CLASSIFICAÇÃO AN TERIORMENTE DADA, OU SEJA, DE IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS.

c) 1 - Mensagem:

2 - Impressão final:

d) Diálogos:

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 86

f) Personagens:

g) Valor educativo:

III) Conclusão

Brasília, 1º de OUTUBRO de 1969.

Wilson Garcia

Técnico de Censura - Cart. nº 013

Sr. Chefe da Seção de Censura

WILSON DE QUEIROZ GARCIA.

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura WILSON DE QUEIROZ GARCIA, que cotejou os escritos.

TÍTULO:- EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS
AUTOR:- Abílio Pereira de Almeida
RESTRIÇÃO: 14 anos

OBS. Cert. válidos até 24/06/74.

Em, 1º/Out/69

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

À consideração do Senhor Chefe do SCDP.

Em 1º/10/69

Em 1º Out 69.
Expedir certificados

DPF-SAv. 192

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0314 p. 87

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 1836/69

PEÇA " EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS "

ORIGINAL DE " ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA "

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 24 de JUNHO de 1974

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS
ECP

Brasília, 02 de OUTUBRO de 1969

Chefe do S. C. D. P. - ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 1 fôlha nº 58, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS "

Original de AMÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRUPO DE TEATRO NÔVO - LONDRINA - PARANÁ

Tendo sido censurada em 23 de JUNHO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (CATORZE) ANOS .-.-.-. CONDICIONADA AO EXAME DE ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME O § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS: ÊSTE CERTIFICADO SÒMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 02 de OUTUBRO de 1969

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

JOSÉ SANTOS BRAGA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS CPR TEA PTE. 0319, p 78

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.89
SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
25 JUL 09 13 023316
DPF-SRA
RECEBIDO POR:

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO MARANHÃO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 28/77/SCDP/SR/MA

São Luis, 21 de julho de 1977

Ilmº Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
D.D. DIRETOR DA DCDP
BRASÍLIA - DF.

De ordem ao Arquivo em 25-7-77
Nogales

Pelo presente, em anexo, encaminho a Vossa Senhoria 03 (três) vias da peça teatral "EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS" original de ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA, do Grupo Gangorra, para a competente verificação desse Órgão.

Atenciosamente

JAIR DE ALMEIDA
CHEFE DA SCDP/SR/MA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0514, p. 90

TEATRO

TÍTULO Em Moeda Corrente do País

1) ~~SCTC~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 14 ANOS

Praça São Luís - MA

Obs.:

DF. 26 / 07 / 77

Geraldo Cavalcanti

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, s/ cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 29 de julho de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 14 (catorze) anos
Brasília-DF, 05 / 08 / 77.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p. 91

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3041/77

TÍTULO: " EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS"- Abílio P. Almeida

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14(QUATORZE)anos

Procedemos ao confronto dos textos teatrais e constatamos que os mesmos são semelhantes, não havendo alterações significativas.

Sugerimos a liberação da presente peça, com impropriedade para menores de QUATORZE anos, classificação etária estabelecida anteriormente.

Brasília, 29 de julho de 1977.

Yêda Lúcia Netto Peles

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319,p.93

EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

GRUPO GANGORRA - MA

29 JULHO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

05 AGOSTO 77

OFB

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 92

665/77

EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

05 AGOSTO 82

05 AGOSTO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319,P.94

1074/77-SCTC/SC/DCDP 03.agosto. 7

Superintendente Regional do DPF no Maranhão

"EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS"

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Superintendente,

nesse Estado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p 95

DPF-SRA
fl. n.º 07
Rub.

MJ - DPF - SRA/BSB
9 JUN 1057 23279

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M. J. =DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

SRA/FICHADO

OF.
Nº. 4628/76-SCDP/SR/SP

Em, 08 de junho de 1976.

FICHADO
S.A. DCDP

Ao SC,
para as providências legais.
Em 10/6/76

Carislano de Paula Cabral Fagundes
Dir. da Divisão de Censura
DCDP

FICHADO
S.A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., uma via do texto das peças teatrais "A CRIMINOSA, GROTESCA, SOFRIDA E SEMPRE GLORIOSA CAMINHADA DE ALQUI CABA LA SILVA EM BUSCA DA GRANDE LUZ" original de Clovis Levi e Tania Pacheco, "LAMBE BEIÇOS E SEU CRIADO CATA FARELOS" original de Fabio Gaia, "RELATO DE JUDAS" original de Herculano Pires, "FARSA DO MANCEBO QUE CASOU COM MULHER GENIOSA" original de Alejandro Casona, "O REVOLTADO" original de Toni de Lima, "ARTIGO 59" original de Carlos A. A. Campos, "UMA NOITE ENCANTADA" original de Marcos Caruso, "ESTA VIDA É DE MORTE" original de Dulcemar Vieira, "MANSÃO DA PAZ" original de Romilda do C. Gama, "EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS" original de Abilio P. de Almeida, "EQUUS" original de Peter Shaffer.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

A SCTC,
para providencia
Em 10/6/76

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe da Seção de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p. 96

COLETÂNEA TEATRAL CADERNO N. 75

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

...em moeda corrente do país

Comédia em 3 atos

(Representada pela primeira vez em São Paulo, no Teatro Federação, em 16 de dezembro de 1960)

Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

1961

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319,p.97

...em moeda corrente do país

Comédia em 3 atos, de ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO

Sala de estar-jantar de um apartamento, num dêsses edifícios de habitação coletiva, construídos por uma instituição de previdência social.

É um apartamento de fundo e a janela central da sala dá para uma área promíscua.

Entradas à direita e à esquerda.

Decoração moderna, pobre e de gôsto duvidoso.

Mesa, cadeiras, um móvel ao longo da parede para várias serventias, bibelôs, livros, etc., etc.

Um aparelho de televisão.

Mais ou menos 10 horas da manhã.

Um rádio funciona furiosamente no apartamento vizinho.

Guimarães trabalha, sentado à mesa. Escreve, anota, faz contas, numa pequena máquina de calcular, compulsa processos e examina papéis espalhados pela mesa.

É homem de seus 35 anos, sem mocidade, tipo normal, classe média. Trabalha em mangas de camisa, sem gravata. O paletó está no espaldar de sua cadeira.

É difícil concentrar-se no serviço com aquele locutor gritando desesperadamente os "slogans" publicitários. E que publicidade!

LOCUTOR — Senhoritas! atenção! Halitol é a garantia de um noivado! O mau hálito acaba com qualquer namoro! Halitol acaba com qualquer mau hálito! Halitol, pela manhã, Halitol ao deitar-se. Vai ver a noiva? Halitol. Halitol, sempre Halitol. À venda em tôdas as farmácias e drogarias, que se presam! Halitol! Não se esqueçam! Halitol!

LOCUTOR — Prisão de ventre?! Laxativos Trovão (barulho de trovão). Não há mais prisão de ventre! Em pílulas, óra pílulas! Laxativos Trovão — é a solução.

LOCUTOR — Dentrifício Pérola! A pérola dos dentifrícios! Use dentifrício Pérola e seu sorriso serão pérolas!

LOCUTOR — Senhora e senhoritas! Loiras e morenas! Para o cheiro de corpo não basta só água e sabão! Usem Cecedida! Com sabão ou sem sabão, Cececida é a própria expressão de seu nome — Cececida mata qualquer cecê.

LOCUTOR — Número um — escassez. Número dois — excesso. Regulador Gesteira.

LOCUTOR — E agora um pouco de música oriental. O programa que passaremos a ouvir —Ritmos do oriente — é patrocinado pelo comércio da rua 25 de Março. Ritmos do Oriente é a hora da saudade levantina. Façam suas compras na Rua 25 de Março. Medidas exátas. Pesos exátos. Preços sem redução. Os mais baixos da praça. Comprando na 25 de Março, o senhor, a senhora, a senhorita, levará um embrulho, sem ser embrulhada. E por pouco dinheiro. O dinheiro não interessa. O que interessa é que o freguês saia satisfeito para voltar. E vamos ouvir o primeiro número do programa — Ritmos do Oriente — Saudades de Beirute — Música de Wadih Chama — Letra de— Farid Derah.

(E segue uma langorosíssima música síria).

(Guimarães esboça um gesto de impaciência. Não póde trabalhar com êsse barulho. Resolve levantar-se. Dirige-se à janela para fechá-la. Na ação de fechar a janela é interrompido pela voz da vizinha, Dona Hermengarda, com pronunciado acento nordestino).

VOZ DE HERMENGARDA — Bom dia, seu Guimarães.

GUIMARÃES — Bom dia, dona Hermengarda.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Dona Floripes está?

GUIMARÃES — Como? Não entendi?

VOZ DE D. HERMENGARDA — Dona Floripes está em casa?

GUIMARÃES — Não, senhora. Foi à feira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.98

VOZ DE D. HERMENGARDA — Foi aonde?

GUIMARÃES — À feira. Mas volta já.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O que? Fale mais alto, seu Guimarães.

GUIMARÃES — É o rádio.

VOZ DE D. HERMENGARDA — É o que?

GUIMARÃES — O rádio.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Espera um pouco.

(O rádio é desligado. Guimarães suspira aliviado.)

VOZ DE D. HERMENGARDA — Seu Guimarães: o sr. póde me fazer um favor?

GUIMARÃES — Às ordens, dona Hermengarda.

VOZ DE D. HERMENGARDA — É de me emprestar o último número de "Grande Hotel". Dona Floripes tem. Ela comprou êle.

GUIMARÃES — Pois não. Vou ver se está aqui.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Vou buscar, então. Aí na porta.

(Guimarães sai da janela. Procura pela revista. Encontra-a. Sai da sala. Ouve-se o diálogo, no vestíbulo.)

VOZ DE D. HERMENGARDA — É essa mesma. Hoje de tarde devolvo para dona Floripes. Estou acompanhando a novela — "Honestidade de amante" — Muito bonito. Real. O sr. não leu?

VOZ DE GUIMARÃES — Ainda não, senhora.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Adoro história de quadrinho. É a coisa melhor que tem. Cinema e fotonovela! E é instrutivo, o sr. não acha?

VOZ DE GUIMARÃES — Acho, sim senhora.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Muito obrigada. Póde ficar sossegado que hoje de tarde, o mais tardar, de noite, eu devolvo. Até logo. Obrigada.

VOZ DE GUIMARÃES — Até logo, dona Hermengarda.

(Guimarães volta à sala. Silêncio. Não se ouve mais o rádio. Guimarães senta-se à mesa e vai reiniciar o trabalho, mais esperançado. Nem bem recomeça o serviço, entra furiosamente o som do rádio de dona Hermengarda. Guimarães não se aguenta. Vai à janela e chama, com veemência.)

GUIMARÃES — Dona Hermengarda: Dona Hermengarda!

VOZ DE D. HERMENGARDA — Que é, seu Guimarães?

GUIMARÃES — A senhora póde me abaixar um pouquinho o rádio, por favor?

VOZ DO LOCUTOR — Sal de frutas Demo alivia o seu ventre e melhora o seu máu humor.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O sr. precisa tomar sal de frutas Demo, seu Guimarães. O sr. anda muito azêdo.

GUIMARÃES — É o meu fígado. Suco hepático.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O quê?

GUIMARÃES — Hepático.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O senhor é simpático, mas tem máu humor. Quem tem máu humor não póde morar em apartamento.

(Baixa sensìvelmente o som do rádio. Mas fechou a janela e cerrou a cortina, abafando completamente o som.

Uns instantes após, entra Floripes, vinda da feira. É mulher de seus trinta e poucos anos. Tipo de mulher nervosa e agitada que fala, fala sem parar. Veste calça comprida e malha. Não é elegante, mas está bem, na sua indumentária de ir à feira. Traz um carrinho com os mantimentos que comprou. Floripes entra em cena e ataca logo a fala, não parando de falar).

FLORIPES — Não sei como não rebenta logo uma revolução nesta terra. Nós somos mesmos uma carneirada! Uma carneirada! Um absurdo! Não se póde mais ir à feira! Uma barbaridade! Não há dinheiro que chegue. Da semana passada para agora tudo subiu! Os preços sóbem de semana a semana! Você se lembra de que quando nos mudamos para êste cortiço... porque isto aqui é um cortiço... não é prédio de apartamento... um cortiço! Eu me casei com você e acabei morando num cortiço! Mas não há de ser por tôda a vida, não. Nem que você queira. Isso é que não. Se você pensa que eu vou morar neste viveiro, neste galinheiro, o resto da vida, está muito enganado... Mas que calor! Isto aqui está abafado! Também com a janela fechada! Só você mesmo!

GUIMARÃES — Fechei por causa do rádio, alí, da Hermengarda. Não podia trabalhar com o barulho.

FLORIPES — É o que eu estou dizendo! Uma gentinha!

GUIMARÃES — São funcionários públicos! Colegas nossos!

FLORIPES — Que colegas! Você pensa que por eu ser funcionária pública...

GUIMARÃES — ...você é melhor que os outros?

FLORIPES — Que essa gente aí sou. Pelo menos tenho educação. Se não nasci rica, pelo menos fui bem educada. Essa gente não tem educação para morar em apartamento. Onde já se viu botar o rádio alto? Gentinha.

BR DFA... BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 99

Gentalha. É isso. Pobreza é isso. Eu podia ser rica...

GUIMARÃES — ...Era só fechar os olhos...

FLORIPES — E que adiantou? Não casei com êle porque era feio...

GUIMARÃES — ...feio é apelido!

FLORIPES — E que é que eu ganhei me casando com você?! Você é bonito, por acaso? Que é que adiantou? Êle está lá morando no Jardim América, automóvel e tudo. Acabou casando com mulher bonita... e eu... eu aqui... indo à feira... trabalhando...

GUIMARÃES — Até que de trabalho você não póde se queixar.

FLORIPES — E eu me queixo? Não estou-me queixando! Não adianta. Eu não sou de falar. Suporto tudo quetinha. Mas um dia eu estouro. Ah! Isso eu estouro! E ninguém me segura. Vou aguentando, calada... Mas um dia a casa cai. Hoje na feira já dei o "show"! Não se póde mais ir à feira sòzinha! Uma senhora não póde mais ir à feira! É tudo uma roubalheira e além do mais é falta de educação geral. É só palavrão. Não respeitam mais ninguém. A gente passa perto do guarda, de fiscal, ouve-se palavrão, e o polícia não faz nada. Nem o fiscal. O fiscal não fiscaliza nada. Está alí para agradar os feirantes e ir ganhando suas gorgetas. Êles pagam, mas abusam. E afinal de contas quem paga é o povo!

GUIMARÃES — Alguém lhe faltou com o respeito?!

FLORIPES — Que faltou com o respeito nada! Eu é que dei uma lição. Na barraca tinha uva. Cem cruzeiros o quilo. Um absurdo! Nem que fôssem de ouro! Cem cruzeiros o quilo. Peguei uma, uma uva só. Para experimentar. Não ia comprar uva ordinária por cem cruzeiros. E o galego gritou comigo. — "A um cruzeiro o bago". — Falou gritando. Malcriado. Eu disse: "Ah! É! Um cruzeiro?" — Me deu uma raiva! Eu já estava esquentada... não aguentei... Peguei o cacho todo joguei com fôrça no chão, esmigalhei... esmigalhei os bagos todos. — "Agora conta. Conta, quantos são. E vai cobrar do meu marido. Quer saber em que repartição êle trabalha? Quer?" — O homem não disse nada. Também, se êle abre a bôca eu jogava outro cacho na cara dêle. São uns covardes. Quando viu que eu estava disposta, que não tinha mêdo, ficou quieto... Ah! Eu tinha que ter nascido homem...

GUIMARÃES — Daquí a pouco vem o homem encrencar aqui na porta. Você deu nosso enderêço?

FLORIPES — E era para vir, mesmo.

GUIMARÃES — E você me punha na fogueira, com os seus bagos de uva?

FLORIPES — Não precisa ficar nervoso, que êle não vem não. Êle ficou com mêdo é de mim! Eu tinha que ter nascido homem!

GUIMARÃES — Acho melhor você não ir mais à feira. Você é muito briguenta. Um dia acontece qualquer coisa de muito desagradável. O melhor é você não ir mais.

FLORIPES — Você pensa que vou à feira por gôsto? E quem é que vai? Você? A Dalva?

GUIMARÃES — Não. A empregada.

FLORIPES — E onde é que está aquela desgraçada? Ainda não veio!! Se vou esperar por ela, ficamos sem almôço. E nós vamos ficar sem almôço mesmo, porque vou mandar ela embora... Ela pensa que sou idiota! Que horas são? São dez horas! Mais de 10 horas! E ela ainda não veio. Justamente dia de feira. É uma semvergonha! Não faz nada!

GUIMARÃES — Como não faz nada?! Faz almôço e jantar. Limpa a casa.

FLORIPES — É claro. Eu não vou esperar que você me dê razão! Você nunca me deu razão! Eu vou morrer e você nem no caixão vai me dar razão. Eu sei que é assim. Não adianta me queixar. Por isso que eu não abro a bôca. Você defende a criada. Você defende aquela semvergonha, contra mim. É claro. Mas ela vai embora. E é hoje. Nem vai fazer o almôço. É chegar, fazer meia volta e ciáo mesmo. Tua irmã que faça o almôço. Eu não tenho fome. Tua irmã, que é folgada, que vá para a cozinha. Eu é que não vou fazer fôrça. Não me casei para ser sua criada.

GUIMARÃES — Está certo. O melhor é você não despachar a empregada, até arranjar outra.

FLORIPES — E onde vou arranjar outra? Ninguém quer trabalhar neste cortiço. Só a pêso de ouro!

GUIMARÃES — Pois vamos aumentar o ordenado...

FLORIPES — É. Vamos dar todo o dinheiro para a empregada. Você é que devia tratar de ganhar mais. Você é mole. Molenga. Trabalha... trabalha... trabalha. O expediente é só de tarde. Você traz serviço para casa. Fica enchendo a mesa com essa papelada. A gente nem póde ouvir televisão. Não se póde fazer mais nada.

GUIMARÃES — De manhã não há televisão.

FLORIPES — Você devia trabalhar na repartição. Assim lhe pagavam tempo integral. Mas você é mole! O que é que se vai fazer? Na sua repartição todo o mundo está bem. Ninguém faz nada e ainda ganham por fóra. Mas você é que há de trabalhar de graça...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.100

GUIMARÃES — Floripes: Não fale mal de meus colegas. Todos trabalham e muito.

FLORIPES — Conversa. Trabalham meio expediente e olhe lá! E não me venha dizer que não comem por fóra! O dinheiro dêles não é de borracha. Se ganham como você, não podem ter automóvel e nem jogar nas corridas. Você ganha, eu ganho... a Dalva ganha e o nosso dinheiro dá apertado! Se alguém aqui ficar doente eu não sei como é que vai ser! E lá o pessoal a viver folgado. Boa casa; a mulher luxando. D.K.W. Cinema todo o dia... Teatro... Nós nem podemos ir a teatro, que é caro! Não, Guima: aquilo não é só ordenado, não. Essa não passa por aqui... Aliás, todo o mundo sabe...

GUIMARÃES — Você não deve estar falando sem saber. Êles têem outras fontes de renda... você não deve estar falando...

FLORIPES — Estou falando para você, que é meu marido. Também se não posso me desabafar com meu próprio marido... Aliás não sou palmatória do mundo. Nós é que somos idiotas. Nós, não. Você. Você é que é um perfeito idiota. Me desculpe a franqueza, mas é...

GUIMARÃES — ...idiota, não. Honesto, é o que você quer dizer?

FLORIPES — Homem... não sei... por isso me calo... Mas, nos tempos que correm... honesto ou idiota é quase a mesma coisa.

GUIMARÃES — Mas tem o — quase — que atrapalha.

FLORIPES — Atrapalha você, mas tem ajudado os outros. O que eu sei é que todo o mundo se vira e vai para a frente. E nós aqui nesta dureza...

GUIMARÃES — Não acho que seja tanta dureza. Vivemos decentemente... Não devemos nada a ninguém. Temos nosso teto...

FLORIPES — Teto?! Você chama isto de — teto — ?! Está bom! Não vou discutir êsse assunto com você. Você nunca me deu razão. Mas que está na cara, está. Isso ninguém diz o contrário. Só você. O mais cego é aquêle que não quer ver. Não é, não quer ver. É que você não tem peito. Peito, Guima, peito. Você nasceu é pra isso: trabalhar, trabalhar, ganhar uma micharia, viver uma vida micha e quando morrer, nem lugar no cemitério tem. É na vala comum. Viver assim não é vantagem. Vantagem é ganhar a gaita. De um geito ou de outro, a gaita é que vale. O dinheiro é que manda, Guima. Porque que êles não bolem com quem tem dinheiro? A corda sempre rebenta do lado mais fraco. Bem, não adianta falar. Estou pregando no deserto. O melhor é levar isto para dentro... Uma dúzia de ovos, oitenta cruzeiros! E você vem me falar em honestidade! Quanta gente não roubou para o ôvo chegar a êste preço! Vou te contar! Não é só o dono da galinha não. É todo o mundo! E para pagar ôvo a oitenta cruzeiros a dúzia, só com dinheiro roubado! Na semana que vem vai estar a cem! Vou te contar...

(Floripes sai com o carrinho da feira.)

(Guimarães observa a sua saída, no mais absoluto conformismo e volta para seus estudos e cálculos.)

(Entra a empregada, Edwiges, prêta ou mulata pernóstica.)

EDWIGES — Bom dia, seu Guima. A patrôa está, não está, não?

GUIMARÃES — Está na cozinha. Acabou de vir da feira.

EDWIGES — HI! Hoje é dia de feira! Dia de feira é espeto! Não é que eu me atrazei por ser dia de feira. Até que eu gosto de ir à feira. Mas a patrôa vai pensar que eu manquei só por ser dia de feira...

GUIMARÃES — É melhor você explicar tudo diretamente a ela.

EDWIGES — Eu careço de dar explicação. Minha obrigação é fazer a comida e limpar a casa. Tenho tempo para tudo. A comida chega sempre na hora e a casa está sempre arrumada. Obrigação de ir na feira não tenho. Vou porque me apraz. Gosto de espairecer um pouco...

GUIMARÃES — Não sei se você deve explicar ou não. Vá entender-se com ela.

EDWIGES — O senhor não acha que estou com a razão, seu Guima?

GUIMARÃES — Não sei. Só sei que você entrou muito tarde, hoje.

EDWIGES — O senhor também já quer me dar a bronca, seu Guima?

GUIMARÃES — Eu não quero dar... êsse assunto não me interessa. Me deixe trabalhar um pouco...

EDWIGES — O senhor está azêdo hoje, seu Guima...

GUIMARÃES — E faça o favôr de não me chamar de Guima. Meu nome é Guimarães.

EDWIGES — Está certo, Dr. Guimarães...

GUIMARÃES — E não sou doutor.

EDWIGES — O negócio que está azarado por aqui hoje está. Até seu Guima, seu Guimarães, que é uma môça... É. É noroeste de banda errada. Quando o Noroeste vem de lá, está bem. Mas quando sopra de cá, então é andar de figa e se benzer. Eu figa não trouxe e me benzer não posso...

GUIMARÃES — É. Então a coisa vai mal para o seu lado! Prepare-se, que vem pé de vento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.101

(Entra Floripes.)

EDWIGES — Bom dia, dona Floripes. A senhora me desculpe de eu chegar atrazada, mas não foi por causa da feira, não.

FLORIPES — Não é questão de atrazo, é que há muita coisa aqui que não está certo.

EDWIGES — O que é que não está certo?

FLORIPES — Em primeiro lugar, isso não é horário. Você sabe muito bem que você deve entrar às oito...

EDWIGES — Às oito, não senhora, às nove. Quando a senhora me tratou foi às oito, mas depois a gente viu que às oito não adiantava nada e passou a ser às nove.

FLORIPES — Mas são mais de dez.

EDWIGES — É que deu galho lá em casa. Houve briga. Tive que ir na delegacia prestar declarações.

FLORIPES — E ainda por cima criando caso com a polícia...

EDWIGES — AH! Isso é com a minha vida particular, ninguém tem nada com isso. O que acontece aqui, nesta casa, está certo, quer dizer, tenho que dar satisfações... mas fóra daqui, na minha vida privada... a coisa é comigo... se a casa está limpa e a comida na hora...

FLORIPES — Mas eu soube que na nossa ausência, durante o expediente da repartição, você recebe pessoas aqui em casa. E isso não é possível! Não posso admitir uma coisa dessas!

EDWIGES — Já foram fazer fofóca para a senhora! Vejam só! Foi uma vez... uma vez não... foram duas vêzes... juro que foram só duas vêzes... quero cair dura aquí de ataque, se foi mais de duas vêzes...

FLORIPES — Então? Recebeu, não é? E você acha que isso está direito? Eu ser chamada a atenção pelo zelador do edifício?!

EDWIGES — Mas não foi para safadeza não, dona Floripes. Quero morrer torrada agora mesmo, se não é verdade. Foi meu primo...

FLORIPES — É sempre a história do primo...

EDWIGES — Está bem... essa de primo não pega mais... Mas não foi para safadesa... Eu respeito a moral da casa dos outros... Eu tenho minha moral e respeito a dos outros. Não é como muita gente que conheço. Não me faça falar...

FLORIPES — O que você quer dizer com isso?

EDWIGES — Nada. Não quero dizer nada.

FLORIPES — Vamos. Explique-se. O que você quis insinuar? Não gosto das coisas assim. Trata-se de alguém desta casa?

EDWIGES — Não, senhora. Não é nada. Não é com esta casa.

FLORIPES — Você não póde receber ninguém nesta casa, na nossa ausência. Está certo?

EDWIGES — Está bom, dona Floripes.

FLORIPES — E tem mais. É melhor a gente falar as coisas, para não haver mal entendidos. Não adianta depois vir me dizer — eu pensei que — Isso não. Comigo é tudo combinado, esclarecido e tratado...

EDWIGES — Eu estou dizendo que a coisa está virada hoje...

FLORIPES — O que é? O que foi que você disse?

EDWIGES — Não foi nada. Prossilga, dona Floripes.

FLORIPES — Pois é. Eu sei que você leva coisas para casa. Mantimentos. Comida que sobra. Você leva tudo. Isso eu não quero.

EDWIGES — Como é que eu levo coisas para casa? Aqui nunca sobrou nada! Cozinho numa marreta desgraçada!

FLORIPES — Leva, sim senhora. Leva pouco, mas leva. E eu não quero que leve nada. Ora essa! Ontem você levou dois ovos. Isso que eu sei, porque contei. Fóra o que eu não sei.

EDWIGES — Puxa, vida! Que micharia!

FLORIPES — Póde ser. Não é pela quantidade. É que não está direito! Você tem que respeitar a propriedade alheia. O que está na cozinha não lhe pertence, seja pouco ou seja muito.

EDWIGES — Estou vendo que a senhora quer que eu vá embora.

FLORIPES — Não estou lhe mandando embora. Mas se você quer continuar, tem que ser conforme combinamos. E tem mais uma coisa.

EDWIGES — É a última?

FLORIPES — É. Eu sei que você, assim que a gente sai, você abre a televisão a tarde tôda. Isso também não quero. Não quero que bula na televisão.

EDWIGES — Sabe o que mais, dona Floripes. A senhora quer mesmo que eu vá embora. Pois, vou. Prefiro catar papel na rua que trabalhar nesta micharia! Puxa vida! Nem televisão! A televisão fica aí mofando! É. Eu vou me embora. Vou catar papel na rua.

FLORIPES — Está muito em moda. Depois você escreve um livro.

EDWIGES — Quero ver a senhora arranjar uma empregada paciente como eu?! Está tudo trabalhando em fábrica.

FLORIPES — Se não arranjar, paciência.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319 p 102

Eu sei me virar. Fui educada no trabalho e não na dependência de empregada.

EDWIGES — Não é pela senhora. É pelo seu Guimarães que se acostumou com o meu tempêro.

FLORIPES — Êle se acostumará com outro, não se incomode.

EDWIGES — Êle se acostuma com tudo, coitado! Que remédio, não é seu Guima? Bom. Então, eu vou me embora mesmo. Aqui não venho mais, nem morta. Póde fazer minhas contas.

FLORIPES — Só no fim do mês. Você é quem vai sair. Não lhe mandei embora. O ordenado só no fim do mês.

EDWIGES — Deixa. Meu marido vem buscar o dinheiro.

FLORIPES — Pois que venha. Só no fim do mês. Antes, pódem vir seu marido, seu pai, sua mãe, tôda a sua família, que não recebem nada. Não pense que eu tenho mêdo. E póde ir embora já. Se é para ir, que vá já.

EDWIGES — Tá. Depois nóis acerta. Até logo, seu Guimarães. Te guenta aí, seu Guimarães.

(Edwiges sai.)

FLORIPES — Ah! Eu devia ter nascido homem!

GUIMARÃES — Para quê? Deus nos livre?!

FLORIPES — Para encher a cara dessa negrinha! Viu o que ela disse? Como se eu fôsse alguma jararáca! Você acha que está certo passar o dia todo ouvindo televisão? Está certo? Levar coisas para casa? Receber pessoas aqui? Você viu o que ela insinuou?! Garanto que isso é com a Dalva!

GUIMARÃES — O que é que há com a Dalva?

FLORIPES — Não sei. Mas o que a Edwiges insinuou foi com a Dalva. Com sua irmã e o Gervásio. Ela recebe o Gervásio aqui. É isso.

GUIMARÃES — E o que é que tem que o Gervásio venha aqui. Êle é meu amigo. Meu colega.

FLORIPES — É que êle vem aqui, sòzinho com ela. Ela é môça solteira. Isso não está certo. Eu não tenho nada com a vida dela. Ela é maior, livre. Tem você que é irmão. Mas mora aqui em casa. Isso não está certo.

GUIMARÃES — Você põe veneno em tudo!

FLORIPES — Eu não estou dizendo nada. Quem devia ver isso é você. Mas você fecha os olhos. É como a avestruz. Prefere fechar os olhos. Eu não gosto de falar. Mas o caso já está na bôca da negrinha.

GUIMARÃES — Ela não disse nada.

FLORIPES — Não disse nada, mas estava na cara. Eu devia ter apertado ela, que ela se explicava.

GUIMARÃES — Para quê?

FLORIPES — Pelo menos você ficava sabendo. Você teria que tomar uma atitude.

GUIMARÃES — E que atitude iria eu tomar? Vou expulsar minha irmã de casa?

FLORIPES — Não sei. Isso é com você. Aqui em casa é que não quero que se encontrem. Isto aqui não é "rendez vous".

GUIMARÃES — Como você é maldosa! Floripes! Porque você fala assim, de sua cunhada? Ela trata você tão bem! Trabalha. Ganha sua vida! Decentemente! Não teve a sorte de se casar.

FLORIPES — Sorte de se casar? Como eu!? Quer me enganar que tive a sorte de me casar? Com você! Sorte de casar, eu!

GUIMARÃES — Eu não disse nada, Floripes. E vamos dar o assunto por encerrado.

FLORIPES — Eu falo quanto quiser! Engraçado! Diz o que quer e depois quer dar o assunto por encerrado! Essa é boa!

GUIMARÃES — Então, fique falando sòzinha.

(Guimarães levanta-se, começa a arrumar sua papelada para retirar-se, quando se ouve uma discussão no apartamento vizinho. A voz de dona Hermengarda e possìvelmente a de seu marido, ou do homem que vive com ela.)

VOZ DO MARIDO — Vamos acabar com isso! Você é uma vagabunda! Uma cachorra! Uma cadela! Cala a bôca!

VOZ DE HERMENGARDA — Cala a bôca a sua mãe, ouviu?

VOZ DO MARIDO — Repita, aí, sua vaca!

VOZ DE HERMENGARDA — Me bate! Me bate!

VOZ DO MARIDO — Olha que eu te quebro a cara! Um dia ainda te dou tanta pancada! Sua cachorra! Eu que te pegue de nôvo com êle! Não sei como não te esgano!

VOZ DE HERMENGARDA — Cachorro é você, seu canalha!

VOZ DO MARIDO — Cala a bôca!

VOZ DE HERMENGARDA — Me mata! Me mata!

(Ruído de pancadaria. O marido bate em Hermengarda. Esta põe a bôca no mundo. Pancadaria e gritos.)

(Floripes não se contém. Vai à janela e grita.)

FLORIPES — Vou chamar a rádio patrulha! Vou chamar a rádio patrulha!

(A pancadaria e a gritaria cessam.)

VOZ DE HERMENGARDA — Cuida da vida da tua cunhada que é melhor!

(Floripes fecha imediatamente a janela e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.103

cerra a cortina. Momento de expectativa. Floripes considera Guimarães.)

FLORIPES — Você está vendo? Está na bôca do povo!

GUIMARÃES — Você fêz muito mal em intervir. Devia ter fechado a janela e pronto.

FLORIPES — E êles a darem escândalo aí?! E eu sou obrigada a ouvir essas coisas? Vou me queixar com o zelador. Isso não pode continuar. Que gentinha mais réles! E você ouviu o que êle disse? Foi bom que você ouvisse. Está na bôca do povo. Falam no edifício. Falam na repartição. E eu ter que morar neste cortiço! Mas não há de ser para tôda a vida, não. Não tem perigo! Eu não aguento isso! Nem morar com tua irmã, de vida irregular. Vida suspeita! Suspeitíssima! E muito menos morar neste cortiço, a ouvir pancadaria e palavrões. Deus que me livre! Isto não é vida! E agora aquela estúpida foi-se embora. Eu é que não vou ter empregada para ouvir televisão e levar comida para seus homens. Isso não. Quer ir se embora, que se vá. Comigo aqui tem que andar direito. Não tem ninguém para fazer almôço. Eu é que não vou para a cozinha! Também é demais! Aguentar o que eu aguento e ter de fazer comida?! Não. Nunca! Não vou para a cozinha. A Dalva que vá. Onde está ela? Está dormindo! Leva a vida mansa! Não tem marido para chatear! Vida mansa! Está dormindo! Qual é a dela? Mas comigo, não. Almôço eu não vou fazer. Não tenho fome. Tomo um copo de leite, um pedaço de pão com manteiga e pronto.

(Entra Dalva. É uma môça bonitinha, simpática, de seus vinte e oito anos. Veste saia esporte e está sem blusa, apenas de "soutien". Traz a blusa na mão, para passar.)

DALVA — Bom dia. Bom dia, Guima. Bom dia, Floripes.

GUIMARÃES — Bom dia, Dalva.

DALVA — Onde está a Edwiges? Queria que ela passasse esta blusa. É a única que tenho para hoje.

FLORIPES — A Edwiges despediu-se.

DALVA — Quando?

FLORIPES — Hoje, agora. Chegou tarde. Levou pito. Achou ruim e foi-se.

DALVA — E agora?

FLORIPES — E agora! E agora! E agora arranja-se outra. Que o mundo não vai se acabar, só porque a negrinha foi se embora. Hoje não tem almôço. Que eu não vou para a cozinha. Só se você fizer, Dalva. Faça para o Guima, porque eu não preciso.

DALVA — Você quer que eu faça um almocinho para você, Guima? Faço num instantinho. Um bife, ovos...

GUIMARÃES — Póde deixar, Dalva. Como de leiteria. E o jantar?

FLORIPES — Eu janto com papai.

DALVA — Jantar não é problema. O almôço é que é para agora.

GUIMARÃES — Não tem importância. É que precisamos arranjar outra empregada.

FLORIPES — Pode deixar que eu arranjo. Isso é comigo.

(Floripes sai.)

DALVA — Você ainda vai trabalhar na mesa, Guima? Eu queria passar a blusa.

(Guimarães pega um processo e vai para a cadeira onde se senta. Dalva, com certo método, faz lugar na mesa, enquanto liga o ferro elétrico, que estava guardado no móvel ao longo da parede. Prepara-se para passar a blusa.)

DALVA — Se você quiser, podemos almoçar juntos. Eu, você e o Gervásio. Êle vem me buscar. Nós entramos na repartição, assinamos o ponto e saimos para almoçar. Você quer?

GUIMARÃES — Não vai dar tempo. Estou muito ocupado com o levantamento dêstes débitos. Vou ter muito serviço, por êstes dias.

DALVA — Aliás, o Gervásio queria muito falar com você...

GUIMARÃES — Sôbre que assunto? Quer pedir você em casamento?

DALVA — Antes fôsse. Mas sei que é assunto sério e que te interessa.

GUIMARÃES — Com o Gervásio o assunto que mais me interessa é o casamento com você.

DALVA — Ora, Guima! Deixe eu com o Gervásio assim, que está muito bem.

GUIMARÃES — Está bem, mesmo, Dalva?

DALVA — Isso é comigo. Sou maior de idade, não tenho pai nem mãe a quem dar satisfações, ganho a minha vida...

GUIMARÃES — ...está certo. Não se fala mais nisso. Eu só queria que você se casasse, se fixasse na vida, se definisse.

DALVA — É... Eu também queria... falar é fácil... Você já terminou êsse levantamento? São muitas emprêsas?

GUIMARÃES — São todos os maquinistas.

DALVA — Todos?

GUIMARÃES — Todos... bem entendido... os que não exportam... os que vendem aos exportadores.

DALVA — A cifra é grande?

GUIMARÃES — A sonegação é enorme. É total.

DALVA — Você tem mêdo de investir contra uma classe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319,p.104

GUIMARÃES — Mêdo de que? Cumpro a minha obrigação. Êles não pagaram o impôsto! Eu não estou investindo contra ninguém. Estou apurando. Fazendo um levantamento fiscal, de acôrdo com o serviço que me é atribuído.

DALVA — Mas você ainda não apresentou o serviço?

GUIMARÃES — Não. Ainda há muito o que fazer. Quero apresentar o levantamento integral. Completo. E encerro o caso. Depois, é com os outros. É sôbre isso que o Gervásio quer me falar?

DALVA — Acho que sim.

(Dalva experimenta o ferro elétrico. Vai passar a brusa.)

DALVA — Que calor? Como aqui está abafado! Também com a janela fechada! Porque fecharam a janela, com êste calor?

GUIMARÃES — É que lá, com a Hermengarda, estava mais quente que aqui.

DALVA — Brigaram novamente?

GUIMARÃES — Para variar. Pancadaria da grossa. E xingação.

DALVA — Quem sabe se já acabou? Vou ver.

(Dalva abre a janela com cuidado. Silêncio.)

DALVA — Reina paz em Varsóvia.

GUIMARÃES — Depois da tempestade vem a bonança.

(Dalva volta ao seu mistér. O diálogo prossegue, enquanto Dalva passa a blusa.)

GUIMARÃES — O Gervásio está bem de vida?

DALVA — Não sei bem. Deve estar. Porque?

GUIMARÃES — Porque você não força um pouco a situação?

DALVA — Que situação?

GUIMARÃES — Você não gosta dêle? Êle não gosta de você? Você gostaria de se casar com êle?

DALVA — Naturalmente.

GUIMARÃES — Então? Porque você não força um pouco a situação?

DALVA — Isso não é assim tão fácil, não. Já falei a respeito e refalei. Não quero insistir. Êle diz que não tem condição para se casar.

GUIMARÃES — Mas, êle ganha bem!

DALVA — Não tanto quanto deseja. E, além disso, êle diz que não está preparado psicològicamente para o casamento. Diz que é contra o casamento.

GUIMARÃES — Contra o casamento, ora bolas? Uma situação bem cômoda essa!

DALVA — Então? Se é cômoda, para que se amolar? Qual é o dêle?

GUIMARÃES — Mas eu pergunto: qual é o seu? Afinal de contas você é uma môça solteira...

DALVA — Pois é. Mas êle não quer, não é? Eu devia terminar, não é? Isso é fácil de falar... Mas eu gosto dêle. E depois... a esperança é a última que morre... não é?

GUIMARÃES — Você ainda tem esperanças de casar-se com êle?

DALVA — Naturalmente. A gente vive dessa esperança. Sou uma môça absolutamente normal. Gostaria de me casar, ter filhos...

GUIMARÃES — É. Principalmente ter filhos...

DALVA — Desculpe. Saiu sem querer...

GUIMARÃES — Desculpar o quê? É isso mesmo. Eu não tenho filhos. Floripes não tem filhos. É um mal. Um tremendo mal para um casamento. A gente deve ter filhos. Pelo menos dois filhos. Um só também é mal. É mal para o próprio filho. Muitos também é exagêro.

DALVA — Se a Floripes fizer um tratamento, ela poderá ter filhos... O médico disse...

GUIMARÃES — É. Quem sabe? Agora já perdi o elan. O que está feito, está feito. É muito tarde para começarmos.

DALVA — Tarde nada. Floripes é môça. Você é môço. Há tempo para tudo.

GUIMARÃES — Somos casados há mais de oito anos. Mais um, para tratamento. Outro, para ter filho e já lá se vão 10 anos.

DALVA — Que é que tem?

GUIMARÃES — Agora eu falo como o Gervásio: é psicològicamente tarde para ter filhos...

DALVA — Porque? Não acho.

GUIMARÃES — A minha vida com Floripes já desencantou. Não tem mais geito. É melhor deixar as amarras soltas. O barco que tome o seu rumo, o seu destino. Filho seria complicar demais a coisa. Assim, como estamos, vivemos sem compromissos. Isto é: ela não tem compromisso. O dia que quiser: porta da rua é serventia da casa. Eu assumi um compromisso e não fugirei dêle.

DALVA — Também não acho que seja assim. Não há razão para os dois estarem se suportando...

GUIMARÃES — Há razão, sim, senhora.

DALVA — Não acho. Ao contrário: acho que imoral é viver junto sem se gostar. Só porque casou. Isso é que é imoral. Se têm filhos, vivem juntos por causa dos filhos. Mas se não têm filhos, não têm nada e não se amam; que besteira é essa de viver juntos?

GUIMARÃES — É, talvez você tenha razão. Mas cada qual tem seu modo de pensar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.105

E... principalmente... sua maneira de encarar a própria responsabilidade....

DALVA — Você é que sabe.

GUIMARÃES — Posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

DALVA — O que é?

GUIMARÃES — Vou perguntar: Você responde se quiser; se não quiser, é igual.

DALVA — Está bem. Pergunte.

GUIMARÃES — Você **vive** com o Gervásio?

DALVA — Como **vivo** com o Gervásio?! Pois, não moro aquí sòzinha. Se vivesse com êle, iria morar com êle!

GUIMARÃES — Você entendeu muito bem a minha pergunta. Você **vive** com êle?

DALVA — Não. Sou apenas namorada dêle.

GUIMARÃES — Jura?

DALVA — Juro. **(Pouco convincente.)**

GUIMARÃES — E eu tenho que acreditar no que você está dizendo?

DALVA — Acho que você deve acreditar.

GUIMARÃES — Está certo.

DALVA — Afinal de contas, porque tôda esta conversa a meu respeito com Gervásio?

GUIMARÃES — Nada. Porque sou seu irmão. Acho que devo me preocupar um pouco com a sua vida. Ou você não acha?

DALVA — Você nunca tocou no assunto! Não. O que é que está se passando por aqui? Conheço você muito bem. Alguma coisa se passou por aqui. Seja franco comigo. Nós somos amigos. Somos ou não somos amigos?

GUIMARÃES — Somos.

DALVA — Então, me conte. Falaram alguma coisa?

GUIMARÃES — Já se comenta no edifício. Floripes soube que você recebeu o Gervásio em casa, na nossa ausência. E ela não gostou!

DALVA — Bem. O Gervásio estêve aqui. Duas vêzes.

GUIMARÃES — Você acha que isso é direito?

DALVA — Nós não estivemos sòzinhos. A Edwiges estava em casa. E não fizemos nada de mal. Nem poderia ser.

GUIMARÃES — Mas falam, não é?

DALVA — E o que é que você quer que eu faça? A casa é minha, também. Pago pensão. Não estou aqui de favor. Não sou criança. Ganho a minha vida. Acho que posso receber um amigo em minha casa, sem ter que dar satisfações. Demais a mais, não fizemos nada de mal.

GUIMARÃES — Eu não tenho a menor dúvida. Mas dá margem a comentários maliciosos. Isso dá.

DALVA — Que me importa que falem. Se a Floripes acha ruim, eu posso me mudar. O que pago aqui, posso pagar num apartamento pequeno, de sociedade com uma amiga ou colega. Se vivo aqui, é por sua causa. Aliás, você também não precisa de minha pensão. Podem viver muito bem vocês aquí só com o que ganham. É melhor eu ir me embora. Assim ninguém mais vai falar. O que eu não posso é perder o direito de receber um amigo em minha própria casa. Sôbre êsse ponto eu não transijo.

GUIMARÃES — Fica o dito por não dito. Pronto. Não pensei que você fôsse tão brava! Ninguém falou nada, pronto!

DALVA — A gente tem que se defender, ora essa! Já levo uma vida bêsta. Sem graça nenhuma. Não me casei. Não sou rica. Só tenho você. Você e minha liberdade. Minha liberdade é meu consolo e êsse eu defendo.

GUIMARÃES — Naturalmente. Ninguém quer brigar com você. E eu peço que você continue comigo. Você há de reconhecer que morar comigo e Floripes é sempre uma situação para você. Você não é nenhuma môça abandonada. Eu prefiro que você more comigo, do que sòzinha. E também para o meu caso pessoal. Eu lhe peço. Nós aqui precisamos de você. Você, sem querer, ou sem sentir, é o anteparo de muita coisa, que pode acontecer aqui.

(Dalva veste a blusa e vai abraçar o irmão. Faz um carinho no irmão e o beija no rosto.)

DALVA — Guima: eu gosto de você, Guima. Você é a própria vítima de sua boa formação moral. Engraçado! Acontece cada coisa nesta vida! Você é o conformismo em pessoa! Conheço muito bem você. Não é mêdo. Não é falta de energia. É educação. É formação moral. É o senso de responsabilidade. Deixa estar, meu irmão: não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe...

GUIMARÃES — Dalva: você está muito enganada. Eu não estou me queixando, nem lamentando...

DALVA — É como diz o Gervásio: a araruta também tem seu dia de mingáu.

(Toque de campainha.)

DALVA — Deve ser o Gervásio.

(Dalva sai para abrir a porta de entrada. Momentos depois, volta, com Gervásio. É môço de seus trinta e poucos anos, alegre, jovial, bem posto. Não faz muita cerimônia. É de casa, como se diz.)

GERVÁSIO — Que tal? Como leva?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 106

GUIMARÃES — Bom dia, Gervásio. Sempre firme?

GERVÁSIO — Mais ou menos. E você? Muito serviço? Quando é que você vai perder essa mania de trabalhar de graça? Quem trabalha de graça é relógio e quem faz fôrça é guindaste.

GUIMARÃES — Eu não trabalho de graça. Sou pago para trabalhar.

GERVÁSIO — Você ganha para trabalhar um expediente. Eu não tenho nada com isso. Você gosta. O que é de gôsto, regalo da vida. Gostos não se discutem. O que é isso aí? É o caso dos maquinistas?

GUIMARÃES — É.

GERVÁSIO — Você chegou a alguma conclusão?

GUIMARÃES — Há muito tempo. Que existe a incidência nem há dúvida. A questão jurídica, vamos dizer, a questão fiscal é absolutamente clara. O Impôsto sempre foi devido e sempre foi sonegado. A dúvida está no quantum. Acho que a coisa atinge a cifras astronômicas!

GERVÁSIO — Mas... houve má fé por parte dos maquinistas? Êles sabiam que deveriam pagar?

(Dalva sai sem avisar, após uma troca de olhar com Gervásio. Guimarães não percebe o jôgo.)

GUIMARÃES — Eu estou convencido de que houve má fé. A lei é clara. E êles sempre são bem assessorados.

GERVÁSIO — Então, além do impôsto em débito, vai haver multa?

GUIMARÃES — Penso que sim, que devem ser multados. Houve sonegação de má fé.

GERVÁSIO — Mama mia! Então a coisa vai longe! Você não tem mêdo de uma represália? Afinal de contas, tôda uma classe a ser prejudicada!

GUIMARÃES — Que é que eu posso fazer? Sou um modesto funcionário público. Limito-me a cumprir ordens. Não estou inventando nada, nem criando problemas.

GERVÁSIO — É que êles podem fazer uma representação, pelo Sindicato. A coisa póde tomar até um aspeto político.

GUIMARÃES — E daí?

GERVÁSIO — Govêrno póde derrubar a situação.

GUIMARÃES — Melhor para êles. E melhor para mim, também. Não tenho percentagem na arrecadação e muito menos na multa. Para mim é igual. Se lá em cima revogarem a cobrança, melhor.

GERVÁSIO — Mas você fica com uma cara de tacho. Vão chamar você de perseguidor. Guimarães, o Javert do fisco.

GUIMARÃES — Não vejo razão para isso. Nem eu sou um perseguidor e nem êles são miseráveis de roubar um pão.

GERVÁSIO — Eu não topava um negócio dêsses. É antipático.

GUIMARÃES — Meu velho: eu recebo ordenado para fazer levantamentos de débitos fiscais. Não me cabe ser simpático ou antipático. Ao contrário: até ajudo os contribuintes, dou orientação, ensino, coisa que não tenho a menor obrigação de fazer. Mas sonegação é sonegação.

GERVÁSIO — Quanto você está ganhando agora?

GUIMARÃES — O mesmo quê você, não é? Vinte e oito contos, fóra os descontos. Com a reforma vou passar para uns 40.

GERVÁSIO — Como isso?

GUIMARÃES — Claro. Você também; isto é: você um pouco menos porque tem menos tempo de serviço. Eu vou ser aumentado e reclassificado.

GERVÁSIO — E se não sair a reforma?

GUIMARÃES — Como, não sair! Então você não acompanhou os trâmites?! Já está tudo pronto, aprovado e sancionado. Na semana que vem está na rua.

GERVÁSIO — E se você não fôr promovido, nem aumentado?

GUIMARÃES — Não póde ser.

GERVÁSIO — Nesta terra tudo é possível.

GUIMARÃES — Então, seria o caso de se rasgar o Estatuto do Funcionalismo Publico. Mais ainda: jogar fóra a Constituição.

GERVÁSIO — E quantas vêzes já se violou a Constituição? Não seria a primeira e nem a última.

GUIMARÃES — É. Por incrível que pareça, isso póde acontecer. Você sabe de alguma coisa? Vão dar com tudo para trás?

GERVÁSIO — Não sei de nada. É só uma hipótese. Estou argumentando para provar que você não está com tôda a razão nesse seu caso aí. Nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Você não póde se transformar num escravo incondicional de suas obrigações, quando a instituição a que você serve não merece essa incondicionalidade. Ninguém é profeta em sua terra. Não. Não é êsse o provérbio. Não se deve ser mais realista que o rei. Se o Govêrno póde amolecer com os maquinistas, porque há de ser você que vai endurecer? Vai preparar o prato para êles comerem lá em cima?

GUIMARÃES — Isso é da vida, meu velho.

GERVÁSIO — O bom bocado não é para quem o faz e sim para quem o come. Bem. Eu já vi que a coisa vai ser dura. Tenho um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P.107.

assunto a propor a você. Vou falar por descargo de consciência, e digo mais, para seu bem, para seu bem estar e de Floripes e da Dalva também. De tostão a tostão se faz um milhão. Uma óva! Não é na enxada que se fica rico! não! A gente fica rico explorando o trabalho dos outros. Matheus, primeiro os teus. Essa é a ordem. Olha, Guimarães: o advogado do sindicato dos maquinistas é meu primo e mais que parente: meu amigo. Parentes os dentes, diz o ditado. Mas o homem é meu amigo aqui do peito. Posso falar porque tenho a máxima confiança. É aqui, entre quatro paredes. Eu falo, está falado, se você não topar azar seu. Os homens estão apavorados com êsse processo aí que está nas suas mãos. Se essa sua autuação vingar, êles estão perdidos. Vai ser uma quebradeira geral. É uma questão de vida ou de morte.

GUIMARÃES — Mas êles podem pagar em prestações.

GERVÁSIO — E a multa?

GUIMARÃES — É possível que se releve a multa. O advogado, seu primo, criou uma teoria sôbre a não incidência do impôsto. É uma teoria absolutamente falsa. Puro sofisma. Mas tem sua habilidade, não há dúvida. Talvez por meio dela, com boa vontade, relevem a multa, quem sabe?

GERVÁSIO — Pois olhe, meu velho: êles estão com mêdo. E estão com tanto mêdo que me incumbiram de falar com você. Se você der um jeito nisso...

GUIMARÃES — Como é que eu posso dar um jeito nisso?!

GERVÁSIO — O chefe já sabe de suas conclusões?

GUIMARÃES — Claro que sabe. Pois foi êle que levantou a lebre.

GERVÁSIO — Foi você.

GUIMARÃES — Sim. Êle cismou com os maquinistas. Pediu-me para fazer a verificação. Êle está a par de tudo.

GERVÁSIO — Não tem importância. Deixa o chefe comigo que eu controlo...

GUIMARÃES — Controla, como?!

GERVÁSIO — Minha primeira etapa é aqui com você. Os homens estão dispostos a lhe dar três milhões em gaita viva, para você dar para trás com essa incidência. Três milhões! Três mil abobrinhas! Nem mais e nem menos!

GUIMARÃES — Mas não é possível!!

GERVÁSIO — O que não é possível? Arquivar êsse negócio?

GUIMARÃES — Não. Não é possível eu me vender. Êles querem me comprar, Gervásio! E você está se prestando a isso!

GERVÁSIO — Vender... comprar... não são êsses os termos exátos. Três milhões é uma pequena fortuna. Nem você vai se vender, nem êles vão lhe comprar. É uma questão de tese. Você vai ao jurista. Vai consultar o advogado. Vai pedir um parecer. Você faz a consulta e êle pergunta "O senhor quer sim ou não?" — Porque? Porque se o senhor quiser uma resposta afirmativa, tem o que citar os livros do lado esquerdo". Então? Tudo é interpretação. Êles pedem a sua boa vontade para uma interpretação favorável. O caminho já está preparado. Você concorda com a tese do advogado, meu primo, que é mais inteligente que você e conhece direito e pronto. Estará com uma renda aí de sessenta contos por mês. Mais que o dôbro de seu ordenado. E não cria inimigos e não planta para os outros colherem. E ninguém póde falar nada, meu velho, porque quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho.

GUIMARÃES — Então, êles me pagam três milhões?! E o chefe?!

GERVÁSIO — Tem rabo de palha. Deixa que eu controlo êle. Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.

GUIMARÃES — Eu não posso fazer isso.

GERVÁSIO — Porque? São três milhões, meu velho. Pagos na bôca do cofre, em moeda corrente do país. Não fica rabo, não. Você está louco! É sua independência! É um automóvel. É um apartamento melhor para sua família! Não pense só em você, meu velho!

GUIMARÃES — É. O negócio é duro! Porque você vem me fazer uma proposta dessas?! Porque você vem me criar êsse problema? Nunca pensei nessa hipótese.

GERVÁSIO — Porque um dia é da caça e outro do caçador. A araruta também tem seu dia de mingáu.

GUIMARÃES — Já ouvi êsse ditado. Não, Gervásio, não posso aceitar essa proposta. Até devia repudiá-la mais enèrgicamente. Sinto-me culpado de não a ter repelido liminarmente.

GERVÁSIO — Você é um louco!!

GUIMARÃES — Você quer dizer outra coisa: que eu sou uma bêsta. Burro! Burro! Póde ser. Mas nasci assim. Que é que você quer que eu faça? Não dou para êsses golpes, não. Eu tenho que ir devagar, devagar. Olhe: com o aumento da reforma, sou capaz até de comprar um automóvel. De segunda mão, é claro. Para quê eu vou me lançar em altas cavalarias? Enveredar por êsses caminhos? Não. Você me desculpe. Gervásio, mas não posso aceitar.

GERVÁSIO — Quer dizer que você recusa os três milhões?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 108

GUIMARÃES — É. Recuso. Dá dó, mas recuso.

GERVÁSIO — Por honestidade?

GUIMARÃES — Não sei. Talvez, sim. Por princípio.

GERVÁSIO — Que loucura! Você vai é botar na mão do Chefe êsses três milhões, você vai ver!

GUIMARÃES — Paciência.

GERVÁSIO — Êle já está rico. Agora é sua vez! Isso é de amargar! Êle vai dar para trás com a sua autuação, com todo o seu trabalho. Vai virar herói e se encher da gaita! à sua custa! Vai ver que já fêz isso de propósito! Tocou você na frente para criar a dificuldade e vai vender a facilidade. À sua custa. E quem faz o papel de bôbo será você. Tem dó, Guimarães, tem dó!

GUIMARÃES — Eu sou assim, que é que você quer que eu faça? Você pensa que eu gosto de ser assim? Não gosto.

GERVÁSIO — Você disse que ainda não concluiu o serviço?

GUIMARÃES — Falta muito, ainda.

GERVÁSIO — Quantos dias?

GUIMARÃES — Uns quinze, trabalhando aqui em casa.

GERVÁSIO — Então você tem tempo para pensar. Não apresente o trabalho sem primeiro falar comigo. Não me vá fazer essa falseta.

GUIMARÃES — Não adianta nada. Mostre ou não mostre, o que está feito está feito.

GERVÁSIO — Não. Você vai pensar. Não se jogam três milhões assim pela janela, não. Você vai pensar. Tem quinze dias para pensar. Se você não voltar atrás, azar seu, não posso forçar, nem fazer mais do que fiz.

(Entram Floripes e Dalva. Floripes vestida para sair saia e blusa, com um sanduíche na mão e um copo de leite na outra.)

GERVÁSIO — Que tal? Floripes?

FLORIPES — Bom dia. Gervásio.

GERVÁSIO — Que leite é êsse? Vocês não vão almoçar? Vim filar a bóia. Hoje é dia de feira, não?

FLORIPES — Estamos sem empregada. Ela foi despedida. Ou melhor, despediu-se, porque eu a proibi de ver televisão.

GERVÁSIO — Bem. Então vamos todos almoçar no Gigetto. Eu estou convidando. Marca-se o ponto e vamos todos ao Gigetto. Por minha conta e risco. Eu vinha filar a bóia, mesmo. Não havendo, é justo que eu os convide. Póde deixar êsse leite e êsse sanduíche.

FLORIPES — Eu aceito.

GERVÁSIO — Há males que vêem para bem. Vamos, Guimarães.

GUIMARÃES — Não. Eu não vou. Fica para outra ocasião.

FLORIPES — Que cara é essa, Guima? O que foi que aconteceu, que o Guima está com essa cara de organização social de luto?

GERVÁSIO — Claro. Não é para menos. Acaba de jogar fóra, pela janela, assim, olhe (vai à janela e faz gesto de quem atira) três milhões de cruzeiros! E sabe quem está lá em baixo? O chefe. O chefe dêle, para pegar a gaita que êle jogou fóra!

FLORIPES — Como?! Três milhões?! Onde estão?!

GERVÁSIO — Aí. Nessa papelada. Uma questão de interpretação. Nada mais. Se êle chegar à conclusão de que o impôsto não é devido, êle ganha três milhões, alí, na batata.

FLORIPES — E qual foi a sua conclusão, Guima?

GUIMARÃES — Estou convencido de que o impôsto é devido.

FLORIPES — **Estava** convencido, mas não está mais.

GUIMARÃES — Não é assim, como você pensa, Floripes.

FLORIPES — Se você pensa que eu vou deixar você jogar três milhões pela janela, você está muito enganado! Só louco é que rasga dinheiro. Eu não estou louca. Você está, Dalva?

GERVÁSIO — Bem. Ainda há tempo. A resposta não é definitiva. O Guimarães tem 15 dias para pensar.

FLORIPES — Isso nem tem o que pensar. Vamos almoçar. Deixe o louco aí. Depois nós conversaremos. Vamos embora. Se êle não aceitar êsse negócio eu me mato. Isto, é, mato êle primeiro, que nasceu antes de mim. Não. A miséria tem que acabar nesta casa. E só ver os outros comendo a carne, na cara da gente, e a gente roendo osso?! Não. Isso vai acabar. Chega de filosofia. Chega de psicologia. Hoje o que vale é o metal sonante. A gaita. L'argent, money, plata... O resto é conversa. Ciáo, meu Robespierre de araque. Vamos embora. Vem, Dalva. Vamos fazer êste gaúcho gastar uns cobres.

(Floripes sai. Dalva beija o irmão, que ficou perplexo, estatelado na cadeira.)

GERVÁSIO — Até logo, Guimarães. Que o Espírito Santo ilumine tuas idéias.

Saem os três. Guimarães fica estático por uns momentos. Está pensando intensamente. Quase fala sòzinho. Começa a arrumar a papelada. Põe a gravata. Veste o paletó. Quando entra Edwiges.)

EDWIGES — Eu voltei, seu Guimarães.

GUIMARÃES — Você não encontrou o pessoal aí fóra?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.109

EDWIGES — Eu vi êles, mas êles não me viram. Me escondi na escada. Quando tomaram o elevador, eu entrei. Eu ainda tenho a chave. Eu voltei só por sua causa, seu Guimarães.

GUIMARÃES — Muito obrigado.

EDWIGES — É verdade. Não é brincadeira, não. Com Dona Floripes empregada nenhuma fica no emprêgo. Eu sei. Conheço minhas colegas. Patrôa que implica com um ôvo, com televisão, com não sei o quê, não guarda empregada. Não ficam nem um mês na casa. Eu ganho 4 mil cruzeiros por mês... Olhe, seu Guimarães: nem por oito mil. Ninquem aceita. Com implicância ninguém aceita. Eu fico, por sua causa. O senhor não merece ficar sem empregada. Depois eu sei que o senhor já se acostumou com minha comida... O senhor não almoçou? Vou preparar o seu almôço...

GUIMARÃES — Obrigado, Edwiges, mas não há mais tempo.

EDWIGES — Um instantinho só. Eu frito dois ovos, passo um bife na chapa...

GUIMARÃES — Não há tempo. Olhe: eu como isto aqui **(e pega no copo de leite e no sanduíche que Floripes deixou em cima do móvel. E principia a comer.)**

EDWIGES — É pena. O senhor trabalha muito. Precisa comer bem. Assim, ninguém aguenta.

GUIMARÃES — Você me prepare um jantar bem reforçado. Agora não tenho fome. Aconteceu tanta coisa aquí em casa, hoje de manhã, que eu perdi a fome.

EDWIGES — O senhor me desculpe, mas essa gente não compreende o senhor. Eu compreendo...

GUIMARÃES — Não chame minha mulher de **essa gente**...

EDWIGES — Eu pedí desculpas. Eu não tenho educação, mas tenho sentimento. Eu compreendo o senhor. E eu gosto do senhor. Não é gostar de... de coisa... não. Eu gosto do senhor espiritualmente. O senhor é como meu falecido padrinho. O senhor é um bom. E hoje em dia, com o progresso, contra o subdesenvolvimento, ninguém compreende uma pessoa boa. E é tão fácil compreender. Mas tudo está voltado para o mal: Diz que foi a bomba atômica que espalhou mal pelo ar. Eu não sei. Mas gente boa está fóra de moda.

GUIMARÃES — Até logo, Edwiges. Então, um bom jantar, hein? olhe as ordens de Dona Floripes...

EDWIGES — Já sei: nada de televisão, néca de levar coisas para casa e néca de receber visita. Está certo.

(Guimarães já saiu, com sua papelada que pôs numa pasta.

Edwiges cantarola baixinho. Pega na vassoura. Vai principiar a limpeza da sala. Ela agora é a dona. Senhora da situação, vai à televisão e liga, com a maior calma dêste mundo. Nem dá bola. Continua cantarolando e inicia a limpeza. Surge a imagem no aparelho de televisão.)

P A N O

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Mesmo cenário.

Nove horas da noite, uma semana depois.

Floripes em cena, procura qualquer coisa pela sala. Chama pela empregada.)

FLORIPES — Edwiges! Edwiges!

VOZ DE EDWIGES — Senhora!

FLORIPES — Onde é que está o "Grande Hotel", que estava aqui na sala?

(Edwiges aparece.)

EDWIGES — Grande Hotel?!

FLORIPES — Sim. O último número.

EDWIGES — Acho que seu Guimarães emprestou para dona Hermengarda.

FLORIPES — Porque havia de emprestar?!

EDWIGES — Ela sempre pede e êle sempre empresta. Os números atrazados.

FLORIPES — O que estou procurando é o número desta semana, que comprei há dois dias. Ainda não lí e êle já foi emprestar!

EDWIGES — Vai ver que êle não sabia que era o último número.

FLORIPES — Não estará com você?

EDWIGES — Ora, dona Floripes! Que desconfiança! Para que que eu quero aquilo?! Eu nem sei ler!

FLORIPES — Não precisa saber ler. É história de quadrinho.

EDWIGES — Juro por tudo quanto há de mais sagrado que não bulí nessa revista!

FLORIPES — Então, péde à vizinha. Se está com ela, que devolva. As coisas nesta casa, quando emprestadas, tem dois V.

(Edwiges vai à janela e chama.)

EDWIGES — Dona Hermengarda! Dona Hermengarda!

VOZ DE HERMENGARDA — Que é?

EDWIGES — O patrão lhe emprestou o último número de Grande Hotel? A senhora tem êle?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p. 110

VOZ DE HERMENGARDA — Emprestou hoje de manhã. Está aqui comigo.

EDWIGES — É que a patroa ainda não leu. A senhora me devolve que depois ela empresta.

VOZ DE HERMENGARDA — Não tem dúvida. Eu também posso comprar a revista. Se quiser, não precisa emprestar.

EDWIGES — Não é isso. Ela não está reclamando. Ela quer é ler. Depois que ler não interessa, que ela não faz coleção.

VOZ DE HERMENGARDA — Já sei. Já sei. A gente não deve é pedir as coisas emprestado para não passar por êsses carões. Vou devolver aqui, pela janela mesmo.

EDWIGES — Pela janela não, que póde cair lá embaixo. Eu vou buscar aí na sua porta. Um momento.

(Edwiges sai da janela.)

FLORIPES — Além de malcriada, é mal agradecida essa Hermengarda.

EDWIGES — É uma infeliz!

(Sai. Instantes depois volta Edwiges com a revista.)

EDWIGES — Está aqui, dona Floripes.

(Floripes pega a revista, prepara uma luz junto à poltrona, enquanto Edwiges sai para a cozinha.

Floripes liga a televisão e depois se acomóda na poltrona, iniciando a leitura. A imagem surge. Ela levanta-se da poltrona para acertar o som. Volta. E mergulha na leitura da história de quadrinho.

Edwiges aparece pronta para sair. Terminou o serviço diário e Edwiges vai se embora para sua casa. Leva uma bôlsa grande, quase um balaio. Sente-se que ela quer esconder o balaio de Floripes.)

EDWIGES — Até amanhã, dona Floripes.

FLORIPES — **(Distraída na leitura)** Até amanhã.

(Edwiges passa, está quase à porta, quando Floripes dá com o balaio.)

FLORIPES — O que é que você está levando aí, nêsse balaio?

EDWIGES — Não é balaio, não senhora. É bôlsa.

FLORIPES — Bôlsa dêsse tamanho?

EDWIGES — Que é que a senhora quer? São exigências da moda!!

FLORIPES — Que é que você vai levando nessa bôlsa?

EDWIGES — Nada.

FLORIPES — Nada?! A bôlsa recheada dêsse geito?! Abre aí, quero ver.

EDWIGES — Ora, dona Floripes! Não posso abrir! São coisas íntimas!

FLORIPES — Não tem importância. Só eu estou aqui. Abre.

EDWIGES — São umas coisas à tôa. É um pouquinho de comida que sobrou. O seu Guimarães não veio jantar. Sobrou alguma coisa. Não adianta guardar para amanhã. Não dá. Tem que fazer arroz novo, mesmo. Eu não vou misturar arroz novo com arroz velho. Assim, nem um nem outro. Estraga tudo. Se tivesse qualquer serventia, eu juro, dona Floripes, que eu deixava. Eu não levava. Nêsse ponto eu sou muito direita. Nunca roubei casa de patrôa. Deus me livre! Mas, não tendo senventia...

FLORIPES — Porque você não fala antes? Não pede licença? Eu não sou pão dura! O que não acho direito é você levar as coisas sem me falar.

EDWIGES — É que a gente tem vergonha de pedir essas micharias. Parece que a gente está passando fome! A gente sente vergonha. **(Edwiges começa a falar chorosa e depois chora mesmo.)** O pior é que a gente precisa mesmo. O Dito está sem emprêgo. Deu de beber. E assim piora tudo. Bebe porque não tem trabalho. Não tem trabalho porque bebe. E a fome bate na porta da gente. É uma infelicidade! A senhora não sabe. Mas a vida está dura. Muito dura. Dizem que aqui no Brasil ninguém passa fome! Uma ova! Passa, sim senhora. Tem muita gente que não come nada. Almôço e jantar todo o dia é luxo. Só quem está bem.

FLORIPES — Eu não faço questão nenhuma que você leve as coisas. Olhe: póde até levar uns ovos. Amanhã é dia de feira vou comprar mais. Hoje não precisa. Quantos tem lá na cozinha?

EDWIGES — Tem três.

FLORIPES — Devia ter quatro.

EDWIGES — Puxa, vida, que a senhora conta!

FLORIPES — Conto, mesmo. Não gosto de passar por bôba.

EDWIGES — Pois, desta vez, com perdão da palavra, a senhora boiou, porque tinha um ôvo que estava pôdre. E eu não boto ôvo pôdre na comida. Então, tive que quebrar outro. Nesse ponto eu sou muito honesta. Não tenho costume de roubar patrão, não. A senhora póde se informar nas casas onde estive. Se saí foi por incompatibilidade de gênio. Meu gênio não combinava com o da patrôa. É como aqui. A senhora é boa, mas tem mau gênio. Eu não combino com a senhora. Mas combino com o patrão. O seu Guimarães é muito boa pessoa. Eu gosto dêle. Não pensa que é outra coisa. Não é, não senhora. Eu gosto de seu Guimarães sem malícia. Nunca dei bola para patrão. Com bebida ou sem bebida, tenho o meu Dito, lá em casa, que me dá muito tra-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.111

balho. De homem estou cheia. De homem: quero sossêgo. Gosto de seu Guimarães porque êle é um santo. E de santo a gente não gosta para safadesa. Agora, se a senhora quer que eu devolva essa micharia de resto de janta, que eu levo, eu devolvo, mas é para botar no lixo, porque não tem serventia.

FLORIPES — Não precisa devolver nada. E se vocês estão precisando, póde levar os ovos. Póde levar o que quiser. O que não gosto é de fazer papel de idiota. É uma questão de disciplina. Eu sou a patrôa. Tenho que controlar a casa. Gosto de saber o que estou dando. Gosto de saber o que se está passando na casa. Não é pãodurismo, não. É minha obrigação de dona de casa. Ninguém gosta de ser roubada.

EDWIGES — Mas ninguém está roubando a senhora. Isso não é roubo.

FLORIPES — Não sendo seu e não tendo licença, é roubo, sim. É pequeno. Roubinho sem importância, mas não deixa de ser roubo. Então o que é?

EDWIGES — É... é... é sobejo.

FLORIPES — Está bem. Seja o que fôr. O nome não tem importância. Póde levar. Leve os ovos também.

EDWIGES — Deu. Está dado. Amanhã eu levo.

FLORIPES — Quando houver qualquer sobra, você me fale, mas pede licença, que eu dou. Eu deixo levar. Não vá fazer sobrar de propósito, que aqui em casa não nadamos em dinheiro. Nós também temos nossas dificuldades. Não é por gôsto que moro aqui neste cortiço.

EDWIGES — A senhora fala à tôa. A senhora não sabe o que é cortiço. Isto aqui é palácio, perto donde eu moro. É palácio, dona Floripes. A senhora nem deve falar, que Deus castiga...

FLORIPES — É tudo muito relativo, Edwiges. Enfim, não tem importância. Até amanhã. E venha cêdo, que é dia de feira. Não vá me fazer como da semana passada.

EDWIGES — Sim, senhora, dona Floripes. Amanhã às oito horas estou aqui. Então, até.

FLORIPES — Até amanhã.

EDWIGES — Muito obrigada, dona Floripes. Desculpe qualquer má palavra.

(Edwiges sai. Floripes considera um pouco sua saída e volta à sua leitura, depois de desligar a televisão. Momentos depois entram Dalva e Gervásio. Dalva acende a luz maior da sala.)

GERVÁSIO — Que tal?

FLORIPES — Como vai, Gervásio?

GERVÁSIO — Onde está o Guimarães?

FLORIPES — Não veio jantar. Tinha que ir a uma reunião depois do serviço. Até agora não apareceu.

GERVÁSIO — Como vai o nosso negócio?

FLORIPES — Que negócio?

GERVÁSIO — Dos três milhões.

FLORIPES — Não progrediu nada.

GERVÁSIO — Você falou mais vêzes com êle?

FLORIPES — Falei. Falei duas vêzes.

GERVÁSIO — Estou achando que você não está muito empenhada. Olhe que são três milhões! No mínimo sessenta mil por mês! Se quiser apurar no juro, serão uns noventa mil por mês. Não é para se desprezar.

FLORIPES — Eu sei, Gervásio. Eu sei. Ninguém está mais interessada do que eu. Mas é preciso ir com calma. Já falei. Já insisti. Nada. Êle parece nem me dar atenção. Fica me olhando como se eu fôsse uma parede. Estou esperando uma ocasião. Um determinado momento. Não sei. Ainda não dei o ultimatum. Ainda não briguei, nem ameacei. Vamos ver. Se êle deixar escapar esta ocasião, nem sei o que faço...

GERVÁSIO — Devagar com o andor que o santo é de barro, diz o ditado.

FLORIPES — Êle tem muita esperança na reforma. Tem certeza de que vai ter um bom aumento, vai ser promovido. A ocasião não é muito propícia...

GERVÁSIO — A ocasião faz o ladrão. Pois parece que ela se apresentou. Nem que fôsse encomendada! Agora, acho que a coisa será fácil. É aproveitar o momento psicológico. A reforma saiu e êle não foi promovido, e nem aumentado...

FLORIPES — Será possível?!!

GERVÁSIO — Será, não. É. Consumatum est. O melhor da festa é esperar por ela. A coisa saiu e êle continua na mesma. Na mesma, não. Muito pior, porque muita gente passou na frente dêle. Bem... mal de muitos consolo é... Êle não ficou sòzinho. Tôda a classe dêle foi prejudicada. Só onde êle trabalha foram uns 15. Fóra os outros setôres...

FLORIPES — Então, êle já sabe?

GERVÁSIO — Deve saber, com tôda a certeza.

FLORIPES — Sabe. Achei êle meio transtornado quando me disse que não viria jantar. Essa reunião deve ser lá com o pessoal...

GERVÁSIO — É. Já foram se reunir para tomar providências. Hão de cavar alguma coisa! Cavar nada! Aqui é assim: não dão valor a quem tem valor. Ah! Se fôsse comigo! Deus dá nozes a quem não tem dentes. Eu no lugar do Guimarães estaria pôdre de rico. Eram dois golpes dêsses por ano!

FLORIPES — Mas foi uma enorme injus-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-112

tiça! Como puderam fazer isso? Guima disse que já estava tudo resolvido!

GERVÁSIO — Levaram êle no bico. Direitinho. Passaram êle para trás. Agora é malhar o ferro enquanto está quente. Hoje êle vem aqui tinindo. Com raiva de todo o mundo. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. To night or never.

FLORIPES — O Guima é de muito boa fé. Por isso que fazem isso com êle.

GERVÁSIO — Pois agora acabou-se. Amor com amor se paga. Se fiseram a sujeira com êle... Quem rouba ladrão tem cem anos de perdão... Bem... o resto é com você. Você sabe o que faz. Conhece o marido que tem. Não vou ensinar Padre Nosso ao vigário. O momento psicológico está aí dando sôpa. Não é que eu estivesse torcendo para o Guima ser prejudicado. Mas... há males que vêm para bem... Assim, êle aprende o caminho. Êles mesmo é que mostraram. Agora se aguentem. E não têem que aguentar nada. É tudo assim. Quem tem o seu vintém bebe logo. Não se aflija, que êles não aumentaram e nem melhoraram a classe do Guimarães, já pensando nisso. Êles sabem que a turma come mesmo. E comendo, não precisam, não reclamam. Malandro não estrila...

DALVA — Mas o Guima nunca fêz isso!

GERVÁSIO — Ah! Até que enfim você deu o ar de sua graça.

DALVA — Estive ouvindo. Vocês não me deram chance.

GERVÁSIO — Minha filha: a regra é a desonestidade. Essa é a verdade. Nós sabemos que o Guimarães é um sujeito batata. Que não está na gaveta de ninguém. Quem lida com êle sabe disso. Mas os de cima não sabem. Para êles, todos são iguais. E estão certos. O Guimarães é que está errado. Gente como o Guimarães, hoje não existe. Bem... eu vou indo. É melhor que êle não me encontre aqui. O trabalho é vosso. Olhe que são três milhões; é um barbadão. Em menos de 15 dias o Guimarães estará com a mão na massa...

FLORIPES — E você não leva nada nisso?

GERVÁSIO — Pura camaradagem. É para servir o meu primo e também vocês. Vocês são daqui do peito. É justo que vocês tenham uma folga. Bem... você entra com o jôgo direitinho. É melhor deixar vocês operarem. Vocês são da família. Roupa suja lava-se em casa. O momento é ultra psicológico. Não vá entornar o caldo. Vá com diplomacia. Com cuspe e jeito... bem... êsse, não. Êsse é impróprio. Mas você já sabe, não é ? Você também, Dalva. Êle é seu irmão. Gosta à bessa de você. Você ajuda...

DALVA — Eu não me meto nisso. Deixa a Floripes...

GERVÁSIO — Como não se mete nisso? Você também tem seu interêsse, ora bolas!

DALVA — Não gosto de interferir na vida dos outros.

GERVÁSIO — Isso não é interferir. Estamos pedindo apenas a sua colaboração...

FLORIPES — Deixa a Dalva. Ela parece que tem mêdo do irmão...

DALVA — Não. Não é mêdo. É respeito. Acho que é um assunto muito delicado êsse de bulir com consciência...

FLORIPES — Consciência! Consciência! Isto é conversa! Onde é que está a consciência do pessoal que fêz a reforma? Onde? A consciência está no estômago e não na cabeça. O homem trabalha dia e noite, todos os dias. Traz serviço para casa, todos os dias! Alguém reconheceu isso? Nada. Reconheceram nada. Ao contrário. Coice. Só deram coice! O idiota do Guima ficou para trás! Idiota mesmo. Pois agora é pagar na mesma moeda...

GERVÁSIO — Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Bem, minha gente: parece que estamos entendidos. Ciáo. Amanhã vocês me contam o resto. A Dalva me conta. Entra com o jôgo, Floripes. Deixa a Dalva, que é meio mole. É como o irmão. Quem sai aos seus não degenera. Ciáo!

FLORIPES — Até amanhã, Gervásio. O pior é se a gaiata não sair. A gente ter todo êste trabalho de convencer o cabeçudo do meu marido e no fim êles passam o bôlo e não dão o dinheiro!

GERVÁSIO — Isto é comigo. Quando chegar na hora, é comigo. Manja aqui o papai. Já está tudo pensado e combinado. Não tenha o menor receio. É macuco no embornal. Depende de vocês. Ciáo!

(Gervásio sai, Dalva o acompanha, Floripes pega a revista.)

Instantes depois Dalva vem de volta.)

FLORIPES — Eu não sei porque êsse camarada não casa você!

DALVA — Eu também não sei.

FLORIPES — Sujeito gosado êle! Fala do Guima! Fala de todo o mundo! Mas onde está o dinheiro dêle? Êle devia ganhar muito dinheiro, com as teorias dêle!

DALVA — O cargo dêle é diferente do de Guima. Mas êle ganha muito dinheiro. Gasta. Gasta tudo.

FLORIPES — Mas não gasta com você. Pelo menos, que gastasse com você.

DALVA — E porque havia de gastar comigo?

FLORIPES — Então, gasta com outras?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.113

DALVA — Acho que não. É desperdiçado. Gasta em besteiras. Joga. Perde um dinheirão nos cavalos. De vez em quando vou com êle às corridas. Vejo quanto êle perde.

FLORIPES — Você devia controlar...

DALVA — Eu não! O dinheiro é dêle!

FLORIPES — A coisa está muito mole para êle. Você é que é bôba...

DALVA — Cada qual sabe de si.

FLORIPES — Comigo a coisa fiava fino. Êle não é solteiro? Você não é solteira? Então, porque não se casam?

DALVA — E porque havia de casar? Ora essa? Eu não posso obrigá-lo a se casar comigo. Nem estou interessada.

FLORIPES — Nessa não caio.

DALVA — Não me interessa. Acho que cada qual sabe onde lhe aperta o sapato... Que injustiça que fiseram com o Guima, heim?!

FLORIPES — Foi bem feito! Quem manda êle ser de boa fé?

DALVA — O que é que você queria que êle fizeste? Foi traído. Disseram que iria ser promovido e aumentado. Aliás, êle tem direito.

FLORIPES — Está certo. Agora aprendeu. Êle não podia ter feito nada. Agora póde. Agora, êle sabe como são com êle. Vamos ver o que vai fazer.

DALVA — Com tôda a certeza vai recorrer à justiça; êle e os demais colegas que foram prejudicados.

FLORIPES — Boa noite! E adianta? Leva anos e anos discutindo. Quando ganhar a questão, já está no Araçá. Se ganhar...

DALVA — Se tiver de ganhar, ganha. E no fim recebe tôda a diferença...

FLORIPES — Vá esperando! E a mágua? A mágua da injustiça, quem é que paga? Não. Êle tem de dar um jeito. Nem que seja por vingança. Mas deixa isso comigo. Só peço que você não me atrapalhe. Sua colaboração, sei que não vai adiantar. Você é mole como êle. Mas comigo, não. Eu não sou de apanhar e ficar quieta, não. Sujo por sujo, vamos ver quem sai ganhando. Você é testemunha de que, até agora, não forcei. Só pedi. Pedi só, sem grande empenho. Não quero transtornar ninguém. Não quero que digam que virei a cabeça de ninguém. Fiquei quieta, como sempre fico. Bico calado. Só apreciando. Esperando. Afinal de contas, êle ia ser promovido; aumentado. Está certo. Vai ganhar bem, melhorar de posição. Está certo. Vamos agir direitinho. Bom por bom, ninguém é melhor que eu. Me fizeram sujeira. Passaram êle para trás. Nem aumento, nem promoção e muito menos satisfação. Não. Essa, não! Agora, a coisa é comigo. Eu não tenho sangue de barata, não. Deixa êle vir aí, que eu vou dar o baile! Pode ser até que não precise. Póde ser que êle venha e diga logo: "Floripes: chama o Gervásio. Vamos resolver o negócio". Aí, vai ser ótimo! Mas êle é um tímido. Não tem peito. É como você: não tem peito para fazer o Gervásio casar. Então, eu entro. Porque não durmo de botina. Até agora fiquei calada. Esperei. Agora é minha vez.

DALVA — Bateu a porta do elevador. Deve ser êle.

(Floripes se cala. As duas ficam em expectativa. Barulho de porta. Entra Guimarães. Aspecto normal. Talvez com a fisionomia um pouco carregada. Nada mais. Entra calmamente. Tira o paletó. Senta-se. Floripes ataca a conversa.)

FLORIPES — Como foi de reunião?

GUIMARÃES — Fui bem.

FLORIPES — Você jantou?

GUIMARÃES — Não.

FLORIPES — Não comeu nada?

GUIMARÃES — Não.

FLORIPES — Você não está com fome?

GUIMARÃES — Nem um pouco.

FLORIPES — Posso fazer qualquer coisa para você. Ovos fritos. Você não póde ficar sem comer. Vou ver dois ovos quentes. Ovos quentes, um copo de leite, pão com manteiga e depois um cafèzinho.

GUIMARÃES — Não, Floripes. Não precisa. Estou completamente sem apetite. Aceito um cafèzinho.

FLORIPES — Guima, meu bem. Você precisa se alimentar. Vou ver um café e uns biscoitos. Um momentinho só. Você deve estar muito cansado. Aborrecimento também cansa muito a gente.

(Floripes sai.)

DALVA — Esqueceram mesmo de você na reforma? Totalmente?

(Guimarães confirma com a cabeça as duas perguntas.)

DALVA — Era de se esperar isso?

GUIMARÃES — Não. As informações eram positivas. Não posso imaginar o que houve. Ninguém, na reunião, soube explicar... Não havia razão... motivo... Ainda não compreendo... Foi de fato, uma decepção. Nós todos ficamos perplexos. A princípio, poderia parecer um êrro de impressão. Essas publicações oficiais muitas vêzes saem com incorreções... com omissões... Fomos ver, fomos consultar. Estava tudo certo. A classe tôda foi preterida.

DALVA — É incrível que isso aconteça! E o que é que vocês vão fazer?

GUIMARÃES — Já resolvemos tudo. Vamos fazer uma representação ao Govêrno.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.114

Uma reclamação administrativa. Se não formos atendidos, entraremos com um mandado de segurança.

DALVA — Não vai demorar muito?

GUIMARÃES — Eu fui contra o administrativo. Por mim, entravamos logo com o mandado de segurança. Assim não se perderia tempo. Depois de muita discussão e de muito falatório, encontrou-se uma solução intermediária: se dentro de três semanas não atenderem o pedido, vamos ao judiciário.

DALVA — E na Justiça não demora muito?

GUIMARÃES — Mandado de segurança, não. É imediato e não há jeito de se perder.

DALVA — Foi uma injustiça muito grande. Acho até que foi uma desconsideração. Afinal de contas...

GUIMARÃES — Foi uma grande besteira dêles, isso sim. Incapacidade... incompetência. Nem sabem o que estão fazendo! Nós não vamos perder nada. Nem tempo. Porque vão pagar todos os atrazados. Perde a administração pública, porque um fato dêsses tira todo o estímulo. A turma já não gosta muito de trabalhar...

DALVA — Você gosta. Trabalha fóra do expediente. Serviço extra sem ganhar nada.

(Entra Floripes com chinelos, para Guimarães. Floripes está muito solícita. Tira os sapatos de Guimarães e lhe calça os chinelos.)

FLORIPES — Eu sempre dizia para êle. Porque trabalhar fóra de expediente? Eu sempre disse. Já pus a água no fogo. Vamos tomar um café fresquinho. Tem presunto lá, meu bem. Você não quer um sanduíche de presunto?

GUIMARÃES — Não. Café com biscoito... está bem. Muito obrigado.

FLORIPES — Sujeira grossa fizeram com você, hein, Guima?!

GUIMARÃES — É.

FLORIPES — Não há de ser nada. Você agora pega a sua vingança. Que foi um desafôro, foi.

GUIMARÃES — No fim, dá tudo certo.

FLORIPES — E a raiva? Eu não posso com injustiças. Até faz mal para a gente. Essas injustiças é que acabam com a gente. A maioria dessa gente aí, que morre do coração, é por causa das injustiças. A pessoa já vive cansada de trabalhar muito, ainda sofre um desgôsto, é o coração que paga. Bem, vou ver o café.

(Floripes pega o paletó e os sapatos de Guimarães e sai. Assim que ela sai, Dalva bate três vêzes na madeira.)

GUIMARÃES — Que é isso?

DALVA — Nada. É uma cisma.

GUIMARÃES — O Gervásio andou por aqui?

DALVA — Foi êle que nos contou.

GUIMARÃES — Que é que êle acha?

DALVA — Como você. Ficou admirado. Êle não acredita muito no sucesso de suas reclamações.

GUIMARÃES — O que é que se há de fazer? O caminho é êsse. É o único caminho indicado. Greve não é possível. Funcionário público não faz greve. Temos que ir pela justiça.

DALVA — E porque não vão pela política?

GUIMARÃES — Isso também já foi discutido. É impossível. É tudo do contra. Não tem um lá, que tenha pistolão seguro. As opiniões políticas na classe são muito divergentes. Quem vai pedir? E a quem?

DALVA — Vai ver que foi por isso que vocês não foram contemplados. Por política.

GUIMARÃES — Não creio. O fato é que a reforma saiu e eu não fui promovido e nem aumentado. Isso é de amargar, hein?! E o pior é que não se sabe a razão. Francamente, é de deixar a gente desanimado. Palavra de honra. Eu senti uma decepção... Quando vieram me contar, não acreditei. Devia ser êrro, omissão. Qual! Era verdade. A gente sente um vasio... uma coisa assim... sei lá. É amargura, é desilusão... Dá um desânimo na gente... Dá vontade que tudo acabe naquela hora. Então a gente trabalha, entra no serviço pontualmente todos os dias, anos...

DALVA — Você trabalha. Você é dedicado, mas a maioria não é. Os justos pagam pelos pecadores.

GUIMARÃES — Isso não está certo. Deviam distinguir. Premiar os cumpridores do dever ou pelo menos castigar os faltosos. Assim, como fazem, iguala tudo... por baixo. Quer dizer, ninguém mais se esforça... Se não há compensação?! O que é que adianta à gente trabalhar, trabalhar e no fim ser tratado como aquêles que não fazem nada? O negócio é igualar por baixo. Francamente, não adianta nada esconder. Eu sofri um grande desapontamento. Um grande desgôsto. Uma grande mágua.

(Entra Floripes com o café e biscoitos.)

FLORIPES — Pois é, meu bem. Essa mágua, quem é que paga? Vamos que êles te paguem os atrazados; vamos que você, um belo dia, ganhe êsse tal mandado de segurança. A desconsideração... o desgôsto que você passou, êsse ninguém tira do seu coração. Não há dinheiro que pague. É uma ruga a mais no rosto. Um vinco a mais na testa. Uma mecha de cabelo branco e a gente vai envelhecen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.115

do mais depressa. Não, Guima. Meus avós nasceram na Calábria. Eu tenho sangue de calabreza nestas veias. Amor com amor se paga. Olho por olho, dente por dente. Só com vingança. Com desforra. É um prazer que compensa o desgôsto.

GUIMARÃES — Mas que vingança a gente póde tomar num caso dêsses? Se o juiz conceder o mandado de segurança, já teremos plena satisfação. É um prazer termos nossos direitos reconhecidos na justiça.

FLORIPES — Um prazer, não. Um consolo. Uma reparação. Reconhecer nossos direitos não é vantagem nenhuma. É obrigação, ora essa! Está bom o café? Acho que agora você devia descansar um pouco. Não falar mais nisso. Espairecer as idéias. Quer ir a um cineminha comigo? Ainda dá tempo.

GUIMARÃES — Você veja: o salário está sempre atrazado sôbre o custo da vida. O meu dinheiro só, não dá. E deveria dar. A regra geral seria o casal viver só com o dinheiro que ganha o marido. Se o homem trabalha, tem competência, cumpre suas obrigações no emprêgo, teria que ganhar o suficiente para viver, ter mulher e filhos. A mulher cuidando da casa e dos filhos. Mas aqui, não. O nosso dinheiro dá, porque você trabalha e a Dalva também.

FLORIPES — Daqui a pouco, como vão as coisas, o que ganhamos juntos não vai dar mais e nós vivemos uma vida modestíssima. Daqui, só para a favela.

GUIMARÃES — É que o regimem é amoral. É uma imoralidade não se poder viver com o fruto do próprio trabalho. Então, como é que vamos viver? Temos que roubar?

FLORIPES — É o que todo o mundo acaba fazendo. Você pensa que êles nasceram roubando? Não senhor! Todo o mundo entra no emprêgo com boas intenções. No funcionalismo também. Depois êles aprendem a dançar conforme a música. Mas passam a trabalhar o mínimo possível, para viver de outros bicos. Outros trabalham pela gratificação. Você veja êsse pessoal que atende o público. Sem um dinheirinho por fóra a coisa não vai. É que o ordenado não dá!

GUIMARÃES — Eu não acho que seja cem por cento assim. Há pessoas que são naturalmente boas e outras que não prestam. Quem é safado, é safado mesmo, com qualquer ordenado. Se ganham muito, querem ganhar mais. Há também os preguiçosos. Êsses não fazem fôrça, por natureza. Não adianta aumentar o ordenado.

FLORIPES — Há também os que trabalham como você. Dão duro; conhecem o serviço, e não vão para a frente. Porque?

GUIMARÃES — Não sei. O regime é imoral. É a regra do malandro não estrila. Do desapertar para a esquerda. Mas enjoei, sabe? Enjoei. Depois dessa palhaçada, perdi a bossa por completo. Agora, êles não contem mais comigo. Chega. Já vi tudo. Não adianta nada.

FLORIPES — Ainda bem que você abriu os olhos. Eu sempre disse...

GUIMARÃES — Agora, não tem mais conversa. Trabalho só nas horas de expediente e olhe lá! Se o tempo der, melhor. Se não der, azar dêles, eu é que não vou levar serviço para casa. Acabou-se. Agora, de noite é um cineminha; ouvir televisão; dormir. Trabalhar, não. Isso já está resolvido. Que ganhei trabalhando extra? Nada. Ao contrário. Enganaram-me. Preteriram-me. Está certo. Pois agora vou levar a coisa como êles. No mole.

FLORIPES — Ótimo! Isso mesmo! De hoje em diante você vai trabalhar para você. No seu próprio interêsse.

DALVA — O Guima pode pegar um bico, pode pegar outro emprêgo no período da manhã.

GUIMARÃES — Não sei o que possa fazer. Há anos que estou no funcionalismo. Não aprendi outra coisa. A gente mergulha a carcaça na repartição e é absorvido por ela.

DALVA — Você podia trabalhar em corretagem.

GUIMARÃES — Não dou para isso.

FLORIPES — Isso é bobagem. Não é na picareta que se ganha o dinheiro. Quem trabalha muito não tem tempo de ganhar o dinheiro. E isso é vida? Trabalha de manhã num serviço e de tarde noutro. Nem tem tempo de almoçar. É viver num corre corre danado. Um ordenadinho aqui, outro lá. Isso adianta? Isso compensa?

GUIMARÃES — É. A Floripes tem razão.

FLORIPES — Claro que tenho, meu bem.

GUIMARÃES — Eu admito que um sujeito trabalhe quinze horas por dia; vamos dizer, durante cinco anos. Pra ficar rico. Agora, se matar no serviço para viver de ordenado, para ganhar um pouco mais, não é negócio.

FLORIPES — Naturalmente. O que o Guima tem que fazer está na cara.

GUIMARÃES — Claro. Então eu sou idota? Agora eu vou levar tudo na flauta. Em casa não trabalho mais. Durmo, leio, faço palavra cruzada...

FLORIPES — E se trabalhar, é para levar vantagem. Você sabe, Guima, foi bom ter acontecido isso. A injustiça veio na hora. Na hora H. Agora você sabe o que tem que fazer.

GUIMARÃES — Se sei! Vou terminar êste serviço aqui e acabou-se. Êste é o último

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 116

serviço extra que eu vou fazer. Já está no fim. Paciência. Entrego. Amanhã ou depois entrego e basta.

FLORIPES — E agora a coisa está mais fácil. Não precisa fazer tantos cálculos.

(Dalva sai.)

GUIMARÃES — As contas já estão feitas. É só concluir.

FLORIPES — Pois é, meu bem: agora você também vai ter a sua satisfação. A sua primeira satisfação. Foi preciso levar na cabeça...

(Guimarães começa a arrumar os processos em cima da mesa e a máquina de somar, preparando-se para iniciar o seu trabalho. O diálogo prossegue.)

GUIMARÃES — Apanhando é que se aprende.

FLORIPES — É uma dupla satisfação: moral e material.

GUIMARÃES — Moral e material. É isso mesmo.

FLORIPES — Assim, nós vamos viver uma vida melhor; já não era sem tempo.

GUIMARÃES — Graças a Deus.

GLORIPES — E sua mulherzinha poderá andar mais bem vestida e você poderá ter o seu automóvel.

GUIMARÃES — Claro.

FLORIPES — Você quer que eu ajude você, meu bem? Quanto mais cêdo você terminar isso, melhor. Eu acho que você deve ter cuidado ao entregar o relatório. Você deve falar antes com o Gervásio.

GUIMARÃES — Eu prometí a êle. Isso não tinha a menor importância.

FLORIPES — Ah, meu bem, eu estou tão satisfeita! Agora nós vamos viver. Viver bem. Antes, vegetávamos. Você, com o seu carrinho. Você precisa tirar carta. Carta de motorista.

GUIMARÃES — Tem tempo.

FLORIPES — Você entra na auto escola. É melhor entrar já. Sempre leva uns vinte dias aprendendo.

GUIMARÃES — Então! Temos tempo de sobra. Agora, eu não vou fazer mesmo nada, de manhã. Até sair o mandado de segurança, receber os atrazados... Eu pretendo comprar o carro com os atrazados.

FLORIPES — Não precisa, meu bem. Você pode comprar o carro com o dinheiro do Gervásio.

GUIMARÃES — Está maluca! Eu não! Não quero ficar devendo nada ao Gervásio!

FLORIPES — Que devendo o quê! Êles é que vão ficar ainda muito agradecidos.

GUIMARÃES — Êles quem?

FLORIPES — Os maquinistas.

GUIMARÃES — Coitados. Êsses vão se estrepar direitinho. Que azar que êles tiveram! É como o soldado que morre de uma bala perdida depois do armistício. A guerra acabou e êles ainda estão morrendo. Por ignorância, porque a notícia demora um certo tempo para chegar. É azar.

FLORIPES — Não estou entendendo nada do que você está dizendo.

GUIMARÃES — Então. Eu sou o inimigo. A guerra acabou. Êste meu relatório vai ser o último tiro. Azar dêles.

FLORIPES — Não entendi mais nada. Quer dizer que...

GUIMARÃES — Confesso que não tenho nenhum prazer nisso. Perdi todo o entusiasmo.

FLORIPES — Como é que você vai concluir o relatório?

GUIMARÃES — Não tenho o que concluir. Os homens devem o impôsto. É uma questão de máquina de somar.

FLORIPES — E os três milhões!? Você vai desistir dos três milhões?!

GUIMARÃES — Que três milhões?!

FLORIPES — Do Gervásio. Êle disse que se você concluisse pela não incidência do impôsto, você ganharia três milhões do advogado dos maquinistas...

GUIMARÃES — Mas os maquinistas sonegaram o impôsto...

FLORIPES — E que tem isso? Se não fôsse você, ninguém saberia. Pois, agora você deixa tudo na mesma.

GUIMARÃES — Isso eu não posso fazer...

FLORIPES — E êles podiam te passar para trás, podiam? Não podiam, mas passaram. Agora, você desforra. Chegou sua ocasião. Não foi você quem começou. Quem deu o exemplo. Você não disse que ia levar as coisas no mole?

GUIMARÃES — Bem... no mole, é uma coisa. O que o Gervásio pretende são outros quinhentos cruzeiros. Isso eu não faço.

FLORIPES — É assim que você responde pela sujeira da reforma?

GUIMARÃES — Não. São duas coisas diferentes. Fui preterido: então, em compensação, não dou mais duro no serviço. Isso é uma coisa. O que o Gervásio quer é outra bem diferente. É crime. É desonesto. É porcaria e isso eu não faço...

FLORIPES — Não sei porque.

GUIMARÃES — Eu sei e é o bastante. Êsses negócios você não entende, Floripes. Você vê as coisas muito fáceis, onde elas são impossíveis.

FLORIPES — Ai, meu Deus do céu! É de deixar a gente louca! Ia tão bem. Eu não entendo. Parece até castigo! Nossa Senhora

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 117

de Fátima me dai paciência para convencer êste burro...

GUIMARÃES — Burro, não. Apenas, honesto.

FLORIPES — Honesto! É muito fácil dizer! Honestidade à custa de quem? De mim. Que vivo nesta micharia. Isso não é ser honesto. É ser egoísta. É orgulho. Orgulho idiota de quem não tem dinheiro.

GUIMARÃES — Você não póde se queixar. Temos vivido mais ou menos bem, até agora. Vida modesta, mas decente. Não devemos nada a ninguém. O apartamento é quase nosso...

FLORIPES — E para quê que eu quero esta porcaria?

GUIMARÃES — Você tem que se conformar. Ricos não somos e nem seremos. Nunca pensei em ser rico.

FLORIPES — Mas o dinheiro está aí. Na porta! Está querendo entrar e você não deixa.

GUIMARÃES — Êsse é muito caro. A êsse preço, não convém. Você não me compreende, Floripes?

FLORIPES — Quem é que póde compreender uma coisa dessas? Quem é você, para recusar três milhões de cruzeiros? Um pé rapado presunçoso. Cretino, que pensa que é melhor que os outros! Isso é de amargar! Só comigo é que acontece uma coisa dessas! É da gente ficar louca!! Três milhões de cruzeiros! Dez anos de ordenado! Trabalhando todos os dias! Será possível, meu Deus! Minha Nossa Senhora de Fátima! Mê dê uma inspiração.

GUIMARÃES — Não invoque Nossa Senhora para te ajudar. Dinheiro ganho assim, não traz felicidade.

FLORIPES — Hum! Não traz felicidade! Só esta é que faltava agora! Dinheiro, agora, tem marca de fábrica! Dinheiro é dinheiro. Uma coisa só. Tudo igual. Venha de onde vier. Pergunte aí para os teus colegas que ganham menos do que você e que têm automóvel e que moram em bairro bom e que as mulheres luxam. Vai dizer pra êles que dinheiro não é bom.

(Entra Dalva.)

GUIMARÃES — Eu não tenho nada com a vida dos outros. Isso é lá com êles. Você está vendo, Dalva? A Floripes levou a sério aquela conversa do Gervásio. Dos três milhões do advogado dos maquinistas. O que é que você acha? Você acha que eu devo engulir aquela enorme sonegação dos maquinistas e embolsar os três milhões de quem não conheço?

DALVA — Eu não acho nada.

GUIMARÃES — Como? Você não tem personalidade? Eu não sou seu irmão? Não temos o mesmo sobrenome? De a sua opinião. Você acha que devo sujar minhas mãos recebendo bola, só porque os outros recebem e porque fui desconsiderado?

DALVA — Bem. Acho que você tem razão. Dinheiro não traz felicidade.

FLORIPES — Dinheiro não traz felicidade, mas a vida é bem mais suportável com dinheiro.

DALVA — Meu irmão não seria feliz sentindo-se desonesto.

FLORIPES — Essa é muito boa! É de dar gargalhadas! Olhe só quem vem me falar em honestidade!

DALVA — Que é que tem? Pediram minha opinião, e dei! Não quero ofender ninguém e não admito que me ofendam.

FLORIPES — Você seria a última pessoa aqui a falar em honestidade.

DALVA — Não! Porque você me diz isso?

FLORIPES — Acho engraçado essas coisas! Até me irritam! E ainda pergunta? Essa eu digo! Não sou de falar por trás não. Digo e na cara. Comigo não há hipocrisia.

GUIMARÃES — Floripes!

FLORIPES — E você defendendo sua irmã! Você está de acôrdo com essa vida que ela leva? Você que tem a mania de honestidade, não devia consentir que sua mulher, sua família vivesse aqui, com ela; ela, que vive pùblicamente com um colega seu! Ela é môça solteira e vive de amigação! Está certo isso? Agora eu pergunto: está certo isso?

DALVA — Sou maior de idade. Tenho vinte e oito anos. Não tenho que dar satsifações de minha vida a ninguém.Não vivo á custa de ninguém. Não dependo de ninguém. Se sou demais nesta casa é outro caso. A solução é fácil.

FLORIPES — Vai. Vai morar com o Gervásio. Aí completa tudo. Vocês, que são pela honestidade!

DALVA — Irei morar com quem quiser! Meu irmão não tem nada com isso! Você quer fazer dêle um ladrão! Um venal. Isso é outra coisa! Honestidade é uma coisa. Imoralidade é outra.

FLORIPES — O Gervásio é um venal e você vive com êle! Está certo isso? Me diga! Está certo? Não. Não. Isso é hipocrisia! E eu nesta miséria! A irmã faz o que quer e eu que aguente. Esta miséria de vida! E quando se apresenta uma oportunidade de sairmos do chiqueiro... não... porque é honesto... porque não é venal, porque não sei o quê... Mas isso há de acabar. Eu aqui não fico mais. Eu fico louca! Eu fico louca!

(Floripes cai num pranto nervoso. Guima-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 118

rães vai acudi-la. Faz apenas menção de movimentar-se em sua direção.)

FLORIPES — Não. Não venha cá. Estou farta! Chega! Não quero saber mais de vocês. Vou me embora. Chamem o Gervásio. Gervásio fica com ela. Eu me vou.

(Floripes sai da sala. Há uma pausa de estupefação.)

GUIMARÃES — Me desculpe, Dalva. Quem havia de esperar uma coisa dessas?!

DALVA — Um dia tinha que acontecer! Eu sabia. E a culpa é minha. Ela tem razão. Ela não é obrigada a viver comigo. Sou demais aqui.

GUIMARÃES — Mas você paga. Nós não estamos fazendo favor!

DALVA — É impossível. Eu tenho mesmo minha vida. Guima. O que ela disse é verdade. Eu vivo com Gervásio.

GUIMARÃES — Ninguém tem nada com sua vida!

DALVA — Ela tem direito de reclamar...

GUIMARÃES — Ela está furiosa por outra coisa e você sabe bem o que é. O seu caso não lhe afeta. Ela disse isso na raiva. É desabafo. Você sabe como ela é nervosa. Sofre dos nervos. É uma insatisfeita. E eu compreendo... Não teve filhos. A gente tem que dar o desconto.

DALVA — Naturalmente. Eu compreendo, Guima. Não tenho raiva dela. Mas... é impossível eu continuar aqui. Tudo estava mesmo por um fio. A gente sente essa situação. É falsa. É quase uúma situação imposta. Um dia vem o desabafo e sai tudo para fóra...

GUIMARÃES — Se você sente-se mal aqui...

DALVA — Não é por você... mas... sempre é um constrangimento... eu preferia morar aqui... é uma segurança... uma situação... como você já disse... mas agora é impossível.

GUIMARÃES — Está bem. Você faça como quiser. De qualquer modo, você pode contar sempre com êste seu irmão. Em qualquer circunstância. Eu não sou daqueles que apontam o dedo, não. Eu compreendo a vida.

(Entra Floripes com uns papéis na mão e enxugando as lágrimas, momento de surprêsa e constrangimento.)

FLORIPES — Dalva. Você me desculpe, Dalva. Não fiz por mal. Eu gosto de você, Dalva. Foi nervoso. Eu me descontrolei... é um desespêro.

DALVA — Não tem importância. Não se fala mais nisso.

FLORIPES — Você não precisa sair daqui, Dalva. Eu lhe peço que você não saia. Eu sei que você não precisa desta casa. Eu sei. Mas você nos faz companhia. A casa irá ficar muito triste sem você. É uma casa vasia sem crianças... **(chora).**

DALVA — Não se preocupe, Floripes. Ninguém falou nada... Tudo continua na mesma... Tá!?... Agora se acalme... que no fim tudo dá certo.

FLORIPES — Obrigada, Dalva. Não vá ficar com raiva de mim. Eu sou muito infeliz... Mas não há de ser nada. Agora eu lhe peço. Me deixe aqui um pouco sòzinha com meu marido. Quero falar em particular com êle. Um momento só. Não é nada. Estou calma. O nervoso já passou. Você me desculpe, Guima. Fiz uma cena idiota. Estou com raiva de mim mesma.

DALVA — Está bem. Com licença. Se precisarem de mim...

(Sai. Pausa. Floripes se recompõe, pensa. Reflete bem, escolhendo como atacar o assunto. Afinal, resolve-se.)

FLORIPES — Guima: sou sua mulher. Há oito anos que sou casada com você. Não é?

(Guima confirma com a cabeça.)

FLORIPES — Se não lhe dei filhos, você sabe, a culpa não é minha. É a coisa que mais desejo ter... um, dois... três, uma porção... mas Deus não quis, e a gente também tem que se conformar com isso...

GUIMARÃES — Êsse é um assunto superado. Não interessa mais falar sôbre isso.

FLORIPES — Sempre fica no coração da gente. É uma mágua que a gente não supera. Nem eu e nem você. Paciência. Vamos nos conformar. Bem... mas fóra disso... eu tenho cumprido minha obrigação. Sou honesta. Você faz tanta questão de honestidade. Sou honesta. Sempre me comportei como sua mulher. Nesse ponto você não póde ter a menor queixa...

GUIMARÃES — Mas, eu nunca me queixei...

FLORIPES — Eu sei. Você nunca se queixa de nada. Mas que eu sou honesta, sou. Nunca olhei para homem nenhum. Nunca criei dificuldades para você. Até trabalho. Trabalho, não é só para ajudar... mas o trabalho ajuda a viver... a passar o tempo. E a gente ganha. Está certo? Eu estou mentindo?

GUIMARÃES — Não. Absolutamente. Mas... para que você está se preocupando...

FLORIPES — Deixa eu falar. Eu preciso falar. Eu podia ser uma mulher semvergonha. Homem não falta por aí. Eu podia lhe enganar e você nem perceberia nada... Eu podia não ser econômica. Ser gastadeira. Fazer você gastar mais do que ganha... Viver em dificuldades... Não. Não faço nada disso. Controlo a casa. Você não tem a menor preocu-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.119

pação. O dinheiro dá. Eu faço o dinheiro dar. Tudo isso tem valor, não tem?

GUIMARÃES — Claro que tem. Tudo isso tem valor. Eu reconheço tudo isso, Floripes. Sou muito reconhecido. Talvez sido um pouco ríspido...

FLORIPES — Não interessa. A gente é como é. Tenho meus defeitos...

GUIMARÃES — Você tem muito mais qualidades que defeitos.

FLORIPES — Então?! Nunca lhe pedi nada, Guimarães. Nunca!!! Não sou mulher de pedir. Você sabe disso muito bem. Agora eu vou lhe pedir um favor. Um favor só. É preciso ser uma coisa que muito interessa, senão não estava aqui implorando. Se você me reconhece direitos... se eu tenho algum direito de pedir alguma coisa a você... agora eu lhe peço: Está aqui. Está aqui. Foi o Gervásio que me deu. É um parecer de um advogado. De um grande advogado. De um professor da Faculdade de Direito. Está aqui. Aqui está escrito e provado que os maquinistas nada devem. Você póde ter razão aí no seu relatório. Mas é uma questão de interpretação. Se tem um professor que diz, que escreve e assina, com tôda a sua responsabilidade de professor, que o impôsto não é devido... É uma questão de interpretação. Veja. Você tem costas quentes. Você não estará sòzinho. Veja. Leia.

(Entrega o papel a Guimarães. Êste o pega e passa os olhos por cima.)

GUIMARÃES — Êsses pareceres não adiantam nada, Floripes. Você sabe como são feitos. Depois, eu não posso mudar de opinião. Minha opinião já é conhecida. Você tem o direito de pedir o que você quiser, que esteja ao meu alcance. Isso que você quer é impossível!

FLORIPES — Você nem leu! Como é que póde saber?!

GUIMARÃES — Sei. Sei de sobra. Êles também sabem. Senão não estariam aí a me comprar.

FLORIPES — Guimarães: seja razoável meu bem. Pensa um pouco. É tua mulher que te pede. É muito importante, para a nossa vida. Você nem imagina! Mas eu sei. Eu estou vendo. É uma interpretação. Não tem a menor importância. Ninguém irá lhe querer mal por isso. Ao contrário: você facilita as coisas, ganha amigos. Ganha dinheiro e amigos. Não ganha inimigos. A vida fica mais fácil, mais alegre. Eu lhe peço, Guimarães, com tôda a humildade. Não é por orgulho. Eu me ajoelho. Eu peço de joelhos. Olhe: estou me ajoelhando. Peço de joelhos. Como uma escrava que pede a sua liberação. Êsse relatório é a nossa libertação. Minha e sua também, Guima, meu bem. É um favor. Para mim. Para a sua mulherzinha. Tem gente que rouba, que mata pela sua mulher, não tem? Então, Guima?

GUIMARÃES — Levante-se, Floripes. Você perdeu completamente a capacidade de raciocinar. Você está obsecada! Nunca pensei que o dinheiro lhe transtornasse tanto!! Eu compreendo que se roube, que se mate para matar a fome. Mas aqui ninguém está passando fome, Floripes. Vivemos bem. Melhor que oitenta por cento da população. A grande maioria vive pior que nós. É até um sacrilégio você tomar uma atitude desta, por causa de um infame dinheiro. Eu faço tudo por você, Floripes. Mas você não tem direito de me pedir uma coisa dessas. Que adianta êsse dinheiro? Não, Floripes. Você está me criando uma situação terrível, mas não póde ser. Eu não posso fazer isso.

FLORIPES — Está bem. Não insisto mais. Assim você quer. Está bem. Mas não conte mais comigo. Não quero mais saber de você. Dêsse inferno! Nunca! Fique aí com seus relatórios, com sua honestidade... Fique aí. Seu burro! Seu cretino! Idiota! Imbecil! Medíocre! Há de ser um pé-rapado tôda a vida. Pensa que vai ganhar o mandado de segurança? Pensa que vai receber os atrasados? Nunca. Nunca há de receber nada. Só coices. Você gosta de receber coices. Você é como cachorro: apanha e vai lamber a mão de quem bate. Pare da escrever isso aí. Vem me ouvindo. Seu burro! Burro! Tira isso daí! Essa porcaria! Vá trablahar na repartição. Aqui não. Aquí é minha casa! Não quero!

(Nêsse momento entrou Dalva. Floripes no auge do desespêro, procura espalhar os papéis pelo chão, rasgá-los. Faz um espalhafato dos diabos. Por pouco não inutiliza os processos. Rasga tudo. Quase histeria. Dalva assiste à cena, estagnada. Guimarães é obrigado a agir prontamente e com energia. Agarra Floripes pelos pulsos, com certa violência. Não é seu feitio, mas necessário torna-se salvar todos os processos da destruição. Floripes grita, inteiramente fóra de si.)

FLORIPES — Burro! Cretino! Pé-rapado! Pé-rapado! Covarde!! Covarde!

(Ouve-se a voz de Dona Hermengarda pela janela, que estava aberta.)

VOZ DE HERMENGARDA — He! Olha a Rádio Patrulha! Olha êsse barulho aí!! Eu chamo a Rádio Patrulha!

(Há um silêncio repentino. Floripes estaca, perplexa. Guimarães fecha repentinamente a janela. A mulher dando acôrdo de sua atitude, corre para dentro. Pausa. Perplexida-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319,p-120

de. Guimarães, com muita calma, começa a ordenar os papéis novamente. Cata as fôlhas esparsas pelo chão. Dalva o ajuda. Cena silenciosa. Os dois se entendem. Há fôlhas esparsas, fôlhas rasgadas e fôlhas amassadas. Em dado momento, Dalva mostra dois pedaços de fôlha, consultando Guimarães. Êste passa os olhos pelos dois pedaços e os guarda, recebendo-os de Dalva. A cena muda é um tanto longa. Um minuto e meio mais ou menos. Depois de coordenados os papéis, Guimarães senta-se na poltrona, muito mais desanimado que cansado.)

GUIMARÃES — Que coisa, hein?! Você podia pensar numa coisa destas?! Você viu o problema?! Vai ser por tôda a vida! (Pausa) Bom. Paciência. Vamos ver.

DALVA — Sáia um pouco, Guima. Vá se espairecer.

GUIMARÃES — Eu não! Ela é capaz de vir aqui e me queimar tudo isto. Ela ficou louca! Você já viu uma coisa destas?!

DALVA — Eu saio com você, Guima. Vamos a um cineminha. Isso passa. Tudo passa. No fim dá tudo certo.

GUIMARÃES — Não é bem isso. A gente se acostuma com tudo. Se conforma com tudo. E parece que deu tudo certo. Mas é uma mentira.

DALVA — Você viu que eu não posso mais continuar aqui, não é?

GUIMARÃES — Não há nada com você, Dalva. Posso lhe garantir que não há nada com você.

DALVA — Mas não convém, você não acha?

GUIMARÃES — Bem. Você não tem nenhuma necessidade de aguentar êste ambiente. De passar pelo que eu passo. Eu sei. Não quero prender você comigo. Nunca. Acho que você deve sair. Para seu bem. Há coisas que não têm mais consêrto. Mas não saia já. Assim, de repente. Por uma questão de situação. Não vá pedir nada ao Gervásio. Dentro de uma semana, você se compõe com uma amiga, uma colega, e vai morar com ela num apartamento de sociedade. Ou numa pensão. Onde queira. Mas não dê parte de fraca ao Gervásio. Com êle, você tem que se impor, senão estará perdida. Gervásio póde saber que você gosta dêle. Que você o ama. Mas não deve sentir que você necessita dêle econômicamente. Nem você necessita. E se precisar, eu ajudo. Hei de lhe ajudar. Você deve sempre guardar a esperança de se casar. Não que eu reprove a sua vida. Não aprovo e nem reprovo. Compreendo. Não discuto. Nem quero saber. Sei que você é uma môça direita. Mas casar, sempre é melhor.

DALVA — Um dia ainda hei de lhe contar tôda a minha vida. Há de me fazer bem.

GUIMARÃES — Está bem. Está bem. Não quero saber de sua vida. Não que não me interesse por ela. Está claro que me interesso. Não para julgar ou condenar. Mas para aconselhar. Encaminhar, se adiantar alguma coisa. A experiência dos outros não adianta nada. A gente aprende à própria custa. É sempre assim. Também... eu não tenho experiência alguma. Fui sempre um menino bêsta... sem mocidade alguma. Casei-me... nem sei porque... porque gostava. Sim, eu gostava de Floripes. Não era nada de extraordinário. Nada em mim é extraordinário. Vai ver que você tem mais experiência que eu. Engraçado! E eu aqui a dar conselhos! Enfim. Uma coisa é certa. Não se entregue, Dalva. Não cave sua ruína. Defenda-se. Arranje uma companheira de apartamento. De quarto. Defenda-se.

DALVA — Muito obrigada, Guima. Eu vou dar um jeito. Floripes não tem importância. Tudo se acomoda. Compreendo bem o que você quer dizer. Vou gair com calma. Também sair daqui não é sangria desatada. Quem viveu tantos anos aqui, póde esperar mais uma semana. Vou conversar com a Inês. Ela, uma vez, me convidou para morarmos juntas, de sociedade. Vou falar com ela. Muito obrigada, meu irmão. Boa noite. Se fôr possível, uma boa noite depois de tudo isso.

(Guimarães levanta-se e vai arrumar a mesa para o seu trabalho. Coloca a máquina de calcular a seu alcance na mesa e começa a dispor da papelada.)

DALVA — Não trabalhe mais. Descanse. Afinal de contas... não é pelo dinheiro que o Gervásio lhe ofereceu... mas será que êsse trabalho valerá todo o sacrifício?

GUIMARÃES — Não sei. Nem quero pensar. É um perigo, pensar. Se pensar muito acabo cedendo. Sou capaz de me vender, por uma situação cômoda. Não. É melhor eu terminar de uma vez. Entregar e... pronto. E aguentar o baque.

DALVA — Você sabe o que deve fazer. Boa noite. Obrigada. Deixe eu beijar você, Guima. Nós nunca fomos afetuosos. Somos sêcos, ríspidos por natureza. Você precisa de carinho, Guima.

(Dalva beija e acaricia o irmão.)

DALVA — Boa noite. Trabalhe bem.

(Sai.

(Guima se prepara para o trabalho. Já está refeito da briga. Aliás, a cena de Floripes não o transtornou muito. Guima é um forte. Ajeitou a máquina. Colheu uns papéis. Apagou a luz central.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.121

Efeito de luz sôbre Guimarães, trabalhando à mesa.

Surge Floripes com uma mala na mão.

Floripes atravessa a sala, lentamente, em silêncio.

Vê-se claramente, que abandona o lar. Quase que desafiando o marido.

Êste, suspende o olhar do trabalho, fita a mulher, com tristeza. Acompanha o seu trajeto, sem dizer palavra, sem um gesto, sem um sinal de contrariedade, plácido, triste, porém, calmo, quase tranquilo.

Floripes sai.

Guima, quase que automàticamente faz a máquina de cálculo funcionar e mergulha no serviço. No malfadado serviço, enquanto o pano se fecha lentamente.)

P A N O

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(O mesmo cenário, três semanas depois. Hora do jantar.

Guimarães e Dalva estão à mesa, em final de jantar, servidos por Edwiges.

Guimarães abre uma garrafa de champagne. Cena silenciosa, cujo silêncio é rompido pelo estouro do champagne.

Guimarães serve a bebida.

Levanta-se, com o copo na mão, como quem vai fazer um discurso.

Sente-se que está ligeiramente tocado pelo álcool.)

GUIMARÃES — Dalva... minha irmã. Mais que irmã... minha amiga. Festejamos hoje, o seu aniversário. Aniversário triste. Faltam duas pessoas nesta mesa: Floripes e Gervásio. A ausência de minha mulher é problema meu. A de Gervásio é uma imposição sua. É a sua greve em prol do casamento. Há três semanas que vivemos sós nesta casa. Neste solar da mediocridade. Levanto a minha taça... taça não... copo... para beber à sua saúde, neste seu melancólico natalício, fazendo votos que você vença a sua greve e que Gervásio se case com você, dando-lhe uma situação jurídica e moral, a que você tem direito por todos os títulos. Amém e tenho dito.

(Tomam os copos e bebem. Há uma pausa.)

DALVA — Guima: eu rompí com Gervásio. Eu exigi o casamento. Eu disse a êle que se não quisesse se casar comigo, não me procurasse mais. Êle me tem procurado e eu não tenho recebido...

GUIMARÃES — Êste champagne que estamos bebendo e a sobremesa que comemos foram presente dêle.

DALVA — Pois é. Mas não saí mais com êle. Agora vou te contar uma coisa: não está certo o que você disse. Eu não tenho direito. Nenhum direito. A greve que estou fazendo é uma chantagem.

GUIMARÃES — Não sei porque. Tôda môça tem direito ao casamento.

DALVA — Não, meu irmão. Quero que você saiba que Gervásio não tem a menor responsabilidade. Êle... êle não foi o primeiro. Não posso me queixar dêle. É um bom companheiro. Sei que êle gosta de mim. Nós nos amamos. Eu tenho certeza.

GUIMARÃES — Então, porque êle não se casa com você, ora essa?! Nada impede.

DALVA — Foi o que pensei. Por isso fiz a greve. Se êle gosta de mim, tem que se casar comigo. Foi assim que eu pensei. Foi uma chantagem.

GUIMARÃES — Não sei porque.

DALVA — Eu sou môça estragada, como vocês dizem. Não tenho direito. Só se êle quiser casar. Se êle tiver vontade de se casar, para constituir família. Mas quem é que vai constituir família com uma môça estragada?

GUIMARÃES — Você está completamente errada e complexada com êsse negócio de...

DALVA — Negócio de que? Diga. Você não tem jeito, não é? Você está vendo? Negócio de virgindade. Pela nossa lei, pelos nossos costumes, a môça deve ser virgem.

GUIMARÃES — Há muita môça virgem que não vale nada e muita mulher como você que dava ótima espôsa e mãe.

DALVA — Póde ser. Mas aqui, de acôrdo com as nossas leis, o homem que se casa fica prêso à mulher durante tôda a vida. Aqui não há o divórcio. O homem fica marcado, vinculado. Há também a questão econômica: o homem é obrigado a sustentar a mulher durante tôda a vida. Mesmo depois de separado. Porque tudo isso? Porque êle tirou uma môça virgem da casa dos pais. Porque essa môça, depois, não tem mais chance de se casar. A lei foi tôda feita nesse sentido.

GUIMARÃES — Num sentido mais econômico do que moral. Mas tudo isso evoluiu,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-122

DALVA — A lei continua a mesma. O Código não foi alterado.
modernizou-se. A coisa hoje não é mais assim.

GUIMARÃES — A lei devia ser diferente.

DALVA — Pois é. Eu também acho. Mas não é. O que é que você quer que a gente faça? Eu acho que a lei devia variar conforme o caso. Por exemplo: com mocinhas saídas da casa da família, virgens... o casamento como está na lei. Com tôdas as responsabilidades. Com as môças estragadas como eu, csamento com direito a divórcio. Assim é que seria justo. Por isso é que é bom êsse casamento que não vale nada. Êsses casamentos de pessoas desquitadas. No México. É uma fórma de resolver uma situação...

GUIMARÃES — Sem responsabilidades irremediáveis. Quer dizer: o marido tem responsabilidade moral de sustentar a mulher. Mas não fica vinculado a ela por tôda a vida...

DALVA — Tudo isso é muito complicado. Mas não é justo.

GUIMARÃES — O justo é quem se gosta se casa. Podendo se casar, é claro. E o Gervásio e você nem se podem casar.

DALVA — Eu só queria que o Gervásio chegasse para mim e dissesse: está bem, Dalva. Você fêz chantagem comigo. Mas eu não posso viver sem você. Vamos nos casar. Eu juro, Guimarães: estava tudo salvo. Eu não me casaria com êle. Iria viver com êle. Continuava assim, vivendo com êle, ou morando juntos, ou separados, não tem importância. Mas eu queria que êle capitulasse.

GUIMARÃES — E filhos? Você não gostaria de ter filhos?

DALVA — Ah! Isso é outro caso. Então, eu me casaria. Tenho certeza de que Gervásio casaria. Mas, não quero assim. Gervásio deve querer casar-se comigo, por mim mesma. E não para legitimar o filho. Você me compreende?

GUIMARÃES — Como não? Está tudo tão claro! Agora vamos beber pelo seu casamento e pelo seu futuro filho.

(Guimarães enche novamente os dois copos. Os dois brindam e bebem.)

GUIMARÃES — Filhos... o problema é filhos... Ter filhos. É o caso da Floripes. É frustração. Ela não era tanto assim. Foi ficando. Com o tempo. Mas olha aqui. Já resolvi. Antes tarde do que nunca. Está vendo isto aqui? É uma consulta. Mil cruzeiros. No ginecologista. Só daqui a uma semana. Puxa vida! Como ganham êsses médicos! A turma faz fila, a mil cruzeiros por cabeça! Mas vale a pena. Eu vou acabar com esta alegria. Com esta folga. Vou buscar o meu tormento. Vou tratar dela. Vamos ter um herdeiro.

EDWIGES — Deixa estar que dona Floripes, numa gravidez, deve ser de amargar.

(Edwiges serve o café.)

GUIMARÃES — Nem é bom pensar. Mas vou aguentar a mão. Coitada da Floripes. Gênio mau. Como é que vai viver sem mim? Sòzinha, ela não pode. Os pais não aguentam. Nem sei como suportaram tanto tempo. Três semanas. Ela encrenca logo na casa dela. Só quem aguenta aquêle gênio sou eu mesmo. E ela sabe disso. Tenho a certeza de que ela voltará. Mas não vou esperar mais, não. É egoismo. Não vou fazer ela quebrar o orgulho. Amanhã mesmo vou buscá-la. E eu gosto de tudo no seu lugar. A situação assim desgovernada não me agrada. Não está caminhando bem. Afinal de contas, quem está com a razão? Ela ou eu?

DALVA — Nós dois com os nossos problemas, hein?!

GUIMARÃES — E o pior não é isso. É um nunca acabar de problemas. Resolve-se um, aparece outro. Você não se casa com o Gervásio. Pronto. Acabou-se. Resolveu o problema da felicidade?

DALVA — Não. Não é assim. Nesta vida a gente luta para ser o menos infeliz possível. Acho que nós estamos muito pessimistas, e que não é próprio para um dia de aniversário. E agora tenho que sair. Barriga cheia, companhia desfeita, como diria o bandido do Gervásio. Tenho que dar o fóra porque êle póde aparecer por aqui.

GUIMARÃES — Você tem mêdo dêle no seu próprio reduto?

DALVA — Tenho sim. Se me encontrar com êle hoje, sou capaz de capitular. E por isso vou ao cinema. Já devo estar atrasada. Marquei encontro com a Inês, às oito horas na porta do cinema. Venha comigo, Guima. Vamos espairecer um pouco. Não é bom a gente ficar aqui, ruminando amarguras.

GUIMARÃES — Não. Não vou ao cinema. Não gosto de ir ao cinema sem Floripes. Engraçado... Ela briga desde a escolha da fita. Implica. Eu quero uma e ela logo escolhe outra. Encrenca no ônibus. Fala no cinema. Comenta alto. Dá alteração. A turma olha duro. Nada de lugar. Quando a fita é policial, então, é um desespêro. Não entende nada. Quer que eu explique. Me aperta o braço. Dá gritos... O engraçado é que me acostumei com tudo isso. Sinto falta. No cinema, sinto falta. Nem vejo a fita até o fim. A natureza humana é gozada, não?

DALVA — Isso é vocação para faquir.

GUIMARÃES — Nem tanto. O negócio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 123

também é recíproco. Porque eu sou um chato, hein? Chato da galocha! Eu tenho me analisado ùltimamente e cheguei à conclusão de que sou um grande chato. O Gervásio é um camarada divertido. É exuberante. Exagerado. Gosta de movimento. Se agita. Vibra. E eu? Eu sou uma múmia. Pensando bem, ela também precisa ter estômago para me aturar.

DALVA — Quer dizer que a vida é isso? É um aturar o outro?

GUIMARÃES — Eu acho que é. Não sei. O problema é viver. A gente vai vivendo. O tempo vai passando e a gente vai se acomodando. Desgraçado daquele que reage. Que não se acomoda. E no fim, como aquele sábio da história universal: êles nasceram, sofreram e morreram.

DALVA — Belíssimo panorama! E para que vou casar, então? Para que você quer um filho?

GUIMARÃES — Faz parte do programa. É a rotina melancólica da vida.

(Dalva prepara-se para sair.)

DALVA — Até logo, meu irmão.

GUIMARÃES — Não quer beber mais um pouquinho?

DALVA — Não. E você tenha juízo. Não vá beber demais.

GUIMARÃES — Já ando cansado de ter juízo.

(Guimarães despeja champagne no seu copo e bebe.)

DALVA — Está certo. Vou ao cinema. Só quero te dizer uma coisa. Vou aguentar esta greve mais uma semana. Se Gervásio não se render, quem vai capitular sou eu.

GUIMARÃES — Seria a primeira greve fracassada na história das greves nesta terra.

DALVA — Paciência. Mas vai ser assim. Só mais uma semana. Ciáo!

(Dalva beija o irmão no rosto e sai.

Guimarães, só com os seus pensamentos, tira o paletó, a gravata, abre a janela que dá para a área interna do edifício, senta-se na poltrona e acende o seu cigarro. Edwiges entra e sai da sala, tirando a mesa.)

EDWIGES — Boa môça. Muito boa môça: e foi gostar do seu Gervásio. Aquêle cavalão de homem! E êle fazendo luxo para se casar! Tomara êle pegar uma espôsa como a Dona Dalva!

GUIMARÃES — Pois é. Os dois vão se casar, você vai ver.

EDWIGES — Não sei não. Os homens andam muito ariscos. Está tudo virado hoje em dia. Ninguém quer falar em casamento. Eu acho que é porque tem muita mulher sobrando por aí. O senhor veja o meu caso, seu Guima: até aquela peste do Benedito...

GUIMARÃES — Você não é casada com o Dito, Edwiges?

EDWIGES — Casada, não senhor. Amancebada, sim senhor. Eu vivo maritalmente com êle, há quatro anos. Também não carece de casar. Agora nem tem mais graça.

GUIMARÃES — Mas você não gostaria de ter uma situação definida? De ter certidão de casamento?

EDWIGES — Isso não adianta nada. A gente apanha do homem, com certidão ou sem certidão. O senhor veja aí a vizinha, Dona Hermengarda. Ela é casada no civil e no religioso...

GUIMARÃES — Continuam brigando?

EDWIGES — Então. Uma ou duas vêzes por semana êles dão o show.

GUIMARÃES — Dizem que êle bate porque ela não lhe é fiel.

EDWIGES — Isso é conversa, patrão. Êle bate porque êle é de bater. Tem uns que são de bater e outros que não. E o Dito? Também não bate em mim? E eu não passo êle pra trás, não senhor. Eu sou pessoa séria. De respeito. Também não levo desafôro para casa, não. Mêdo de homem eu não tenho.

GUIMARÃES — Isso é uma questão de educação. Com gente bem educada, não há dessas coisas.

EDWIGES — Ora, seu Guimarães, deixe disso. Eu já fui empregada em casa de gente rica. De gente granfina que mora no Jardim América. E vi o pau comer muitas vêzes. E minhas colegas também sabem disso.

GUIMARÃES — Eu falei: com gente bem educada e não com gente rica. Uma pessoa póde ser muito rica, morar no Jardim América, ter automóvel e tudo e não ter educação. E outra pode ser pobre e ser bem educada.

EDWIGES — É mais difícil. É mais fácil rico ser bem educado do que pobre. Dinheiro ajuda muito. Mas êsse negócio de bater é questão de sentimento. Às vêzes a gente bate porque gosta. Outras vêzes, porque não gosta. O que há é muita semvergonhice por aí.

GUIMARÃES — É. Talvez você tenha razão.

(Guimarães levanta e vai servir-se de champagne.)

EDWIGES — O senhor devia era sair um pouco. Ir a um cinema. Passear com os amigos. Assim o senhor acaba neurastênico. Nem aproveitou as férias.

GUIMARÃES — Que férias?

EDWIGES — As férias conjugais. Dona Floripes lhe deu uma folga, o senhor não aproveitou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-124

GUIMARÃES — E as férias vão terminar, porque amanhã mesmo irei buscá-la.

EDWIGES — Ah, patrão! Espera mais uma semana, para completar um mês.

GUIMARÃES — Não, Edwiges. Essa separação já durou muito tempo. Durou demais para meu gôsto. Ou a gente é ou não é. Ou bem eu me separo ou então continuo casado. Cem por cento, de um lado, ou cem por cento do outro.

EDWIGES — Tá bom. O senhor sabe o que faz. Por mim, eu esperava mais um pouquinho. Mas eu sou uma errada. Não dou palpite.

(Edwiges sai. Toque de campainha. Volta Edwiges resmungando.)

EDWIGES — Quem será? que já vem encher a gente? Estou vendo que não saio cêdo hoje!

(Ewiges vai atender a porta. Barulho de vozes no vestíbulo.)

VOZ DE GERVÁSIO — Boa noite, môça. O patrão está aí?

VOZ DE EDWIGES — Está, sim senhor.

VOZ DE GERVÁSIO — Já acabaram de jantar?

VOZ DE EDWIGES — Já, sim senhor. Dona Dalva saiu. Foi para o cinema. Seu Guimarães está em casa. Êsse é como o caranguejo. Não larga a casca.

(Os dois entram na sala.)

GERVÁSIO — Boa noite, meu velho.

GUIMARÃES — Boa noite, Gervásio. Muito obrigado pela lembrança. A sobremesa estava muito boa, e êste champagne está ótimo. Quer provar um pouco?

GERVÁSIO — Quem dá e toma fica corcunda.

GUIMARÃES — Eu estou oferecendo. Vamos beber à saúde dos ausentes, mas que estão presentes no nosso coração.

GERVÁSIO — Então, que vá!

(Guimarães serve a bebida, os dois, de pé, brindam e bebem silenciosamente.)

GERVÁSIO — Bom champagne. É quase tão bom quanto o estrangeiro. Mas nós chegaremos lá. É uma questão de tempo. Fuma um charuto? Puro baiano.

GUIMARÃES — Espere o café. Edwiges: traz um cafèzinho pra gente.

GERVÁSIO — Está bom. Então vamos esperar pela rubiácea.

(Pequena pausa.)

GERVÁSIO — Então, a Dalva saiu. Foi ao cinema. Nem esperou pela gente. No dia de seu aniversário. E eu tenho novidades para contar. Duas grandes novidades. E trouxe também um presentinho para aquela ingrata. Está aqui, neste embrulhinho. Não veio numa caixa em condições, porque eu comprei no contrabando. Mas que é legítimo, é. De primeira qualidade. O que vale é o conteúdo, e não o rótulo. Está aqui. Manja só que beleza!

(Gervásio abre o embrulho e mostra um colar de pérolas de três voltas que Guimarães examina.)

GUIMARÃES — Muito bonito. Mas isto deve ser um presente muito caro, mesmo no contrabando. Aqui vai pelo menos um mês de ordenado!

GERVÁSIO — Bote coisa nisso, velho. Dois meses de ordenado! E isso porque eu sei comprar. Para qualquer trouxa seria muito mais.

GUIMARÃES — Quer dizer que você anda de caixa alta?

GERVÁSIO — Graças a você. Eu disse meu velho: você vai preparar o prato para os outros comerem. Foi o que aconteceu.

GUIMARÃES — É. Eu soube. Todo o mundo já soube. Atenderam a representação do sindicato dos beneficiadores. E arquivaram a autuação, tudo. Que me importa? Melhor assim. Vamos beber à saúde do seu primo. O advogado dos beneficiadores, pela vitória que teve.

GERVÁSIO — Vitória?! A vitória foi minha! Estava na cara. Eu te disse. Cantei a bola direitinho. Você não topou. Foi melhor para mim.

GUIMARÃES — Melhor, porque?

GERVÁSIO — Bem. Vou te contar. Antes, vamos virar mais um copo. In vino veritas. Hoje vamos sair do sério. Eu e você vamos encher o canecão. **(Servem e bebem vinho).** Saúde! Eu menti quando disse a você que não estava levando nada. Menti. Você sabe: o segrêdo é a alma do negócio. E eu sou safado mesmo. Não com os amigos. Com os amigos sou batata. Amicus certus in re incerta. Mas negócio é negócio e ninguém precisa saber com quantos paus se faz uma canôa. A bolada era de cinco milhões. Os homens entravam mesmo eram com cinco milhões. Eu dava três a você e engavetava dois. Você não quis. Eu tinha que me virar. São Paulo não póde parar. Então trabalhei o chefe. Eu disse a você. Você jogou fóra a pepineira. Jogou pela janela e o chefe estava lá em baixo para pegar. Mas eu não fui bêsta. Meti a conversa no chefe. Não deu trabalho: nem foi preciso muito rodeio. Foi barbada. Só que inverti o programa. Dois milhões para êle e três para mim. E dito e feito. O homem achou que você era uma bêsta. Um exagerado. Que não conhecia direito fiscal. Achou que meu primo é que era um crâneo. Baseou-se no parecer do ju-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.125

rista e pronto. Dois milhões para lá e três para cá. Está bem?

GUIMARÃES — É. Todo o mundo na repartição já soube do fato. Só se comenta isso. Que eu não topei; que eu recusei milhões e que o chefe entrou na bola.

GERVÁSIO — Quer dizer que você está de herói?

GUIMARÃES — Herói?!! O contrário. Olham-me como um idiota. Como um louco. Ou como um cretino, pretencioso. Passei a ser uma figura incômoda na repartição. O chefe, com culpa no cartório, trata bem todo o mundo. Releva faltas. Aquilo está uma bagunça! A turma tôda tem mêdo de mim. Me olham com reservas. Não tenho mais serviço. O ambiente lá, para o meu lado, está muito desagradável!

GERVÁSIO — Mas, como foram saber? Foi tudo entre quatro paredes!

GUIMARÃES — Deve ter sido a Floripes. Você sabe como ela fala.

GERVÁSIO — E um assunto dêsses! Não tem importância. O que está feito, está feito. E a gaita já entrou. É o principal. O que desceu pelo esôfago e caiu no estômago eu não vomito mais.

GUIMARÃES — Não sei como o chefe acomoda a sua consciência. Afinal de contas, êle é um chefe... Como é que êle se organiza?... A disciplina... a moral...

GERVÁSIO — O corcunda sabe como se deita. Essa é a grande verdade. O corcunda sabe como se deita. Você vai ver que êle se ajeita muito bem. Dois milhões, meu velho, resolvem muitos problemas.

GUIMARÃES — E três, ainda mais, não é, doutor Gervásio? Você sabe, Gervásio. Perdemos a representação. Você se lembra? Pois, não deram bola. Um parecer de lá, uma informação de cá e um indeferimento em sêco. Nem houve fundamentação. Nem consideranda. Nada. Um despacho em sêco: "não assiste razão aos peticionários" "indefiro a representação de fôlhas". Quatro linhas. Escrevemos 16 laudas e, em quatro linhas foi tudo por água abaixo. Tenho a impressão exáta de que houve desconsideração. A classe não se impõe, por causa dessas coisas.

GERVÁSIO — Isso é uma injustiça. Pouca gente póde atirar a primeira pedra. Até me revolta, sabe? Mas, vocês não vão entrar com o mandado de segurança? Vocês querem ir no mole?! Toca um mandado de segurança na cabeça dêles e acabam com essa conversa! Ora bolas! O que é que estão pensando?

GUIMARÃES — Era o que havia resolvido, naquela região. Mandado de segurança. Aliás, eu queria entrar imediatamente com a ação judicial. Agora ninguém mais quer entrar com o mandado, está bem?! Ninguém! Dizem que é melhor deixar. É melhor não procurar encrenca. Que o aumento sai mesmo. Você está vendo? É um pessoal de amargar!

GERVÁSIO — Malandro não estrila; desaperta para a esquerda. Êles resolvem o problema pelas laterais. Qual é o dêles? Eu disse a você. Você estava com a faca e o queijo na mão. Agora...

GUIMARÃES — Eu vou entrar com o mandado de segurança. Eu vou. Sòzinho. É direito meu, ora essa! Êles que se danem!

GERVÁSIO — É um direito que lhe assiste. E ganha. Não há dúvida. E aproveita a todos. É sempre assim.

GUIMARÃES — Paciência. Eu vou entrar com o mandado. Não tenho nada com a desonestidade dêles. Não tenho rabo de palha.

GERVÁSIO — Êles são umas bêstas! Poltrões, para não dizer outro nome. Não têm classe! Estão passando o recibo. Foram preteridos porque são ladrões, porque são safados. Porque pegam tudo. E passam o recibo. Ficam quietos. Não reagem. Falta de classe! Comigo não tinha conversa. Continuava roubando e estrilava. E abria a bôca e cantava de galo. Comigo não. Enquanto êles vão com o milho, eu já volto com o fubá. Ninguém póde apontar o dedo para ninguém.

(Entra Edwiges com o café. Os dois tomam o café em silêncio.)

GERVÁSIO — Ótimo café! Excelente! Dona Edwiges está de parabéns. E cá estão 200 mangos para minorar os seus males **(e Gervásio tira do bolso uma carteira recheada de notas e dá o dinheiro criada.)**

EDWIGES — Muito obrigada, Doutor Gervásio.

GERVÁSIO — Você está vendo, colega? A fôrça do dinheiro? Já fui promovido. Dinheiro põe até DR na frente do nome da gente. Dinheiro dá até diploma.

GUIMARÃES — Ser doutor não é documento. Eu conheço uma família... são quatro irmãos. Três formados. Dr. José, Dr. Edgar, Dr. Valêncio. Tudo pronto, vivendo de ordenado. O Geraldo não se formou. Está rico. O filho do Dr. José dizia: quando crescer quero ser seu: Seu José.

GERVÁSIO — E não deixa de ter suas razões.

GUIMARÃES — Eu não sei se estou certo ou errado. Penso muito diferente da maioria. Puxei pelo meu pai. Não há nada que pague o direito de estrilo. O indivíduo muito rico, o grande industrial, o tubarão, tem muitas responsabilidades a zelar...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 126

GERVÁSIO — Tomar conta de dinheiro também dá muito trabalho.

GUIMARÃES — É isso mesmo. Você sabe: o rico é ambicioso; quanto mais, melhor. Tem patrimônio a defender. Posição para sustentar. Então vivem na dependência de muita gente. Têm que agradar e engulir milhares de pessoas. Gente do govêrno. Políticos. Café Society. Até cronista social! O diabo! Vivem sorrindo amarelo. E com dinheiro, hein! Eu não. Não tenho nada, mas nada devo. E não abaixo a crista para ninguém. Vivo modestamente. Mas não tenho que dar satisfações a ninguém. O direito de estrilo ninguém me tira. Sou pobre mas em compensação posso gritar e estrilar. Não preciso bajular ninguém. Idiota é o pobre que ainda bajula. Êsse tem alma de cachorro. Pois, se a gente não tem nada a perder, ainda vai suportar panca dos outros? Não. Só imbecil. Buliu comigo, levou troco. Essa é a vantagem do pobre. Veja êsses industriais. Quinhentas fábricas. Bilhões e mais bilhões. Têm que agradar o Govêrno. Têm que fazer rapapé para senador, para deputado, senão é espeto. Aumentam o impôsto. Tocam-lhe uma fiscalização. É o diabo. E com os jornalistas ainda é pior. E com os comunistas. Você sabe que tem muito tubarão aí que comparece com dinheiro para o Partido Comunista? Êles querem é sossêgo. Então, procuram cobrir-se de todos os lados. Vida miserável! Não invejo a vida dessa gente, não.

GERVÁSIO — Nem eu. Se eu pudesse ter o dinheiro, sem as responsabilidades... é impossível... Todo o mundo se incomoda com os ricos. Quando não é por interêsse, é por inveja.

GUIMARÃES — Vá se preparando, que você vai indo pelo mesmo caminho. Hoje três milhões. Amanhã, cinco...

GERVÁSIO — Quem? Eu? Ainda estou muito longe! Quem nasceu para dez réis não chega a vintém! Você não sabe da missa a metade. Há gente por aí que ganha três milhões por dia! Três milhões por dia! De renda, está bem? Eu podia meter os peitos. Botava um negócio aí. Contrabando. No fim de um ano teria dez milhões. Ou bunda de fóra ou calça de veludo. Ou bem cabeludo, ou caréca de tudo. Para quê? Para sair do meu natural? Deixa.

GUIMARÃES — Está certo. Um dia lhe apreendem a moamba e lá se vai todo o lucro. E não há remédio, porque é negócio imoral e extra-legal.

GERVÁSIO — Extra-legal, de acôrdo. Mas imoral, não. Todo o mundo faz contrabando. Você vai a Nova Iorque, encontra a brasileirada, lá. Só pensam em contrabando. Só falam em contrabando. Você nem queira saber!

GUIMARÃES — É. Essa corrida atrás do dinheiro... do dinheiro... A corrida não pára... depois do dinheiro... a notoriedade... a fama... a glória. Vaidade. É uma coisa louca!

GERVÁSIO — O expresso não pára. É a reação em cadeia. Uma coisa puxa a outra. Você sabe que tem milionário aí que dá para artista. Não sabem mais o que fazer com o dinheiro; então botam pança de artista.

GUIMARÃES — Pois eu penso diferente. Talvez seja por eu não ser rico. Quem sabe, se fôsse rico, naturalmente agiria como rico. Mas, não se tendo dinheiro, o panorama é outro. É levantar a cabeça. É não entrar na gaveta de ninguém. O estrilo é livre. Exigir, não pedir. Lutar pelo meu direito. É uma condição humana. A gente tem que manter a condição humana!

GERVÁSIO — Muito bem, Guimarães! Bravo! É isso mesmo! Você é um braço! Você é que está com a razão! Às vêzes eu fico pensando, pensando... Eu sou um ladrão de galinha, colega! Desta vez eu entrei na bolada. Mas já me vendi por gorgeta. Por quinhentos mil réis. Com qualquer gorgetinha eu facilitava as coisas. Eu não tenho dignidade. Eu falo isto aqui, para você. Entre amigos. Ninguém me diz isso na cara, que eu reajo à altura. Mas é a verdade. Eu não passo de um ladrão de galinha. De um achacador! Cá para nós, hein? In vino veritas. Eu tenho uma profunda admiração por você, colega! Você é que está certo!

(Pausa. Guimarães levanta-se e avança para o centro da cena, lentamente, com um copo de vinho na mão.)

GUIMARÃES — Eu não sei se estou tão certo assim, Gervásio. Não estou nada convencido da minha certeza. Eu também estive pensando, pensando... você sabe... três semanas. Há vinte dias que a Floripes saiu... eu tive bastante tempo para pensar... não tenho feito outra coisa... não sei... dúvida... A dúvida. A princípio parecia absolutamente certo. Convencido. Agora, não. Eu não me vendi. Não comi bola. Três milhões de cruzeiros... em moeda corrente do país... Está certo. Você pensa que eu recusei por patriotismo, em nome da Pátria, por civismo? Não. Nada disso. Minha recusa foi automática. Inconsciente. Nem ponderei prós e contras. Não como bola, acabou-se. Foi um problema íntimo. Todo pessoal. A coisa é cá por dentro. Não pensei em ninguém. Talvez só em mim. Aí é que está. Isto também é cá prá nós,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P. 127

hein? Vai por conta do vinho e de nossa amizade. Minha recusa foi um ato puramente egoístico. O que eu ganhei com isso? Nada. Não agi dessa maneira, atrás de compensações. Não. Foi automático, já disse. A moral da repartição não melhorou. Até piorou. Porque a venalidade veio de cima. Do Chefe. E eu sabia que êle cederia. Mas o problema não era só meu. Havia a Floripes. Eu joguei fóra uma chance de ficar rico. Uma chance de Floripes melhorar consideràvelmente de vida. Eu encarei o problema do meu lado exclusivamente pessoal. Egoismo. Vaidade. Sou um grande pretencioso. No fundo, não passo de um idiota pretencioso. Vou reformar o País? Vou moralizar a Nação? Eu? Quem sou eu, para recusar três milhões... em moeda corrente do País? Eu faço questão de que você saiba, Gervásio, que não estou arrependido. Não estou chorando o dinheiro que deixei de ganhar. Não. O que está se passando comigo é que não estou tão convencido de estar com a razão. É isso. Está tudo bailando, aqui, na minha cabeça. Estou confuso. É isso. Confusão. Não sei mais onde está a verdade. Talvez a verdade esteja dentro desta garrafa. Vamos a ela.

GERVÁSIO — Mas se todo o mundo pensar assim, então, êste país não tem mais salvação!

GUIMARÃES — Eu sei lá! O fato é que todo o mundo se vende e o País vai indo para a frente. Eu acho que é como nêsse negócio de terras. O desbravador do sertão nada mais é que um grileiro. Êle rouba a terra do Estado. E leva o progresso para a região. A história da terra vem dos posseiros. Do grilo. De um roubo. Na indústria é a mesma coisa: o capitalista, com o dinheiro, ajeitando as coisas, uma facilidade de cá, uma licença de exportação, uma moleza cambial por baixo do pano. E monta a fábrica. Depois dana-se a vender sem nota. Compra tudo que é fiscal. Esconde o lucro na contabilidade. Fraude. Ajuda na caixa do partido da situação... e está aí mais uma fábrica... mais um fator de progresso. E a verdade é que todo o mundo ganha com isso. Você está vendo a confusão?

GERVÁSIO — Quer dizer que a ordem é roubar?

GUIMARÃES — Eu não quero dizer nada. Estou pensando alto. Estou considerando os fatos. E agora vamos nos despedir desta bebida. Vamos, colega. Meu colega rico. O colega pobre e o colega rico. Você com a gaita no Banco e eu com a conta no empório. Mas o tal sou eu? Está bom, Guimarães, pobre, porém honesto. Bonito... não há dúvida! Hein! Edwiges! O que é que você acha disso tudo?

EDWIGES — Eu não acho nada. Cada qual sabe onde lhe aperta o sapato.

GERVÁSIO — Boa, Edwiges! Nada como a sabedoria popular.

GUIMARÃES — Adeus, meu bom champagne. Desculpe, se não o saboreei como um mestre de cerimônia. Seu gazúa! Abridor de cofres de segrêdo!

EDWIGES — Quer mais café? Está na hora de tomar café sem açúcar.

GUIMARÃES — Vocês pensam que eu estou bêbedo? Absolutamente. Estou apenas um pouco alegre. Assim, no ponto de dizer umas verdades. E mais êste e pronto. Adeus. Vamos voltar à rotina. Amanhã a rotina. Trezentos e sessenta e cinco dias de rotina. E nos bissextos 366. E a gente vai vivendo. Vai-se se tocando o barco para a frente. Viva a mediocridade! Peito! Bem que a Floripes disse. Peito! Me faltou peito para aceitar os três milhões. Eu sou um medíocre. E hei de ser isso tôda a vida. E viva a mediocridade!

GERVÁSIO — Guimarães: você é que está certo. Um tipo honesto, direito, correto. Póde gritar, não está na gaveta de ninguém. Tem um nome para deixar para seus filhos. Uma tradição de honestidade...

GUIMARÃES — Pobre de mim! Nem filhos tenho. Ainda bem. Senão êles tinham que herdar um nome honrado. O que você prefere: herdar um nome honrado de um pai liso como bunda de anjo, ou receber uma fortuna de um pai sujo como pau de galinheiro? Vamos, meu colega. Responda. Um nome honrado. Ou gaita? Está aí. Vamos ouvir o senso comum do povo. Edwiges: responda você.

EDWIGES — Eu, seu Guima? Quem sou eu para herdar qualquer coisa? Nem dinheiro, nem nome honrado. Que meu pai, como muito pernambucano, era ladrão de cavalo.

GUIMARÃES — Mas o que é que você preferiria?

EDWIGES — Dinheiro, seu Guima. Dinheiro não tem côr, nem procedência. Vale por si...

GUIMARÃES — E quem responder o contrário, está mentindo. O dinheiro tem uma fôrça descomunal. Você tem um padrinho rico. Êle lhe faz bem. Lhe encaminha na vida. Lhe socorre nas suas dificuldades. Você lá quer saber se o dinheiro dêle é roubado? Você é naturalmente amigo de quem lhe ajuda. Votará nêle se fôr o caso. O resto é teoria.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 128

Você veja o que aconteceu comigo. Continuo pobre, fui preterido, sou uma figura indigesta na repartição onde trabalho. Briguei com minha mulher e durante tôda a minha vida vou ouvir dela êsse queixume: Idiota, imbecil, medíocre. Há de ser um pé-rapado tôda a vida. Coitada da Floripes! Deve ter amargurado.

GERVÁSIO — Não adianta, Guimarães. Você é que está certo. Você sabe disso. Eu não sei provar. Não sei demonstrar. Sou um ignorantão. Só sei provérbio. E me virar por aí. E quando é preciso eu me viro mais que charuto na bôca de bêbedo. Mas você é que está certo.

GUIMARÃES — Acho engraçado você dizer isso com êsse charutão na bôca! Com êsse ar de prosperidade. De industrial em férias. Você é quem está certo, Gervásio. Todo o mundo se vendendo por aí. A turma do dez por cento. Não sai um empréstimo sem correr o dez por cento. Não se paga um fornecimento, sem o dez por cento. Não se vence uma concorrência. Não se constrói uma casa. É a caixinha, a moleza, sei lá! E o Govêrno a aumentar os impostos! O pior cego é aquêle que não quer ver. E está na cara. É só fiscalizar. É só fazer pagar o que já é de lei. Se não houvesse sonegação, a arrecadação atingiria cifras astronômicas. Mas não, aumentam-se os impostos. Os trouxas irão pagar mais. Pagam pelos águias. Qual, seu Gervásio. É uma situação muito cômoda.

GERVÁSIO — Eu não sirvo de exemplo para ninguém. Até nem fica bem estar falando assim. Mas você acredite se quiser: ainda que pareça mentira: eu preferiria ser como você, Guimarães. Ter a sua moral, a sua têmpera. Você é como um sacerdote. Como um militar. Já tem a sua trilha certa. Não sai do regulamento. Tem o regulamento e não há problema. Não há a encruzilhada para se escolher. Você me entende? O caminho já está traçado. É mais simples.

GUIMARÃES — É mais simples. Já sei tudo que me vai acontecer na vida. Trabalho mais quinze anos. Subo duas letras. Me aposento. E fico esperando a morte sentado. É. De fato. É mais simples. Mais fácil, é a expressão. Há muita coisa que não entendo. Nós não somos donos da verdade. Por isso é que não se deve ir julgando, nem condenando. Você veja a minha irmã. Dalva. Ela tem a mesma formação moral que eu. A mesma educação. E gosta de você. E irá com você para onde você fôr. Que importa a ela que você tenha sido um venal, um... ladrão de galinhas? É como você diz. Onde é que está a sanção?

GERVÁSIO — Puxa! Você, agora, tocou na ferida. E está na hora da segunda novidade. A princípio não era novidade. Você já sabia. Mas esta é: Eu vou procurar a Dalva. Ela ganhou a parada. Há males que vêm para bem. O casamento é contra a minha religião, mas vou me casar com ela. E vou dividir êsses três milhões com ela. E depois você diz que não adianta ser honesto. Vou me casar com ela porque ela é assim como você. Batata! Cem por cento! Vinho da mesma pipa! Quero lhe pedir a mão de sua irmã. Você é o irmão mais velho. Meu colega, meu amigo e meu futuro cunhado. Venha de lá um amplexo.

(Guimarães levanta-se e abraça longamente Gervásio.)

GERVÁSIO — Entreguei os pontos direitinho, hein?! Eu gosto dela, sabe? E te digo francamente. Há muito tempo que já estava resolvido. Vou me casar com a bichinha. Entro nos três milhões e caso com ela. Há mal que vem para bem.

EDWIGES — Meus parabéns, doutor Gervásio... agora, o senhor falou com sabedoria.

GERVÁSIO — Em que cinema que ela foi? Quero me encontrar com ela. Já. Quero lhe dar os parabéns pelo aniversário. Êste modesto presente. Oitenta mil cruzeiros e a grande novidade.

GUIMARÃES — Não sei qual o cinema. Sei que marcou com a Inês na sessão das oito.

EDWIGES — Acho que ela foi ver Ben-Hur no cinema Regina.

GERVÁSIO — Quatro horas de projeção! Enche, hein? Não faz mal. Isso já vai por conta do casamento. Vai começar a minha via sacra. Bem. Até logo, meu futuro cunhado. Até logo. Depois você escreve um tratado de filosofia. Até logo, Edwiges.

(Gervásio sai e Guimarães o acompanha ao vestíbulo. Edwiges já terminou o serviço da sala. Tudo em ordem. Sai em direção à cozinha. Guimarães volta. Apaga a luz maior da sala; pega uma revista. Prepara seu cigarrinho e vai refestelar-se na poltrona. Aparece Edwiges pronta para sair, carregando o balaio de costume.)

EDWIGES — Até amanhã, patrão.

GUIMARÃES — Até amanhã, Edwiges. Muito obrigado pelo jantar. Estava ótimo. Hê! Edwiges!

(Edwiges, que ia saindo, pára na porta.)

EDWIGES — Pronto, patrão.

GUIMARÃES — Balaio cheio, hein?! Aproveita, que essa alegria vai se acabar. O contrôle vem aí.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.129

EDWIGES — O diabo não é tão feio quanto se pinta, patrão. Nós dá um jeitinho. Bye, bye.

(Edwiges sai. Calma, sossêgo, tranquilidade. Há uma pausa longa. Guimarães larga a revista e vai acender a T.V. Acende e volta à sua poltrona, cigarro na bôca. De repente, entra Floripes, como saiu no final do segundo ato. Com o mesmo vestido e a mesma mala na mão. Só que a direção de sua marcha é diferente. Antes saía. Agora volta.

Floripes pára no centro da sala e quase sem voltar para Guimarães, exclama, sêcamente, sem ser perguntada:)

FLORIPES — Eu voltei.

(E entra para o interior. Guimarães nem se mexe. Fuma e o pano se fecha lentamente.)

F I M

O direito de exclusividade de representações desta peça pertence ao TEATRO CACILDA BECKER, por cessão onerosa feita pelo autor, não podendo, por conseguinte, qualquer outra Companhia teatral profissional ou de Amadores representar ..."EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS" sem permissão expressa e escrita do autor. Da mesma forma, fica proibida qualquer apresentação pelo rádio ou pela televisão, no todo ou em parte, sob pena de responsabilidade por perdas e danos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.130

TEATRO

TÍTULO Em Moeda Corrente no País

Abílio P. de Almeida

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 anos

Praça SP

Obs.:

DF. 02/ 07/ 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 131

05/07/76

553/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

Informação (faz)

Ref.Of. nº 4628/76-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente :

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V. Sa. que a peça teatral intitulada "EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS" / de Abílio Pereira de Almeida, acha-se registrada nesta Divisão' de Censura sob o nº 665, com a classificação etária 14 (catorze) anos.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.

p/ ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 132

MJ-DPF-SR/SP/BSB
16 SET 0950 028520

De ordem ao Arquivo em 16/9/77

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS

OF.
Nº 7.072/77-SCDP/SR/SP Em, 14 de setembro de 1977.

FICHADO
S.A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto, relatórios de texto e relatório de ensaio geral das peças teatrais "A CANTORA CARECA" original de Eugene Ionesco; "PLUFT, O FANTASMINHA" original de Maria Clara Machado; "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL" original de Glauber Rocha; "TEATRO DE QUINTAL" original de Rolando Boldrin e Antonio Abujanra; "O KAMIKAZE" original de Júlio César Figueira; "UM ELEFANTINHO INCOMODA MUITA GENTE" original de Oscar Von Pfuhl; "GIMBARUÊ" original de Germano Aparecido de Oliveira; "A FARSA DE INÊS PEREIRA" original de Gil Vicente; "GENTE COMO A GENTE" original de Roberto Freire; "EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS" original de Abílio Pereira de Almeida; "HUMOR & CIA" original de Edson Sobral e "O FATO DO SAPATO DE FATO" original de Grupo Livre.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 133

MJ - DPF SR/SP
26 MAI 15 26 77 19323

Ilmo. Snr. Chefe do Serviço de Censura - D.P.F.

31/5 Aroclita
Carlos

Cleyde Yaconis Produções Artísticas , pelo seu repre - -sentante abaixo assinado , pretendendo encenar a peça "...Em moe- -da corrente do país" de Abílio Pereira de Almeida , vem mui res - -peitosamente solicitar a V. S. que se digne mandar proceder o exa -me do texto , para o que junta 3 (três) vias.

São Paulo, 26 de maio de 1 977.

P.O. NORMA GRECO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 134

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "....EM MOEDA CORRENTE NO PAIS" (Peça Teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS C/CORTE

De acordo c/o Parecer
Ch SCDP/DPF/MJ.

Procedi ao ensaio geral da peça Teatral: "...EM MOEDA CORRENTE NO PAIS", de autoria de Abilio Pereira de Almeida.

Trata-se de uma peça do gênero tragi-comédia de costumes, enfocando o cotidiano familiar de uma família de funcionários públicos, suas dificuldades financeiras, suas ambições e suas frustações; bem como a corrupção anterior à revolução de 64.

A ação gira em torno de: Guimaraes, funcionário público, honesto, vivendo na esperança de uma promoção. Casado com D. Floripes, também funcionária pública, mas co contrário do marido é ambiciosa e muito falante. Dalva, irmã de Guimarães, vive na mesma casa. Edwiges, empregada doméstica da casa. Gervásio, noivo de Dalva, também funcionário público.

Guimarães faz o levantamento do débito fiscal / dos maquinistas, que há muito vinham burlando o erário público. Gervásio tenta subornálo por um milhão de cruzeiro, para que isente os maquinistas da multa. Guimarães permanece fiel em sua honestidade e recusa ao suborno.

Sua esposa ambiciosa chega a abandoná-lo. Vem a reforma administrativa e Guimarães não é promovido. Gervásio, uma vez que Guimarães não aceitou o suborno, tenta / subornar o chefe e êste aceita. Assim os maquinistas foram isentos da multa e todo o trabalho de Guimarães inutilizado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 135

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "....EM MOEDA CORRENTE NO PAIS" (Peça Teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS C/CORTE

De acordo
Ch SCDP/SR

Quanto à encenação, marcação, guarda roupa e iluminação nada foi dado a observar que ferisse as normas censórias.

Com relação ao texto, por ordem de direção / para efeito de redução do tempo da peça foram feitos alguns cortes, os quais não afetaram a mensagem emitida pelo autor.

Nada havendo que contrarie as normas censórias, opino pela liberação para maiores de 14 anos com corte a fl. 12, por contrariar o disposto no art. 41 Letra "d" do Dec. 20.493/46.

São Paulo, 22 de agosto de 1 977

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Téc. de Cens. nº 290

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 136

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "...EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS (COM CORTES)

Tragi-comédia de costumes, em tres atos, de Abilio Pereira de Almeida, mostrando os hábitos sociais dos funcionários públicos, no fim da década de 50 e início da de 60.

O texto enfoca o cotidiano familiar dos barnabés, suas dificuldades financeiras, suas ambições e suas frustrações.

Guimarães é o protótipo do funcionário público, honesto, esperançoso de promoção na reforma administrativa que se aproxima, e faz o levantamento do débito fiscal dos maquinistas, que há muito vem burlando o erário público. É casado com D. Floripes, ranzinza, ambiciosa, também funcionária pública, infernisa a vida do marido com os problemas domésticos. Fazem parte da família ainda Dalva, irmã de Guimaraes e Edwirges a empregada doméstica.

Gervásio é o funcionário desonesto, namora Dalva e é companheiro de repartição de todos. Tenta subornar Guimarães por três milhões de cruzeiros, para que dê parecer favorável aos maquinistas, isentando-os da multa.

Guimarães recusa-se ao suborno, sua esposa espezinha-lhe mais a vida, e chega a abandonar o lar temporáriamente.

Vem a tão esperada reforma administrativa, Guimarães não é atingido por ela e nem promovido.

D. Floripes volta ao lar.

Ao final, Gervasio firma-se com Dalva e confessa a Guimarães que o Chefe aceitou o suborno de dois milhões de cruzeiros, assim os maquinistas não foram multados, todo o trabalho de Guimarães inutilizado e ele abocanhou três milhoes, pois a bolada era de cinco.

Guimarães fica revoltado, e queixa-se por não ter aceito a propina, pois esta lhe daria melho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-137

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS (COM CORTES)

continuação...
res condições de vida. Sua honestidade em nada lhe valeu.

Ao lado da comédia de costumes, o texto é um testemunho da corrupção social anterior à revolução de 64.

A colocação espacial é feita nas falas e nos hábitos dos personagens, o uso do rádio com maior / força que a Televisão, as revistas de foto-novela, as tres / mil abébrinhas, digo, amarelinhas do suborno (rferencia às antigas notas de um mil cruzeiros com a esfinge de Cabral), o filme de Ben Hur, retratam claramente uma época.

Parecer: O texto é uma aula de costumes de um passado bem recente, e é de grande valia para que os estudantes possam ter contacto com esta época. Opino pela liberação do mesmo para / maiores de 14 anos, com o corte assinalado na página 12, por infringir a alínea "d" do artigo 41 do Decreto 20.493/46.

São Paulo, 24 de junho de 1.977.

Luiz Carlos Horta Fernandes
Técnico de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 138

TEATRO

TÍTULO ... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 19/09/771

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, com cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: corte à fls. 12 Cert. nº 1836-A.

Brasília-DF, 21 de set. de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: quatorze anos, com cortes.
Brasília-DF, 22/set/77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 139

E... principalmente... sua maneira de encarar a própria responsabilidade...

DALVA — Você é que sabe.

GUIMARÃES — Posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

DALVA — O que é?

GUIMARÃES — Vou perguntar: Você responde se quiser; se não quiser, é igual.

DALVA — Está bem. Pergunte.

GUIMARÃES — Você **vive** com o Gervásio?

DALVA — Como **vivo** com o Gervásio?! Pois, não moro aquí sòzinha. Se vivesse com êle, iria morar com êle!

GUIMARÃES — Você entendeu muito bem a minha pergunta. Você **vive** com êle?

DALVA — Não. Sou apenas namorada dêle.

GUIMARÃES — Jura?

DALVA — Juro. **(Pouco convincente.)**

GUIMARÃES — E eu tenho que acreditar no que você está dizendo?

DALVA — Acho que você deve acreditar.

GUIMARÃES — Está certo.

DALVA — Afinal de contas, porque tôda esta conversa a meu respeito com Gervásio?

GUIMARÃES — Nada. Porque sou seu irmão. Acho que devo me preocupar um pouco com a sua vida. Ou você não acha?

DALVA — Você nunca tocou no assunto! Não. O que é que está se passando por aqui? Conheço você muito bem. Alguma coisa se passou por aqui. Seja franco comigo. Nós somos amigos. Somos ou não somos amigos?

GUIMARÃES — Somos.

DALVA — Então, me conte. Falaram alguma coisa?

GUIMARÃES — Já se comenta no edifício. Floripes soube que você recebeu o Gervásio em casa, na nossa ausência. E ela não gostou!

DALVA — Bem. O Gervásio estêve aqui. Duas vêzes.

GUIMARÃES — Você acha que isso é direito?

DALVA — Nós não estivemos sòzinhos. A Edwiges estava em casa. E não fizemos nada de mal. Nem poderia ser.

GUIMARÃES — Mas falam, não é?

DALVA — E o que é que você quer que eu faça? A casa é minha, também. Pago pensão. Não estou aqui de favor. Não sou criança. Ganho a minha vida. Acho que posso receber um amigo em minha casa, sem ter que dar satisfações. Demais a mais, não fizemos nada de mal.

GUIMARÃES — Eu não tenho a menor dúvida. Mas dá margem a comentários maliciosos. Isso dá.

DALVA — Que me importa que falem. Se a Floripes acha ruim, eu posso me mudar. O que pago aqui, posso pagar num apartamento pequeno, de sociedade com uma amiga ou colega. Se vivo aqui, é por sua causa. Aliás, você também não precisa de minha pensão. Podem viver muito bem vocês aquí só com o que ganham. É melhor eu ir me embora. Assim ninguém mais vai falar. O que eu não posso é perder o direito de receber um amigo em minha própria casa. Sôbre êsse ponto eu não transijo.

GUIMARÃES — Fica o dito por não dito. Pronto. Não pensei que você fôsse tão brava! Ninguém falou nada, pronto!

DALVA — A gente tem que se defender, ora essa! Já levo uma vida bêsta. Sem graça nenhuma. Não me casei. Não sou rica. Só tenho você. Você e minha liberdade. Minha liberdade é meu consolo e êsse eu defendo.

GUIMARÃES — Naturalmente. Ninguém quer brigar com você. E eu peço que você continue comigo. Você há de reconhecer que morar comigo e Floripes é sempre uma situação para você. Você não é nenhuma môça abandonada. Eu prefiro que você more comigo, do que sòzinha. E também para o meu caso pessoal. Eu lhe peço. Nós aqui precisamos de você. Você, sem querer, ou sem sentir, é o anteparo de muita coisa, que pode acontecer aqui.

(Dalva veste a blusa e vai abraçar o irmão. Faz um carinho no irmão e o beija no rosto.)

DALVA — Guima: eu gosto de você, Guima. Você é a própria vítima de sua boa formação moral. Engraçado! Acontece cada coisa nesta vida! Você é o conformismo em pessoa! Conheço muito bem você. Não é mêdo. Não é falta de energia. É educação. É formação moral. É o senso de responsabilidade. Deixa estar, meu irmão: não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe...

GUIMARÃES — Dalva: você está muito enganada. Eu não estou me queixando, nem lamentando...

DALVA — É como diz o Gervásio: a araruta também tem seu dia de mingáu.

(Toque de campainha.)

DALVA — Deve ser o Gervásio.

(Dalva sai para abrir a porta de entrada. Momentos depois, volta, com Gervásio. É môço de seus trinta e poucos anos, alegre, jovial, bem posto. Não faz muita cerimônia. É de casa, como se diz.)

GERVÁSIO — Que tal? Como leva?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319/p-140

GUIMARÃES — Bom dia, Gervásio. Sempre firme?

GERVÁSIO — Mais ou menos. E você? Muito serviço? Quando é que você vai perder essa mania de trabalhar de graça? Quem trabalha de graça é relógio e quem faz fôrça é guindaste.

GUIMARÃES — Eu não trabalho de graça. Sou pago para trabalhar.

GERVÁSIO — Você ganha para trabalhar um expediente. Eu não tenho nada com isso. Você gosta. O que é de gôsto, regalo da vida. Gostos não se discutem. O que é isso aí? É o caso dos maquinistas?

GUIMARÃES — É.

GERVÁSIO — Você chegou a alguma conclusão?

GUIMARÃES — Há muito tempo. Que existe a incidência nem há dúvida. A questão jurídica, vamos dizer, a questão fiscal é absolutamente clara. O Impôsto sempre foi devido e sempre foi sonegado. A dúvida está no quantum. Acho que a coisa atinge a cifras astronômicas!

GERVÁSIO — Mas... houve má fé por parte dos maquinistas? Êles sabiam que deveriam pagar?

(Dalva sai sem avisar, após uma troca de olhar com Gervásio. Guimarães não percebe o jôgo.)

GUIMARÃES — Eu estou convencido de que houve má fé. A lei é clara. E êles sempre são bem assessorados.

GERVÁSIO — Então, além do impôsto em débito, vai haver multa?

GUIMARÃES — Penso que sim, que devem ser multados. Houve sonegação de má fé.

GERVÁSIO — Mama mia! Então a coisa vai longe! Você não tem mêdo de uma represália? Afinal de contas, tôda uma classe a ser prejudicada!

GUIMARÃES — Que é que eu posso fazer? Sou um modesto funcionário público. Limito-me a cumprir ordens. Não estou inventando nada, nem criando problemas.

GERVÁSIO — É que êles podem fazer uma representação, pelo Sindicato. A coisa póde tomar até um aspeto político.

GUIMARÃES — E daí?

GERVÁSIO — Govêrno póde derrubar a situação.

GUIMARÃES — Melhor para êles. E melhor para mim, também. Não tenho percentagem na arrecadação e muito menos na multa. Para mim é igual. Se lá em cima revogarem a cobrança, melhor.

GERVÁSIO — Mas você fica com uma cara de tacho. Vão chamar você de perseguidor. Guimarães, o Javert do fisco.

GUIMARÃES — Não vejo razão para isso. Nem eu sou um perseguidor e nem êles são miseráveis de roubar um pão.

GERVÁSIO — Eu não topava um negócio dêsses. É antipático.

GUIMARÃES — Meu velho: eu recebo ordenado para fazer levantamentos de débitos fiscais. Não me cabe ser simpático ou antipático. Ao contrário: até ajudo os contribuintes, dou orientação, ensino, coisa que não tenho a menor obrigação de fazer. Mas sonegação é sonegação.

GERVÁSIO — Quanto você está ganhando agora?

GUIMARÃES — O mesmo què você, não é? Vinte e oito contos, fóra os descontos. Com a reforma vou passar para uns 40.

GERVÁSIO — Como isso?

GUIMARÃES — Claro. Você também; isto é: você um pouco menos porque tem menos tempo de serviço. Eu vou ser aumentado e reclassificado.

GERVÁSIO — E se não sair a reforma?

GUIMARÃES — Como, não sair! Então você não acompanhou os trâmites?! Já está tudo pronto, aprovado e sancionado. Na semana que vem está na rua.

GERVÁSIO — E se você não fôr promovido, nem aumentado?

GUIMARÃES — Não póde ser.

GERVÁSIO — Nesta terra tudo é possível.

GUIMARÃES — Então, seria o caso de se rasgar o Estatuto do Funcionalismo Publico. Mais ainda: jogar fóra a Constituição.

GERVÁSIO — E quantas vêzes já se violou a Constituição? Não seria a primeira e nem a última.

CORTE

GUIMARÃES — É. Por incrível que pareça, isso póde acontecer. Você sabe de alguma coisa? Vão dar com tudo para trás?

GERVÁSIO — Não sei de nada. É só uma hipótese. Estou argumentando para provar que você não está com tôda a razão nesse seu caso aí. Nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Você não póde se transformar num escravo incondicional de suas obrigações, quando a instituição a que você serve não merece essa incondicionalidade. Ninguém é profeta em sua terra. Não. Não é êsse o provérbio. Não se deve ser mais realista que o rei. Se o Govêrno póde amolecer com os maquinistas, porque há de ser você que vai endurecer? Vai preparar o prato para êles comerem lá em cima?

GUIMARÃES — Isso é da vida, meu velho.

GERVÁSIO — O bom bocado não é para quem o faz e sim para quem o come. Bem. Eu já vi que a coisa vai ser dura. Tenho um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, P 141

1448/77 DF, 20/09/77

em São Paulo

7072/77-SCDP/SR/SP

"EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS " de Abílio P. Almeida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 142

665/77 -A.

EM MOEDA CORRENTE DO PAIS

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

05 AGOSTO 82

21 SETEMBRO 77

ROGERIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 143

EM MOEDA CORRENTE DO PAIS

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

COM CORTES

CLEYDE YACONIS PROD. ARTISTICAS - SP

P.O. NORMA GRECO

21 SETEMBRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. C/CORTES ÀS FLS. 12. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

21 SETEMBRO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

OFB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.10319/P. 144

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

011662

De ordem
ao Arquivo
em 05.05.78

Ofício N.º 1200/78 Em 04.05.78

DO: Chefe do SCDP/SR/BA

AO: Sr. Diretor da DCDP/BSA

Assunto: Encaminhamento - faz.

FICHADO
C.A DCDP

Senhor Diretor:

Com o presente, encaminho a V.Sa., os textos das peças teatrais abaixo discriminadas, para exame censório de acordo com a legislação censória:

1- "RENTE QUE NEM PÃO QUENTE", de autoria do Grupo "Teatro Batalha".

2- "EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS...", de autoria de Abilio Pereira de Almeida.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., os protestos de elevada estima e consideração.

MARIA HELENA GUERREIRO-BEL
Técnica de Censura
Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 145

ILMº SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF/DF.

WALDETE MIRANDA PAIXÃO, pseudônimo MARIA MANUELA, produtora teatral, carteira de identidade nº 209.394, expedida pela - SSP/Ba.. residente e domiciliada em Salvador, à Av. Sete de Setembro, nº 341 - Ap. 803 - Estado da Bahia, vem mui res - peitosamente requerer a V.Sa. que se digne de mandar examinar o texto da peça teatral " EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS...! de autoria de Abilio Pereira de Almeida, de acordo com as normas vingente, para que possa ser apresentada.

Nestes termos

Pede deferimento.

Salvador, 25 de abril de 1978

Waldete Miranda Paixão

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - BAHIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P-146

TEATRO

TÍTULO ... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS ✓

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos c/ cortes

Praça SALVADOR - BA

Obs.:

DF. 05 / 05 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censo, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: não consta o corte (do anterior) no texto da BA.

Brasília-DF, 17 de maio de 1978

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

✓

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: quatorze (14) sem cortes

Brasília-DF, 18 maio 1978.

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 147

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1675 / 78

TÍTULO: "... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (QUATORZE) ANOS

AUTOR: ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Procedendo o confronto da peça acima mencionada com outra constante no processo, constatamos haver algumas supressões, mas o contexto permanece o mesmo; opinamos pela LIBERAÇÃO do texto, com a chancela para MAIORES DE 14 (QUATORZE) ANOS, condicionado ao exame do ENSAIO GERAL.

Brasília, 12 de maio de 1978.

Solange Vaz dos Santos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-148

716/78-SCTC/SC/DCDP 15/05 8

Superintendente Regional do DPF na Bahia

"EM MOEDA CORRENTE DO PAIS"

Abílio Pereira de Almeida

Superintendente:

SALVADOR-BA

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 149

665/78

: ... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

[illegible] AGOSTO 82

18 MAIO 78

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, P.150

: ... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

WALDETE M. PAIXÃO — BA
IDEM

17 MAIO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18 MAIO 78 ARÉSIO T. PEIXOTO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-151

FICHADO
S. A. DCDP

DCDP-SRA/DSB
JUN 10 09 78 016670

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.
Nº 152/78-SCDP/SR/SP   Em, 1º de junho de 1978.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "A ARVORE QUE ANDAVA" de Oscar V.Pfhull; "OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES" de Pedro Block; "NINGUEM SEGURA O SEGURA ELE" de Felip Wagner; "A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA" de Mário Brasini; "UMA VISITA" de Guilherme Figueiredo; "FAZ DE CONTA QUE É VERDADE" de Alceu Nunes; "JUDAS NO TRIBUNAL" de Godofredo Tinoco; "EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS" de Abilio P. de Almeida; "O ARQUITETO EO IMPERADOR DA ASSÍRIA" de Arrabal; "ANTES DA MISSA" de Machado de Assis; "PLITIBUM" de Edson Roberto Santana; "PEDRO MICO" de Antonio Callado.

Outrossim, informamos a V.S., que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

P/ JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 152

ILMO. SR; DELEGADO REGIONAL DA POLÍCIA FEDERAL - BAURU

O TEATRO UNIVERSITÁRIO DE PIRATININGA, TUPI, grupo teatral amador sem fins lucrativos, registrado sob nº 62, as fls. 35 do livro A-2 no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas da Comarca de Piratininga-SP., vem pelo presente mui respeitosamente requerer à V. Sa. a censura e autorização das peças teatrais: " JUDAS NO TRIBUNAL" de Godofredo Tinoco e "....em moeda corrente do país", de Abílio Pereira de Almeida, a ser encenada nos próximos meses de junho e julho do corrente ano.-

Nestes Termos,
P. Deferimento.

Piratininga, 14 de maio de 1.978.-

MARINA ALVARES RODRIGUES
Presidente.-

MARIA JOSÉ JANDREICE
Secretária .-

Proceder de acordo com a Port. 0442/75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 153

TEATRO

TÍTULO ... Em Moeda Corrente do País

1) Arquivo

Clas. Anterior 14 anos

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 30 / 06 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censs, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 14 de agosto de 1978

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 14 anos

Brasília-DF, 15/8/78.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-154

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2914 / 78

TÍTULO: "... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS "
"
AUTOR: ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos.

O texto de Abilio Pereira de Almeida - ...EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS - está idêntico ao do processo, razão pela qual sugiro manter a classificação de 14 anos, contudo, sujeito ao ensaio geral.

Brasília, 11 de agosto de 1978.

Valmira Nogueira de Oliveira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319 | P. 155

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Brasília, 11 de agosto de 1978

1194/78 /

em São Paulo

152/78- SCDP/SR/SP

... Em Moeda Corrente do País, de Abílio Pereira de Almeida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 156

665/78

: ... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

05 AGOSTO 82

15 AGOSTO 78

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319,P.157

... EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

ABÍLIO P. DE ALMEIDA

TEATRO UNIVERSITÁRIO DE PIRATININGA - SP

14 AGOSTO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

15 AGOSTO 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.158

0623.1157
✠
611461DPFEA BR
311387DPFE BR

28386
23 JUN 1458 S 008052

BELO HORIZONTE 2179 30 231130P

DCDP/BSA

059/87 SCDP/SR/MG 230687 PT SOL INFO SIT PEÇA TEATRAL ''EM MOEDA CORRENTE DO PAIS'' VG AUT ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA PT

SCDP/SR/MG

NNNN
TR POR IP
REC POR??
✠
611461DPFEA BR
311387DPFE BR

23/1159.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 159

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 09 07 87 006092

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data: 25 JUN

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

ENDEREÇO

SCDP/SR/BHE/MG

TEXTO A TRANSMITIR

Nº364/DCDP de24 - 06 -87 ___ RERA NR 059/SCDP/MG 230687 VG INFO
PEÇA "EM MOEDA CORRENTE DO PAIS" LIB QUATORZE ANOS CERT VENC
050882 PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor..... Vilma Helena Sonan Domingos ..... DPF—84

Vilma Helena Sonan Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 160

03

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Belo Horizonte- MG
Em 20 de agosto de 1987

Of. Nº 125/87-SCDP/SR/MG
Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)

Pelo presente, encaminho a V. Sa. os processos de nºs: 877/87,1128/87, 1159/87, 1310/87 e1373/87-SCDP/SR/MG, referentes às peças teatrais: "A REVOLUÇÃO DAS MULHERES", "SOLTA MINHA ORELHA", "EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS", "O GUARANI" e "O BEIJO DA LUA E O SOL".

Atenciosamente,

Antônio José de Freitas Duarte
Chefe do SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 161

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Departamento de Policia Federal
Superintendencia Regional de Minas Gerais
Serviço de Censura de Diversões Publicas
PROTOCOLO Nº 1159/87
DATA 23/6/1987
Funcionário

Antonio Fernando Couto
Requerente

Brasileira, ator
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 73831 S/0024. M. Trabalho
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Des. Barcelos 1340/12

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) Peça Teatral abaixo relacionada(s), de autoria
Espécie

de: Abilio Pereira de Almeida
Título(s)

... Em Moeda Corrente do País

N. Termos
Pede deferimento

B. Horizonte, 23/6/87
Local e Data

Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 162

1 - ~~EMPRESA OU GRUPO. (Se houver)~~

Nome: Grupo Teatro 2 C.G.C.:

Sede: Fernandes Tourinho 214 s/loja

CEP:

Diretor ou Responsável: Marcio Antonio Machado

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Abilio Pereira de Almeida

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Bra S. Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

3 - PARCERIA

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudômino: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA: Belo Horizonte 23/6/87

Ass.:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.163

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

AUTORIZAÇÃO PARA
ESPETÁCULO TEATRAL

№ 62545

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 1.º, § 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigos 36 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, e da Lei n.º 5.988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral: Em moeda corrente do país

Original de Abílio Pereira de Almeida

Música de

Tradução de

Direção de [illegible]

No Teatro [illegible] Cidade B.H.

Empresa Grupo teatro [illegible] Pela Cia.

nos dias 21/08 à 21/09/87

sob condições de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de 10 % dez p/ cento da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzados)

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Belo Horizonte, 13 de agosto de 1987

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[signature] pela SBAT

100 blocos de [illegible] - 50.001 a 65.000 — 11/85

[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 164

DE BRASILIA NR 5368 26 25JUN0948P(CS)

SCDP/SR/MG - BHE

NR 364/DCDP DE 24/06/87 PT RERA NR 059/SCDP/MG 230687 VG INFO PEÇA
'' EM MOEDA CORRENTE DO PAIS '' LIB QUATORZE ANOS CERT VENC 050882 PT

DCDP/DPF
=

N N N N
TRANS:
EO 251100/6
REC POR?ЯЯЯЯЯ OSL TRES FAS

À S. Coordinação
P/ providências
B. Hte, 25.06.87.

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

Ciente.
Tirar xerox
B. Hte. 26.06.87

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 165

Às Sras. Censoras

Dra. Helena

Dra. Leila

para leitura e emissão dos pareceres.

Belo Horizonte, 23 de junho de 1987

Bel. Anunciação Gonçalves de Assis
Chefe da Seção de Coord. Controle
SCDP/SR/DPF/MG

BR DPANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

COLETÂNEA TEATRAL CADERNO N. 75

Fundação Clóvis Salgado
Div. de Pesquisa e Difusão
— BIBLIOTECA —

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

...em moeda corrente do país

Comédia em 3 atos

(Representada pela primeira vez em São Paulo, no Teatro Federação, em 16 de dezembro de 1960)

Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

1961

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319,p.167 3

...em moeda corrente do país

Comédia em 3 atos, de ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO

Sala de estar-jantar de um apartamento, num dêsses edifícios de habitação coletiva, construídos por uma instituição de previdência social.

É um apartamento de fundo e a janela central da sala dá para uma área promíscua.

Entradas à direita e à esquerda.

Decoração moderna, pobre e de gôsto duvidoso.

Mesa, cadeiras, um móvel ao longo da parede para várias serventias, bibelôs, livros, etc., etc.

Um aparelho de televisão.

Mais ou menos 10 horas da manhã.

Um rádio funciona furiosamente no apartamento vizinho.

Guimarães trabalha, sentado à mesa. Escreve, anota, faz contas, numa pequena máquina de calcular, compulsa processos e examina papéis espalhados pela mesa.

É homem de seus 35 anos, sem mocidade, tipo normal, classe média. Trabalha em mangas de camisa, sem gravata. O paletó está no espaldar de sua cadeira.

É difícil concentrar-se no serviço com aquele locutor gritando desesperadamente os "slogans" publicitários. E que publicidade!

LOCUTOR — Senhoritas! atenção! Halitol é a garantia de um noivado! O mau hálito acaba com qualquer namoro! Halitol acaba com qualquer mau hálito! Halitol, pela manhã, Halitol ao deitar-se. Vai ver a noiva? Halitol. Halitol, sempre Halitol. À venda em tôdas as farmácias e drogarias, que se presam! Halitol! Não se esqueçam! Halitol!

LOCUTOR — Prisão de ventre?! Laxativos Trovão (barulho de trovão). Não há mais prisão de ventre! Em pílulas, óra pílulas! Laxativos Trovão — é a solução.

LOCUTOR — Dentrifício Pérola! A pérola dos dentifrícios! Use dentifrício Pérola e seu sorriso serão pérolas!

LOCUTOR — Senhora e senhoritas! Loiras e morenas! Para o cheiro de corpo não basta só água e sabão! Usem Cecedida! Com sabão ou sem sabão, Cececida é a própria expressão de seu nome — Cececida mata qualquer cecê.

LOCUTOR — Número um — escassez. Número dois — excesso. Regulador Gesteira.

LOCUTOR — E agora um pouco de música oriental. O programa que passaremos a ouvir —Ritmos do oriente — é patrocinado pelo comércio da rua 25 de Março. Ritmos do Oriente é a hora da saudade levantina. Façam suas compras na Rua 25 de Março. Medidas exátas. Pesos exátos. Preços sem redução. Os mais baixos da praça. Comprando na 25 de Março, o senhor, a senhora, a senhorita, levará um embrulho, sem ser embrulhada. E por pouco dinheiro. O dinheiro não interessa. O que interessa é que o freguês saia satisfeito para voltar. E vamos ouvir o primeiro número do programa — Ritmos do Oriente — Saudades de Beirute — Música de Wadih Chama — Letra de— Farid Derah.

(E segue uma langorosíssima música síria).

(Guimarães esboça um gesto de impaciência. Não póde trabalhar com êsse barulho. Resolve levantar-se. Dirige-se à janela para fechá-la. Na ação de fechar a janela é interrompido pela voz da vizinha, Dona Hermengarda, com pronunciado acento nordestino).

VOZ DE HERMENGARDA — Bom dia, seu Guimarães.

GUIMARÃES — Bom dia, dona Hermengarda.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Dona Floripes está?

GUIMARÃES — Como? Não entendi?

VOZ DE D. HERMENGARDA — Dona Floripes está em casa?

GUIMARÃES — Não, senhora. Foi à feira.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 168

VOZ DE D. HERMENGARDA — Foi aonde?

GUIMARÃES — À feira. Mas volta já.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O que? Fale mais alto, seu Guimarães.

GUIMARÃES — É o rádio.

VOZ DE D. HERMENGARDA — É o que?

GUIMARÃES — O rádio.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Espera um pouco.

(O rádio é desligado. Guimarães suspira aliviado.)

VOZ DE D. HERMENGARDA — Seu Guimarães: o sr. póde me fazer um favor?

GUIMARÃES — Às ordens, dona Hermengarda.

VOZ DE D. HERMENGARDA — É de me emprestar o último número de "Grande Hotel". Dona Floripes tem. Ela comprou êle.

GUIMARÃES — Pois não. Vou ver se está aqui.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Vou buscar, então. Aí na porta.

(Guimarães sai da janela. Procura pela revista. Encontra-a. Sai da sala. Ouve-se o diálogo, no vestíbulo.)

VOZ DE D. HERMENGARDA — É essa mesma. Hoje de tarde devolvo para dona Floripes. Estou acompanhando a novela — "Honestidade de amante" — Muito bonito. Real. O sr. não leu?

VOZ DE GUIMARÃES — Ainda não, senhora.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Adoro história de quadrinho. É a coisa melhor que tem. Cinema e fotonovela! E é instrutivo, o sr. não acha?

VOZ DE GUIMARÃES — Acho, sim senhora.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Muito obrigada. Póde ficar sossegado que hoje de tarde, o mais tardar, de noite, eu devolvo. Até logo. Obrigada.

VOZ DE GUIMARÃES — Até logo, dona Hermengarda.

(Guimarães volta à sala. Silêncio. Não se ouve mais o rádio. Guimarães senta-se à mesa e vai reiniciar o trabalho, mais esperançado. Nem bem recomeça o serviço, entra furiosamente o som do rádio de dona Hermengarda. Guimarães não se aguenta. Vai à janela e chama, com veemência.)

GUIMARÃES — Dona Hermengarda: Dona Hermengarda!

VOZ DE D. HERMENGARDA — Que é, seu Guimarães?

GUIMARÃES — A senhora póde me abaixar um pouquinho o rádio, por favor?

VOZ DO LOCUTOR — Sal de frutas Demo alivia o seu ventre e melhora o seu mau humor.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O sr. precisa tomar sal de frutas Demo, seu Guimarães. O sr. anda muito azêdo.

GUIMARÃES — É o meu fígado. Suco hepático.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O quê?

GUIMARÃES — Hepático.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O senhor é simpático, mas tem mau humor. Quem tem mau humor não póde morar em apartamento.

(Baixa sensivelmente o som do rádio. Mas fechou á janela e cerrou a cortina, abafando completamente o som.

Uns instantes após, entra Floripes, vinda da feira. É mulher de seus trinta e poucos anos. Tipo de mulher nervosa e agitada que fala, fala sem parar. Veste calça comprida e malha. Não é elegante, mas está bem, na sua indumentária de ir à feira. Traz um carrinho com os mantimentos que comprou. Floripes entra em cena e ataca logo a fala, não parando de falar).

FLORIPES — Não sei como não rebenta logo uma revolução nesta terra. Nós somos mesmos uma carneirada! Uma carneirada! Um absurdo! Não se póde mais ir à feira! Uma barbaridade! Não há dinheiro que chegue. Da semana passada para agora tudo subiu! Os preços sóbem de semana a semana! Você se lembra de que quando nos mudamos para êste cortiço... porque isto aqui é um cortiço... não é prédio de apartamento... um cortiço! Eu me casei com você e acabei morando num cortiço! Mas não há de ser por tôda a vida, não. Nem que você queira. Isso é que não. Se você pensa que eu vou morar neste viveiro, neste galinheiro, o resto da vida, está muito enganado... Mas que calor! Isto aqui está abafado! Também com a janela fechada! Só você mesmo!

GUIMARÃES — Fechei por causa do rádio, alí, da Hermengarda. Não podia trabalhar com o barulho.

FLORIPES — É o que eu estou dizendo! Uma gentinha!

GUIMARÃES — São funcionários públicos! Colegas nossos!

FLORIPES — Que colegas! Você pensa que por eu ser funcionária pública...

GUIMARÃES — ...você é melhor que os outros?

FLORIPES — Que essa gente aí sou. Pelo menos tenho educação. Se não nasci rica, pelo menos fui bem educada. Essa gente não tem educação para morar em apartamento. Onde já se viu botar o rádio alto? Gentinha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.169

Gentalha. É isso. Pobreza é isso. Eu podia ser rica...

GUIMARÃES — ...Era só fechar os olhos...

FLORIPES — E que adiantou? Não casei com êle porque era feio...

GUIMARÃES — ...feio é apelido!

FLORIPES — E que é que eu ganhei me casando com você?! Você é bonito, por acaso? Que é que adiantou? Êle está lá morando no Jardim América, automóvel e tudo. Acabou casando com mulher bonita... e eu... eu aqui... indo à feira... trabalhando...

GUIMARÃES — Até que de trabalho você não póde se queixar.

FLORIPES — E eu me queixo? Não estou-me queixando! Não adianta. Eu não sou de falar. Suporto tudo quetinha. Mas um dia eu estouro. Ah! Isso eu estouro! E ninguém me segura. Vou aguentando, calada... Mas um dia a casa cai. Hoje na feira já dei o "show"! Não se póde mais ir à feira sòzinha! Uma senhora não póde mais ir à feira! É tudo uma roubalheira e além do mais é falta de educação geral. É só palavrão. Não respeitam mais ninguém. A gente passa perto do guarda, de fiscal, ouve-se palavrão, e o polícia não faz nada. Nem o fiscal. O fiscal não fiscaliza nada. Está alí para agradar os feirantes e ir ganhando suas gorgetas. Êles pagam, mas abusam. E afinal de contas quem paga é o povo!

GUIMARÃES — Alguém lhe faltou com o respeito?!

FLORIPES — Que faltou com o respeito nada! Eu é que dei uma lição. Na barraca tinha uva. Cem cruzeiros o quilo. Um absurdo! Nem que fôssem de ouro! Cem cruzeiros o quilo. Peguei uma, uma uva só. Para experimentar. Não ia comprar uva ordinária por cem cruzeiros. E o galego gritou comigo. — "A um cruzeiro o bago". — Falou gritando. Malcriado. Eu disse: "Ah! É! Um cruzeiro?" — Me deu uma raiva! Eu já estava esquentada... não aguentei... Peguei o cacho todo joguei com fôrça no chão, esmigalhei... esmigalhei os bagos todos. — "Agora conta. Conta, quantos são. E vai cobrar do meu marido. Quer saber em que repartição êle trabalha? Quer?" — O homem não disse nada. Também, se êle abre a bôca eu jogava outro cacho na cara dêle. São uns covardes. Quando viu que eu estava disposta, que não tinha mêdo, ficou quieto... Ah! Eu tinha que ter nascido homem...

GUIMARÃES — Daquí a pouco vem o homem encrencar aqui na porta. Você deu nosso enderêço?

FLORIPES — E era para vir, mesmo.

GUIMARÃES — E você me punha na fogueira, com os seus bagos de uva?

FLORIPES — Não precisa ficar nervoso, que êle não vem não. Êle ficou com mêdo é de mim! Eu tinha que ter nascido homem!

GUIMARÃES — Acho melhor você não ir mais à feira. Você é muito briguenta. Um dia acontece qualquer coisa de muito desagradável. O melhor é você não ir mais.

FLORIPES — Você pensa que vou à feira por gôsto? E quem é que vai? Você? A Dalva?

GUIMARÃES — Não. A empregada.

FLORIPES — E onde é que está aquela desgraçada? Ainda não veio!! Se vou esperar por ela, ficamos sem almôço. E nós vamos ficar sem almôço mesmo, porque vou mandar ela embora... Ela pensa que sou idiota! Que horas são? São dez horas! Mais de 10 horas! E ela ainda não veio. Justamente dia de feira. É uma semvergonha! Não faz nada!

GUIMARÃES — Como não faz nada?! Faz almôço e jantar. Limpa a casa.

FLORIPES — É claro. Eu não vou esperar que você me dê razão! Você nunca me deu razão! Eu vou morrer e você nem no caixão vai me dar razão. Eu sei que é assim. Não adianta me queixar. Por isso que eu não abro a bôca. Você defende a criada. Você defende aquela semvergonha, contra mim. É claro. Mas ela vai embora. E é hoje. Nem vai fazer o almôço. É chegar, fazer meia volta e ciáo mesmo. Tua irmã que faça o almôço. Eu não tenho fome. Tua irmã, que é folgada, que vá para a cozinha. Eu é que não vou fazer fôrça. Não me casei para ser sua criada.

GUIMARÃES — Está certo. O melhor é você não despachar a empregada, até arranjar outra.

FLORIPES — E onde vou arranjar outra? Ninguém quer trabalhar neste cortiço. Só a pêso de ouro!

GUIMARÃES — Pois vamos aumentar o ordenado...

FLORIPES — É. Vamos dar todo o dinheiro para a empregada. Você é que devia tratar de ganhar mais. Você é mole. Molenga. Trabalha... trabalha... trabalha. O expediente é só de tarde. Você traz serviço para casa. Fica enchendo a mesa com essa papelada. A gente nem póde ouvir televisão. Não se póde fazer mais nada.

GUIMARÃES — De manhã não há televisão.

FLORIPES — Você devia trabalhar na repartição. Assim lhe pagavam tempo integral. Mas você é mole! C que é que se vai fazer? Na sua repartição todo o mundo está bem. Ninguém faz nada e ainda ganham por fóra. Mas você é que há de trabalhar de graça...

D. C. F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.170

GUIMARÃES — Floripes: Não fale mal de meus colegas. Todos trabalham e muito.

FLORIPES — Conversa. Trabalham meio expediente e olhe lá! E não me venha dizer que não comem por fóra! O dinheiro dêles não é de borracha. Se ganham como você, não podem ter automóvel e nem jogar nas corridas. Você ganha, eu ganho... a Dalva ganha e o nosso dinheiro dá apertado! Se alguém aqui ficar doente eu não sei como é que vai ser! E lá o pessoal a viver folgado. Boa casa; a mulher luxando. D.K.W. Cinema todo o dia... Teatro... Nós nem podemos ir a teatro, que é caro! Não, Guima: aquilo não é só ordenado, não. Essa não passa por aqui... Aliás, todo o mundo sabe...

GUIMARÃES — Você não deve estar falando sem saber. Êles têem outras fontes de renda... você não deve estar falando...

FLORIPES — Estou falando para você, que é meu marido. Também se não posso me desabafar com meu próprio marido... Aliás não sou palmatória do mundo. Nós é que somos idiotas. Nós, não. Você. Você é que é um perfeito idiota. Me desculpe a franqueza, mas é...

GUIMARÃES — ...idiota, não. Honesto, é o que você quer dizer?

FLORIPES — Homem... não sei... por isso me calo... Mas, nos tempos que correm... honesto ou idiota é quase a mesma coisa.

GUIMARÃES — Mas tem o — quase — que atrapalha.

FLORIPES — Atrapalha você, mas tem ajudado os outros. O que eu sei é que todo o mundo se vira e vai para a frente. E nós aqui nesta dureza...

GUIMARÃES — Não acho que seja tanta dureza. Vivemos decentemente... Não devemos nada a ninguém. Temos nosso teto...

FLORIPES — Teto?! Você chama isto de — teto — ?! Está bom! Não vou discutir êsse assunto com você. Você nunca me deu razão. Mas que está na cara, está. Isso ninguém diz o contrário. Só você. O mais cego é aquêle que não quer ver. Não é, não quer ver. É que você não tem peito. Peito, Guima, peito. Você nasceu é pra isso: trabalhar, trabalhar, ganhar uma micharia, viver uma vida micha e quando morrer, nem lugar no cemitério tem. É na vala comum. Viver assim não é vantagem. Vantagem é ganhar a gaita. De um geito ou de outro, a gaita é que vale. O dinheiro é que manda, Guima. Porque que êles não bolem com quem tem dinheiro? A corda sempre rebenta do lado mais fraco. Bem, não adianta falar. Estou pregando no deserto. O melhor é levar isto para dentro... Uma dúzia de ovos, oitenta cruzeiros! E você vem me falar em honestidade! Quanta gente não roubou para o ôvo chegar a êste preço! Vou te contar! Não é só o dono da galinha não. É todo o mundo! E para pagar ôvo a oitenta cruzeiros a dúzia, só com dinheiro roubado! Na semana que vem vai estar a cem! Vou te contar...

(Floripes sai com o carrinho da feira.)

(Guimarães observa a sua saída, no mais absoluto conformismo e volta para seus estudos e cálculos.)

(Entra a empregada, Edwiges, prêta ou mulata pernóstica.)

EDWIGES — Bom dia, seu Guima. A patrôa está, não está, não?

GUIMARÃES — Está na cozinha. Acabou de vir da feira.

EDWIGES — HI! Hoje é dia de feira! Dia de feira é espeto! Não é que eu me atrazei por ser dia de feira. Até que eu gosto de ir à feira. Mas a patrôa vai pensar que eu manquei só por ser dia de feira...

GUIMARÃES — É melhor você explicar tudo diretamente a ela.

EDWIGES — Eu careço de dar explicação. Minha obrigação é fazer a comida e limpar a casa. Tenho tempo para tudo. A comida chega sempre na hora e a casa está sempre arrumada. Obrigação de ir na feira não tenho. Vou porque me apraz. Gosto de espairecer um pouco...

GUIMARÃES — Não sei se você deve explicar ou não. Vá entender-se com ela.

EDWIGES — O senhor não acha que estou com a razão, seu Guima?

GUIMARÃES — Não sei. Só sei que você entrou muito tarde, hoje.

EDWIGES — O senhor também já quer me dar a bronca, seu Guima?

GUIMARÃES — Eu não quero dar... êsse assunto não me interessa. Me deixe trabalhar um pouco...

EDWIGES — O senhor está azêdo hoje, seu Guima...

GUIMARÃES — E faça o favôr de não me chamar de Guima. Meu nome é Guimarães.

EDWIGES — Está certo, Dr. Guimarães...

GUIMARÃES — E não sou doutor.

EDWIGES — O negócio que está azarado por aqui hoje está. Até seu Guima, seu Guimarães, que é uma môça... É. É noroeste de banda errada. Quando o Noroeste vem de lá, está bem. Mas quando sopra de cá, então é andar de figa e se benzer. Eu figa não trouxe e me benzer não posso...

GUIMARÃES — É. Então a coisa vai mal para o seu lado! Prepare-se, que vem pé de vento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-171

(Entra Floripes.)

EDWIGES — Bom dia, dona Floripes. A senhora me desculpe de eu chegar atrazada, mas não foi por causa da feira, não.

FLORIPES — Não é questão de atrazo, é que há muita coisa aqui que não está certo.

EDWIGES — O que é que não está certo?

FLORIPES — Em primeiro lugar, isso não é horário. Você sabe muito bem que você deve entrar às oito...

EDWIGES — Às oito, não senhora, às nove. Quando a senhora me tratou foi às oito, mas depois a gente viu que às oito não adiantava nada e passou a ser às nove.

FLORIPES — Mas são mais de dez.

EDWIGES — É que deu galho lá em casa. Houve briga. Tive que ir na delegacia prestar declarações.

FLORIPES — E ainda por cima criando caso com a polícia...

EDWIGES — AH! Isso é com a minha vida particular, ninguém tem nada com isso. O que acontece aqui, nesta casa, está certo, quer dizer, tenho que dar satisfações... mas fóra daqui, na minha vida privada... a coisa é comigo... se a casa está limpa e a comida na hora...

FLORIPES — Mas eu soube que na nossa ausência, durante o expediente da repartição, você recebe pessoas aqui em casa. E isso não é possível! Não posso admitir uma coisa dessas!

EDWIGES — Já foram fazer fofóca para a senhora! Vejam só! Foi uma vez... uma vez não... foram duas vêzes... juro que foram só duas vêzes... quero cair dura aquí de ataque, se foi mais de duas vêzes...

FLORIPES — Então? Recebeu, não é? E você acha que isso está direito? Eu ser chamada a atenção pelo zelador do edifício?!

EDWIGES — Mas não foi para safadeza não, dona Floripes. Quero morrer torrada agora mesmo, se não é verdade. Foi meu primo...

FLORIPES — É sempre a história do primo...

EDWIGES — Está bem... essa de primo não pega mais... Mas não foi para safadesa... Eu respeito a moral da casa dos outros... Eu tenho minha moral e respeito a dos outros. Não é como muita gente que conheço. Não me faça falar...

FLORIPES — O que você quer dizer com isso?

EDWIGES — Nada. Não quero dizer nada.

FLORIPES — Vamos. Explique-se. O que você quis insinuar? Não gosto das coisas assim. Trata-se de alguém desta casa?

EDWIGES — Não, senhora. Não é nada. Não é com esta casa.

FLORIPES — Você não póde receber ninguém nesta casa, na nossa ausência. Está certo?

EDWIGES — Está bom, dona Floripes.

FLORIPES — E tem mais. É melhor a gente falar as coisas, para não haver mal entendidos. Não adianta depois vir me dizer — eu pensei que — Isso não. Comigo é tudo combinado, esclarecido e tratado...

EDWIGES — Eu estou dizendo que a coisa está virada hoje...

FLORIPES — O que é? O que foi que você disse?

EDWIGES — Não foi nada. Prossilga, dona Floripes.

FLORIPES — Pois é. Eu sei que você leva coisas para casa. Mantimentos. Comida que sobra. Você leva tudo. Isso eu não quero.

EDWIGES — Como é que eu levo coisas para casa? Aqui nunca sobrou nada! Cozinho numa marreta desgraçada!

FLORIPES — Leva, sim senhora. Leva pouco, mas leva. E eu não quero que leve nada. Ora essa! Ontem você levou dois ovos. Isso que eu sei, porque contei. Fóra o que eu não sei.

EDWIGES — Puxa, vida! Que micharia!

FLORIPES — Póde ser. Não é pela quantidade. É que não está direito! Você tem que respeitar a propriedade alheia. O que está na cozinha não lhe pertence, seja pouco ou seja muito.

EDWIGES — Estou vendo que a senhora quer que eu vá embora.

FLORIPES — Não estou lhe mandando embora. Mas se você quer continuar, tem que ser conforme combinamos. E tem mais uma coisa.

EDWIGES — É a última?

FLORIPES — É. Eu sei que você, assim que a gente sai, você abre a televisão a tarde tôda. Isso também não quero. Não quero que bula na televisão.

EDWIGES — Sabe o que mais, dona Floripes. A senhora quer mesmo que eu vá embora. Pois, vou. Prefiro catar papel na rua que trabalhar nesta micharia! Puxa vida! Nem televisão! A televisão fica aí mofando! É. Eu vou me embora. Vou catar papel na rua.

FLORIPES — Está muito em moda. Depois você escreve um livro.

EDWIGES — Quero ver a senhora arranjar uma empregada paciente como eu?! Está tudo trabalhando em fábrica.

FLORIPES — Se não arranjar, paciência.

B. N. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 172

Eu sei me virar. Fui educada no trabalho e não na dependência de empregada.

EDWIGES — Não é pela senhora. É pelo seu Guimarães que se acostumou com o meu tempêro.

FLORIPES — Êle se acostumará com outro, não se incomode.

EDWIGES — Êle se acostuma com tudo, coitado! Que remédio, não é seu Guima? Bom. Então, eu vou me embora mesmo. Aqui não venho mais, nem morta. Póde fazer minhas contas.

FLORIPES — Só no fim do mês. Você é quem vai sair. Não lhe mandei embora. O ordenado só no fim do mês.

EDWIGES — Deixa. Meu marido vem buscar o dinheiro.

FLORIPES — Pois que venha. Só no fim do mês. Antes, pódem vir seu marido, seu pai, sua mãe, tôda a sua família, que não recebem nada. Não pense que eu tenho mêdo. E póde ir embora já. Se é para ir, que vá já.

EDWIGES — Tá. Depois nóis acerta. Até logo, seu Guimarães. Te guenta aí, seu Guimarães.

(Edwiges sai.)

FLORIPES — Ah! Eu devia ter nascido homem!

GUIMARÃES — Para quê? Deus nos livre?!

FLORIPES — Para encher a cara dessa negrinha! Viu o que ela disse? Como se eu fôsse alguma jararáca! Você acha que está certo passar o dia todo ouvindo televisão? Está certo? Levar coisas para casa? Receber pessoas aqui? Você viu o que ela insinuou?! Garanto que isso é com a Dalva!

GUIMARÃES — O que é que há com a Dalva?

FLORIPES — Não sei. Mas o que a Edwiges insinuou foi com a Dalva. Com sua irmã e o Gervásio. Ela recebe o Gervásio aqui. É isso.

GUIMARÃES — E o que é que tem que o Gervásio venha aqui. Êle é meu amigo. Meu colega.

FLORIPES — É que êle vem aqui, sòzinho com ela. Ela é môça solteira. Isso não está certo. Eu não tenho nada com a vida dela. Ela é maior, livre. Tem você que é irmão. Mas mora aqui em casa. Isso não está certo.

GUIMARÃES — Você põe veneno em tudo!

FLORIPES — Eu não estou dizendo nada. Quem devia ver isso é você. Mas você fecha os olhos. É como a avestruz. Prefere fechar os olhos. Eu não gosto de falar. Mas o caso já está na bôca da negrinha.

GUIMARÃES — Ela não disse nada.

FLORIPES — Não disse nada, mas estava na cara. Eu devia ter apertado ela, que ela se explicava.

GUIMARÃES — Para quê?

FLORIPES — Pelo menos você ficava sabendo. Você teria que tomar uma atitude.

GUIMARÃES — E que atitude iria eu tomar? Vou expulsar minha irmã de casa?

FLORIPES — Não sei. Isso é com você. Aqui em casa é que não quero que se encontrem. Isto aqui não é "rendez vous".

GUIMARÃES — Como você é maldosa! Floripes! Porque você fala assim, de sua cunhada? Ela trata você tão bem! Trabalha. Ganha sua vida! Decentemente! Não teve a sorte de se casar.

FLORIPES — Sorte de se casar? Como eu!? Quer me enganar que tive a sorte de me casar? Com você! Sorte de casar, eu!

GUIMARÃES — Eu não disse nada, Floripes. E vamos dar o assunto por encerrado.

FLORIPES — Eu falo quanto quiser! Engraçado! Diz o que quer e depois quer dar o assunto por encerrado! Essa é boa!

GUIMARÃES — Então, fique falando sòzinha.

(Guimarães levanta-se, começa a arrumar sua papelada para retirar-se, quando se ouve uma discussão no apartamento vizinho. A voz de dona Hermengarda e possivelmente a de seu marido, ou do homem que vive com ela.)

VOZ DO MARIDO — Vamos acabar com isso! Você é uma vagabunda! Uma cachorra! Uma cadela! Cala a bôca!

VOZ DE HERMENGARDA — Cala a bôca a sua mãe, ouviu?

VOZ DO MARIDO — Repita, aí, sua vaca!

VOZ DE HERMENGARDA — Me bate! Me bate!

VOZ DO MARIDO — Olha que eu te quebro a cara! Um dia ainda te dou tanta pancada! Sua cachorra! Eú que te pegue de nôvo com êle! Não sei como não te esgano!

VOZ DE HERMENGARDA — Cachorro é você, seu canalha!

VOZ DO MARIDO — Cala a bôca!

VOZ DE HERMENGARDA — Me mata! Me mata!

(Ruído de pancadaria. O marido bate em Hermengarda. Esta põe a bôca no mundo. Pancadaria e gritos.)

(Floripes não se contém. Vai à janela e grita.)

FLORIPES — Vou chamar a rádio patrulha! Vou chamar a rádio patrulha!

(A pancadaria e a gritaria cessam.)

VOZ DE HERMENGARDA — Cuida da vida da tua cunhada que é melhor!

(Floripes fecha imediatamente a janela e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p. 173

cerra a cortina. Momento de expectativa. Floripes considera Guimarães.)

FLORIPES — Você está vendo? Está na bôca do povo!

GUIMARÃES — Você fêz muito mal em intervir. Devia ter fechado a janela e pronto.

FLORIPES — E êles a darem escândalo aí?! E eu sou obrigada a ouvir essas coisas? Vou me queixar com o zelador. Isso não pode continuar. Que gentinha mais réles! E você ouviu o que êle disse? Foi bom que você ouvisse. Está na bôca do povo. Falam no edifício. Falam na repartição. E eu ter que morar neste cortiço! Mas não há de ser para tôda a vida, não. Não tem perigo! Eu não aguento isso! Nem morar com tua irmã, de vida irregular. Vida suspeita! Suspeitíssima! E muito menos morar neste cortiço, a ouvir pancadaria e palavrões. Deus que me livre! Isto não é vida! E agora aquela estúpida foi-se embora. Eu é que não vou ter empregada para ouvir televisão e levar comida para seus homens. Isso não. Quer ir se embora, que se vá. Comigo aqui tem que andar direito. Não tem ninguém para fazer almôço. Eu é que não vou para a cozinha! Também é demais! Aguentar o que eu aguento e ter de fazer comida?! Não. Nunca! Não vou para a cozinha. A Dalva que vá. Onde está ela? Está dormindo! Leva a vida mansa! Não tem marido para chatear! Vida mansa! Está dormindo! Qual é a dela? Mas comigo, não. Almôço eu não vou fazer. Não tenho fome. Tomo um copo de leite, um pedaço de pão com manteiga e pronto.

(Entra Dalva. É uma môça bonitinha, simpática, de seus vinte e oito anos. Veste saia esporte e está sem blusa, apenas de "soutien". Traz a blusa na mão, para passar.)

DALVA — Bom dia. Bom dia, Guima. Bom dia, Floripes.

GUIMARÃES — Bom dia, Dalva.

DALVA — Onde está a Edwiges? Queria que ela passasse esta blusa. É a única que tenho para hoje.

FLORIPES — A Edwiges despediu-se.

DALVA — Quando?

FLORIPES — Hoje, agora. Chegou tarde. Levou pito. Achou ruim e foi-se.

DALVA — E agora?

FLORIPES — E agora! E agora! E agora arranja-se outra. Que o mundo não vai se acabar, só porque a negrinha foi se embora. Hoje não tem almôço. Que eu não vou para a cozinha. Só se você fizer, Dalva. Faça para o Guima, porque eu não preciso.

DALVA — Você quer que eu faça um almocinho para você, Guima? Faço num instantinho. Um bife, ovos...

GUIMARÃES — Póde deixar, Dalva. Como de leiteria. E o jantar?

FLORIPES — Eu janto com papai.

DALVA — Jantar não é problema. O almôço é que é para agora.

GUIMARÃES — Não tem importância. É que precisamos arranjar outra empregada.

FLORIPES — Pode deixar que eu arranjo. Isso é comigo.

(Floripes sai.)

DALVA — Você ainda vai trabalhar na mesa, Guima? Eu queria passar a blusa.

(Guimarães pega um processo e vai para a cadeira onde se senta. Dalva, com certo método, faz lugar na mesa, enquanto liga o ferro elétrico, que estava guardado no móvel ao longo da parede. Prepara-se para passar a blusa.)

DALVA — Se você quiser, podemos almoçar juntos. Eu, você e o Gervásio. Êle vem me buscar. Nós entramos na repartição, assinamos o ponto e saimos para almoçar. Você quer?

GUIMARÃES — Não vai dar tempo. Estou muito ocupado com o levantamento dêstes débitos. Vou ter muito serviço, por êstes dias.

DALVA — Aliás, o Gervásio queria muito falar com você...

GUIMARÃES — Sôbre que assunto? Quer pedir você em casamento?

DALVA — Antes fôsse. Mas sei que é assunto sério e que te interessa.

GUIMARÃES — Com o Gervásio o assunto que mais me interessa é o casamento com você.

DALVA — Ora, Guima! Deixe eu com o Gervásio assim, que está muito bem.

GUIMARÃES — Está bem, mesmo, Dalva?

DALVA — Isso é comigo. Sou maior de idade, não tenho pai nem mãe a quem dar satisfações, ganho a minha vida...

GUIMARÃES — ...está certo. Não se fala mais nisso. Eu só queria que você se casasse, se fixasse na vida, se definisse.

DALVA — É... Eu também queria... Falar é fácil... Você já terminou êsse levantamento? São muitas emprêsas?

GUIMARÃES — São todos os maquinistas.

DALVA — Todos?

GUIMARÃES — Todos... bem entendido... os que não exportam... os que vendem aos exportadores.

DALVA — A cifra é grande?

GUIMARÃES — A sonegação é enorme. É total.

DALVA — Você tem mêdo de investir contra uma classe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 174

GUIMARÃES — Mêdo de que? Cumpro a minha obrigação. Êles não pagaram o impôsto! Eu não estou investindo contra ninguém. Estou apurando. Fazendo um levantamento fiscal, de acôrdo com o serviço que me é atribuido.

DALVA — Mas você ainda não apresentou o serviço?

GUIMARÃES — Não. Ainda há muito o que fazer. Quero apresentar o levantamento integral. Completo. E encerro o caso. Depois, é com os outros. É sôbre isso que o Gervásio quer me falar?

DALVA — Acho que sim.

(Dalva experimenta o ferro elétrico. Vai passar a blusa.)

DALVA — Que calor? Como aqui está abafado! Também com a janela fechada! Porque fecharam a janela, com êste calor?

GUIMARÃES — É que lá, com a Hermengarda, estava mais quente que aqui.

DALVA — Brigaram novamente?

GUIMARÃES — Para variar. Pancadaria da grossa. E xingação.

DALVA — Quem sabe se já acabou? Vou ver.

(Dalva abre a janela com cuidado. Silêncio.)

DALVA — Reina paz em Varsóvia.

GUIMARÃES — Depois da tempestade vem a bonança.

(Dalva volta ao seu mistér. O diálogo prossegue, enquanto Dalva passa a blusa.)

GUIMARÃES — O Gervásio está bem de vida?

DALVA — Não sei bem. Deve estar. Porque?

GUIMARÃES — Porque você não força um pouco a situação?

DALVA — Que situação?

GUIMARÃES — Você não gosta dêle? Êle não gosta de você? Você gostaria de se casar com êle?

DALVA — Naturalmente.

GUIMARÃES — Então? Porque você não força um pouco a situação?

DALVA — Isso não é assim tão fácil, não. Já falei a respeito e refalei. Não quero insistir. Êle diz que não tem condição para se casar.

GUIMARÃES — Mas, êle ganha bem!

DALVA — Não tanto quanto deseja. E, além disso, êle diz que não está preparado psicològicamente para o casamento. Diz que é contra o casamento.

GUIMARÃES — Contra o casamento, ora bolas? Uma situação bem cômoda essa!

DALVA — Então? Se é cômoda, para que se amolar? Qual é o dêle?

GUIMARÃES — Mas eu pergunto: qual é o seu? Afinal de contas você é uma môça solteira...

DALVA — Pois é. Mas êle não quer, não é? Eu devia terminar, não é? Isso é fácil de falar... Mas eu gosto dêle. E depois... a esperança é a última que morre... não é?

GUIMARÃES — Você ainda tem esperanças de casar-se com êle?

DALVA — Naturalmente. A gente vive dessa esperança. Sou uma môça absolutamente normal. Gostaria de me casar, ter filhos...

GUIMARÃES — É. Principalmente ter filhos...

DALVA — Desculpe. Saiu sem querer...

GUIMARÃES — Desculpar o quê? É isso mesmo. Eu não tenho filhos. Floripes não tem filhos. É um mal. Um tremendo mal para um casamento. A gente deve ter filhos. Pelo menos dois filhos. Um só também é mal. É mal para o próprio filho. Muitos também é exagêro.

DALVA — Se a Floripes fizer um tratamento, ela poderá ter filhos... O médico disse...

GUIMARÃES — É. Quem sabe? Agora já perdi o elan. O que está feito, está feito. É muito tarde para começarmos.

DALVA — Tarde nada. Floripes é môça. Você é môço. Há tempo para tudo.

GUIMARÃES — Somos casados há mais de oito anos. Mais um, para tratamento. Outro, para ter filho e já lá se vão 10 anos.

DALVA — Que é que tem?

GUIMARÃES — Agora eu falo como o Gervásio: é psicològicamente tarde para ter filhos...

DALVA — Porque? Não acho.

GUIMARÃES — A minha vida com Floripes já desencantou. Não tem mais geito. É melhor deixar as amarras soltas. O barco que tome o seu rumo, o seu destino. Filho seria complicar demais a coisa. Assim, como estamos, vivemos sem compromissos. Isto é: ela não tem compromisso. O dia que quiser: porta da rua é serventia da casa. Eu assumi um compromisso e não fugirei dêle.

DALVA — Também não acho que seja assim. Não há razão para os dois estarem se suportando...

GUIMARÃES — Há razão, sim, senhora.

DALVA — Não acho. Ao contrário: acho que imoral é viver junto sem se gostar. Só porque casou. Isso é que é imoral. Se têm filhos, vivem juntos por causa dos filhos. Mas se não têm filhos, não têm nada e não se amam; que besteira é essa de viver juntos?

GUIMARÃES — É, talvez você tenha razão. Mas cada qual tem seu modo de pensar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319 p-175

E... principalmente... sua maneira de encarar a própria responsabilidade...

DALVA — Você é que sabe.

GUIMARÃES — Posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

DALVA — O que é?

GUIMARÃES — Vou perguntar: Você responde se quiser; se não quiser, é igual.

DALVA — Está bem. Pergunte.

GUIMARÃES — Você vive com o Gervásio?

DALVA — Como vivo com o Gervásio?! Pois, não moro aquí sòzinha. Se vivesse com êle, iria morar com êle!

GUIMARÃES — Você entendeu muito bem a minha pergunta. Você vive com êle?

DALVA — Não. Sou apenas namorada dêle.

GUIMARÃES — Jura?

DALVA — Juro. (Pouco convincente.)

GUIMARÃES — E eu tenho que acreditar no que você está dizendo?

DALVA — Acho que você deve acreditar.

GUIMARÃES — Está certo.

DALVA — Afinal de contas, porque tôda esta conversa a meu respeito com Gervásio?

GUIMARÃES — Nada. Porque sou seu irmão. Acho que devo me preocupar um pouco com a sua vida. Ou você não acha?

DALVA — Você nunca tocou no assunto! Não. O que é que está se passando por aqui? Conheço você muito bem. Alguma coisa se passou por aqui. Seja franco comigo. Nós somos amigos. Somos ou não somos amigos?

GUIMARÃES — Somos.

DALVA — Então, me conte. Falaram alguma coisa?

GUIMARÃES — Já se comenta no edifício. Floripes soube que você recebeu o Gervásio em casa, na nossa ausência. E ela não gostou!

DALVA — Bem. O Gervásio estêve aqui. Duas vêzes.

GUIMARÃES — Você acha que isso é direito?

DALVA — Nós não estivemos sòzinhos. A Edwiges estava em casa. E não fizemos nada de mal. Nem poderia ser.

GUIMARÃES — Mas falam, não é?

DALVA — E o que é que você quer que eu faça? A casa é minha, também. Pago pensão. Não estou aqui de favor. Não sou criança. Ganho a minha vida. Acho que posso receber um amigo em minha casa, sem ter que dar satisfações. Demais a mais, não fizemos nada de mal.

GUIMARÃES — Eu não tenho a menor dúvida. Mas dá margem a comentários maliciosos. Isso dá.

DALVA — Que me importa que falem. Se a Floripes acha ruim, eu posso me mudar. O que pago aqui, posso pagar num apartamento pequeno, de sociedade com uma amiga ou colega. Se vivo aqui, é por sua causa. Aliás, você também não precisa de minha pensão. Podem viver muito bem vocês aquí só com o que ganham. É melhor eu ir me embora. Assim ninguém mais vai falar. O que eu não posso é perder o direito de receber um amigo em minha própria casa. Sôbre êsse ponto eu não transijo.

GUIMARÃES — Fica o dito por não dito. Pronto. Não pensei que você fôsse tão brava! Ninguém falou nada, pronto!

DALVA — A gente tem que se defender, ora essa! Já levo uma vida bêsta. Sem graça nenhuma. Não me casei. Não sou rica. Só tenho você. Você e minha liberdade. Minha liberdade é meu consolo e êsse eu defendo.

GUIMARÃES — Naturalmente. Ninguém quer brigar com você. E eu peço que você continue comigo. Você há de reconhecer que morar comigo e Floripes é sempre uma situação para você. Você não é nenhuma môça abandonada. Eu prefiro que você more comigo, do que sòzinha. E também para o meu caso pessoal. Eu lhe peço. Nós aqui precisamos de você. Você, sem querer, ou sem sentir, é o anteparo de muita coisa, que pode acontecer aqui.

(Dalva veste a blusa e vai abraçar o irmão. Faz um carinho no irmão e o beija no rosto.)

DALVA — Guima: eu gosto de você, Guima. Você é a própria vítima de sua boa formação moral. Engraçado! Acontece cada coisa nesta vida! Você é o conformismo em pessoa! Conheço muito bem você. Não é mêdo. Não é falta de energia. É educação. É formação moral. É o senso de responsabilidade. Deixa estar, meu irmão: não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe...

GUIMARÃES — Dalva: você está muito enganada. Eu não estou me queixando, nem lamentando...

DALVA — É como diz o Gervásio: a am-P.[illegible] ruta também tem seu dia de mingáu.

(Toque de campainha.)

DALVA — Deve ser o Gervásio.

(Dalva sai para abrir a porta de entrada. Momentos depois, volta, com Gervásio. É môço de seus trinta e poucos anos, alegre, jovial, bem posto. Não faz muita cerimônia. É de casa, como se diz.)

GERVÁSIO — Que tal? Como leva?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319 | p. 176

GUIMARÃES — Bom dia, Gervásio. Sempre firme?

GERVÁSIO — Mais ou menos. E você? Muito serviço? Quando é que você vai perder essa mania de trabalhar de graça? Quem trabalha de graça é relógio e quem faz fôrça é guindaste.

GUIMARÃES — Eu não trabalho de graça. Sou pago para trabalhar.

GERVÁSIO — Você ganha para trabalhar um expediente. Eu não tenho nada com isso. Você gosta. O que é de gôsto, regalo da vida. Gostos não se discutem. O que é isso aí? É o caso dos maquinistas?

GUIMARÃES — É.

GERVÁSIO — Você chegou a alguma conclusão?

GUIMARÃES — Há muito tempo. Que existe a incidência nem há dúvida. A questão jurídica, vamos dizer, a questão fiscal é absolutamente clara. O Impôsto sempre foi devido e sempre foi sonegado. A dúvida está no quantum. Acho que a coisa atinge a cifras astronômicas!

GERVÁSIO — Mas... houve má fé por parte dos maquinistas? Êles sabiam que deveriam pagar?

(Dalva sai sem avisar, após uma troca de olhar com Gervásio. Guimarães não percebe o jôgo.)

GUIMARÃES — Eu estou convencido de que houve má fé. A lei é clara. E êles sempre são bem assessorados.

GERVÁSIO — Então, além do impôsto em débito, vai haver multa?

GUIMARÃES — Penso que sim, que devem ser multados. Houve sonegação de má fé.

GERVÁSIO — Mama mia! Então a coisa vai longe! Você não tem mêdo de uma represália? Afinal de contas, tôda uma classe a ser prejudicada!

GUIMARÃES — Que é que eu posso fazer? Sou um modesto funcionário público. Limito-me a cumprir ordens. Não estou inventando nada, nem criando problemas.

GERVÁSIO — É que êles podem fazer uma representação, pelo Sindicato. A coisa póde tomar até um aspeto político.

GUIMARÃES — E daí?

GERVÁSIO — Govêrno póde derrubar a situação.

GUIMARÃES — Melhor para êles. E melhor para mim, também. Não tenho percentagem na arrecadação e muito menos na multa. Para mim é igual. Se lá em cima revogarem a cobrança, melhor.

GERVÁSIO — Mas você fica com uma cara de tacho. Vão chamar você de perseguidor. Guimarães, o Javert do fisco.

GUIMARÃES — Não vejo razão para isso. Nem eu sou um perseguidor e nem êles são miseráveis de roubar um pão.

GERVÁSIO — Eu não topava um negócio dêsses. É antipático.

GUIMARÃES — Meu velho: eu recebo ordenado para fazer levantamentos de débitos fiscais. Não me cabe ser simpático ou antipático. Ao contrário: até ajudo os contribuintes, dou orientação, ensino, coisa que não tenho a menor obrigação de fazer. Mas sonegação é sonegação.

GERVÁSIO — Quanto você está ganhando agora?

GUIMARÃES — O mesmo que você, não é? Vinte e oito contos, fóra os descontos. Com a reforma vou passar para uns 40.

GERVÁSIO — Como isso?

GUIMARÃES — Claro. Você também; isto é: você um pouco menos porque tem menos tempo de serviço. Eu vou ser aumentado e reclassificado.

GERVÁSIO — E se não sair a reforma?

GUIMARÃES — Como, não sair! Então você não acompanhou os trâmites?! Já está tudo pronto, aprovado e sancionado. Na semana que vem está na rua.

GERVÁSIO — E se você não fôr promovido, nem aumentado?

GUIMARÃES — Não póde ser.

GERVÁSIO — Nesta terra tudo é possível.

GUIMARÃES — Então, seria o caso de se rasgar o Estatuto do Funcionalismo Publico. Mais ainda: jogar fóra a Constituição.

GERVÁSIO — E quantas vêzes já se violou a Constituição? Não seria a primeira e nem a última.

GUIMARÃES — É. Por incrível que pareça, isso póde acontecer. Você sabe de alguma coisa? Vão dar com tudo para trás?

GERVÁSIO — Não sei de nada. É só uma hipótese. Estou argumentando para provar que você não está com tôda a razão nesse seu caso aí. Nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Você não póde se transformar num escravo incondicional de suas obrigações, quando a instituição a que você serve não merece essa incondicionalidade. Ninguém é profeta em sua terra. Não. Não é êsse o provérbio. Não se deve ser mais realista que o rei. Se o Govêrno póde amolecer com os maquinistas, porque há de ser você que vai endurecer? Vai preparar o prato para êles comerem lá em cima?

GUIMARÃES — Isso é da vida, meu velho.

GERVÁSIO — O bom bocado não é para quem o faz e sim para quem o come. Bem. Eu já vi que a coisa vai ser dura. Tenho um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.177

assunto a propor a você. Vou falar por desencargo de consciência, e digo mais, para seu bem, para seu bem estar e de Floripes e da Dalva também. De tostão a tostão se faz um milhão. Uma óva! Não é na enxada que se fica rico! não! A gente fica rico explorando o trabalho dos outros. Matheus, primeiro os teus. Essa é a ordem. Olha, Guimarães: o advogado do sindicato dos maquinistas é meu primo e mais que parente: meu amigo. Parentes os dentes, diz o ditado. Mas o homem é meu amigo aqui do peito. Posso falar porque tenho a máxima confiança. É aqui, entre quatro paredes. Eu falo, está falado, se você não topar azar seu. Os homens estão apavorados com êsse processo aí que está nas suas mãos. Se essa sua autuação vingar, êles estão perdidos. Vai ser uma quebradeira geral. É uma questão de vida ou de morte.

GUIMARÃES — Mas êles podem pagar em prestações.

GERVÁSIO — E a multa?

GUIMARÃES — É possível que se releve a multa. O advogado, seu primo, criou uma teoria sôbre a não incidência do impôsto. É uma teoria absolutamente falsa. Puro sofisma. Mas tem sua habilidade, não há dúvida. Talvez por meio dela, com boa vontade, relevem a multa, quem sabe?

GERVÁSIO — Pois olhe, meu velho: êles estão com mêdo. E estão com tanto mêdo que me incumbiram de falar com você. Se você der um jeito nisso...

GUIMARÃES — Como é que eu posso dar um jeito nisso?!

GERVÁSIO — O chefe já sabe de suas conclusões?

GUIMARÃES — Claro que sabe. Pois foi êle que levantou a lebre.

GERVÁSIO — Foi você.

GUIMARÃES — Sim. Êle cismou com os maquinistas. Pediu-me para fazer a verificação. Êle está a par de tudo.

GERVÁSIO — Não tem importância. Deixa o chefe comigo que eu controlo...

GUIMARÃES — Controla, como?!

GERVÁSIO — Minha primeira etapa é aqui com você. Os homens estão dispostos a lhe dar três milhões em gaita viva, para você dar para trás com essa incidência. Três milhões! Três mil abobrinhas! Nem mais e nem menos!

GUIMARÃES — Mas não é possível!!

GERVÁSIO — O que não é possível? Arquivar êsse negócio?

GUIMARÃES — Não. Não é possível eu me vender. Êles querem me comprar, Gervásio! E você está se prestando a isso!

GERVÁSIO — Vender... comprar... não são êsses os termos exátos. Três milhões é uma pequena fortuna. Nem você vai se vender, nem êles vão lhe comprar. É uma questão de tese. Você vai ao jurista. Vai consultar o advogado. Vai pedir um parecer. Você faz a consulta e êle pergunta "O senhor quer sim ou não?" — Porque? Porque se o senhor quiser uma resposta afirmativa, tem o que citar os livros do lado esquerdo". Então? Tudo é interpretação. Êles pedem a sua boa vontade para uma interpretação favorável. O caminho já está preparado. Você concorda com a tese do advogado, meu primo, que é mais inteligente que você e conhece direito e pronto Estará com uma renda aí de sessenta contos por mês. Mais que o dôbro de seu ordenado. E não cria inimigos e não planta para os outros colherem. E ninguém póde falar nada, meu velho, porque quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho.

GUIMARÃES — Então, êles me pagam três milhões?! E o chefe?!

GERVÁSIO — Tem rabo de palha. Deixa que eu controlo êle. Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.

GUIMARÃES — Eu não posso fazer isso.

GERVÁSIO — Porque? São três milhões, meu velho. Pagos na bôca do cofre, em moeda corrente do país. Não fica rabo, não. Você está louco! É sua independência! É um automóvel. É um apartamento melhor para sua família! Não pense só em você, meu velho!

GUIMARÃES — É. O negócio é duro! Porque você vem me fazer uma proposta dessas?! Porque você vem me criar êsse problema? Nunca pensei nessa hipótese.

GERVÁSIO — Porque um dia é da caça e outro do caçador. A araruta também tem seu dia de mingáu.

GUIMARÃES — Já ouvi êsse ditado. Não, Gervásio, não posso aceitar essa proposta. Até devia repudiá-la mais enèrgicamente. Sinto-me culpado de não a ter repelido liminarmente.

GERVÁSIO — Você é um louco!!

GUIMARÃES — Você quer dizer outra coisa: que eu sou uma bêsta. Burro! Burro! Póde ser. Mas nasci assim. Que é que você quer que eu faça? Não dou para êsses golpes, não. Eu tenho que ir devagar, devagar. Olhe: com o aumento da reforma, sou capaz até de comprar um automóvel. De segunda mão, é claro. Para quê eu vou me lançar em altas cavalarias? Enveredar por êsses caminhos? Não. Você me desculpe. Gervásio, mas não posso aceitar.

GERVÁSIO — Quer dizer que você recusa os três milhões?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 178

GUIMARÃES — É. Recuso. Dá dó, mas recuso.

GERVÁSIO — Por honestidade?

GUIMARÃES — Não sei. Talvez, sim. Por princípio.

GERVÁSIO — Que loucura! Você vai é botar na mão do Chefe êsses três milhões, você vai ver!

GUIMARÃES — Paciência.

GERVÁSIO — Êle já está rico. Agora é sua vez! Isso é de amargar! Êle vai dar para trás com a sua autuação, com todo o seu trabalho. Vai virar herói e se encher da gaita! à sua custa! Vai ver que já fêz isso de propósito! Tocou você na frente para criar a dificuldade e vai vender a facilidade. À sua custa. E quem faz o papel de bôbo será você. Tem dó, Guimarães, tem dó!

GUIMARÃES — Eu sou assim, que é que você quer que eu faça? Você pensa que eu gosto de ser assim? Não gosto.

GERVÁSIO — Você disse que ainda não concluiu o serviço?

GUIMARÃES — Falta muito, ainda.

GERVÁSIO — Quantos dias?

GUIMARÃES — Uns quinze, trabalhando aqui em casa.

GERVÁSIO — Então você tem tempo para pensar. Não apresente o trabalho sem primeiro falar comigo. Não me vá fazer essa falseta.

GUIMARÃES — Não adianta nada. Mostre ou não mostre, o que está feito está feito.

GERVÁSIO — Não. Você vai pensar. Não se jogam três milhões assim pela janela, não. Você vai pensar. Tem quinze dias para pensar. Se você não voltar atrás, azar seu, não posso forçar, nem fazer mais do que fiz.

(Entram Floripes e Dalva. Floripes vestida para sair saia e blusa, com um sanduíche na mão e um copo de leite na outra.)

GERVÁSIO — Que tal? Floripes?

FLORIPES — Bom dia. Gervásio.

GERVÁSIO — Que leite é êsse? Vocês não vão almoçar? Vim filar a bóia. Hoje é dia de feira, não?

FLORIPES — Estamos sem empregada. Ela foi despedida. Ou melhor, despediu-se, porque eu a proibi de ver televisão.

GERVÁSIO — Bem. Então vamos todos almoçar no Gigetto. Eu estou convidando. Marca-se o ponto e vamos todos ao Gigetto. Por minha conta e risco. Eu vinha filar a bóia, mesmo. Não havendo, é justo que eu os convide. Póde deixar êsse leite e êsse sanduíche.

FLORIPES — Eu aceito.

GERVÁSIO — Há males que vêem para bem. Vamos, Guimarães.

GUIMARÃES — Não. Eu não vou. Fica para outra ocasião.

FLORIPES — Que cara é essa, Guima? O que foi que aconteceu, que o Guima está com essa cara de organização social de luto?

GERVÁSIO — Claro. Não é para menos. Acaba de jogar fóra, pela janela, assim, olhe (vai à janela e faz gesto de quem atira) três milhões de cruzeiros! E sabe quem está lá em baixo? O chefe. O chefe dêle, para pegar a gaita que êle jogou fóra!

FLORIPES — Como?! Três milhões?! Onde estão?!

GERVÁSIO — Aí. Nessa papelada. Uma questão de interpretação. Nada mais. Se êle chegar à conclusão de que o impôsto não é devido, êle ganha três milhões, alí, na batata.

FLORIPES — E qual foi a sua conclusão, Guima?

GUIMARÃES — Estou convencido de que o impôsto é devido.

FLORIPES — Estava convencido, mas não está mais.

GUIMARÃES — Não é assim, como você pensa, Floripes.

FLORIPES — Se você pensa que eu vou deixar você jogar três milhões pela janela, você está muito enganado! Só louco é que rasga dinheiro. Eu não estou louca. Você está, Dalva?

GERVÁSIO — Bem. Ainda há tempo. A resposta não é definitiva. O Guimarães tem 15 dias para pensar.

FLORIPES — Isso nem tem o que pensar. Vamos almoçar. Deixe o louco aí. Depois nós conversaremos. Vamos embora. Se êle não aceitar êsse negócio eu me mato. Isto, é, mato êle primeiro, que nasceu antes de mim. Não. A miséria tem que acabar nesta casa. E só ver os outros comendo a carne, na cara da gente, e a gente roendo osso?! Não. Isso vai acabar. Chega de filosofia. Chega de psicologia. Hoje o que vale é o metal sonante. A gaita. L'argent, money, plata... O resto é conversa. Ciáo, meu Robespierre de araque. Vamos embora. Vem, Dalva. Vamos fazer êste gaúcho gastar uns cobres.

(Floripes sai. Dalva beija o irmão, que ficou perplexo, estatelado na cadeira.)

GERVÁSIO — Até logo, Guimarães. Que o Espírito Santo ilumine tuas idéias.

Saem os três. Guimarães fica estático por uns momentos. Está pensando intensamente. Quase fala sòzinho. Começa a arrumar a papelada. Põe a gravata. Veste o paletó. Quando entra Edwiges.)

EDWIGES — Eu voltei, seu Guimarães.

GUIMARÃES — Você não encontrou o pessoal aí fóra?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 179

EDWIGES — Eu vi êles, mas êles não me viram. Me escondi na escada. Quando tomaram o elevador, eu entrei. Eu ainda tenho a chave. Eu voltei só por sua causa, seu Guimarães.

GUIMARÃES — Muito obrigado.

EDWIGES — É verdade. Não é brincadeira, não. Com Dona Floripes empregada nenhuma fica no emprêgo. Eu sei. Conheço minhas colegas. Patrôa que implica com um ôvo, com televisão, com não sei o quê, não guarda empregada. Não ficam nem um mês na casa. Eu ganho 4 mil cruzeiros por mês... Olhe, seu Guimarães: nem por oito mil. Ninquem aceita. Com implicância ninguém aceita. Eu fico, por sua causa. O senhor não merece ficar sem empregada. Depois eu sei que o senhor já se acostumou com minha comida... O senhor não almoçou? Vou preparar o seu almôço...

GUIMARÃES — Obrigado, Edwiges, mas não há mais tempo.

EDWIGES — Um instantinho só. Eu frito dois ovos, passo um bife na chapa...

GUIMARÃES — Não há tempo. Olhe: eu como isto aquí **(e pega no copo de leite e no sanduíche que Floripes deixou em cima do móvel. E principia a comer.)**

EDWIGES — É pena. O senhor trabalha muito. Precisa comer bem. Assim, ninguém aguenta.

GUIMARÃES — Você me prepare um jantar bem reforçado. Agora não tenho fome. Aconteceu tanta coisa aquí em casa, hoje de manhã, que eu perdi a fome.

EDWIGES — O senhor me desculpe, mas essa gente não compreende o senhor. Eu compreendo...

GUIMARÃES — Não chame minha mulher de essa gente...

EDWIGES — Eu pedí desculpas. Eu não tenho educação, mas tenho sentimento. Eu compreendo o senhor. E eu gosto do senhor. Não é gostar de... de coisa... não. Eu gosto do senhor espiritualmente. O senhor é como meu falecido padrinho. O senhor é um bom. E hoje em dia, com o progresso, contra o subdesenvolvimento, ninguém compreende uma pessoa boa. E é tão fácil compreender. Mas tudo está voltado para o mal: Diz que foi a bomba atômica que espalhou mal pelo ar. Eu não sei. Mas gente boa está fóra de moda.

GUIMARÃES — Até logo, Edwiges. Então, um bom jantar, hein? olhe as ordens de Dona Floripes...

EDWIGES — Já sei: nada de televisão, néca de levar coisas para casa e néca de receber visita. Está certo.

(Guimarães já saiu, com sua papelada que pôs numa pasta.

Edwiges cantarola baixinho. Pega na vassoura. Vai principiar a limpeza da sala. Ela agora é a dona. Senhora da situação, vai à televisão e liga, com a maior calma dêste mundo. Nem dá bola. Continua cantarolando e inicia a limpeza. Surge a imagem no aparelho de televisão.)

P A N O

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Mesmo cenário.

Nove horas da noite, uma semana depois.

Floripes em cena, procura qualquer coisa pela sala. Chama pela empregada.)

FLORIPES — Edwiges! Edwiges!

VOZ DE EDWIGES — Senhora!

FLORIPES — Onde é que está o "Grande Hotel", que estava aqui na sala?

(Edwiges aparece.)

EDWIGES — Grande Hotel?!

FLORIPES — Sim. O último número.

EDWIGES — Acho que seu Guimarães emprestou para dona Hermengarda.

FLORIPES — Porque havia de emprestar?!

EDWIGES — Ela sempre pede e êle sempre empresta. Os números atrazados.

FLORIPES — O que estou procurando é o número desta semana, que comprei há dois dias. Ainda não lí e êle já foi emprestar!

EDWIGES — Vai ver que êle não sabia que era o último número.

FLORIPES — Não estará com você?

EDWIGES — Ora, dona Floripes! Que desconfiança! Para que que eu quero aquilo?! Eu nem sei ler!

FLORIPES — Não precisa saber ler. É história de quadrinho.

EDWIGES — Juro por tudo quanto há de mais sagrado que não bulí nessa revista!

FLORIPES — Então, péde à vizinha. Se está com ela, que devolva. As coisas nesta casa, quando emprestadas, tem dois V.

(Edwiges vai à janela e chama.)

EDWIGES — Dona Hermengarda! Dona Hermengarda!

VOZ DE HERMENGARDA — Que é?

EDWIGES — O patrão lhe emprestou o último número de Grande Hotel? A senhora tem êle?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 180

VOZ DE HERMENGARDA — Emprestou hoje de manhã. Está aqui comigo.

EDWIGES — É que a patroa ainda não leu. A senhora me devolve que depois ela empresta.

VOZ DE HERMENGARDA — Não tem dúvida. Eu também posso comprar a revista. Se quiser, não precisa emprestar.

EDWIGES — Não é isso. Ela não está reclamando. Ela quer é ler. Depois que ler não interessa, que ela não faz coleção.

VOZ DE HERMENGARDA — Já sei. Já sei. A gente não deve é pedir as coisas emprestado para não passar por êsses carões. Vou devolver aqui, pela janela mesmo.

EDWIGES — Pela janela não, que póde cair lá embaixo. Eu vou buscar aí na sua porta. Um momento.

(Edwiges sai da janela.)

FLORIPES — Além de malcriada, é mal agradecida essa Hermengarda.

EDWIGES — É uma infeliz!

(Sai. Instantes depois volta Edwiges com a revista.)

EDWIGES — Está aqui, dona Floripes.

(Floripes pega a revista, prepara uma luz junto à poltrona, enquanto Edwiges sai para a cozinha.

Floripes liga a televisão e depois se acomóda na poltrona, iniciando a leitura. A imagem surge. Ela levanta-se da poltrona para acertar o som. Volta. E mergulha na leitura da história de quadrinho.

Edwiges aparece pronta para sair. Terminou o serviço diário e Edwiges vai se embora para sua casa. Leva uma bôlsa grande, quase um balaio. Sente-se que ela quer esconder o balaio de Floripes.)

EDWIGES — Até amanhã, dona Floripes.

FLORIPES — (Distraída na leitura) Até amanhã.

(Edwiges passa, está quase à porta, quando Floripes dá com o balaio.)

FLORIPES — O que é que você está levando aí, nêsse balaio?

EDWIGES — Não é balaio, não senhora. É bôlsa.

FLORIPES — Bôlsa dêsse tamanho?

EDWIGES — Que é que a senhora quer? São exigências da moda!!

FLORIPES — Que é que você vai levando nessa bôlsa?

EDWIGES — Nada.

FLORIPES — Nada?! A bôlsa recheada dêsse geito?! Abre aí, quero ver.

EDWIGES — Ora, dona Floripes! Não posso abrir! São coisas íntimas!

FLORIPES — Não tem importância. Só eu estou aqui. Abre.

EDWIGES — São umas coisas à tôa. É um pouquinho de comida que sobrou. O seu Guimarães não veio jantar. Sobrou alguma coisa. Não adianta guardar para amanhã. Não dá. Tem que fazer arroz novo, mesmo. Eu não vou misturar arroz novo com arroz velho. Assim, nem um nem outro. Estraga tudo. Se tivesse qualquer serventia, eu juro, dona Floripes, que eu deixava. Eu não levava. Nêsse ponto eu sou muito direita. Nunca roubei casa de patrôa. Deus me livre! Mas, não tendo senventia...

FLORIPES — Porque você não fala antes? Não pede licença? Eu não sou pão dura! O que não acho direito é você levar as coisas sem me falar.

EDWIGES — É que a gente tem vergonha de pedir essas micharias. Parece que a gente está passando fome! A gente sente vergonha. (Edwiges começa a falar chorosa e depois chora mesmo.) O pior é que a gente precisa mesmo. O Dito está sem emprêgo. Deu de beber. E assim piora tudo. Bebe porque não tem trabalho. Não tem trabalho porque bebe. E a fome bate na porta da gente. É uma infelicidade! A senhora não sabe. Mas a vida está dura. Muito dura. Dizem que aqui no Brasil ninguém passa fome! Uma ova! Passa, sim senhora. Tem muita gente que não come nada. Almôço e jantar todo o dia é luxo. Só quem está bem.

FLORIPES — Eu não faço questão nenhuma que você leve as coisas. Olhe: póde até levar uns ovos. Amanhã é dia de feira vou comprar mais. Hoje não precisa. Quantos tem lá na cozinha?

EDWIGES — Tem três.

FLORIPES — Devia ter quatro.

EDWIGES — Puxa, vida, que a senhora conta!

FLORIPES — Conto, mesmo. Não gosto de passar por bôba.

EDWIGES — Pois, desta vez, com perdão da palavra, a senhora boiou, porque tinha um ôvo que estava pôdre. E eu não boto ôvo pôdre na comida. Então, tive que quebrar outro. Nesse ponto eu sou muito honesta. Não tenho costume de roubar patrão, não. A senhora póde se informar nas casas onde estive. Se saí foi por incompatibilidade de gênio. Meu gênio não combinava com o da patrôa. É como aqui. A senhora é boa, mas tem mau gênio. Eu não combino com a senhora. Mas combino com o patrão. O seu Guimarães é muito boa pessoa. Eu gosto dêle. Não pensa que é outra coisa. Não é, não senhora. Eu gosto de seu Guimarães sem malícia. Nunca dei bola para patrão. Com bebida ou sem bebida, tenho o meu Dito, lá em casa, que me dá muito tra-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p. 181

balho. De homem estou cheia. De homem: quero sossêgo. Gosto de seu Guimarães porque êle é um santo. E de santo a gente não gosta para safadesa. Agora, se a senhora quer que eu devolva essa micharia de resto de janta, que eu levo, eu devolvo, mas é para botar no lixo, porque não tem serventia.

FLORIPES — Não precisa devolver nada. E se vocês estão precisando, póde levar os ovos. Póde levar o que quiser. O que não gosto é de fazer papel de idiota. É uma questão de disciplina. Eu sou a patrôa. Tenho que controlar a casa. Gosto de saber o que estou dando. Gosto de saber o que se está passando na casa. Não é pãodurismo, não. É minha obrigação de dona de casa. Ninguém gosta de ser roubada.

EDWIGES — Mas ninguém está roubando a senhora. Isso não é roubo.

FLORIPES — Não sendo seu e não tendo licença, é roubo, sim. É pequeno. Roubinho sem importância, mas não deixa de ser roubo. Então o que é?

EDWIGES — É... é... é sobejo.

FLORIPES — Está bem. Seja o que fôr. O nome não tem importância. Póde levar. Leve os ovos também.

EDWIGES — Deu. Está dado. Amanhã eu levo.

FLORIPES — Quando houver qualquer sobra, você me fale, mas pede licença, que eu dou. Eu deixo levar. Não vá fazer sobrar de propósito, que aqui em casa não nadamos em dinheiro. Nós também temos nossas dificuldades. Não é por gôsto que moro aqui neste cortiço.

EDWIGES — A senhora fala à tôa. A senhora não sabe o que é cortiço. Isto aqui é palácio, perto donde eu moro. É palácio, dona Floripes. A senhora nem deve falar, que Deus castiga...

FLORIPES — É tudo muito relativo, Edwiges. Enfim, não tem importância. Até amanhã. E venha cêdo, que é dia de feira. Não vá me fazer como da semana passada.

EDWIGES — Sim, senhora, dona Floripes. Amanhã às oito horas estou aqui. Então, até.

FLORIPES — Até amanhã.

EDWIGES — Muito obrigada, dona Floripes. Desculpe qualquer má palavra.

(Edwiges sai. Floripes considera um pouco sua saída e volta à sua leitura, depois de desligar a televisão. Momentos depois entram Dalva e Gervásio. Dalva acende a luz maior da sala.)

GERVÁSIO — Que tal?

FLORIPES — Como vai, Gervásio?

GERVÁSIO — Onde está o Guimarães?

FLORIPES — Não veio jantar. Tinha que ir a uma reunião depois do serviço. Até agora não apareceu.

GERVÁSIO — Como vai o nosso negócio?

FLORIPES — Que negócio?

GERVÁSIO — Dos três milhões.

FLORIPES — Não progrediu nada.

GERVÁSIO — Você falou mais vêzes com êle?

FLORIPES — Falei. Falei duas vêzes.

GERVÁSIO — Estou achando que você não está muito empenhada. Olhe que são três milhões! No mínimo sessenta mil por mês! Se quiser apurar no juro, serão uns noventa mil por mês. Não é para se desprezar.

FLORIPES — Eu sei, Gervásio. Eu sei. Ninguém está mais interessada do que eu. Mas é preciso ir com calma. Já falei. Já insisti. Nada. Êle parece nem me dar atenção. Fica me olhando como se eu fôsse uma parede. Estou esperando uma ocasião. Um determinado momento. Não sei. Ainda não dei o ultimatum. Ainda não briguei, nem ameacei. Vamos ver. Se êle deixar escapar esta ocasião, nem sei o que faço...

GERVÁSIO — Devagar com o andor que o santo é de barro, diz o ditado.

FLORIPES — Êle tem muita esperança na reforma. Tem certeza de que vai ter um bom aumento, vai ser promovido. A ocasião não é muito propícia...

GERVÁSIO — A ocasião faz o ladrão. Pois parece que ela se apresentou. Nem que fôsse encomendada! Agora, acho que a coisa será fácil. É aproveitar o momento psicológico. A reforma saiu e êle não foi promovido, e nem aumentado...

FLORIPES — Será possível?!!

GERVÁSIO — Será, não. É. Consumatum est. O melhor da festa é esperar por ela. A coisa saiu e êle continua na mesma. Na mesma, não. Muito pior, porque muita gente passou na frente dêle. Bem... mal de muitos consolo é... Êle não ficou sòzinho. Tôda a classe dêle foi prejudicada. Só onde êle trabalha foram uns 15. Fóra os outros setôres...

FLORIPES — Então, êle já sabe?

GERVÁSIO — Deve saber, com tôda a certeza.

FLORIPES — Sabe. Achei êle meio transtornado quando me disse que não viria jantar. Essa reunião deve ser lá com o pessoal...

GERVÁSIO — É. Já foram se reunir para tomar providências. Hão de cavar alguma coisa! Cavar nada! Aqui é assim: não dão valor a quem tem valor. Ah! Se fôsse comigo! Deus dá nozes a quem não tem dentes. Eu no lugar do Guimarães estaria pôdre de rico. Eram dois golpes dêsses por ano!

FLORIPES — Mas foi uma enorme injus-

D. P. F. SR/MO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P. 182

tiça! Como puderam fazer isso? Guima disse que já estava tudo resolvido!

GERVÁSIO — Levaram êle no bico. Direitinho. Passaram êle para trás. Agora é malhar o ferro enquanto está quente. Hoje êle vem aqui tinindo. Com raiva de todo o mundo. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. To night or never.

FLORIPES — O Guima é de muito boa fé. Por isso que fazem isso com êle.

GERVÁSIO — Pois agora acabou-se. Amor com amor se paga. Se fiseram a sujeira com êle... Quem rouba ladrão tem cem anos de perdão... Bem... o resto é com você. Você sabe o que faz. Conhece o marido que tem. Não vou ensinar Padre Nosso ao vigário. O momento psicológico está aí dando sôpa. Não é que eu estivesse torcendo para o Guima ser prejudicado. Mas... há males que vêm para bem... Assim, êle aprende o caminho. Êles mesmo é que mostraram. Agora se aguentem. E não têem que aguentar nada. É tudo assim. Quem tem o seu vintém bebe logo. Não se aflija, que êles não aumentaram e nem melhoraram a classe do Guimarães, já pensando nisso. Êles sabem que a turma come mesmo. E comendo, não precisam, não reclamam. Malandro não estrila...

DALVA — Mas o Guima nunca fêz isso!

GERVÁSIO — Ah! Até que enfim você deu o ar de sua graça.

DALVA — Estive ouvindo. Vocês não me deram chance.

GERVÁSIO — Minha filha: a regra é a desonestidade. Essa é a verdade. Nós sabemos que o Guimarães é um sujeito batata. Que não está na gaveta de ninguém. Quem lida com êle sabe disso. Mas os de cima não sabem. Para êles, todos são iguais. E estão certos. O Guimarães é que está errado. Gente como o Guimarães, hoje não existe. Bem... eu vou indo. É melhor que êle não me encontre aqui. O trabalho é vosso. Olhe que são três milhões; é um barbadão. Em menos de 15 dias o Guimarães estará com a mão na massa...

FLORIPES — E você não leva nada nisso?

GERVÁSIO — Pura camaradagem. É para servir o meu primo e também vocês. Vocês são daqui do peito. É justo que vocês tenham uma folga. Bem... você entra com o jôgo direitinho. É melhor deixar vocês operarem. Vocês são da família. Roupa suja lava-se em casa. O momento é ultra psicológico. Não vá entornar o caldo. Vá com diplomacia. Com cuspe e jeito... bem... êsse, não. Êsse é impróprio. Mas você já sabe, não é ? Você também, Dalva. Êle é seu irmão. Gosta à bessa de você. Você ajuda...

DALVA — Eu não me meto nisso. Deixa a Floripes...

GERVÁSIO — Como não se mete nisso? Você também tem seu interêsse, ora bolas!

DALVA — Não gosto de interferir na vida dos outros.

GERVÁSIO — Isso não é interferir. Estamos pedindo apenas a sua colaboração...

FLORIPES — Deixa a Dalva. Ela parece que tem mêdo do irmão...

DALVA — Não. Não é mêdo. É respeito. Acho que é um assunto muito delicado êsse de bulir com consciência...

FLORIPES — Consciência! Consciência! Isto é conversa! Onde é que está a consciência do pessoal que fêz a reforma? Onde? A consciência está no estômago e não na cabeça. O homem trabalha dia e noite, todos os dias. Traz serviço para casa, todos os dias! Alguém reconheceu isso? Nada. Reconheceram nada. Ao contrário. Coice. Só deram coice! O idiota do Guima ficou para trás! Idiota mesmo. Pois agora é pagar na mesma moeda...

GERVÁSIO — Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Bem, minha gente: parece que estamos entendidos. Ciáo. Amanhã vocês me contam o resto. A Dalva me conta. Entra com o jôgo, Floripes. Deixa a Dalva, que é meio mole. É como o irmão Quem sai aos seus não degenera. Ciáo!

FLORIPES — Até amanhã, Gervásio. O pior é se a gaiata não sair. A gente ter todo êste trabalho de convencer o cabeçudo do meu marido e no fim êles passam o bôlo e não dão o dinheiro!

GERVÁSIO — Isto é comigo. Quando chegar na hora, é comigo. Manja aqui o papai. Já está tudo pensado e combinado. Não tenha o menor receio. É macuco no embornal. Depende de vocês. Ciáo!

(Gervásio sai, Dalva o acompanha, Floripes pega a revista.

Instantes depois Dalva vem de volta.)

FLORIPES — Eu não sei porque êsse camarada não casa você!

DALVA — Eu também não sei.

FLORIPES — Sujeito gosado êle! Fala do Guima! Fala de todo o mundo! Mas onde está o dinheiro dêle? Êle devia ganhar muito dinheiro, com as teorias dêle!

DALVA — O cargo dêle é diferente do de Guima. Mas êle ganha muito dinheiro. Gasta. Gasta tudo.

FLORIPES — Mas não gasta com você. Pelo menos, que gastasse com você.

DALVA — E porque havia de gastar comigo?

FLORIPES — Então, gasta com outras?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p. 183

DALVA — Acho que não. É desperdiçado. Gasta em besteiras. Joga. Perde um dinheirão nos cavalos. De vez em quando vou com êle às corridas. Vejo quanto êle perde.

FLORIPES — Você devia controlar...

DALVA — Eu não! O dinheiro é dêle!

FLORIPES — A coisa está muito mole para êle. Você é que é bôba...

DALVA — Cada qual sabe de si.

FLORIPES — Comigo a coisa fiava fino. Êle não é solteiro? Você não é solteira? Então, porque não se casam?

DALVA — E porque havia de casar? Ora essa? Eu não posso obrigá-lo a se casar comigo. Nem estou interessada.

FLORIPES — Nessa não caio.

DALVA — Não me interessa. Acho que cada qual sabe onde lhe aperta o sapato... Que injustiça que fiseram com o Guima, heim?!

FLORIPES — Foi bem feito! Quem manda êle ser de boa fé?

DALVA — O que é que você queria que êle fizeste? Foi traído. Disseram que iria ser promovido e aumentado. Aliás, êle tem direito.

FLORIPES — Está certo. Agora aprendeu. Êle não podia ter feito nada. Agora póde. Agora, êle sabe como são com êle. Vamos ver o que vai fazer.

DALVA — Com tôda a certeza vai recorrer à justiça; êle e os demais colegas que foram prejudicados.

FLORIPES — Boa noite! E adianta? Leva anos e anos discutindo. Quando ganhar a questão, já está no Araçá. Se ganhar...

DALVA — Se tiver de ganhar, ganha. E no fim recebe tôda a diferença...

FLORIPES — Vá esperando! E a mágua? A mágua da injustiça, quem é que paga? Não. Êle tem de dar um jeito. Nem que seja por vingança. Mas deixa isso comigo. Só peço que você não me atrapalhe. Sua colaboração, sei que não vai adiantar. Você é mole como êle. Mas comigo, não. Eu não sou de apanhar e ficar quieta, não. Sujo por sujo, vamos ver quem sai ganhando. Você é testemunha de que, até agora, não forcei. Só pedi. Pedi só, sem grande empenho. Não quero transtornar ninguém. Não quero que digam que virei a cabeça de ninguém. Fiquei quieta, como sempre fico. Bico calado. Só apreciando. Esperando. Afinal de contas, êle ia ser promovido; aumentado. Está certo. Vai ganhar bem, melhorar de posição. Está certo. Vamos agir direitinho. Bom por bom, ninguém é melhor que eu. Me fizeram sujeira. Passaram êle para trás. Nem aumento, nem promoção e muito menos satisfação. Não. Essa, não! Agora, a coisa é comigo. Eu não tenho sangue de barata, não. Deixa êle vir aí, que eu vou dar o baile! Pode ser até que não precise. Póde ser que êle venha e diga logo: "Floripes: chama o Gervásio. Vamos resolver o negócio". Aí, vai ser ótimo! Mas êle é um tímido. Não tem peito. É como você: não tem peito para fazer o Gervásio casar. Então, eu entro. Porque não durmo de botina. Até agora fiquei calada. Esperei. Agora é minha vez.

DALVA — Bateu a porta do elevador. Deve ser êle.

(Floripes se cala. As duas ficam em expectativa. Barulho de porta. Entra Guimarães. Aspecto normal. Talvez com a fisionomia um pouco carregada. Nada mais. Entra calmamente. Tira o paletó. Senta-se. Floripes ataca a conversa.)

FLORIPES — Como foi de reunião?

GUIMARÃES — Fui bem.

FLORIPES — Você jantou?

GUIMARÃES — Não.

FLORIPES — Não comeu nada?

GUIMARÃES — Não.

FLORIPES — Você não está com fome?

GUIMARÃES — Nem um pouco.

FLORIPES — Posso fazer qualquer coisa para você. Ovos fritos. Você não póde ficar sem comer. Vou ver dois ovos quentes. Ovos quentes, um copo de leite, pão com manteiga e depois um cafèzinho.

GUIMARÃES — Não, Floripes. Não precisa. Estou completamente sem apetite. Aceito um cafèzinho.

FLORIPES — Guima, meu bem. Você precisa se alimentar. Vou ver um café e uns biscoitos. Um mòmentinho só. Você deve estar muito cansado. Aborrecimento também cansa muito a gente.

(Floripes sai.)

DALVA — Esqueceram mesmo de você da reforma? Totalmente?

(Guimarães confirma com a cabeça as duas perguntas.)

DALVA — Era de se esperar isso?

GUIMARÃES — Não. As informações eram positivas. Não posso imaginar o que houve. Ninguém, na reunião, soube explicar... Não havia razão... motivo... Ainda não compreendo... Foi de fato, uma decepção. Nós todos ficamos perplexos. A princípio, poderia parecer um êrro de impressão. Essas publicações oficiais muitas vêzes saem com incorreções... com omissões... Fomos ver, fomos consultar. Estava tudo certo. A classe tôda foi preterida.

DALVA — É incrível que isso aconteça! E o que é que vocês vão fazer?

GUIMARÃES — Já resolvemos tudo. Vamos fazer uma representação ao Govêrno.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.184

Uma reclamação administrativa. Se não formos atendidos, entraremos com um mandado de segurança.

DALVA — Não vai demorar muito?

GUIMARÃES — Eu fui contra o administrativo. Por mim, entravamos logo com o mandado de segurança. Assim não se perderia tempo. Depois de muita discussão e de muito falatório, encontrou-se uma solução intermediária: se dentro de três semanas não atenderem o pedido, vamos ao judiciário.

DALVA — E na Justiça não demora muito?

GUIMARÃES — Mandado de segurança, não. É imediato e não há jeito de se perder.

DALVA — Foi uma injustiça muito grande. Acho até que foi uma desconsideração. Afinal de contas...

GUIMARÃES — Foi uma grande besteira dêles, isso sim. Incapacidade... incompetência. Nem sabem o que estão fazendo! Nós não vamos perder nada. Nem tempo. Porque vão pagar todos os atrazados. Perde a administração pública, porque um fato dêsses tira todo o estímulo. A turma já não gosta muito de trabalhar...

DALVA — Você gosta. Trabalha fóra do expediente. Serviço extra sem ganhar nada.

(Entra Floripes com chinelos, para Guimarães. Floripes está muito solícita. Tira os sapatos de Guimarães e lhe calça os chinelos.)

FLORIPES — Eu sempre dizia para êle. Porque trabalhar fóra de expediente? Eu sempre disse. Já pus a água no fogo. Vamos tomar um café fresquinho. Tem presunto lá, meu bem. Você não quer um sanduíche de presunto?

GUIMARÃES — Não. Café com biscoito... está bem. Muito obrigado.

FLORIPES — Sujeira grossa fizeram com você, hein, Guima?!

GUIMARÃES — É.

FLORIPES — Não há de ser nada. Você agora pega a sua vingança. Que foi um desafôro, foi.

GUIMARÃES — No fim, dá tudo certo.

FLORIPES — E a raiva? Eu não posso com injustiças. Até faz mal para a gente. Essas injustiças é que acabam com a gente. A maioria dessa gente aí, que morre do coração, é por causa das injustiças. A pessoa já vive cansada de trabalhar muito, ainda sofre um desgôsto, é o coração que paga. Bem, vou ver o café.

(Floripes pega o paletó e os sapatos de Guimarães e sai. Assim que ela sai, Dalva bate três vêzes na madeira.)

GUIMARÃES — Que é isso?

DALVA — Nada. É uma cisma.

GUIMARÃES — O Gervásio andou por aqui?

DALVA — Foi êle que nos contou.

GUIMARÃES — Que é que êle acha?

DALVA — Como você. Ficou admirado. Êle não acredita muito no sucesso de suas reclamações.

GUIMARÃES — O que é que se há de fazer? O caminho é êsse. É o único caminho indicado. Greve não é possível. Funcionário público não faz greve. Temos que ir pela justiça.

DALVA — E porque não vão pela política?

GUIMARÃES — Isso também já foi discutido. É impossível. É tudo do contra. Não tem um lá, que tenha pistolão seguro. As opiniões políticas na classe são muito divergentes. Quem vai pedir? E a quem?

DALVA — Vai ver que foi por isso que vocês não foram contemplados. Por política.

GUIMARÃES — Não creio. O fato é que a reforma saiu e eu não fui promovido e nem aumentado. Isso é de amargar, hein?! E o pior é que não se sabe a razão. Francamente, é de deixar a gente desanimado. Palavra de honra. Eu senti uma decepção... Quando vieram me contar, não acreditei. Devia ser êrro, omissão. Qual! Era verdade. A gente sente um vasio... uma coisa assim... sei lá. É amargura, é desilusão... Dá um desânimo na gente... Dá vontade que tudo acabe naquela hora. Então a gente trabalha, entra no serviço pontualmente todos os dias, anos...

DALVA — Você trabalha. Você é dedicado, mas a maioria não é. Os justos pagam pelos pecadores.

GUIMARÃES — Isso não está certo. Deviam distinguir. Premiar os cumpridores do dever ou pelo menos castigar os faltosos. Assim, como fazem, iguala tudo... por baixo. Quer dizer, ninguém mais se esforça... Se não há compensação?! O quê é que adianta a gente trabalhar, trabalhar e no fim ser tratado como aquêles que não fazem nada? O negócio é igualar por baixo. Francamente, não adianta nada esconder. Eu sofri um grande desapontamento. Um grande desgôsto. Uma grande mágua.

(Entra Floripes com o café - biscoitos.)

FLORIPES — Pois é, meu bem. Essa mágua, quem é que paga? Vamos que êles te paguem os atrazados; vamos que você, um belo dia, ganhe êsse tal mandado de segurança. A desconsideração... o desgôsto que você passou, êsse ninguém tira do seu coração. Não há dinheiro que pague. É uma ruga a mais no rosto. Um vinco a mais na testa. Uma mecha de cabelo branco e a gente vai envelhecen-

D.F.F. SR/MO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.185

do mais depressa. Não, Guima. Meus avós nasceram na Calábria. Eu tenho sangue de calabreza nestas veias. Amor com amor se paga. Olho por olho, dente por dente. Só com vingança. Com desforra. É um prazer que compensa o desgôsto.

GUIMARÃES — Mas que vingança a gente póde tomar num caso dêsses? Se o juiz conceder o mandado de segurança, já teremos plena satisfação. É um prazer termos nossos direitos reconhecidos na justiça.

FLORIPES — Um prazer, não. Um consolo. Uma reparação. Reconhecer nossos direitos não é vantagem nenhuma. É obrigação, ora essa! Está bom o café? Acho que agora você devia descansar um pouco. Não falar mais nisso. Espairecer as idéias. Quer ir a um cineminha comigo? Ainda dá tempo.

GUIMARÃES — Você veja: o salário está sempre atrazado sôbre o custo da vida. O meu dinheiro só, não dá. E deveria dar. A regra geral seria o casal viver só com o dinheiro que ganha o marido. Se o homem trabalha, tem competência, cumpre suas obrigações no emprêgo, teria que ganhar o suficiente para viver, ter mulher e filhos. A mulher cuidando da casa e dos filhos. Mas aqui, não. O nosso dinheiro dá, porque você trabalha e a Dalva também.

FLORIPES — Daqui a pouco, como vão as coisas, o que ganhamos juntos não vai dar mais e nós vivemos uma vida modestíssima. Daqui, só para a favela.

GUIMARÃES — É que o regimem é amoral. É uma imoralidade não se poder viver com o fruto do próprio trabalho. Então, como é que vamos viver? Temos que roubar?

FLORIPES — É o que todo o mundo acaba fazendo. Você pensa que êles nasceram roubando?. Não senhor! Todo o mundo entra no emprêgo com boas intenções. No funcionalismo também. Depois êles aprendem a dançar conforme a música. Mas passam a trabalhar o mínimo possível, para viver de outros bicos. Outros trabalham pela gratificação. Você veja êsse pessoal que atende o público. Sem um dinheirinho por fóra a coisa não vai. É que o ordenado não dá!

GUIMARÃES — Eu não acho que seja cem por cento assim. Há pessoas que são naturalmente boas e outras que não prestam. Quem é safado, é safado mesmo, com qualquer ordenado. Se ganham muito, querem ganhar mais. Há também os preguiçosos. Êsses não fazem fôrça, por natureza. Não adianta aumentar o ordenado.

FLORIPES — Há também os que trabalham como você. Dão duro; conhecem o serviço, e não vão para a frente. Porque?

GUIMARÃES — Não sei. O regime é imoral. É a regra do malandro não estrila. Do desapertar para a esquerda. Mas enjoei, sabe? Enjoei. Depois dessa palhaçada, perdi a bossa por completo. Agora, êles não contem mais comigo. Chega. Já vi tudo. Não adianta nada.

FLORIPES — Ainda bem que você abriu os olhos. Eu sempre disse...

GUIMARÃES — Agora, não tem mais conversa. Trabalho só nas horas de expediente e olhe lá! Se o tempo der, melhor. Se não der, azar dêles, eu é que não vou levar serviço para casa. Acabou-se. Agora, de noite é um cineminha; ouvir televisão; dormir. Trabalhar, não. Isso já está resolvido. Que ganhei trabalhando extra? Nada. Ao contrário. Enganaram-me. Preteriram-me. Está certo. Pois agora vou levar a coisa como êles. No mole.

FLORIPES — Ótimo! Isso mesmo! De hoje em diante você vai trabalhar para você. No seu próprio interêsse.

DALVA — O Guima pode pegar um bico, pode pegar outro emprêgo no período da manhã.

GUIMARÃES — Não sei o que possa fazer. Há anos que estou no funcionalismo. Não aprendi outra coisa. A gente mergulha a carcaça na repartição e é absorvido por ela.

DALVA — Você podia trabalhar em corretagem.

GUIMARÃES — Não dou para isso.

FLORIPES — Isso é bobagem. Não é na picareta que se ganha o dinheiro. Quem trabalha muito não tem tempo de ganhar o dinheiro. E isso é vida? Trabalha de manhã num serviço e de tarde noutro. Nem tem tempo de almoçar. É viver num corre corre danado. Um ordenadinho aqui, outro lá. Isso adianta? Isso compensa?

GUIMARÃES — É. A Floripes tem razão.

FLORIPES — Claro que tenho, meu bem.

GUIMARÃES — Eu admito que um sujeito trabalhe quinze horas por dia; vamos dizer, durante cinco anos. Pra ficar rico. Agora, se matar no serviço para viver de ordenado, para ganhar um pouco mais, não é negócio.

FLORIPES — Naturalmente. O que o Guima tem que fazer está na cara.

GUIMARÃES — Claro. Então eu sou idota? Agora eu vou levar tudo na flauta. Em casa não trabalho mais. Durmo, leio, faço palavra cruzada...

FLORIPES — E se trabalhar, é para levar vantagem. Você sabe, Guima, foi bom ter acontecido isso A injustiça veio na hora. Na hora H. Agora você sabe o que tem que fazer.

GUIMARÃES — Se sei! Vou terminar êste serviço aqui e acabou-se. Êste é o último

S. P. F. Serviço de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 186

serviço extra que eu vou fazer. Já está no fim. Paciência. Entrego. Amanhã ou depois entrego e basta.

FLORIPES — E agora a coisa está mais fácil. Não precisa fazer tantos cálculos.

(Dalva sai.)

GUIMARÃES — As contas já estão feitas. É só concluir.

FLORIPES — Pois é, meu bem: agora você também vai ter a sua satisfação. A sua primeira satisfação. Foi preciso levar na cabeça...

(Guimarães começa a arrumar os processos em cima da mesa e a máquina de somar, preparando-se para iniciar o seu trabalho. O diálogo prossegue.)

GUIMARÃES — Apanhando é que se aprende.

FLORIPES — É uma dupla satisfação: moral e material.

GUIMARÃES — Moral e material. É isso mesmo.

FLORIPES — Assim, nós vamos viver uma vida melhor; já não era sem tempo.

GUIMARÃES — Graças a Deus.

GLORIPES — E sua mulherzinha poderá andar mais bem vestida e você poderá ter o seu automóvel.

GUIMARÃES — Claro.

FLORIPES — Você quer que eu ajude você, meu bem? Quanto mais cêdo você terminar isso, melhor. Eu acho que você deve ter cuidado ao entregar o relatório. Você deve faiar antes com o Gervásio.

GUIMARÃES — Eu prometí a êle. Isso não tinha a menor importância.

FLORIPES — Ah, meu bem, eu estou tão satisfeita! Agora nós vamos viver. Viver bem. Antes, vegetávamos. Você, com o seu carrinho. Você precisa tirar carta. Carta de motorista.

GUIMARÃES — Tem tempo.

FLORIPES — Você entra na auto escola. É melhor entrar já. Sempre leva uns vinte dias aprendendo.

GUIMARÃES — Então! Temos tempo de sobra. Agora, eu não vou fazer mesmo nada, de manhã. Até sair o mandado de segurança, receber os atrazados... Eu pretendo comprar o carro com os atrazados.

FLORIPES — Não precisa, meu bem. Você pode comprar o carro com o dinheiro do Gervásio.

GUIMARÃES — Está maluca! Eu não! Não quero ficar devendo nada ao Gervásio!

FLORIPES — Que devendo o quê! Êles é que vão ficar ainda muito agradecidos.

GUIMARÃES — Êles quem?

FLORIPES — Os maquinistas.

GUIMARÃES — Coitados. Êsses vão se estrepar direitinho. Que azar que êles tiveram! É como o soldado que morre de uma bala perdida depois do armistício. A guerra acabou e êles ainda estão morrendo. Por ignorância, porque a notícia demora um certo tempo para chegar. É azar.

FLORIPES — Não estou entendendo nada do que você está dizendo.

GUIMARÃES — Então. Eu sou o inimigo. A guerra acabou. Êste meu relatório vai ser o último tiro. Azar dêles.

FLORIPES — Não entendi mais nada. Quer dizer que...

GUIMARÃES — Confesso que não tenho nenhum prazer nisso. Perdi todo o entusiasmo.

FLORIPES — Como é que você vai concluir o relatório?

GUIMARÃES — Não tenho o que concluir. Os homens devem o impôsto. É uma questão de máquina de somar.

FLORIPES — E os três milhões!? Você vai desistir dos três milhões?!

GUIMARÃES — Que três milhões?!

FLORIPES — Do Gervásio. Êle disse que se você concluisse pela não incidência do impôsto, você ganharia três milhões do advogado dos maquinistas...

GUIMARÃES — Mas os maquinistas sonegaram o impôsto...

FLORIPES — E que tem isso? Se não fôsse você, ninguém saberia. Pois, agora você deixa tudo na mesma.

GUIMARÃES — Isso eu não posso fazer...

FLORIPES — E êles podiam te passar para trás, podiam? Não podiam, mas passaram. Agora, você desforra. Chegou sua ocasião. Não foi você quem começou. Quem deu o exemplo. Você não disse que ia levar as coisas no mole?

GUIMARÃES — Bem... no mole, é uma coisa. O que o Gervásio pretende são outros quinhentos cruzeiros. Isso eu não faço.

FLORIPES — É assim que você responde pela sujeira da reforma?

GUIMARÃES — Não. São duas coisas diferentes. Fui preterido: então, em compensação, não dou mais duro no serviço. Isso é uma coisa. O que o Gervásio quer é outra bem diferente. É crime. É desonesto. É porcaria e isso eu não faço...

FLORIPES — Não sei porque.

GUIMARÃES — Eu sei e é o bastante. Êsses negócios você não entende, Floripes. Você vê as coisas muito fáceis, onde elas são impossíveis.

FLORIPES — Ai, meu Deus do céu! É de deixar a gente louca! Ia tão bem. Eu não entendo. Parece até castigo! Nossa Senhora

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p. 187

de Fátima me dai paciência para convencer êste burro...

GUIMARÃES — Burro, não. Apenas, honesto.

FLORIPES — Honesto! É muito fácil dizer! Honestidade à custa de quem? De mim. Que vivo nesta micharia. Isso não é ser honesto. É ser egoista. É orgulho. Orgulho idiota de quem não tem dinheiro.

GUIMARÃES — Você não póde se queixar. Temos vivido mais ou menos bem, até agora. Vida modesta, mas decente. Não devemos nada a ninguém. O apartamento é quase nosso...

FLORIPES — E para quê que eu quero esta porcaria?

GUIMARÃES — Você tem que se conformar. Ricos não somos e nem seremos. Nunca pensei em ser rico.

FLORIPES — Mas o dinheiro está aí. Na porta! Está querendo entrar e você não deixa.

GUIMARÃES — Êsse é muito caro. A êsse preço, não convém. Você não me compreende, Floripes?

FLORIPES — Quem é que póde compreender uma coisa dessas? Quem é você, para recusar três milhões de cruzeiros? Um pé rapado presunçoso. Cretino, que pensa que é melhor que os outros! Isso é de amargar! Só comigo é que acontece uma coisa dessas! É da gente ficar louca!! Três milhões de cruzeiros! Dez anos de ordenado! Trabalhando todos os dias! Será possível, meu Deus! Minha Nossa Senhora de Fátima! Me dê uma inspiração.

GUIMARÃES — Não invoque Nossa Senhora para te ajudar. Dinheiro ganho assim, não traz felicidade.

FLORIPES — Hum! Não traz felicidade! Só esta é que faltava agora! Dinheiro, agora, tem marca de fábrica! Dinheiro é dinheiro. Uma coisa só. Tudo igual. Venha de onde vier. Pergunte aí para os teus colegas que ganham menos do que você e que têm automóvel e que moram em bairro bom e que as mulheres luxam. Vai dizer pra êles que dinheiro não é bom.

(Entra Dalva.)

GUIMARÃES — Eu não tenho nada com a vida dos outros. Isso é lá com êles. Você está vendo, Dalva? A Floripes levou a sério aquela conversa do Gervásio. Dos três milhões do advogado dos maquinistas. O que é que você acha? Você acha que eu devo engulir aquela enorme sonegação dos maquinistas e embolsar os três milhões de quem não conheço?

DALVA — Eu não acho nada.

GUIMARÃES — Como? Você não tem personalidade? Eu não sou seu irmão? Não temos o mesmo sobrenome? De a sua opinião. Você acha que devo sujar minhas mãos recebendo bola, só porque os outros recebem e porque fui desconsiderado?

DALVA — Bem. Acho que você tem razão. Dinheiro não traz felicidade.

FLORIPES — Dinheiro não traz felicidade, mas a vida é bem mais suportável com dinheiro.

DALVA — Meu irmão não seria feliz sentindo-se desonesto.

FLORIPES — Essa é muito boa! É de dar gargalhadas! Olhe só quem vem me falar em honestidade!

DALVA — Que é que tem? Pediram minha opinião, e dei! Não quero ofender ninguém e não admito que me ofendam.

FLORIPES — Você seria a última pessoa aqui a falar em honestidade.

DALVA — Não! Porque você me diz isso?

FLORIPES — Acho engraçado essas coisas! Até me irritam! E ainda pergunta? Essa eu digo! Não sou de falar por trás não. Digo e na cara. Comigo não há hipocrisia.

GUIMARÃES — Floripes!

FLORIPES — E você defendendo sua irmã! Você está de acôrdo com essa vida que ela leva? Você que tem a mania de honestidade, não devia consentir que sua mulher, sua família vivesse aqui, com ela; ela, que vive pùblicamente com um colega seu! Ela é môça solteira e vive de amigação! Está certo isso? Agora eu pergunto: está certo isso?

DALVA — Sou maior de idade. Tenho vinte e oito anos. Não tenho que dar satsifações de minha vida a ninguém.Não vivo à custa de ninguém. Não dependo de ninguém. Se sou demais nesta casa é outro caso. A solução é fácil.

FLORIPES — Vai. Vai morar com o Gervásio. Aí completa tudo. Vocês, que são pela honestidade!

DALVA — Irei morar com quem quiser! Meu irmão não tem nada com isso! Você quer fazer dêle um ladrão! Um venal. Isso é outra coisa! Honestidade é uma coisa. Imoralidade é outra.

FLORIPES — O Gervásio é um venal e você vive com êle! Está certo isso? Me diga! Está certo? Não. Não. Isso é hipocrisia! E eu nesta miséria! A irmã faz o que quer e eu que aguente. Esta miséria de vida! E quando se apresenta uma oportunidade de sairmos do chiqueiro... não... porque é honesto... porque não é venal, porque não sei o quê... Mas isso há de acabar. Eu aqui não fico mais. Eu fico louca! Eu fico louca!

(Floripes cai num pranto nervoso. Guima-

Censura de Diversões Públicas — D.P.F. — SRVNG

BR DFANBSB N9.CPR.TEA.PTE. 0319,p. 188

rães vai acudi-la. Faz apenas menção de movimentar-se em sua direção.)

FLORIPES — Não. Não venha cá. Estou farta! Chega! Não quero saber mais de vocês. Vou me embora. Chamem o Gervásio. Gervásio fica com ela. Eu me vou.

(Floripes sai da sala. Há uma pausa de estupefação.)

GUIMARÃES — Me desculpe, Dalva. Quem havia de esperar uma coisa dessas?!

DALVA — Um dia tinha que acontecer! Eu sabia. E a culpa é minha. Ela tem razão. Ela não é obrigada a viver comigo. Sou demais aqui.

GUIMARÃES — Mas você paga. Nós não estamos fazendo favor!

DALVA — É impossível. Eu tenho mesmo minha vida. Guima. O que ela disse é verdade. Eu vivo com Gervásio.

GUIMARÃES — Ninguém tem nada com sua vida!

DALVA — Ela tem direito de reclamar...

GUIMARÃES — Ela está furiosa por outra coisa e você sabe bem o que é. O seu caso não lhe afeta. Ela disse isso na raiva. É desabafo. Você sabe como ela é nervosa. Sofre dos nervos. É uma insatisfeita. E eu compreendo... Não teve filhos. A gente tem que dar o desconto.

DALVA — Naturalmente. Eu compreendo, Guima. Não tenho raiva dela. Mas... é impossível eu continuar aqui. Tudo estava mesmo por um fio. A gente sente essa situação. É falsa. É quase uúma situação imposta. Um dia vem o desabafo e sai tudo para fóra...

GUIMARÃES — Se você sente-se mal aqui...

DALVA — Não é por você... mas... sempre é um constrangimento... eu preferia morar aqui... é uma segurança... uma situação... como você já disse... mas agora é impossível.

GUIMARÃES — Está bem. Você faça como quiser. De qualquer modo, você pode contar sempre com êste seu irmão. Em qualquer circunstância. Eu não sou daqueles que apontam o dedo, não. Eu compreendo a vida.

(Entra Floripes com uns papéis na mão e enxugando as lágrimas, momento de surprêsa e constrangimento.)

FLORIPES — Dalva. Você me desculpe, Dalva. Não fiz por mal. Eu gosto de você, Dalva. Foi nervoso. Eu me descontrolei... é um desespêro.

DALVA — Não tem importância. Não se fala mais nisso.

FLORIPES — Você não precisa sair daqui, Dalva. Eu lhe peço que você não saia. Eu sei que você não precisa desta casa. Eu sei. Mas você nos faz companhia. A casa irá ficar muito triste sem você. É uma casa vasia sem crianças... (chora).

DALVA — Não se preocupe, Floripes. Ninguém falou nada... Tudo continua na mesma... Tá!?... Agora se acalme... que no fim tudo dá certo.

FLORIPES — Obrigada, Dalva. Não vá ficar com raiva de mim. Eu sou muito infeliz... Mas não há de ser nada. Agora eu lhe peço. Me deixe aqui um pouco sòzinha com meu marido. Quero falar em particular com êle. Um momento só. Não é nada. Estou calma. O nervoso já passou. Você me desculpe, Guima. Fiz uma cena idiota. Estou com raiva de mim mesma.

DALVA — Está bem. Com licença. Se precisarem de mim...

(Sai. Pausa. Floripes se recompõe, pensa. Reflete bem, escolhendo como atacar o assunto. Afinal, resolve-se.)

FLORIPES — Guima: sou sua mulher. Há oito anos que sou casada com você. Não é?

(Guima confirma com a cabeça.)

FLORIPES — Se não lhe dei filhos, você sabe, a culpa não é minha. É a coisa que mais desejo ter... um, dois... três, uma porção... mas Deus não quis, e a gente também tem que se conformar com isso...

GUIMARÃES — Êsse é um assunto superado. Não interessa mais falar sôbre isso.

FLORIPES — Sempre fica no coração da gente. É uma mágua que a gente não supera. Nem eu e nem você. Paciência. Vamos nos conformar. Bem... mas fóra disso... eu tenho cumprido minha obrigação. Sou honesta. Você faz tanta questão de honestidade. Sou honesta. Sempre me comportei como sua mulher. Nesse ponto você não póde ter a menor queixa...

GUIMARÃES — Mas, eu nunca me queixei...

FLORIPES — Eu sei. Você nunca se queixa de nada. Mas que eu sou honesta, sou. Nunca olhei para homem nenhum. Nunca criei dificuldades para você. Até trabalho. Trabalho, não é só para ajudar... mas o trabalho ajuda a viver... a passar o tempo. E a gente ganha. Está certo? Eu estou mentindo?

GUIMARÃES — Não. Absolutamente. Mas... para que você está se preocupando...

FLORIPES — Deixa eu falar. Eu preciso falar. Eu podia ser uma mulher semvergonha. Homem não falta por aí. Eu podia lhe enganar e você nem perceberia nada... Eu podia não ser econômica. Ser gastadeira. Fazer você gastar mais do que ganha... Viver em dificuldades... Não. Não faço nada disso. Controlo a casa. Você não tem a menor preocu-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 189

pação. O dinheiro dá. Eu faço o dinheiro dar. Tudo isso tem valor, não tem?

GUIMARÃES — Claro que tem. Tudo isso tem valor. Eu reconheço tudo isso, Floripes. Sou muito reconhecido. Talvez sido um pouco ríspido...

FLORIPES — Não interessa. A gente é como é. Tenho meus defeitos...

GUIMARÃES — Você tem muito mais qualidades que defeitos.

FLORIPES — Então?! Nunca lhe pedi nada, Guimarães. Nunca!!! Não sou mulher de pedir. Você sabe disso muito bem. Agora eu vou lhe pedir um favor. Um favor só. É preciso ser uma coisa que muito interessa, senão não estava aqui implorando. Se você me reconhece direitos... se eu tenho algum direito de pedir alguma coisa a você... agora eu lhe peço: Está aqui. Está aqui. Foi o Gervásio que me deu. É um parecer de um advogado. De um grande advogado. De um professor da Faculdade de Direito. Está aqui. Aqui está escrito e provado que os maquinistas nada devem. Você póde ter razão aí no seu relatório. Mas é uma questão de interpretação. Se tem um professor que diz, que escreve e assina, com tôda a sua responsabilidade de professor, que o impôsto não é devido... É uma questão de interpretação. Veja. Você tem costas quentes. Você não estará sòzinho. Veja. Leia.

(Entrega o papel a Guimarães. Êste o pega e passa os olhos por cima.)

GUIMARÃES — Êsses pareceres não adiantam nada, Floripes. Você sabe como são feitos. Depois, eu não posso mudar de opinião. Minha opinião já é conhecida. Você tem o direito de pedir o que você quiser, que esteja ao meu alcance. Isso que você quer é impossível!

FLORIPES — Você nem leu! Como é que póde saber?!

GUIMARÃES — Sei. Sei de sobra. Êles também sabem. Senão não estariam aí a me comprar.

FLORIPES — Guimarães: seja razoável meu bem. Pensa um pouco. É tua mulher que te pede. É muito importante, para a nossa vida. Você nem imagina! Mas eu sei. Eu estou vendo. É uma interpretação. Não tem a menor importância. Ninguém irá lhe querer mal por isso. Ao contrário: você facilita as coisas, ganha amigos. Ganha dinheiro e amigos. Não ganha inimigos. A vida fica mais fácil, mais alegre. Eu lhe peço, Guimarães, com tôda a humildade. Não é por orgulho. Eu me ajoelho. Eu peço de joelhos. Olhe: estou me ajoelhando. Peço de joelhos. Como uma escrava que pede a sua liberação. Êsse relatório é a nossa libertação. Minha e sua também, Guima, meu bem. É um favor. Para mim. Para a sua mulherzinha. Tem gente que rouba, que mata pela sua mulher, não tem? Então, Guima?

GUIMARÃES — Levante-se, Floripes. Você perdeu completamente a capacidade de raciocinar. Você está obsecada! Nunca pensei que o dinheiro lhe transtornasse tanto!! Eu compreendo que se roube, que se mate para matar a fome. Mas aqui ninguém está passando fome, Floripes. Vivemos bem. Melhor que oitenta por cento da população. A grande maioria vive pior que nós. É até um sacrilégio você tomar uma atitude desta, por causa de um infame dinheiro. Eu faço tudo por você, Floripes. Mas você não tem direito de me pedir uma coisa dessas. Que adianta êsse dinheiro? Não, Floripes. Você está me criando uma situação terrível, mas não póde ser. Eu não posso fazer isso.

FLORIPES — Está bem. Não insisto mais. Assim você quer. Está bem. Mas não conte mais comigo. Não quero mais saber de você. Dêsse inferno! Nunca! Fique aí com seus relatórios, com sua honestidade... Fique aí. Seu burro! Seu cretino! Idiota! Imbecil! Medíocre! Há de ser um pé-rapado tôda a vida. Pensa que vai ganhar o mandado de segurança? Pensa que vai receber os atrasados? Nunca. Nunca há de receber nada. Só coices. Você gosta de receber coices. Você é como cachorro: apanha e vai lamber a mão de quem bate. Pare da escrever isso aí. Vem me ouvindo. Seu burro! Burro! Tira isso daí! Essa porcaria! Vá trablahar na repartição. Aqui não. Aquí é minha casa! Não quero!

(Nêsse momento entrou Dalva. Floripes no auge do desespêro, procura espalhar os papéis pelo chão, rasgá-los. Faz um espalhafato dos diabos. Por pouco não inutiliza os processos. Rasga tudo. Quase histeria. Dalva assiste à cena, estagnada. Guimarães é obrigado a agir prontamente e com energia. Agarra Floripes pelos pulsos, com certa violência. Não é seu feitio, mas necessário torna-se salvar todos os processos da destruição. Floripes grita, inteiramente fóra de si.)

FLORIPES — Burro! Cretino! Pé-rapado! Pé-rapado! Covarde!! Covarde!

(Ouve-se a voz de Dona Hermengarda pela janela, que estava aberta.)

VOZ DE HERMENGARDA — Hei! Olha a Rádio Patrulha! Olha êsse barulho aí! Eu chamo a Rádio Patrulha!

(Há um silêncio repentino. Floripes estaca, perplexa. Guimarães fecha repentinamente a janela. A mulher dando acôrdo de sua atitude, corre para dentro. Pausa. Perplexida-

BR DFANBSB NS CPR TEA PTE 0319, p. 190

de. Guimarães, com muita calma, começa a ordenar os papéis novamente. Cata as fôlhas esparsas pelo chão. Dalva o ajuda. Cena silenciosa. Os dois se entendem. Há fôlhas esparsas, fôlhas rasgadas e fôlhas amassadas. Em dado momento, Dalva mostra dois pedaços de fôlha, consultando Guimarães. Êste passa os olhos pelos dois pedaços e os guarda, recebendo-os de Dalva. A cena muda é um tanto longa. Um minuto e meio mais ou menos. Depois de coordenados os papéis, Guimarães senta-se na poltrona, muito mais desanimado que cansado.)

GUIMARÃES — Que coisa, hein?! Você podia pensar numa coisa destas?! Você viu o problema?! Vai ser por tôda a vida! (Pausa) Bom. Paciência. Vamos ver.

DALVA — Sáia um pouco, Guima. Vá se espairecer.

GUIMARÃES — Eu não! Ela é capaz de vir aqui e me queimar tudo isto. Ela ficou louca! Você já viu uma coisa destas?!

DALVA — Eu saio com você, Guima. Vamos a um cineminha. Isso passa. Tudo passa. No fim dá tudo certo.

GUIMARÃES — Não é bem isso. A gente se acostuma com tudo. Se conforma com tudo. E parece que deu tudo certo. Mas é uma mentira.

DALVA — Você viu que eu não posso mais continuar aqui, não é?

GUIMARÃES — Não há nada com você, Dalva. Posso lhe garantir que não há nada com você.

DALVA — Mas não convém, você não acha?

GUIMARÃES — Bem. Você não tem nenhuma necessidade de aguentar êste ambiente. De passar pelo que eu passo. Eu sei. Não quero prender você comigo. Nunca. Acho que você deve sair. Para seu bem. Há coisas que não têm mais consêrto. Mas não saia já. Assim, de repente. Por uma questão de situação. Não vá pedir nada ao Gervásio. Dentro de uma semana, você se compõe com uma amiga, uma colega, e vai morar com ela num apartamento de sociedade. Ou numa pensão. Onde queira. Mas não dê parte de fraca ao Gervásio. Com êle, você tem que se impor, senão estará perdida. Gervásio póde saber que você gosta dêle. Que você o ama. Mas não deve sentir que você necessita dêle econômicamente. Nem você necessita. E se precisar, eu ajudo. Hei de lhe ajudar. Você deve sempre guardar a esperança de se casar. Não que eu reprove a sua vida. Não aprovo e nem reprovo. Compreendo. Não discuto. Nem quero saber. Sei que você é uma môça direita. Mas casar, sempre é melhor.

DALVA — Um dia ainda hei de lhe contar tôda a minha vida. Há de me fazer bem.

GUIMARÃES — Está bem. Está bem. Não quero saber de sua vida. Não que não me interesse por ela. Está claro que me interesso. Não para julgar ou condenar. Mas para aconselhar. Encaminhar, se adiantar alguma coisa. A experiência dos outros não adianta nada. A gente aprende à própria custa. É sempre assim. Também... eu não tenho experiência alguma. Fui sempre um menino bêsta... sem mocidade alguma. Casei-me... nem sei porque... porque gostava. Sim, eu gostava de Floripes. Não era nada de extraordinário. Nada em mim é extraordinário. Vai ver que você tem mais experiência que eu. Engraçado! E eu aqui a dar conselhos! Enfim. Uma coisa é certa. Não se entregue, Dalva. Não cave sua ruína. Defenda-se. Arranje uma companheira de apartamento. De quarto. Defenda-se.

DALVA — Muito obrigada, Guima. Eu vou dar um jeito. Floripes não tem importância. Tudo se acomoda. Compreendo bem o que você quer dizer. Vou sair com calma. Também sair daqui não é sangria desatada. Quem viveu tantos anos aqui, póde esperar mais uma semana. Vou conversar com a Inês. Ela, uma vez, me convidou para morarmos juntas, de sociedade. Vou falar com ela. Muito obrigada, meu irmão. Boa noite. Se fôr possível, uma boa noite depois de tudo isso.

(Guimarães levanta-se e vai arrumar a mesa para o seu trabalho. Coloca a máquina de calcular a seu alcance na mesa e começa a dispor da papelada.)

DALVA — Não trabalhe mais. Descanse. Afinal de contas... não é pelo dinheiro que o Gervásio lhe ofereceu... mas será que êsse trabalho valerá todo o sacrifício?

GUIMARÃES — Não sei. Nem quero pensar. É um perigo, pensar. Se pensar muito acabo cedendo. Sou capáz de me vender, por uma situação cômoda. Não. É melhor eu terminar de uma vez. Entregar e... pronto. E aguentar o baque.

DALVA — Você sabe o que deve fazer. Boa noite. Obrigada. Deixe eu beijar você, Guima. Nós nunca fomos afetuosos. Somos sêcos, ríspidos por natureza. Você precisa de carinho, Guima.

(Dalva beija e acaricia o irmão.)

DALVA — Boa noite. Trabalhe bem.

(Sai.

(Guima se prepara para o trabalho. Já está refeito da briga. Aliás, a cena de Floripes não o transtornou muito. Guima é um forte. Ajeitou a máquina. Colheu uns papéis. Apagou a luz central.

D. P. F. SR/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 191

Efeito de luz sôbre Guimarães, trabalhando à mesa.

Surge Floripes com uma mala na mão.

Floripes atravessa a sala, lentamente, em silêncio.

Vê-se claramente, que abandona o lar. Quase que desafiando o marido.

Êste, suspende o olhar do trabalho, fita a mulher, com tristeza. Acompanha o seu trajeto, sem dizer palavra, sem um gesto, sem um sinal de contrariedade, plácido, triste, porém, calmo, quase tranquilo.

Floripes sai.

Guima, quase que automàticamente faz a máquina de cálculo funcionar e mergulha no serviço. No malfadado serviço, enquanto o pano se fecha lentamente.)

PANO

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(O mesmo cenário, três semanas depois. Hora do jantar.

Guimarães e Dalva estão à mesa, em final de jantar, servidos por Edwiges.

Guimarães abre uma garrafa de champagne. Cena silenciosa, cujo silêncio é rompido pelo estouro do champagne.

Guimarães serve a bebida.

Levanta-se, com o copo na mão, como quem vai fazer um discurso.

Sente-se que está ligeiramente tocado pelo álcool.)

GUIMARÃES — Dalva... minha irmã. Mais que irmã... minha amiga. Festejamos hoje, o seu aniversário. Aniversário triste. Faltam duas pessoas nesta mesa: Floripes e Gervásio. A ausência de minha mulher é problema meu. A de Gervásio é uma imposição sua. É a sua greve em prol do casamento. Há três semanas que vivemos sós nesta casa. Neste solar da mediocridade. Levanto a minha taça... taça não... copo... para beber à sua saúde, neste seu melancólico natalício, fazendo votos que você vença a sua greve e que Gervásio se case com você, dando-lhe uma situação jurídica e moral, a que você tem direito por todos os títulos. Amém e tenho dito.

(Tomam os copos e bebem. Há uma pausa.)

DALVA — Guima: eu rompí com Gervásio. Eu exigi o casamento. Eu disse a êle que se não quisesse se casar comigo, não me procurasse mais. Êle me tem procurado e eu não tenho recebido...

GUIMARÃES — Êste champagne que estamos bebendo e a sobremesa que comemos foram presente dêle.

DALVA — Pois é. Mas não saí mais com êle. Agora vou te contar uma coisa: não está certo o que você disse. Eu não tenho direito. Nenhum direito. A greve que estou fazendo é uma chantagem.

GUIMARÃES — Não sei porque. Tôda môça tem direito ao casamento.

DALVA — Não, meu irmão. Quero que você saiba que Gervásio não tem a menor responsabilidade. Êle... êle não foi o primeiro. Não posso me queixar dêle. É um bom companheiro. Sei que êle gosta de mim. Nós nos amamos. Eu tenho certeza.

GUIMARÃES — Então, porque êle não se casa com você, ora essa?! Nada impede.

DALVA — Foi o que pensei. Por isso fiz a greve. Se êle gosta de mim, tem que se casar comigo. Foi assim que eu pensei. Foi uma chantagem.

GUIMARÃES — Não sei porque.

DALVA — Eu sou môça estragada, como vocês dizem. Não tenho direito. Só se êle quiser casar. Se êle tiver vontade de se casar, para constituir família. Mas quem é que vai constituir família com uma môça estragada?

GUIMARÃES — Você está completamente errada e complexada com êsse negócio de...

DALVA — Negócio de que? Diga. Você não tem jeito, não é? Você está vendo? Negócio de virgindade. Pela nossa lei, pelos nossos costumes, a môça deve ser virgem.

GUIMARÃES — Há muita môça virgem que não vale nada e muita mulher como você que dava ótima espôsa e mãe.

DALVA — Póde ser. Mas aqui, de acôrdo com as nossas leis, o homem que se casa fica prêso à mulher durante tôda a vida. Aqui não há o divórcio. O homem fica marcado, vinculado. Há também a questão econômica: o homem é obrigado a sustentar a mulher durante tôda a vida. Mesmo depois de separado. Porque tudo isso? Porque êle tirou uma môça virgem da casa dos pais. Porque essa môça, depois, não tem mais chance de se casar. A lei foi tôda feita nesse sentido.

GUIMARÃES — Num sentido mais econômico do que moral. Mas tudo isso evoluiu,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 192

DALVA — A lei continua a mesma. O Código não foi alterado.
modernizou-se. A coisa hoje não é mais assim.

GUIMARÃES — A lei devia ser diferente.

DALVA — Pois é. Eu também acho. Mas não é. O que é que você quer que a gente faça? Eu acho que a lei devia variar conforme o caso. Por exemplo: com mocinhas saídas da casa da família, virgens... o casamento como está na lei. Com tôdas as responsabilidades. Com as môças estragadas como eu, csamento com direito a divórcio. Assim é que seria justo. Por isso é que é bom êsse casamento que não vale nada. Êsses casamentos de pessoas desquitadas. No México. É uma fórma de resolver uma situação...

GUIMARÃES — Sem responsabilidades irremediáveis. Quer dizer: o marido tem responsabilidade moral de sustentar a mulher. Mas não fica vinculado a ela por tôda a vida...

DALVA — Tudo isso é muito complicado. Mas não é justo.

GUIMARÃES — O justo é quem se gosta se casa. Podendo se casar, é claro. E o Gervásio e você nem se podem casar.

DALVA — Eu só queria que o Gervásio chegasse para mim e dissesse: está bem, Dalva. Você fêz chantagem comigo. Mas eu não posso viver sem você. Vamos nos casar. Eu juro, Guimarães: estava tudo salvo. Eu não me casaria com êle. Iria viver com êle. Continuava assim, vivendo com êle, ou morando juntos, ou separados, não tem importância. Mas eu queria que êle capitulasse.

GUIMARÃES — E filhos? Você não gostaria de ter filhos?

DALVA — Ah! Isso é outro caso. Então, eu me casaria. Tenho certeza de que Gervásio casaria. Mas, não quero assim. Gervásio deve querer casar-se comigo, por mim mesma. E não para legitimar o filho. Você me compreende?

GUIMARÃES — Como não? Está tudo tão claro! Agora vamos beber pelo seu casamento e pelo seu futuro filho.

(Guimarães enche novamente os dois copos. Os dois brindam e bebem.)

GUIMARÃES — Filhos... o problema é filhos... Ter filhos. É o caso da Floripes. É frustração. Ela não era tanto assim. Foi ficando. Com o tempo. Mas olha aqui. Já resolvi. Antes tarde do que nunca. Está vendo isto aqui? É uma consulta. Mil cruzeiros. No ginecologista. Só daqui a uma semana. Puxa vida! Como ganham êsses médicos! A turma faz fila, a mil cruzeiros por cabeça! Mas vale a pena. Eu vou acabar com esta alegria. Com esta folga. Vou buscar o meu tormento. Vou tratar dela. Vamos ter um herdeiro.

EDWIGES — Deixa estar que dona Floripes, numa gravidez, deve ser de amargar.

(Edwiges serve o café.)

GUIMARÃES — Nem é bom pensar. Mas vou aguentar a mão. Coitada da Floripes. Gênio mau. Como é que vai viver sem mim? Sòzinha, ela não pode. Os pais não aguentam. Nem sei como suportaram tanto tempo. Três semanas. Ela encrenca logo na casa dela. Só quem aguenta aquêle gênio sou eu mesmo. E ela sabe disso. Tenho a certeza de que ela voltará. Mas não vou esperar mais, não. É egoismo. Não vou fazer ela quebrar o orgulho. Amanhã mesmo vou buscá-la. E eu gosto de tudo no seu lugar. A situação assim desgovernada não me agrada. Não está caminhando bem. Afinal de contas, quem está com a razão? Ela ou eu?

DALVA — Nós dois com os nossos problemas, hein?!

GUIMARÃES — E o pior não é isso. É um nunca acabar de problemas. Resolve-se um, aparece outro. Você não se casa com o Gervásio. Pronto. Acabou-se. Resolveu o problema da felicidade?

DALVA — Não. Não é assim. Nesta vida a gente luta para ser o menos infeliz possível. Acho que nós estamos muito pessimistas, e que não é próprio para um dia de aniversário. E agora tenho que sair. Barriga cheia, companhia desfeita, como diria o bandido do Gervásio. Tenho que dar o fóra porque êle póde aparecer por aqui.

GUIMARÃES — Você tem mêdo dêle no seu próprio reduto?

DALVA — Tenho sim. Se me encontrar com êle hoje, sou capaz de capitular. E por isso vou ao cinema. Já devo estar atrasada. Marquei encontro com a Inês, às oito horas na porta do cinema. Venha comigo, Guima. Vamos espairecer um pouco. Não é bom a gente ficar aqui, ruminando amarguras.

GUIMARÃES — Não. Não vou ao cinema. Não gosto de ir ao cinema sem Floripes. Engraçado... Ela briga desde a escolha da fita. Implica. Eu quero uma e ela logo escolhe outra. Encrenca no ônibus. Fala no cinema. Comenta alto. Dá alteração. A turma olha duro. Nada de lugar. Quando a fita é policial, então, é um desespêro. Não entende nada. Quer que eu explique. Me aperta o braço. Dá gritos... O engraçado é que me acostumei com tudo isso. Sinto falta. No cinema, sinto falta. Nem vejo a fita até o fim. A natureza humana é gozada, não?

DALVA — Isso é vocação para faquir.

GUIMARÃES — Nem tanto. O negócio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 193

também é recíproco. Porque eu sou um chato, hein? Chato da galocha! Eu tenho me analisado ùltimamente e cheguei à conclusão de que sou um grande chato. O Gervásio é um camarada divertido. É exuberante. Exagerado. Gosta de movimento. Se agita. Vibra. E eu? Eu sou uma múmia. Pensando bem, ela também precisa ter estômago para me aturar.

DALVA — Quer dizer que a vida é isso? É um aturar o outro?

GUIMARÃES — Eu acho que é. Não sei. O problema é viver. A gente vai vivendo. O tempo vai passando e a gente vai se acomodando. Desgraçado daquele que reage. Que não se acomoda. E no fim, como aquele sábio da história universal: êles nasceram, sofreram e morreram.

DALVA — Belíssimo panorama! E para que vou casar, então? Para que você quer um filho?

GUIMARÃES — Faz parte do programa. É a rotina melancólica da vida.

(Dalva prepara-se para sair.)

DALVA — Até logo, meu irmão.

GUIMARÃES — Não quer beber mais um pouquinho?

DALVA — Não. E você tenha juízo. Não vá beber demais.

GUIMARÃES — Já ando cansado de ter juízo.

(Guimarães despeja champagne no seu copo e bebe.)

DALVA — Está certo. Vou ao cinema. Só quero te dizer uma coisa. Vou aguentar esta greve mais uma semana. Se Gervásio não se render, quem vai capitular sou eu.

GUIMARÃES — Seria a primeira greve fracassada na história das greves nesta terra.

DALVA — Paciência. Mas vai ser assim. Só mais uma semana. Ciáo!

(Dalva beija o irmão no rosto e sai.

Guimarães, só com os seus pensamentos, tira o paletó, a gravata, abre a janela que dá para a área interna do edifício, senta-se na poltrona e acende o seu cigarro. Edwiges entra e sai da sala, tirando a mesa.)

EDWIGES — Boa môça. Muito boa môça: e foi gostar do seu Gervásio. Aquêle cavalão de homem! E êle fazendo luxo para se casar! Tomara êle pegar uma espôsa como a Dona Dalva!

GUIMARÃES — Pois é. Os dois vão se casar, você vai ver.

EDWIGES — Não sei não. Os homens andam muito ariscos. Está tudo virado hoje em dia. Ninguém quer falar em casamento. Eu acho que é porque tem muita mulher sobrando por aí. O senhor veja o meu caso, seu Guima: até aquela peste do Benedito...

GUIMARÃES — Você não é casada com o Dito, Edwiges?

EDWIGES — Casada, não senhor. Amancebada, sim senhor. Eu vivo maritalmente com êle, há quatro anos. Também não carece de casar. Agora nem tem mais graça.

GUIMARÃES — Mas você não gostaria de ter uma situação definida? De ter certidão de casamento?

EDWIGES — Isso não adianta nada. A gente apanha do homem, com certidão ou sem certidão. O senhor veja aí a vizinha, Dona Hermengarda. Ela é casada no civil e no religioso...

GUIMARÃES — Continuam brigando?

EDWIGES — Então. Uma ou duas vêzes por semana êles dão o show.

GUIMARÃES — Dizem que êle bate porque ela não lhe é fiel.

EDWIGES — Isso é conversa, patrão. Êle bate porque êle é de bater. Tem uns que são de bater e outros que não. E o Dito? Também não bate em mim? E eu não passo êle pra trás, não senhor. Eu sou pessoa séria. De respeito. Também não levo desafôro para casa, não. Mêdo de homem eu não tenho.

GUIMARÃES — Isso é uma questão de educação. Com gente bem educada, não há dessas coisas.

EDWIGES — Ora, seu Guimarães, deixe disso. Eu já fui empregada em casa de gente rica. De gente granfina que mora no Jardim América. E vi o pau comer muitas vêzes. E minhas colegas também sabem disso.

GUIMARÃES — Eu falei: com gente bem educada e não com gente rica. Uma pessoa póde ser muito rica, morar no Jardim América, ter automóvel e tudo e não ter educação. E outra pode ser pobre e ser bem educada.

EDWIGES — É mais difícil. É mais fácil rico ser bem educado do que pobre. Dinheiro ajuda muito. Mas êsse negócio de bater é questão de sentimento. Às vêzes a gente bate porque gosta. Outras vêzes, porque não gosta. O que há é muita semvergonhice por aí.

GUIMARÃES — É. Talvez você tenha razão.

(Guimarães levanta e vai servir-se de champagne.)

EDWIGES — O senhor devia era sair um pouco. Ir a um cinema. Passear com os amigos. Assim o senhor acaba neurastênico. Nem aproveitou as férias.

GUIMARÃES — Que férias?

EDWIGES — As férias conjugais. Dona Floripes lhe deu uma folga, o senhor não aproveitou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 194

GUIMARÃES — E as férias vão terminar, porque amanhã mesmo irei buscá-la.

EDWIGES — Ah, patrão! Espera mais uma semana, para completar um mês.

GUIMARÃES — Não, Edwiges. Essa separação já durou muito tempo. Durou demais para meu gôsto. Ou a gente é ou não é. Ou bem eu me separo ou então continuo casado. Cem por cento, de um lado, ou cem por cento do outro.

EDWIGES — Tá bom. O senhor sabe o que faz. Por mim, eu esperava mais um pouquinho. Mas eu sou uma errada. Não dou palpite.

(Edwiges sai. Toque de campainha. Volta Edwiges resmungando.)

EDWIGES — Quem será? que já vem encher a gente? Estou vendo que não saio cêdo hoje!

(Ewiges vai atender a porta. Barulho de vozes no vestíbulo.)

VOZ DE GERVÁSIO — Boa noite, môça. O patrão está aí?

VOZ DE EDWIGES — Está, sim senhor.

VOZ DE GERVÁSIO — Já acabaram de jantar?

VOZ DE EDWIGES — Já, sim senhor. Dona Dalva saiu. Foi para o cinema. Seu Guimarães está em casa. Êsse é como o caranguejo. Não larga a casca.

(Os dois entram na sala.)

GERVÁSIO — Boa noite, meu velho.

GUIMARÃES — Boa noite, Gervásio. Muito obrigado pela lembrança. A sobremesa estava muito boa, e êste champagne está ótimo. Quer provar um pouco?

GERVÁSIO — Quem dá e toma fica corcunda.

GUIMARÃES — Eu estou oferecendo. Vamos beber à saúde dos ausentes, mas que estão presentes no nosso coração.

GERVÁSIO — Então, que vá!

(Guimarães serve a bebida, os dois, de pé, brindam e bebem silenciosamente.)

GERVÁSIO — Bom champagne. É quase tão bom quanto o estrangeiro. Mas nós chegaremos lá. É uma questão de tempo. Fuma um charuto? Puro baiano.

GUIMARÃES — Espere o café. Edwiges: traz um cafèzinho pra gente.

GERVÁSIO — Está bom. Então vamos esperar pela rubiácea.

(Pequena pausa.)

GERVÁSIO — Então, a Dalva saiu. Foi ao cinema. Nem esperou pela gente. No dia de seu aniversário. E eu tenho novidades para contar. Duas grandes novidades. E trouxe também um presentinho para aquela ingrata. Está aqui, neste embrulhinho. Não veio numa caixa em condições, porque eu comprei no contrabando. Mas que é legítimo, é. De primeira qualidade. O que vale é o conteúdo, e não o rótulo. Está aqui. Manja só que beleza!

(Gervásio abre o embrulho e mostra um colar de pérolas de três voltas que Guimarães examina.)

GUIMARÃES — Muito bonito. Mas isto deve ser um presente muito caro, mesmo no contrabando. Aqui vai pelo menos um mês de ordenado!

GERVÁSIO — Bote coisa nisso, velho. Dois meses de ordenado! E isso porque eu sei comprar. Para qualquer trouxa seria muito mais.

GUIMARÃES — Quer dizer que você anda de caixa alta?

GERVÁSIO — Graças a você. Eu disse, meu velho: você vai preparar o prato para os outros comerem. Foi o que aconteceu.

GUIMARÃES — É. Eu soube. Todo o mundo já soube. Atenderam a representação do sindicato dos beneficiadores. E arquivaram a autuação, tudo. Que me importa? Melhor assim. Vamos beber à saúde do seu primo. O advogado dos beneficiadores, pela vitória que teve.

GERVÁSIO — Vitória?! A vitória foi minha! Estava na cara. Eu te disse. Cantei a bola direitinho. Você não topou. Foi melhor para mim.

GUIMARÃES — Melhor, porque?

GERVÁSIO — Bem. Vou te contar. Antes, vamos virar mais um copo. In vino veritas. Hoje vamos sair do sério. Eu e você vamos encher o canecão. **(Servem e bebem vinho)**. Saúde! Eu menti quando disse a você que não estava levando nada. Menti. Você sabe: o segrêdo é a alma do negócio. E eu sou safado mesmo. Não com os amigos. Com os amigos sou batata. Amicus certus in re incerta. Mas negócio é negócio e ninguém precisa saber com quantos paus se faz uma canôa. A bolada era de cinco milhões. Os homens entravam mesmo eram com cinco milhões. Eu dava três a você e engavetava dois. Você não quis. Eu tinha que me virar. São Paulo não póde parar. Então trabalhei o chefe. Eu disse a você. Você jogou fóra a pepineira. Jogou pela janela e o chefe estava lá em baixo para pegar. Mas eu não fui bêsta. Meti a conversa no chefe. Não deu trabalho: nem foi preciso muito rodeio. Foi barbada. Só que inverti o programa. Dois milhões para êle e três para mim. E dito e feito. O homem achou que você era uma bêsta. Um exagerado. Que não conhecia direito fiscal. Achou que meu primo é que era um crâneo. Baseou-se no parecer do ju-

Censura de Diversões D.P.F. SR/MG

rista e pronto. Dois milhões para lá e três para cá. Está bem?

GUIMARÃES — É. Todo o mundo na repartição já soube do fato. Só se comenta isso. Que eu não topei; que eu recusei milhões e que o chefe entrou na bola.

GERVÁSIO — Quer dizer que você está de herói?

GUIMARÃES — Herói?!! O contrário. Olham-me como um idiota. Como um louco. Ou como um cretino, pretencioso. Passei a ser uma figura incômoda na repartição. O chefe, com culpa no cartório, trata bem todo o mundo. Releva faltas. Aquilo está uma bagunça! A turma tôda tem mêdo de mim. Me olham com reservas. Não tenho mais serviço. O ambiente lá, para o meu lado, está muito desagradável!

GERVÁSIO — Mas, como foram saber? Foi tudo entre quatro paredes!

GUIMARÃES — Deve ter sido a Floripes. Você sabe como ela fala.

GERVÁSIO — E um assunto dêsses! Não tem importância. O que está feito, está feito. E a gaita já entrou. É o principal. O que desceu pelo esôfago e caiu no estômago eu não vomito mais.

GUIMARÃES — Não sei como o chefe acomoda a sua consciência. Afinal de contas, êle é um chefe... Como é que êle se organiza?... A disciplina... a moral...

GERVÁSIO — O corcunda sabe como se deita. Essa é a grande verdade. O corcunda sabe como se deita. Você vai ver que êle se ajeita muito bem. Dois milhões, meu velho, resolvem muitos problemas.

GUIMARÃES — E três, ainda mais, não é, doutor Gervásio? Você sabe, Gervásio. Perdemos a representação. Você se lembra? Pois, não deram bola. Um parecer de lá, uma informação de cá e um indeferimento em sêco. Nem houve fundamentação. Nem consideranda. Nada. Um despacho em sêco: "não assiste razão aos peticionários" "indefiro a representação de fôlhas". Quatro linhas. Escrevemos 16 laudas e, em quatro linhas foi tudo por água abaixo. Tenho a impressão exáta de que houve desconsideração. A classe não se impõe, por causa dessas coisas.

GERVÁSIO — Isso é uma injustiça. Pouca gente póde atirar a primeira pedra. Até me revolta, sabe? Mas, vocês não vão entrar com o mandado de segurança? Vocês querem ir no mole?! Toca um mandado de segurança na cabeça dêles e acabam com essa conversa! Ora bolas! O que é que estão pensando?

GUIMARÃES — Era o que havia resolvido, naquela região. Mandado de segurança. Aliás, eu queria entrar imediatamente com a ação judicial. Agora ninguém mais quer entrar com o mandado, está bem?! Ninguém! Dizem que é melhor deixar. É melhor não procurar encrenca. Que o aumento sai mesmo. Você está vendo? É um pessoal de amargar!

GERVÁSIO — Malandro não estrila; desaperta para a esquerda. Êles resolvem o problema pelas laterais. Qual é o dêles? Eu disse a você. Você estava com a faca e o queijo na mão. Agora...

GUIMARÃES — Eu vou entrar com o mandado de segurança. Eu vou. Sòzinho. É direito meu, ora essa! Êles que se danem!

GERVÁSIO — É um direito que lhe assiste. E ganha. Não há dúvida. E aproveita a todos. É sempre assim.

GUIMARÃES — Paciência. Eu vou entrar com o mandado. Não tenho nada com a desonestidade dêles. Não tenho rabo de palha.

GERVÁSIO — Êles são umas bêstas! Poltrões, para não dizer outro nome. Não têm classe! Estão passando o recibo. Foram preteridos porque são ladrões, porque são safados. Porque pegam tudo. E passam o recibo. Ficam quietos. Não reagem. Falta de classe! Comigo não tinha conversa. Continuava roubando e estrilava. E abria a bôca e cantava de galo. Comigo não. Enquanto êles vão com o milho, eu já volto com o fubá. Ninguém póde apontar o dedo para ninguém.

(Entra Edwiges com o café. Os dois tomam o café em silêncio.)

GERVÁSIO — Ótimo café! Excelente! Dona Edwiges está de parabéns. E cá estão 200 mangos para minorar os seus males **(e Gervásio tira do bolso uma carteira recheada de notas e dá o dinheiro criada.)**

EDWIGES — Muito obrigada, Doutor Gervásio.

GERVÁSIO — Você está vendo, colega? A fôrça do dinheiro? Já fui promovido. Dinheiro põe até DR na frente do nome da gente. Dinheiro dá até diploma.

GUIMARÃES — Ser doutor não é documento. Eu conheço uma família... são quatro irmãos. Três formados. Dr. José, Dr. Edgar, Dr. Valêncio. Tudo pronto, vivendo de ordenado. O Geraldo não se formou. Está rico. O filho do Dr. José dizia: quando crescer quero ser seu: Seu José.

GERVÁSIO — E não deixa de ter suas razões.

GUIMARÃES — Eu não sei se estou certo ou errado. Penso muito diferente da maioria. Puxei pelo meu pai. Não há nada que pague o direito de estrilo. O indivíduo muito rico, o grande industrial, o tubarão, tem muitas responsabilidades a zelar...

B. P. F. SR/110

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.195

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 196

GERVÁSIO — Tomar conta de dinheiro também dá muito trabalho.

GUIMARÃES — É isso mesmo. Você sabe: o rico é ambicioso; quanto mais, melhor. Tem patrimônio a defender. Posição para sustentar. Então vivem na dependência de muita gente. Têm que agradar e engulir milhares de pessoas. Gente do govêrno. Políticos. Café Society. Até cronista social! O diabo! Vivem sorrindo amarelo. E com dinheiro, hein! Eu não. Não tenho nada, mas nada devo. E não abaixo a crista para ninguém. Vivo modestamente. Mas não tenho que dar satisfações a ninguém. O direito de estrilo ninguém me tira. Sou pobre mas em compensação posso gritar e estrilar. Não preciso bajular ninguém. Idiota é o pobre que ainda bajula. Êsse tem alma de cachorro. Pois, se a gente não tem nada a perder, ainda vai suportar panca dos outros? Não. Só imbecil. Buliu comigo, levou troco. Essa é a vantagem do pobre. Veja êsses industriais. Quinhentas fábricas. Bilhões e mais bilhões. Têm que agradar o Govêrno. Têm que fazer rapapé para senador, para deputado, senão é espeto. Aumentam o impôsto. Tocam-lhe uma fiscalização. É o diabo. E com os jornalistas ainda é pior. E com os comunistas. Você sabe que tem muito tubarão aí que comparece com dinheiro para o Partido Comunista? Êles querem é sossêgo. Então, procuram cobrir-se de todos os lados. Vida miserável! Não invejo a vida dessa gente, não.

GERVÁSIO — Nem eu. Se eu pudesse ter o dinheiro, sem as responsabilidades... é impossível... Todo o mundo se incomoda com os ricos. Quando não é por interêsse, é por inveja.

GUIMARÃES — Vá se preparando, que você vai indo pelo mesmo caminho. Hoje três milhões. Amanhã, cinco...

GERVÁSIO — Quem? Eu? Ainda estou muito longe! Quem nasceu para dez réis não chega a vintém! Você não sabe da missa a metade. Há gente por aí que ganha três milhões por dia! Três milhões por dia! De renda, está bem? Eu podia meter os peitos. Botava um negócio aí. Contrabando. No fim de um ano teria dez milhões. Ou bunda de fóra ou calça de veludo. Ou bem cabeludo, ou caréca de tudo. Para quê? Para sair do meu natural? Deixa.

GUIMARÃES — Está certo. Um dia lhe apreendem a moamba e lá se vai todo o lucro. E não há remédio, porque é negócio imoral e extra-legal.

GERVÁSIO — Extra-legal, de acôrdo. Mas imoral, não. Todo o mundo faz contrabando. Você vai a Nova Iorque, encontra a brasileirada, lá. Só pensam em contrabando. Só falam em contrabando. Você nem queira saber!

GUIMARÃES — É. Essa corrida atrás do dinheiro... do dinheiro... A corrida não pára... depois do dinheiro... a notoriedade... a fama... a glória. Vaidade. É uma coisa louca!

GERVÁSIO — O expresso não pára. É a reação em cadeia. Uma coisa puxa a outra. Você sabe que tem milionário aí que dá para artista. Não sabem mais o que fazer com o dinheiro; então botam pança de artista.

GUIMARÃES — Pois eu penso diferente. Talvez seja por eu não ser rico. Quem sabe, se fôsse rico, naturalmente agiria como rico. Mas, não se tendo dinheiro, o panorama é outro. É levantar a cabeça. É não entrar na gaveta de ninguém. O estrilo é livre. Exigir e não pedir. Lutar pelo meu direito. É uma condição humana. A gente tem que manter a condição humana!

GERVÁSIO — Muito bem, Guimarães! Bravo! É isso mesmo! Você é um braço! Você é que está com a razão! Às vêzes eu fico pensando, pensando... Eu sou um ladrão de galinha, colega! Desta vez eu entrei na bolada. Mas já me vendi por gorgeta. Por quinhentos mil réis. Com qualquer gorgetinha eu facilitava as coisas. Eu não tenho dignidade. Eu falo isto aqui, para você. Entre amigos. Ninguém me diz isso na cara, que eu reajo à altura. Mas é a verdade. Eu não passo de um ladrão de galinha. De um achacador! Cá para nós, hein? In vino veritas. Eu tenho uma profunda admiração por você, colega! Você é que está certo!

(Pausa. Guimarães levanta-se e avança para o centro da cena, lentamente, com um copo de vinho na mão.)

GUIMARÃES — Eu não sei se estou tão certo assim, Gervásio. Não estou nada convencido da minha certeza. Eu também estive pensando, pensando... você sabe... três semanas. Há vinte dias que a Floripes saiu... eu tive bastante tempo para pensar... não tenho feito outra coisa... não sei... dúvida... A dúvida. A princípio parecia absolutamente certo. Convencido. Agora, não. Eu não me vendi. Não comi bola. Três milhões de cruzeiros... em moeda corrente do país... Está certo. Você pensa que eu recusei por patriotismo, em nome da Pátria, por civismo? Não. Nada disso. Minha recusa foi automática. Inconsciente. Nem ponderei prós e contras. Não como bola, acabou-se. Foi um problema íntimo. Todo pessoal. A coisa é cá por dentro. Não pensei em ninguém. Talvez só em mim. Aí é que está. Isto também é cá prá nós,

S.N.T.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.197

hein? Vai por conta do vinho e de nossa amizade. Minha recusa foi um ato puramente egoístico. O que eu ganhei com isso? Nada. Não agi dessa maneira, atrás de compensações. Não. Foi automático, já disse. A moral da repartição não melhorou. Até piorou. Porque a venalidade veio de cima. Do Chefe. E eu sabia que êle cederia. Mas o problema não era só meu. Havia a Floripes. Eu joguei fóra uma chance de ficar rico. Uma chance de Floripes melhorar consideràvelmente de vida. Eu encarei o problema do meu lado exclusivamente pessoal. Egoismo. Vaidade. Sou um grande pretencioso. No fundo, não passo de um idiota pretencioso. Vou reformar o País? Vou moralizar a Nação? Eu? Quem sou eu, para recusar três milhões... em moeda corrente do País? Eu faço questão de que você saiba, Gervásio, que não estou arrependido. Não estou chorando o dinheiro que deixei de ganhar. Não. O que está se passando comigo é que não estou tão convencido de estar com a razão. É isso. Está tudo bailando, aqui, na minha cabeça. Estou confuso. É isso. Confusão. Não sei mais onde está a verdade. Talvez a verdade esteja dentro desta garrafa. Vamos a ela.

GERVÁSIO — Mas se todo o mundo pensar assim, então, êste país não tem mais salvação!

GUIMARÃES — Eu sei lá! O fato é que todo o mundo se vende e o País vai indo para a frente. Eu acho que é como nêsse negócio de terras. O desbravador do sertão nada mais é que um grileiro. Êle rouba a terra do Estado. E leva o progresso para a região. A história da terra vem dos posseiros. Do grilo. De um roubo. Na indústria é a mesma coisa: o capitalista, com o dinheiro, ajeitando as coisas, uma facilidade de cá, uma licença de exportação, uma moleza cambial por baixo do pano. E monta a fábrica. Depois dana-se a vender sem nota. Compra tudo que é fiscal. Esconde o lucro na contabilidade. Fraude. Ajuda na caixa do partido da situação... e está aí mais uma fábrica... mais um fator de progresso. E a verdade é que todo o mundo ganha com isso. Você está vendo a confusão?

GERVÁSIO — Quer dizer que a ordem é roubar?

GUIMARÃES — Eu não quero dizer nada. Estou pensando alto. Estou considerando os fatos. E agora vamos nos despedir desta bebida. Vamos, colega. Meu colega rico. O colega pobre e o colega rico. Você com a gaita no Banco e eu com a conta no empório. Mas o tal sou eu? Está bom, Guimarães, pobre, porém honesto. Bonito... não há dúvida! Hein! Edwiges! O que é que você acha disso tudo?

EDWIGES — Eu não acho nada. Cada qual sabe onde lhe aperta o sapato.

GERVÁSIO — Boa, Edwiges! Nada como a sabedoria popular.

GUIMARÃES — Adeus, meu bom champagne. Desculpe, se não o saboreei como um mestre de cerimônia. Seu gazúa! Abridor de cofres de segrêdo!

EDWIGES — Quer mais café? Está na hora de tomar café sem açúcar.

GUIMARÃES — Vocês pensam que eu estou bêbedo? Absolutamente. Estou apenas um pouco alegre. Assim, no ponto de dizer umas verdades. E mais êste e pronto. Adeus. Vamos voltar à rotina. Amanhã a rotina. Trezentos e sessenta e cinco dias de rotina. E nos bissextos 366. E a gente vai vivendo. Vai-se se tocando o barco para a frente. Viva a mediocridade! Peito! Bem que a Floripes disse. Peito! Me faltou peito para aceitar os três milhões. Eu sou um medíocre. E hei de ser isso tôda a vida. E viva a mediocridade!

GERVÁSIO — Guimarães: você é que está certo. Um tipo honesto, direito, correto. Póde gritar, não está na gaveta de ninguém. Tem um nome para deixar para seus filhos. Uma tradição de honestidade...

GUIMARÃES — Pobre de mim! Nem filhos tenho. Ainda bem. Senão êles tinham que herdar um nome honrado. O que você prefere: herdar um nome honrado de um pai liso como bunda de anjo, ou receber uma fortuna de um pai sujo como pau de galinheiro? Vamos, meu colega. Responda. Um nome honrado. Ou gaita? Está aí. Vamos ouvir o senso comum do povo. Edwiges: responda você.

EDWIGES — Eu, seu Guima? Quem sou eu para herdar qualquer coisa? Nem dinheiro, nem nome honrado. Que meu pai, como muito pernambucano, era ladrão de cavalo.

GUIMARÃES — Mas o que é que você preferiria?

EDWIGES — Dinheiro, seu Guima. Dinheiro não tem côr, nem procedência. Vale por si...

GUIMARÃES — E quem responder o contrário, está mentindo. O dinheiro tem uma fôrça descomunal. Você tem um padrinho rico. Êle lhe faz bem. Lhe encaminha na vida. Lhe socorre nas suas dificuldades. Você lá quer saber se o dinheiro dêle é roubado? Você é naturalmente amigo de quem lhe ajuda. Votará nêle se fôr o caso. O resto é teoria.

D. P. F. SR/DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.198

Você veja o que aconteceu comigo. Continuo pobre, fui preterido, sou uma figura indigesta na repartição onde trabalho. Briguei com minha mulher e durante tôda a minha vida vou ouvir dela êsse queixume: Idiota, imbecil, medíocre. Há de ser um pé-rapado tôda a vida. Coitada da Floripes! Deve ter amargurado.

GERVÁSIO — Não adianta, Guimarães. Você é que está certo. Você sabe disso. Eu não sei provar. Não sei demonstrar. Sou um ignorantão. Só sei provérbio. E me virar por aí. E quando é preciso eu me viro mais que charuto na bôca de bêbedo. Mas você é que está certo.

GUIMARÃES — Acho engraçado você dizer isso com êsse charutão na bôca! Com êsse ar de prosperidade. De industrial em férias. Você é quem está certo, Gervásio. Todo o mundo se vendendo por aí. A turma do dez por cento. Não sai um empréstimo sem correr o dez por cento. Não se paga um fornecimento, sem o dez por cento. Não se vence uma concorrência. Não se constrói uma casa. É a caixinha, a moleza, sei lá! E o Govêrno a aumentar os impostos! O pior cego é aquêle que não quer ver. E está na cara. É só fiscalizar. É só fazer pagar o que já é de lei. Se não houvesse sonegação, a arrecadação atingiria cifras astronômicas. Mas não, aumentam-se os impostos. Os trouxas irão pagar mais. Pagam pelos águias. Qual, seu Gervásio. É uma situação muito cômoda.

GERVÁSIO — Eu não sirvo de exemplo para ninguém. Até nem fica bem estar falando assim. Mas você acredite se quiser: ainda que pareça mentira: eu preferiria ser como você, Guimarães. Ter a sua moral, a sua têmpera. Você é como um sacerdote. Como um militar. Já tem a sua trilha certa. Não sai do regulamento. Tem o regulamento e não há problema. Não há a encruzilhada para se escolher. Você me entende? O caminho já está traçado. É mais simples.

GUIMARÃES — É mais simples. Já sei tudo que me vai acontecer na vida. Trabalho mais quinze anos. Subo duas letras. Me aposento. E fico esperando a morte sentado. É. De fato. É mais simples. Mais fácil, é a expressão. Há muita coisa que não entendo. Nós não somos donos da verdade. Por isso é que não se deve ir julgando, nem condenando. Você veja a minha irmã. Dalva. Ela tem a mesma formação moral que eu. A mesma educação. E gosta de você. E irá com você para onde você fôr. Que importa a ela que você tenha sido um venal, um... ladrão de galinhas? É como você diz. Onde é que está a sanção?

GERVÁSIO — Puxa! Você, agora, tocou na ferida. E está na hora da segunda novidade. A princípio não era novidade. Você já sabia. Mas esta é: Eu vou procurar a Dalva. Ela ganhou a parada. Há males que vêm para bem. O casamento é contra a minha religião, mas vou me casar com ela. E vou dividir êsses três milhões com ela. E depois você diz que não adianta ser honesto. Vou me casar com ela porque ela é assim como você. Batata! Cem por cento! Vinho da mesma pipa! Quero lhe pedir a mão de sua irmã. Você é o irmão mais velho. Meu colega, meu amigo e meu futuro cunhado. Venha de lá um amplexo.

(Guimarães levanta-se e abraça longamente Gervásio.)

GERVÁSIO — Entreguei os pontos direitinho, hein?! Eu gosto dela, sabe? E te digo francamente. Há muito tempo que já estava resolvido. Vou me casar com a bichinha. Entro nos três milhões e caso com ela. Há mal que vem para bem.

EDWIGES — Meus parabéns, doutor Gervásio... agora, o senhor falou com sabedoria.

GERVÁSIO — Em que cinema que ela foi? Quero me encontrar com ela. Já. Quero lhe dar os parabéns pelo aniversário. Êste modesto presente. Oitenta mil cruzeiros e a grande novidade.

GUIMARÃES — Não sei qual o cinema. Sei que marcou com a Inês na sessão das oito.

EDWIGES — Acho que ela foi ver Ben-Hur no cinema Regina.

GERVÁSIO — Quatro horas de projeção! Enche, hein? Não faz mal. Isso já vai por conta do casamento. Vai começar a minha via sacra. Bem. Até logo, meu futuro cunhado. Até logo. Depois você escreve um tratado de filosofia. Até logo, Edwiges.

(Gervásio sai e Guimarães o acompanha ao vestíbulo. Edwiges já terminou o serviço da sala. Tudo em ordem. Sai em direção à cozinha. Guimarães volta. Apaga a luz maior da sala; pega uma revista. Prepara seu cigarrinho e vai refestelar-se na poltrona. Aparece Edwiges pronta para sair, carregando o balaio de costume.)

EDWIGES — Até amanhã, patrão.

GUIMARÃES — Até amanhã, Edwiges. Muito obrigado pelo jantar. Estava ótimo. Hê! Edwiges!

(Edwiges, que ia saindo, pára na porta.)

EDWIGES — Pronto, patrão.

GUIMARÃES — Balaio cheio, hein?! Aproveita, que essa alegria vai se acabar. O contrôle vem aí.

B. P. F. SP/MO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.199

EDWIGES — O diabo não é tão feio quanto se pinta, patrão. Nós dá um jeitinho. Bye, bye.

(Edwiges sai. Calma, sossêgo, tranquilidade. Há uma pausa longa. Guimarães larga a revista e vai acender a T.V. Acende e volta à sua poltrona, cigarro na bôca. De repente, entra Floripes, como saiu no final do segundo ato. Com o mesmo vestido e a mesma mala na mão. Só que a direção de sua marcha é diferente. Antes saía. Agora volta.

Floripes pára no centro da sala e quase sem voltar para Guimarães, exclama, sêcamente, sem ser perguntada:)

FLORIPES — Eu voltei.

(E entra para o interior. Guimarães nem se mexe. Fuma e o pano se fecha lentamente.)

F I M

O direito de exclusividade de representações desta peça pertence ao TEATRO CACILDA BECKER, por cessão onerosa feita pelo autor, não podendo, por conseguinte, qualquer outra Companhia teatral profissional ou de Amadores representar "EM MOEDA CORRENTE DO PAIS" sem permissão expressa e escrita do autor. Da mesma forma, fica proibida qualquer apresentação pelo rádio ou pela televisão, no todo ou em parte, sob pena de responsabilidade por perdas e danos.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 200

PARECER Nº 126 / 87

TÍTULO: "...EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

AUTOR: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

ENREDO: O FUNCIONÁRIO PÚBLICO GUIMARÃES SOFRE PRESSÕES DA INSATISFEITA ESPOSA E DO FUTURO CUNHADO, GERVÁSIO, PARA NÃO COBRAR O IMPOSTO SONEGADO PELOS FERROVIÁRIOS. INADIMITINDO O SUBORNO, CABE AO CHEFE DE SUA REPARTIÇÃO E AO MATREIRO GERVÁSIO DIVIDIREM ENTRE SI A GRANDE SOMA DO DINHEIRO ADVINDO DO SINDICATO. FLORIPES ABANDONA O MARIDO, TOMANDO-O COMO IMBECIL DEVIDO A SUA GRANDE HONESTIDADE PARA COM O SERVIÇO, QUE NUNCA LHE RECONHECE OS MÉRITOS. DE BOM CARÁTER E AMANDO A ESPOSA, ELE A QUER DE VOLTA E ELA ACABA SE CONVENCENDO DE QUE O SEU LUGAR É AO LADO DO ÍNTEGRO CÔNJUGE.

CONSIDERAÇÕES: A MENSAGEM, POSITIVA, MOSTRA A HONESTIDADE PODENDO NÃO TRAZER LUCROS MATERIAIS, MAS A CONSCIÊNCIA LIMPA ASSEGURANDO AO INDIVÍDUO O DIREITO DE SER FELIZ, SEM TEMOR AO FUTURO. O DINHEIRO GANHO INDECOROSAMENTE "QUEIMA" AS MÃOS E INFERNIZA O ESPÍRITO DAQUELES QUE TÊM FORMAÇÃO MORAL. O LINGUAJAR É USUAL, ISENTO DE INCONVENIENTES, ÀS VEZES SATÍRICO. PORÉM, MAIS DO QUE UMA COMÉDIA, A PEÇA RETRATA JUSTAMENTE O PODER CORRUPTIVO DO DINHEIRO, A VONTADE DE SE TER MAIS E MAIS, TÃO COMUM NO NOSSO COTIDIANO. DIRIGE-SE A TODOS, INDISTINTAMENTE, POSSUINDO GRAU PERSUASIVO MODERADO E UMA IMPRESSÃO FINAL ALTAMENTE POSITIVA. NÃO É PELA FALTA DA MATERNIDADE OU PELA NÃO ABASTANÇA QUE SE É INFELIZ. TAMBÉM VIVER DE "PICARETAGEM" NÃO TRAZ NENHUM BEM-ESTAR A QUEM A PRATICA.

PARECER: EMBORA NÃO SENDO DE CUNHO INFANTIL, TENDO PORÉM A MENSAGEM E A IMPRESSÃO FINAL ÚTEIS E INDUTIVAS ÀS BOAS CARACTERÍSTICAS HUMANAS, SUGERIMOS A LIBERAÇÃO COM CHANCELA LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

BELO HORIZONTE, 13 DE JULHO DE 1987.

Leila Márcia da Silva
Censora Federal - MG
Mat 022 2563

Bel. Anunciação Gonçalves de Assis
Chefe da Seção de Coord. Controle
SCDP/SR/DPF/MG

Helena Isabel Augusto dos Santos
Censura Federal
Mat 022 948

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 201

PROCESSO Nº 1159/87-SCDP/SR/MG

I - De acordo com parecer censório - Classificação: LIVRE. Condicionada à realização do ensaio geral;

II - Informar ao requerente do exame prévio do texto a decisão supra, na conformidade do OF. Nº 1533/85-DCDP e

III - Aguardar época oportuna quando da realização do ensaio geral, para expedição do certificado censório e encaminhamento do processo à DCDP.

B. Hte., 10 de julho de 1987

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 202

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Departamento de Polícia Federal
Superintendência Regional em Minas Gerais
Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ofício nº 121 /87 - SCDP/SR/MG. Belo Horizonte, 10/07/87

Informamos-lhe que a peça teatral EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS de ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA cuja análise nos foi requerida por V. Sa. com vistas à encenação pelo grupo de teatro GRUPO TEATRO 2 recebeu a seguinte classificação: LIVRE.

Lembramos que a expedição do CERTIFICADO DE CENSURA, dar-se-á após a consumação da segunda fase do exame prévio, ou seja, do ensaio geral, quando se confirmará a classificação etária.

O ensaio geral deverá ser realizado de acordo com as determinações legais, sobretudo quanto a cenário, iluminação e indumentária do elenco, que deverão estar em consonância com as posteriores apresentações do espetáculo ao público. Portanto, no momento em que estiver habilitado a fazer a exibição prévia aos censores, V. Sa. deverá requerê-la neste serviço.

Atenciosamente,

Antonio José da F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.203

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-DPF-SR-MG

Antônio Fernando Couto
(REQUERENTE)

Brasileira, ator, CARTEIRA DE IDENTIDADE
(NACIONALIDADE) (PROFISSAO)
73831 S/0024-MTrab, RESIDENTE E DOMICILIADO À Desemb. Barcelos
(Nº/ÓRGAO EXPEDIDOR)
1340/12 FONE: 2237038

VEM REQUERER A V.SA. O EXAME DO ENSAIO GERAL DO ESPETÁCULO ... Em Moeda Corrente do País A REALIZAR-SE 13/08/87
(PEÇA TEATRAL, BAILADOS, ETC.)
09:00h, na sala de Ensaios do Palácio das Artes. 4º andar.
(LOCAL DO ENSAIO-ENDERÊÇO)

DATA E HORÁRIO ACIMA, DECLARADOS PELO CENSOR RESPONSÁVEL, CONSOANTE OS ARTIGOS 49 E 50, § 5º DO DEC. Nº 20.493/46, CABENDO AO REQUERENTE A RESPONSABILIDADE QUANTO ÀS DETERMINAÇÕES LEGAIS MENCIONADAS NO VERSO.

TERMOS EM QUE
PEDE DEFERIMENTO

B. Horizonte 23/6/87
(LOCAL E DATA)

(REQUERENTE)

OBS. VIDE VERSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.204

D E C R E T O Nº 20.493
D E 24 D E J A N E I R O D E 1946

ART. 50. DURANTE OS ENSAIOS GERAIS OS ARTISTAS SÃO OBRIGADOS A CUMPRIR RIGOROSAMENTE AS DETERMINAÇÕES DO CENSOR E DO CHEFE DO SCDP, TANTO EM RELAÇÃO AO TEXTO DA PEÇA OU NÚMERO EM ENSAIO, COMO EM RELAÇÃO À INDUMENTÁRIA, AOS GESTOS, MARCAÇÕES, ATITUDES E PROCEDIMENTO NO PALCO.

§ 1º. É DA RESPONSABILIDADE DOS EMPRESÁRIOS OU DIRETORES DAS CASAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS NÃO SE APRESENTAREM OS ARTISTAS COM A INDUMENTÁRIA PRÓPRIA DURANTE OS ENSAIOS GERAIS E NÃO SE ACHAREM PRONTOS E EM FUNCIONAMENTO OS CENÁRIOS RESPECTIVOS.

. . . . . .

§ 3º. DURANTE O ENSAIO GERAL QUE É PRIVATIVO DA CENSURA, CUMPRE AO EMPRESÁRIO, OU QUEM SUAS VÊZES FIZER, NÃO PERMITIR A PRESENÇA DE PESSOAS ESTRANHAS, SEM CONSENTIMENTO EXPRESSO DO CENSOR.

. . . . . .

§ 5º. O ENSAIO GERAL SOMENTE SERÁ REALIZADO QUANDO REQUERIDO AO CHEFE DO SCDP, COM A NECESSÁRIA ANTECEDÊNCIA, PELO EMPRESÁRIO OU DIRETOR DA COMPANHIA TEATRAL, OU PELO RESPONSÁVEL PELO ESPETÁCULO, OUVINDO-SE O CENSOR RESPECTIVO, QUE DECLARARÁ, POR ESCRITO, NESSE REQUERIMENTO O DIA E HORA PARA A REALIZAÇÃO DO MESMO ENSAIO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 205

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RELATÓRIO Nº 075/87

Do: CNF HELENA ISABEL AUGUSTO DOS SANTOS

Ao: CHEFE DO SCDP/SR/MG

ASSUNTO: EXAME DE ENSAIO GERAL

TÍTULO: "EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS"
AUTOR: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA
GRUPO: GRUPO TEATRO 2
CLASSIFICAÇÃO: 14 ANOS
J.I.: "CONFLITO FAMILIAR"

CUMPRINDO O.M. 093/87, COMPARECI À SALA CESCHIATTI DO PALÁCIO DAS ARTES, ÀS 09:00 HORAS DO DIA 13/08/87, PARA ASSISTIR AO ENSAIO GERAL DA PEÇA INTITULADA ACIMA.

DESTINADA A ESTREAR EM GOVERNADOR VALADARES, A PEÇA ME FOI MOSTRADA EM CARÁETR PROVISÓRIO, SEM CENÁRIO E FIGURINO ADEQUADO, OS QUAIS, SEGUNDO EXPLICAÇÕES DO DIRETOR DEVERÃO SEGUIR COSTUMES DOS ANOS 60, NA COMPOSIÇÃO DO INTERIOR DE UMA CASA DE FAMÍLIA MODESTA, CUJO CHEFE É O PACATO FUNCIONÁRIO PÚBLICO "GUIMA", ONDE CONVIVE COM A MULHER E A IRMÃ, MAIS O FUTURO CUNHADO, ALÉM DE UMA EMPREGADA DOMÉSTICA.

RETRATANDO BANALIDADES DO COTIDIANO DE UMA ÉPOCA JÁ ULTRAPASSADA EM MODOS E VALORES, DESENVOLVE-SE O ENREDO, SEM MAIORES IMPLICAÇÕES, EXCETO QUANTO À ABORDAGEM DO SUBORNO, AO QUAL QUEREM SUBMETER O POBRE FUNCIONÁRIO, O QUE OCASIONA A QUESTÃO CONFLITANTE ENTRE ESTE E A MULHER, COM CENAS DE MAIOR DRAMATICIDADE, QUANDO OS DOIS BRIGAM ATÉ A AGRESSÃO FÍSICA TROCANDO TAPAS.

EM LINGUAJAR LIMPO, ENTRETANTO, ANTIQUADO, A MENSAGEM RINAL É POSITIVA, DE RECONHECIMENTO DA HONESTIDADE E REJEIÇÃO AO DINHEIRO FÁCIL.

SUGERINDO PARA A LIBERAÇÃO DO ESPETÁCULO A FAIXA ETÁRIA DE 14 ANOS, CONFORME RD. 364/87/DCDP E SOLICITAÇÃO DO GRUPO INTERESSADO, É O QUE ME CABE RELATAR.

BELO HORIZONTE, 13/08/87

Helena Isabel Augusto dos Santos
Censora Federal
Mat. 022948

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 206

Processo Nº 1159/87 - SCDP/SR/MG

I - De acordo com o relatório do ensaio geral.
Classificação: 14 anos.
J. L.: Conflito Familiar.

II - Emitir certificado censório, consoante a Portaria nº 08/85-DCDP

III - Encaminhar o processo à DCDP.

B. Hte., 13 de agosto de 1987

Antônio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 207

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO Nº: 064/87

ESPETÁCULO PARA: TEATRO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

TÍTULO EM PORTUGUÊS: "EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS"

TÍTULO ORIGINAL:

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR: GRUPO TEATRO 2

CLASSIFICAÇÃO: 14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE CATORZE ANOS

Válido até: 13/08/92

Emitido em: 13/08/87

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: CONFLITOS FAMILIARES

Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

ENSAIO GERAL
EM 13 / 08 / 87
Assis
Rel. Anunciação Gonçalves de Assis
Chefe da Seção de Coord. Controle
SCDP/SR/DPF/MG

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

OBSERVAÇÕES:

AUTOR: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/MG

VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P 208

TEATRO

TÍTULO EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS

autor: ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça SR/SP

Obs.:

DF. 31 / 08 / 87 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em Ordem.

2. ARQUIVE-SE!

BsB, 03/09/87

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 209

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
19614
28 JUN 09 01 88 000000
ENCAMINHADO A
RUBRICA
DCDP

A
SFOH
V
BELO HORIZONTE 1792 20 270840P

DCDP/BSA

061/88 SCDP/SR/MG 270688 PT SOL INFO SIT PEÇA TEATRAL ''EM MOEDA CORRENTE NO PAIS'' VG AUT ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA PT

SCDP/SR/MG

NNNN
TR POR IP
REC POR??

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 210

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 30 JUN 15 02 88 000000

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/BHE/MG "U"

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 248/DCDP de 30 _ 06 _ 88 ___ RERA NR 060 DE 230688 VG NRS 061 ET 062 DE/270688 SCDP/MG VG INFO PEÇAS BIPT "O ELEFANTINHO VALENTE" CLASSF LIVRE CERT VAL 170289 PTVG "EM MOEDA CORRENTE NO PAIS" LIB 14 ANOS CERT VAL 130892 J.I. CONFLITOS FAMILIARES PTVG "UM EDIFICIO CHAMADO 200" LIB 14 ANOS CERT VAL 200590 J.I. LINGUAJAR CHULO ET INSINUAÇAO DE PROSTITUIÇAO PT

DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor: Ulma. Helena Ennes Mendes
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF-84

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 211

04

DPF/MJ
DIV. DE CENSURA
DIVERSOES PUB.
SERPRO
NUMERO DE IDENTIFICACAO
--- SENAPRO ---
08202.003977/88-48

-7 JUL 1523 000000

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DCDP / DSR

Belo Horizonte - MG
Em 05 de julho de 1988

Of. Nº : 152/88 -SCDP/SR/MG
Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/MG
Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (F a z)

Pelo presente, encaminho a V.Sa. os processos de números : 340/88 , 1100/88 , 1122/88 , 1124/88 e 1198/88-SCDP /SR/MG , referentes às peças teatrais"NOEL ROSA: O FEITIÇO DA VILA","A CIGARRA E A FORMIGA","MADAME BUTTERFLY","EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS" e "O ELEFANTINHO VALENTE" .

Atenciosamente,

Antônio José de Freitas Duarte
Chefe do SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.212

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - Departamento de Polícia Federal
Superintendência Regional de Minas Gerais
Serviço de Censura de Diversões Públicas
PROTOCOLO Nº 1124
DATA 23/06/19 84
Funcionário

HUMBERTO MOREIRA DA COSTA
Requerente

BRAS., BANCARIO
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade M-771936 - SSP/MG
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Alameda Mafuri, 110 - Dom Cabral - BH.

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) peça teatral abaixo relacionada(s), de autoria de: Abilio Pereira de Almeida.

Espécie

"EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS"
Título(s)

N. Termos
Pede deferimento

Local e Data 24/06/84

Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 213

1 - ~~EMPRESA OU GRUPO. (Se houver)~~

Nome: Centro Cultural Teatro Vila C.G.C.:

Sede: Av. dos Contos, 1528 - 3º andar

CEP:

Diretor ou Responsável: Humberto Moreira da Costa

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est. Civil:

Endereço:

CEP:

3 - PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est. Civil:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est. Civil:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA:

Ass.:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 214

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

AUTORIZAÇÃO PARA ESPETÁCULO TEATRAL

Nº 2775

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 1.º, § 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5 492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigos 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, e da Lei n.º 5.988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral: Em moeda corrente do país

Original de Abílio Pereira de Almeida

Tradução de ———

Direção de José Roberto Alvarenga

Música de ———

No Teatro do SESC Cidade B.H.

Empresa Grupo teatro vivo

nos dias 01 a 31/07/88 às sextas, sábados domingos.

sob condições de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de 10% dez por cento da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cz$ 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzados) por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Belo Horizonte, 23 de maio de 19 88

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT

pela SBAT

200 blocos de 50x50 - 001 a 10.000 — 10/86

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.215

A S. Coordenação p/ as providências de praxe.
B. Hte. 30.06.88

0630.1602
✠
311387DPFE BR✠
311387DPFE BRT
0630.1602
✠
311387DPFE BR
611461DPFEA BR

BRASILIA 5160 50 301500P/OB

U
SCDP/SR/MG BHE

248/DCDP/300688 PT RERA NR 060 DE 230688 VG NRS 061 ET 062 DE 270688 SCDP/MG VG INFO PECAS BIPT ''O ELEFANTINHO VALENTE'' CLASSE LIVRE CERT VAL 170289 PTVG ''EM MOEDA CORRENTE NO PAIS'' LIB 14 // ANOS CERT VAL 130892 J.I. CONFLITOS FAMILIARES PTVG ''UM EDIFICIO CHMADO 200'' LIB 14 ANOS CERT VAL 200590 J.I. LINGUAJAR CHULO ET INSINUACAO DE PROSTITUICAO PT

DCDP

NNNN
TR JS 301605
REC ✠
311387DPFE BR
611461DPFEA BR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.216

À Sra. Censora

Dra. Ana Maria

para proceder ao exame comparativo.

Belo Horizonte, 23 de junho de 1988

Bel. Anunciação Gonçalves de Assis
Chefe da Seção de Coord. Controle
SCDP/SR/DPF/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.217

FICHA TÉCNICA

" EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS "

De Abilio Pereira de Almeida.

Direção: José Roberto Alvarenga
Produção Executiva: Suely Silva
Assist. de Produção: Aparecida do Carmo
Cenário e Figurino: Tião Scaldaferri
Iluminação: José Maria Magalhães
Sonoplastia: Vieir Henricsson Jorge
Contra-regra: Aparecida do Carmo.

Elenco	Personagens
Ilvio Amaral	Guimarães
Mariangela Ferreira	Floripes
Regina Falconi	Edwiges
Fernanda Nicolau	Dalva
Aline González	Severina
Humberto Perez	Gervásio
Vieir	Marido de Severina

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 218

ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Em moeda corrente do país

Comédia em 3 atos

(Representada pela primeira vez em São Paulo, no Teatro Federação, em 16 de dezembro de 1960)

Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

1961

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 219

...em moeda corrente do país

Comédia em 3 atos, de ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO

Sala de estar-jantar de um apartamento, num dêsses edifícios de habitação coletiva, construídos por uma Instituição de previdência social.

É um apartamento de fundo e a janela central da sala dá para uma área promíscua.

Entradas à direita e à esquerda.

Decoração moderna, pobre e de gôsto duvidoso.

Mesa, cadeiras, um móvel ao longo da parede para várias serventias, bibelôs, livros, etc., etc.

Um aparelho de televisão.

Mais ou menos 10 horas da manhã.

Um rádio funciona furiosamente no apartamento vizinho.

Guimarães trabalha, sentado à mesa. Escreve, anota, faz contas, numa pequena máquina de calcular, compulsa processos e examina papéis espalhados pela mesa.

É homem de seus 35 anos, sem mocidade, tipo normal, classe média. Trabalha em mangas de camisa, sem gravata. O paletó está no espaldar de sua cadeira.

É difícil concentrar-se no serviço com aquele locutor gritando desesperadamente os "slogans" publicitários. E que publicidade!

LOCUTOR — Senhoritas! atenção! Halitol é a garantia de um noivado! O mau hálito acaba com qualquer namoro! Halitol acaba com qualquer mau hálito! Halitol, pela manhã, Halitol ao deitar-se. Vai ver a noiva? Halitol. Halitol, sempre Halitol. À venda em tôdas as farmácias e drogarias, que se prezam! Halitol! Não se esqueçam! Halitol!

LOCUTOR — Prisão de ventre?! Laxativos Trovão (barulho de trovão). Não há mais prisão de ventre! Um pílulas, óra pílulas! Laxativos Trovão — é a solução.

LOCUTOR — Dentifrício Pérola! A preferência dos dentifrícios! Use dentifrício Pérola e seu sorriso serão pérolas!

LOCUTOR — Senhora e senhoritas! Loiras e morenas! Para o cheiro de corpo não basta só água e sabão! Usem Cecedida! Com sabão ou sem sabão, Cecedida é a própria expressão de seu nome — Cecedida mata qualquer cecê.

LOCUTOR — Número um — escassez. Número dois — excesso. Regulador Gesteira.

LOCUTOR — E agora um pouco de música oriental. O programa que passaremos a ouvir — Ritmos do oriente — é patrocinado pelo comércio da rua 25 de Março. Ritmos do Oriente é a hora da saudade levantina. Façam suas compras na Rua 25 de Março. Medidas exátas. Pesos exátos. Preços sem redução. Os mais baixos da praça. Comprando na 25 de Março, o senhor, a senhora, a senhorita, levará um embrulho, sem ser embrulhada. E por pouco dinheiro. O dinheiro não interessa. O que interessa é que o freguês saia satisfeito para voltar. E vamos ouvir o primeiro número do programa — Ritmos do Oriente — Saudades de Beirute — Música de Wadih Chama — Letra de Farid Derah.

(E segue uma langorosíssima música síria).

(Guimarães esboça um gesto de impaciência. Não póde trabalhar com êsse barulho. Resolve levantar-se. Dirige-se à janela para fechá-la. Na ação de fechar a janela é interrompido pela voz da vizinha, Dona Hermengarda, com pronunciado acento nordestino).

VOZ DE HERMENGARDA — Bom dia, seu Guimarães.

GUIMARÃES — Bom dia, dona Hermengarda.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Pois Horipe - está?

GUIMARÃES — Como? Não entendi?

VOZ DE D. HERMENGARDA — Pois Horipe - está em casa?

GUIMARÃES — Não, senhora. Está fora.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319/p.220

VOZ DE D. HERMENGARDA — Foi aonde?

GUIMARÃES — À feira. Mas volta já.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O que? Fale mais alto, seu Guimarães.

GUIMARÃES — É o rádio.

VOZ DE D. HERMENGARDA — É o que?

GUIMARÃES — O rádio.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Espera um pouco.

(O rádio é desligado. Guimarães suspira aliviado.)

VOZ DE D. HERMENGARDA — Seu Guimarães: o sr. póde me fazer um favor?

GUIMARÃES — Às ordens, dona Hermengarda.

VOZ DE D. HERMENGARDA — É de me emprestar o último número de "Grande Hotel". Dona Floripes tem. Ela comprou êle.

GUIMARÃES — Pois não. Vou ver se está aqui.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Vou buscar, então. Aí na porta.

(Guimarães sai da janela. Procura pela revista. Encontra-a. Sai da sala. Ouve-se o diálogo, no vestíbulo.)

VOZ DE D. HERMENGARDA — É essa mesma. Hoje de tarde devolvo para dona Floripes. Estou acompanhando a novela — "Ho[illegible]idade de amante" — Muito bonito. Real. O sr. não leu?

VOZ DE GUIMARÃES — Ainda não, senhora.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Adoro história de quadrinho. É a coisa melhor que tem. Cinema e fotonovela! E é instrutivo, o sr. não acha?

VOZ DE GUIMARÃES — Acho, sim senhora.

VOZ DE D. HERMENGARDA — Muito obrigada. Póde ficar sossegado que hoje de tarde, o mais tardar, de noite, eu devolvo. Até logo. Obrigada.

VOZ DE GUIMARÃES — Até logo, dona Hermengarda.

(Guimarães volta à sala. Silêncio. Não se ouve mais o rádio. Guimarães senta-se à mesa e vai reiniciar o trabalho, mais esperançado. Nem bem recomeça o serviço, entra furiosamente o som do rádio de dona Hermengarda. Guimarães não se aguenta. Vai à janela e chama, com veemência.)

GUIMARÃES — Dona Hermengarda! Dona Hermengarda!

VOZ DE D. HERMENGARDA — Que é, seu Guimarães?

GUIMARÃES — A [illegible]

[illegible] o rádio.

VOZ DO LOCUTOR — Sal de frutas Demo alivia o seu ventre e melhora o seu mau humor.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O sr. precisa tomar sal de frutas Demo, seu Guimarães. O sr. anda muito azêdo.

GUIMARÃES — É o meu fígado. Suco hepático.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O quê?

GUIMARÃES — Hepático.

VOZ DE D. HERMENGARDA — O senhor é simpático, mas tem mau humor. Quem tem mau humor não póde morar em apartamento.

(Baixa sensivelmente o som do rádio. Mas fechou a janela e cerrou a cortina, abafando completamente o som.

Uns instantes após, entra Floripes, vinda da feira. É mulher de seus trinta e poucos anos. Tipo de mulher nervosa e agitada que fala, fala sem parar. Veste calça comprida e malha. Não é elegante, mas está bem, na sua indumentária de ir à feira. Traz um carrinho com os mantimentos que comprou. Floripes entra em cena e ataca logo a fala, não parando de falar).

FLORIPES — Não sei como não rebenta logo uma revolução nesta terra. Nós somos mesmos uma carneirada! Uma carneirada! Um absurdo! Não se póde mais ir à feira! Uma barbaridade! Não há dinheiro que chegue. Da semana passada para agora tudo subiu! Os preços sôbem de semana a semana! Você se lembra de que quando nos mudamos para êste cortiço... porque isto aqui é um cortiço... não é prédio de apartamento... um cortiço! Eu me casei com você e acabei morando num cortiço! Mas não há de ser por tôda a vida, não. Nem que você queira. Isso é que não. Se você pensa que eu vou morar neste viveiro, neste galinheiro, o resto da vida, está muito enganado... Mas que calor! Isto aqui está abafado! Também com a janela fechada! Só você mesmo!

GUIMARÃES — Fechei por causa do rádio, ali, da Hermengarda. Não podia trabalhar com o barulho.

FLORIPES — É o que eu estou dizendo! Uma gentinha!

GUIMARÃES — São funcionários públicos! Colegas nossos!

FLORIPES — Que colegas! Você pensa que por eu ser funcionária pública...

GUIMARÃES — Você é melhor que os outros?

FLORIPES — [illegible] gente aí sou. Pelo menos tenho [illegible] não mas[illegible] rica, pelo menos [illegible] Essa gente não tem educ[illegible] apartamento. Onde já [illegible]

Serviço de Diversões Públicas - D.A.P.F. - DR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P.221

Gentalha. É isso. Pobreza é isso. Eu podia ser rica...

GUIMARÃES — ...Era só fechar os olhos...

FLORIPES — E que adiantou? Não casei com êle porque era feio...

GUIMARÃES — ...feio é apelido!

FLORIPES — E que é que eu ganhei me casando com você?! Você é bonito, por acaso? Que é que adiantou? Êle está lá morando no Jardim América, automóvel e tudo. Acabou casando com mulher bonita... e eu... eu aqui... indo à feira... trabalhando...

GUIMARÃES — Até que de trabalho você não póde se queixar.

FLORIPES — E eu me queixo? Não estou me queixando! Não adianta. Eu não sou de falar. Suporto tudo quetinha. Mas um dia eu estouro. Ah! Isso eu estouro! E ninguém me segura. Vou aguentando, calada... Mas um dia a casa cai. Hoje na feira já dei o "show"! Não se póde mais ir à feira sòzinha! Uma senhora não póde mais ir à feira! É tudo uma roubalheira e além do mais é falta de educação geral. É só palavrão. Não respeitam mais ninguém. A gente passa perto do guarda, de fiscal, ouve se palavrão, e o policia não faz nada. Nem o fiscal. O fiscal não fiscaliza nada. Está ali para agradar os feirantes e ir ganhando suas gorgetas. Êles pagam, mas abusam. E afinal de contas quem paga é o povo!

GUIMARÃES — Alguém lhe faltou com o respeito?!

FLORIPES — Que faltou com o respeito nada! Eu é que dei uma lição. Na barraca tinha uva. Cem cruzeiros o quilo. Um absurdo! Nem que fôssem de ouro! Cem cruzeiros o quilo. Peguei uma, uma uva só. Para experimentar. Não ia comprar uva ordinária por cem cruzeiros. E o galego gritou comigo. — "A um cruzeiro o bago". — Falou gritando. Malcriado. Eu disse: "Ah! É! Um cruzeiro?" — Me deu uma raiva! Eu já estava esquentada... não aguentei... Peguei o cacho todo joguei com fôrça no chão, esmigalhei... esmigalhei os bagos todos. — "Agora conta. Conta, quantos são. E vai cobrar do meu marido. Quer saber em que repartição êle trabalha? Quer?" — O homem não disse nada. Também, se êle abre a bôca eu jogava outro cacho na cara dêle. São uns covardes. Quando viu que eu estava disposta, que não tinha mêdo, ficou quieto... Ah! Eu tinha que ter nascido homem...

GUIMARÃES — Daqui a pouco vem o homem encrencar aqui na porta. Você deu nosso endereço?

FLORIPES — E era para vir, mesmo.

GUIMARÃES — E você me punha na fogueira, com os seus bagos de uva?

FLORIPES — Não precisa ficar nervoso, que êle não vem não. Êle ficou com mêdo é de mim! Eu tinha que ter nascido homem!

GUIMARÃES — Acho melhor você não ir mais à feira. Você é muito briguenta. Um dia acontece qualquer coisa de muito desagradável. O melhor é você não ir mais.

FLORIPES — Você pensa que vou à feira por gôsto? E quem é que vai? Você? A Dalva?

GUIMARÃES — Não. A empregada.

FLORIPES — E onde é que está aquela desgraçada? Ainda não veio!! Se vou esperar por ela, ficamos sem almôço. E nós vamos ficar sem almôço mesmo, porque vou mandar ela embora... Ela pensa que sou idiota! Que horas são? São dez horas! Mais de 10 horas! E ela ainda não veio. Justamente dia de feira. É uma semvergonha! Não faz nada!

GUIMARÃES — Como não faz nada?! Faz almôço e jantar. Limpa a casa.

FLORIPES — É claro. Eu não vou esperar que você me dê razão! Você nunca me deu razão! Eu vou morrer e você nem no caixão vai me dar razão. Eu sei que é assim. Não adianta me queixar. Por isso que eu não abro a bôca. Você defende a criada! Você defende aquela semvergonha, contra mim. É claro. Mas ela vai embora. E é hoje. Nem vai fazer o almôço. É chegar, fazer meia volta e ciáo mesmo. Tua irmã que faça o almôço. Eu não tenho fome. Tua irmã, que é folgada, que vá para a cozinha. Eu é que não vou fazer fôrça. Não me casei para ser sua criada.

GUIMARÃES — Está certo. O melhor é você não despachar a empregada, até arranjar outra.

FLORIPES — E onde vou arranjar outra? Ninguém quer trabalhar neste cortiço. Só a pêso de ouro!

GUIMARÃES — Pois vamos aumentar o ordenado...

FLORIPES — É. Vamos dar todo o dinheiro para a empregada. Você é que devia tratar de ganhar mais. Você é mole. Molenga. Trabalha... trabalha... trabalha. O expediente é só de tarde. Você traz serviço para casa. Fica enchendo a mesa com essa papelada. A gente nem póde ouvir televisão. Não se póde fazer mais nada.

GUIMARÃES — De manhã não há televisão.

FLORIPES — Você devia trabalhar na repartição. Assim Deus pagava tempo integral. Mas você é mole! O que é que se vai fazer? Na sua repartição todo o mundo está bem. Ninguém faz nada e ainda ganham por fora. Mas você já vai trabalhar de graça...

Divisão de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-222

GUIMARÃES — Floripes: Não fale mal de meus colegas. Todos trabalham e muito.

FLORIPES — Conversa. Trabalham meio expediente e olhe lá! E não me venha dizer que não comem por fóra! O dinheiro dêles não é de borracha. Se ganham como você, não podem ter automóvel e nem jogar nas corridas. Você ganha, eu ganho... a Dalva ganha e o nosso dinheiro dá apertado! Se alguém aqui ficar doente eu não sei como é que vai ser! E lá o pessoal a viver folgado. Boa casa; a mulher luxando. D.K.W. Cinema todo o dia... Teatro... Nós nem podemos ir a teatro, que é caro! Não, Guima: aquilo não é só ordenado, não. Essa não passa por aqui... Aliás, todo o mundo sabe...

GUIMARÃES — Você não deve estar falando sem saber. Êles têem outras fontes de renda... você não deve estar falando...

FLORIPES — Estou falando para você, que é meu marido. Também se não posso me desabafar com meu próprio marido... Aliás não sou palmatória do mundo. Nós é que somos idiotas. Nós, não. Você! Você é que é um perfeito idiota. Me desculpe a franqueza, mas é...

GUIMARÃES — ...idiota, não. Honesto, é o que você quer dizer?

FLORIPES — Homem... não sei... por isso me calo... Mas, nos tempos que correm... honesto ou idiota é quase a mesma coisa.

GUIMARÃES — Mas tem o — quase — que atrapalha.

FLORIPES — Atrapalha você, mas tem ajudado os outros. O que eu sei é que todo o mundo se vira e vai para a frente. E nós aqui nesta dureza...

GUIMARÃES — Não acho que seja tanta dureza. Vivemos decentemente... Não devemos nada a ninguém. Temos nosso teto...

FLORIPES — Teto?! Você chama isto de — teto — ?! Está bom! Não vou discutir êsse assunto com você. Você nunca me deu razão. Mas que está na cara, está. Isso ninguém diz o contrário. Só você. O mais cego é aquêle que não quer ver. Não é, não quer ver. É que você não tem peito. Peito, Guima, peito. Você nasceu é pra isso: trabalhar, trabalhar, ganhar uma micharia, viver uma vida mixa e quando morrer, nem lugar no cemitério tem. É na vala comum. Viver assim não é vantagem. Vantagem é ganhar a gaita. De um jeito ou de outro, a gaita é que vale. O dinheiro é que manda, Guima. Porque que êles não bolem com quem tem dinheiro? A corda sempre rebenta do lado mais fraco [illegible] não adianta falar. Estou pregando [illegible] [illegible] lhar isto para [illegible]

zia de ovos, oitenta cruzeiros! E você vem me falar em honestidade! Quanta gente não roubou para o ôvo chegar a êste preço! Vou te contar! Não é só o dono da galinha não. É todo o mundo! E para pagar ôvo a oitenta cruzeiros a dúzia, só com dinheiro roubado! Na semana que vem vai estar a cem! Vou te contar...

(Floripes sai com o carrinho da feira.)

(Guimarães observa a sua saída, no mais absoluto conformismo e volta para seus estudos e cálculos.)

(Entra a empregada, Edwiges, prêta ou mulata pernóstica.)

EDWIGES — Bom dia, seu Guima. A patrôa está, não está, não?

GUIMARÃES — Está na cozinha. Acabou de vir da feira.

EDWIGES — Hi! Hoje é dia de feira! Dia de feira é espeto! Não é que eu me atrazei por ser dia de feira. Até que eu gosto de ir à feira. Mas a patrôa vai pensar que eu manquei só por ser dia de feira...

GUIMARÃES — É melhor você explicar tudo diretamente a ela.

EDWIGES — Eu careço de dar explicação. Minha obrigação é fazer a comida e limpar a casa. Tenho tempo para tudo. A comida chega sempre na hora e a casa está sempre arrumada. Obrigação de ir na feira não tenho. Vou porque me apraz. Gosto de espairecer um pouco...

GUIMARÃES — Não sei se você deve explicar ou não. Vá entender-se com ela.

EDWIGES — O senhor não acha que estou com a razão, seu Guima?

GUIMARÃES — Não sei. Só sei que você entrou muito tarde, hoje.

EDWIGES — O senhor também já quer me dar a bronca, seu Guima?

GUIMARÃES — Eu não quero dar... êsse assunto não me interessa. Me deixe trabalhar um pouco...

EDWIGES — O senhor está azêdo hoje, seu Guima...

GUIMARÃES — E faça o favôr de não me chamar de Guima. Meu nome é Guimarães.

EDWIGES — Está certo, Dr. Guimarães...

GUIMARÃES — E não sou doutor.

EDWIGES — O negócio que está azarado por aqui hoje está. Até seu Guima, seu Guimarães, que é uma [illegible] nordeste de [illegible] errada. [illegible] vem de lá, está bem. Mas [illegible] de cá, então é andar de figa e [illegible] figa não trouxe e me benzer não [illegible]

GUIMARÃES [illegible] vai mal para o seu [illegible] pé de [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 223

(Entra Floripes.)

EDWIGES — Bom dia, dona Floripes. A ...nhora me desculpe de eu chegar atrazada, ...s não foi por causa da feira, não.

FLORIPES — Não é questão de atrazo, é ... há muita coisa aqui que não está certo.

EDWIGES — O que é que não está certo?

FLORIPES — Em primeiro lugar, isso ...o é horário. Você sabe muito bem que vo... deve entrar às oito.

EDWIGES — Às oito, não senhora, às no... Quando a senhora me tratou foi às oito, ...s depois a gente viu que às oito não adi...tava nada e passou a ser às nove.

FLORIPES — Mas são mais de dez.

EDWIGES — É que deu galho lá em casa. ...ouve briga. Tive que ir na delegacia prestar ...clarações.

FLORIPES — E ainda por cima criando ...so com a polícia.

EDWIGES — Ah! Isso é com a minha ...da particular, ninguém tem nada com isso. ... que acontece aqui, nesta casa, está certo, ...er dizer, tenho que dar satisfações... mas ...a daqui, na minha vida privada... a coisa ... comigo... se a casa está limpa e a comida ... hora...

FLORIPES — Mas eu soube que na nos... ausência, durante o expediente da reparti...o, você recebe pessoas aqui em casa. E ...so não é possível! Não posso admitir uma ...isa dessas!

EDWIGES — Já foram fazer fofóca para ... senhora! Vejam só! Foi uma vez... uma ...z não... foram duas vêzes... Juro que fo...m ... duas vêzes... quero cair dura aqui ... ataque, se foi mais de duas vêzes....

FLORIPES — Então? Recebeu, não é? E ...ocê acha que isso está direito? Eu ser cha...ada a atenção pelo zelador do edifício?!

EDWIGES — Mas não foi para safadeza ...ão, dona Floripes. Quero morrer torrada ago... mesmo, se não é verdade. Foi meu pri......

FLORIPES — É sempre a história do pri...o...

EDWIGES — Está bem..., essa de primo ...ão pega mais... Mas não foi para safade...a... Eu respeito a moral da casa dos ou...os... Eu tenho minha moral e respeito a ...os outros. Não é como muita gente que co...nheço. Não me faça falar...

FLORIPES — O que você quer dizer com ...so?

EDWIGES — Nada. Não quero dizer nada.

FLORIPES — Vamos. Explique-se. O que ...ocê quis insinuar? Não gosto das coisas as...im. Trata-se de alguém desta casa?

EDWIGES — Não, senhora. Não é nada. Não é com esta casa.

FLORIPES — Você não póde receber ninguém nesta casa, na nossa ausência. Está certo?

EDWIGES — Está bem, dona Floripes.

FLORIPES — E tem mais. É melhor a gente falar as coisas, para não haver mal entendidos. Não adianta depois vir me dizer — eu pensei que! — Isso não. Comigo é tudo combinado, esclarecido e tratado.

EDWIGES — Eu estou dizendo que a coisa está virada hoje...

FLORIPES — O que é? O que foi que você disse?

EDWIGES — Não foi nada. Prossiga, dona Floripes.

FLORIPES — Pois é. Eu sei que você leva coisas para casa. Mantimentos. Comida que sobra. Você leva tudo. Isso eu não quero.

EDWIGES — Como é que eu levo coisas para casa? Aqui nunca sobrou nada! Cozinho numa marreta desgraçada!

FLORIPES — Leva, sim senhora. Leva pouco, mas leva. E eu não quero que leve nada. Ora essa! Ontem você levou dois ovos. Isso que eu sei, porque contei. Fóra o que eu não sei.

EDWIGES — Puxa, vida! Que micharia!

FLORIPES — Póde ser. Não é pela quantidade. É que não está direito! Você tem que respeitar a propriedade alheia. O que está na cozinha não lhe pertence, seja pouco ou seja muito.

EDWIGES — Estou vendo que a senhora quer que eu vá embora.

FLORIPES — Não estou lhe mandando embora. Mas se você quer continuar, tem que ser conforme combinamos. E tem mais uma coisa.

EDWIGES — É a última?

FLORIPES — É. Eu sei que você, assim que a gente sai, você abre a televisão a tarde tôda. Isso também não quero. Não quero que bula na televisão.

EDWIGES — Sabe o que mais, dona Floripes. A senhora quer mesmo que eu vá embora. Pois, vou. Prefiro catar papel na rua que trabalhar nesta micharia! Puxa vida! Nem televisão! A televisão fica aí mofando! É. Eu vou me embora. Vou catar papel na rua.

FLORIPES — Está muito em moda. Depois você escreve um livro.

EDWIGES — Quero ver a senhora arranjar uma empregada paciente como eu?! Está tudo trabalhando em fábrica.

FLORIPES — Se não arranjar, paciência

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P-224

Eu sei me virar. Fui educada no trabalho e não na dependência de empregada.

EDWIGES — Não é pela senhora. É pelo seu Guimarães que se acostumou com o meu tempêro.

FLORIPES — Êle se acostumará com outro, não se incomode.

EDWIGES — Êle se acostuma com tudo, coitado! Que remédio, não é seu Guima? Bom. Então, eu vou me embora mesmo. Aqui não venho mais, nem morta. Póde fazer minhas contas.

FLORIPES — Só no fim do mês. Você é quem vai sair. Não lhe mando embora. O ordenado só no fim do mês.

EDWIGES — Deixa. Meu marido vem buscar o dinheiro.

FLORIPES — Pois que venha. Só no fim do mês. Antes, pódem vir seu marido, seu pai, sua mãe, tôda a sua família, que não recebem nada. Não pense que eu tenho mêdo. E póde ir embora já. Se é para ir, que vá já.

EDWIGES — Tá. Depois nóis acerta. Até logo, seu Guimarães. Te guenta aí, seu Guimarães.

(Edwiges sai.)

FLORIPES — Ah! Eu devia ter nascido homem!

GUIMARAES — Para quê? Deus nos livre?!

FLORIPES — Para encher a cara dessa negrinha! Viu o que ela disse? Como se eu fôsse alguma jararáca! Você acha que está certo passar o dia todo ouvindo televisão? Está certo? Levar coisas para casa? Receber pessoas aqui? Você viu o que ela insinuou?! Garanto que isso é com a Dalva!

GUIMARAES — O que é que há com a Dalva?

FLORIPES — Não sei. Mas o que a Edwiges insinuou foi com a Dalva. Com sua irmã e o Gervásio. Ela recebe o Gervásio aqui. É isso.

GUIMARAES — E o que é que tem que o Gervásio venha aqui. Êle é meu amigo. Meu colega.

FLORIPES — É que êle vem aqui, sòzinho com ela. Ela é môça solteira. Isso não está certo. Eu não tenho nada com a vida dela. Ela é maior, livre. Tem você que é irmão. Mas mora aqui em casa. Isso não está certo.

GUIMARAES — Você põe veneno em tudo!

FLORIPES — Eu não estou dizendo nada. Quem deve ver isso é você. Mas você fecha os olhos. É como a avestruz. Prefere fechar os olhos. Eu não gosto de falar. Mas o caso já está [illegible] não disse nada.

[illegible] na cara. Eu devia ter apertado ela, que ela se explicava.

GUIMARAES — Para quê?

FLORIPES — Pelo menos você ficava sabendo. Você teria que tomar uma atitude.

GUIMARAES — E que atitude iria eu tomar? Vou expulsar minha irmã de casa?

FLORIPES — Não sei. Isso é com você. Aqui em casa é que não quero que se encontrem. Isto aqui não é "rendez vous".

GUIMARAES — Como você é maldosa! Floripes! Porque você fala assim, de sua cunhada? Ela trata você tão bem! Trabalha. Ganha sua vida! Decentemente! Não teve a sorte de se casar.

FLORIPES — Sorte de se casar? Como eu!? Quer me enganar que tive a sorte de me casar? Com você! Sorte de casar, eu!

GUIMARAES — Eu não disse nada, Floripes. E vamos dar o assunto por encerrado.

FLORIPES — Eu falo quanto quiser! Engraçado! Diz o que quer e depois quer dar o assunto por encerrado! Essa é boa!

GUIMARAES — Então, fique falando sòzinha.

(Guimarães levanta-se, começa a arrumar sua papelada para retirar-se, quando se ouve uma discussão no apartamento vizinho. A voz de dona Hermengarda é possìvelmente a de seu marido, ou do homem que vive com ela.)

VOZ DO MARIDO — Vamos acabar com isso! Você é uma vagabunda! Uma cachorra! Uma cadela! Cala a bôca!

VOZ DE HERMENGARDA — Cala a bôca a sua mãe, ouviu?

VOZ DO MARIDO — Repita, aí, sua vaca!

VOZ DE HERMENGARDA — Me bate! Me bate!

VOZ DO MARIDO — Olha que eu te quebro a cara! Um dia ainda te dou tanta pancada! Sua cachorra! Eú que te pegue de nôvo com êle! Não sei como não te esgano!

VOZ DE HERMENGARDA — Cachorro é você, seu canalha!

VOZ DO MARIDO — Cala a bôca!

VOZ DE HERMENGARDA — Me mata! Me mata!

(Ruído de pancadaria. O marido bate em Hermengarda. Esta põe a bôca no mundo. Pancadaria e gritos.)

(Floripes não se contém. Vai à janela e grita.)

FLORIPES — Vou chamar a rádio patrulha! Vou chamar a rádio patrulha!

(Pancadaria e a gritaria continuam.)

HERMENGARDA [illegible] que é [illegible]

Serviço de Censura de Diversões Públicas DPF MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 225

Censura de Diversões Públicas SP/MG Serviço

cerra a cortina. Momento de expectativa. Floripes considera Guimarães.)

FLORIPES — Você está vendo? Está na bôca do povo!

GUIMARAES — Você fêz muito mal em intervir. Devia ter fechado a janela e pronto.

FLORIPES — E êles a darem escândalo aí?! E eu sou obrigada a ouvir essas coisas? Vou me queixar com o zelador. Isso não pode continuar. Que gentinha mais réles! E você ouviu o que êle disse? Foi bom que você ouvisse. Está na bôca do povo. Falam no edifício. Falam na repartição. E eu ter que morar neste cortiço! Mas não há de ser para tôda a vida, não. Não tem perigo! Eu não aguento isso! Nem morar com tua irmã, de vida irregular. Vida suspeita! Suspeitíssima! E muito menos morar neste cortiço, a ouvir pancadaria e palavrões. Deus que me livre! Isto não é vida! E agora aquela estúpida foi-se embora. Eu é que não vou ter empregada para ouvir televisão e levar comida para seus homens. Isso não. Quer ir se embora, que se vá. Comigo aqui tem que andar direito. Não tem ninguém para fazer almôço. Eu é que não vou para a cozinha! Também é demais! Aguentar o que eu aguento e ter de fazer comida?! Não. Nunca! Não vou para a cozinha. A Dalva que vá. Onde está ela? Está dormindo! Leva a vida mansa! Não tem marido para chatear! Vida mansa! Está dormindo! Qual é a dela? Mas comigo, não. Almôço eu não vou fazer. Não tenho fome. Tomo um copo de leite, um pedaço de pão com manteiga e pronto.

(Entra Dalva. É uma môça bonitinha, simpática, de seus vinte e oito anos. Veste saia esporte e está sem blusa, apenas de "soutien". Traz a blusa na mão, para passar.)

DALVA — Bom dia. Bom dia, Guima. Bom dia, Floripes.

GUIMARAES — Bom dia, Dalva.

DALVA — Onde está a Edwiges? Queria que ela passasse esta blusa. É a única que tenho para hoje.

FLORIPES — A Edwiges despediu-se.

DALVA — Quando?

FLORIPES — Hoje, agora. Chegou tarde. Levou pito. Achou ruim e foi-se.

DALVA — E agora?

FLORIPES — E agora! E agora! E agora arranje-se outra. Que o mundo não vai se acabar, só porque a negrinha foi se embora. Hoje não tem almôço. Que eu não vou para a cozinha. Só se você fizer, Dalva. Faça para o Guima, porque eu não preciso.

DALVA — Você quer que eu faça um almocinho para você, Guima? Faço num instantinho. Um bife, ovos...

GUIMARAES — Pode deixar, Dalva. Como de letteria. E o jantar?

FLORIPES — Eu janto com papai.

DALVA — Jantar não é problema. O almôço é que é para agora.

GUIMARAES — Não tem importância. É que precisamos arranjar outra empregada.

FLORIPES — Pode deixar, que eu arranjo. Isso é comigo.

(Floripes sai.)

DALVA — Você ainda vai trabalhar na mesa, Guima? Eu queria passar a blusa.

(Guimarães pega um processo e vai para a cadeira onde se senta. Dalva, com certo método, faz lugar na mesa, enquanto liga o ferro elétrico, que estava guardado no móvel ao longo da parede. Prepara-se para passar a blusa.)

DALVA — Se você quiser, podemos almoçar juntos. Eu, você e o Gervásio. Êle vem me buscar. Nós entramos na repartição, assinamos o ponto e saímos para almoçar. Você quer?

GUIMARAES — Não vai dar tempo. Estou muito ocupado com o levantamento dêstes débitos. Vou ter muito serviço por êstes dias.

DALVA — Aliás, o Gervásio queria muito falar com você...

GUIMARAES — Sôbre que assunto? Quer pedir você em casamento?

DALVA — Antes fôsse. Mas sei que é assunto sério e que te interessa.

GUIMARAES — Com o Gervásio o assunto que mais me interessa é o casamento com você.

DALVA — Ora, Guima! Deixe eu com o Gervásio assim, que está muito bem.

GUIMARAES — Está bem, mesmo, Dalva?

DALVA — Isso é comigo. Sou maior de idade, não tenho pai nem mãe a quem dar satisfações, ganho a minha vida...

GUIMARAES — ...está certo. Não se fala mais nisso. Eu só queria que você se casasse, se fixasse na vida, se definisse.

DALVA — É... Eu também queria... falar é fácil... Você já terminou êsse levantamento? São muitas emprêsas?

GUIMARAES — São todos os maquinistas.

DALVA — Todos?

GUIMARAES — Todos... bem entendido... os que não exportam... os que vendem aos exportadores.

DALVA — A cifra é grande?

GUIMARAES — A sonegação é enorme. É total.

DALVA — Você tem medo de investir contra uma classe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.226

GUIMARÃES — Medo de que? Cumpro a minha obrigação. Êles não pagaram o impôsto. Eu não estou investindo contra ninguém. Estou apurando. Fazendo um levantamento fiscal, de acôrdo com o serviço que me é atribuído.

DALVA — Mas você ainda não apresentou o serviço?

GUIMARÃES — Não. Ainda há muito o que fazer. Quero apresentar o levantamento integral. Completo. E encerro o caso. Depois, com os outros. É sôbre isso que o Gervásio quer me falar?

DALVA — Acho que, sim.

(Dalva experimenta o ferro elétrico. Vai passar a blusa.)

DALVA — Que calor? Como aqui está abafado! Também com a janela fechada! Porque fecharam a janela, com êste calor?

GUIMARÃES — É que lá, com a Hermengarda, estava mais quente que aqui.

DALVA — Brigaram novamente?

GUIMARÃES — Para variar. Pancadaria da grossa. E xingação...

DALVA — Quem sabe se já acabou? Vou ver.

(Dalva abre a janela com cuidado. Silêncio.)

DALVA — Reina paz em Varsóvia.

GUIMARÃES — Depois da tempestade vem a bonança.

(Dalva volta ao seu mistér. O diálogo prossegue, enquanto Dalva passa a blusa.)

GUIMARÃES — O Gervásio está bem de vida?

DALVA — Não sei bem. Deve estar. Porque?

GUIMARÃES — Porque você não força um pouco a situação?

DALVA — Que situação?

GUIMARÃES — Você não gosta dêle? Êle não gosta de você? Você gostaria de se casar com êle?

DALVA — Naturalmente.

GUIMARÃES — Então? Porque você não força um pouco a situação?

DALVA — Isso não é assim tão fácil, não. Já falei a respeito e refalei. Não quero insistir. Êle diz que não tem condição para se casar.

GUIMARÃES — Mas, êle ganha bem!

DALVA — Não tanto quanto deseja. E, além disso, êle diz que não está preparado psicològicamente para o casamento. Diz que é contra o casamento.

GUIMARÃES — Contra o casamento com belas? Uma situação bem cômoda esta!

DALVA — Então? Se é cômoda... Qual é o dêle?

GUIMARÃES — Mas eu pergunto: qual é o seu? Afinal de contas você é uma môça solteira...

DALVA — Pois é. Mas êle não quer, não é? Eu devia terminar, não é? Isso é fácil de falar... Mas eu gosto dêle. E depois... a esperança é a última que morre... não é?

GUIMARÃES — Você ainda tem esperanças de casar-se com êle?

DALVA — Naturalmente. A gente vive dessa esperança. Sou uma môça absolutamente normal. Gostaria de me casar, ter filhos...

GUIMARÃES — É. Principalmente ter filhos...

DALVA — Desculpe. Saiu sem querer...

GUIMARÃES — Desculpar o quê? É isso mesmo. Eu não tenho filhos. Floripes não tem filhos. É um mal. Um tremendo mal para um casamento. A gente deve ter filhos. Pelo menos dois filhos. Um só também é mal. É mal para o próprio filho. Muitos também é exagêro.

DALVA — Se a Floripes fizer um tratamento, ela poderá ter filhos... O médico disse...

GUIMARÃES — É. Quem sabe? Agora já perdi o elan. O que está feito, está feito. É muito tarde para começarmos.

DALVA — Tarde nada. Floripes é môça. Você é môço. Há tempo para tudo.

GUIMARÃES — Somos casados há mais de oito anos. Mais um, para tratamento. Outro, para ter filho e já lá se vão 10 anos.

DALVA — Que é que tem?

GUIMARÃES — Agora eu falo como o Gervásio: é psicològicamente tarde para ter filhos...

DALVA — Porque? Não acho.

GUIMARÃES — A minha vida com Floripes já desencantou. Não tem mais geito. É melhor deixar as amarras soltas. O barco que tome o seu rumo, o seu destino. Filho seria complicar demais a coisa. Assim, como estamos, vivemos sem compromissos. Isto é: ela não tem compromisso. O dia que quiser: porta da rua é serventia da casa. Eu assumi um compromisso e não fugirei dêle.

DALVA — Também não acho que seja assim. Não há razão para os dois estarem se suportando...

GUIMARÃES — Há razão, sim, senhora.

DALVA — Não acho. Ao contrário, acho que ilegal é viver junto sem se gostar. Só porque casou. Isso é que é imoral. Se têm filhos, vivem juntos por causa dos filhos. Mas se não têm filhos, não têm... e não se amam; que besteira é essa... Juntos?

GUIMARÃES — [illegible]

DALVA — [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 227

E... principalmente... sua maneira de encarar a própria responsabilidade...

DALVA — Você é que sabe.

GUIMARÃES — Posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

DALVA — O que é?

GUIMARÃES — Vou perguntar: Você responde se quiser; se não quiser, é igual.

DALVA — Está bem. Pergunte.

GUIMARÃES — Você vive com o Gervásio?

DALVA — Como vivo com o Gervásio?! Pois, não moro aqui sòzinha. Se vivesse com êle, iria morar com êle!

GUIMARÃES — Você entendeu muito bem a minha pergunta. Você vive com êle?

DALVA — Não. Sou apenas namorada dêle.

GUIMARÃES — Jura?

DALVA — Juro. (Pouco convincente.)

GUIMARÃES — E eu tenho que acreditar no que você está dizendo?

DALVA — Acho que você deve acreditar.

GUIMARÃES — Está certo.

DALVA — Afinal de contas, porque tôda esta conversa a meu respeito com Gervásio?

GUIMARÃES — Nada. Porque sou seu irmão. Acho que devo me preocupar um pouco com a sua vida. Ou você não acha?

DALVA — Você nunca tocou no assunto! Não. O que é que está se passando por aqui? Conheço você muito bem. Alguma coisa se passou por aqui. Seja franco comigo. Nós somos amigos. Somos ou não somos amigos?

GUIMARÃES — Somos.

DALVA — Então, me conte. Falaram alguma coisa?

GUIMARÃES — Já se comenta no edifício. Floripes soube que você recebeu o Gervásio em casa, na nossa ausência. E ela não gostou!

DALVA — Bem. O Gervásio esteve aqui. Duas vêzes.

GUIMARÃES — Você acha que isso é direito?

DALVA — Nós não estivemos sòzinhos. A Edwiges estava em casa. E não fizemos nada de mal. Nem poderia ser.

GUIMARÃES — Mas falam, não é?

DALVA — E o que é que você quer que eu faça? A casa é minha, também. Pago pensão. Não estou aqui de favor. Não sou criança. Ganho a minha vida. Acho que posso receber um amigo em minha casa, sem ter que dar satisfações. Demais a mais, não fizemos nada de mal.

GUIMARÃES — Eu não tenho a menor dúvida. Mas dá margem a comentários maliciosos. Isso dá.

DALVA — Que me importa que falem. Se a Floripes acha ruim, eu posso me mudar. O que pago aqui, posso pagar num apartamento pequeno, de sociedade com uma amiga ou colega. Se vivo aqui, é por sua causa. Aliás, você também não precisa de minha pensão. Podem viver muito bem vocês aqui só com o que ganham. É melhor eu ir me embora. Assim ninguém mais vai falar. O que eu não posso é perder o direito de receber um amigo em minha própria casa. Sôbre êsse ponto eu não transijo.

GUIMARÃES — Fica o dito por não dito. Pronto. Não pensei que você fôsse tão brava! Ninguém falou nada, pronto!

DALVA — A gente tem que se defender, ora essa! Já levo uma vida bêsta. Sem graça nenhuma. Não me casei. Não sou rica. Só tenho você. Você e minha liberdade. Minha liberdade é meu consolo e êsse eu defendo.

GUIMARÃES — Naturalmente. Ninguém quer brigar com você. E eu peço que você continue comigo. Você há de reconhecer que morar comigo e Floripes é sempre uma situação para você. Você não é nenhuma môça abandonada. Eu prefiro que você more comigo, do que sòzinha. E também para o meu caso pessoal. Eu lhe peço. Nós aqui precisamos de você. Você, sem querer, ou sem sentir, é o anteparo de muita coisa, que pode acontecer aqui.

(Dalva veste a blusa e vai abraçar o irmão. Faz um carinho no irmão e o beija no rosto.)

DALVA — Guima: eu gosto de você, Guima. Você é a própria vítima de sua boa formação moral. Engraçado! Acontece cada coisa nesta vida! Você é o conformismo em pessoa! Conheço muito bem você. Não é médo. Não é falta de energia. É educação. É formação moral. É o senso de responsabilidade. Deixa estar, meu irmão: não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe...

GUIMARÃES — Dalva: você está muito enganada. Eu não estou me queixando, nem lamentando...

DALVA — É como diz o Gervásio: a araruta também tem seu dia de mingáu.

(Toque de campainha.)

DALVA — Deve ser o Gervásio.

(Dalva sai para abrir a porta de entrada. Momentos depois, volta, com Gervásio. É môço de seus trinta e poucos anos, alegre, jovial, bem posto. Não faz muita cerimônia. É de casa, como se diz.)

GERVÁSIO — Que tal? Como leva?

Serviço de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 228

GUIMARÃES — Bom dia, Gervásio. Sempre firme?

GERVÁSIO — Mais ou menos. E você? Muito serviço? Quando é que você vai perder essa mania de trabalhar de graça? Quem trabalha de graça é relógio e quem faz fôrça é guindaste.

GUIMARÃES — Eu não trabalho de graça. Sou pago para trabalhar.

GERVÁSIO — Você ganha para trabalhar um expediente. Eu não tenho nada com isso. Você gosta. O que é de gôsto, regalo da vida. Gostos não se discutem. O que é isso aí? É o caso dos maquinistas?

GUIMARÃES — É.

GERVÁSIO — Você chegou a alguma conclusão?

GUIMARÃES — Há muito tempo. Que existe a incidência nem há dúvida. A questão jurídica, vamos dizer, a questão fiscal é absolutamente clara. O Impôsto sempre foi devido e sempre foi sonegado. A dúvida está no quantum. Acho que a coisa atinge a cifras astronômicas!

GERVÁSIO — Mas... houve má fé por parte dos maquinistas? Êles sabiam que deveriam pagar?

(Dalva sai sem avisar, após uma troca de olhar com Gervásio. Guimarães não percebe jôgo.)

GUIMARÃES — Eu estou convencido de que houve má fé. A lei é clara. E êles sempre são bem assessorados.

GERVÁSIO — Então, além do impôsto em débito, vai haver multa?

GUIMARÃES — Penso que sim, que devem ser multados. Houve sonegação de renda. Houve má fé.

GERVÁSIO — Mama mia! Então a coisa vai longe! Você não tem mêdo de uma represália? Afinal de contas, tôda uma classe a ser prejudicada!

GUIMARÃES — Que é que eu posso fazer? Sou um modesto funcionário público. Limito-me a cumprir ordens. Não estou inventando nada, nem criando problemas.

GERVÁSIO — É que êles podem fazer uma representação, pelo Sindicato. A coisa póde tomar até um aspeto político.

GUIMARÃES — E daí?

GERVÁSIO — Govêrno póde derrubar a situação.

GUIMARÃES — Melhor para êles. E melhor para mim, também. Não tenho percentagem na arrecadação e muito menos na multa. Para mim é igual. Se lá em cima revogarem a cobrança, melhor.

GERVÁSIO — [illegible] fica com uma cara de [illegible] do perseguidor. Guimarães [illegible]

GUIMARÃES — Não vejo razão para isso. Nem eu sou um perseguidor e nem êles são miseráveis de roubar um pão.

GERVÁSIO — Eu não topava um negócio dêsses. É antipático.

GUIMARÃES — Meu velho: eu recebo ordenado para fazer levantamentos de débitos fiscais. Não me cabe ser simpático ou antipático. Ao contrário: até ajudo os contribuintes, dou orientação, ensino, coisa que não tenho a menor obrigação de fazer. Mas sonegação é sonegação.

GERVÁSIO — Quanto você está ganhando agora?

GUIMARÃES — O mesmo que você, não é? Vinte e oito contos, fôra os descontos. Com a reforma vou passar para uns 40.

GERVÁSIO — Como isso?

GUIMARÃES — Claro. Você também; isto é: você um pouco menos porque tem menos tempo de serviço. Eu vou ser aumentado e reclassificado.

GERVÁSIO — E se não sair a reforma?

GUIMARÃES — Como, não sair! Então você não acompanhou os trâmites?! Já está tudo pronto, aprovado e sancionado. Na semana que vem está na rua.

GERVÁSIO — E se você não fôr promovido, nem aumentado?

GUIMARÃES — Não póde ser.

GERVÁSIO — Nesta terra tudo é possível.

GUIMARÃES — Então, seria o caso de se rasgar o Estatuto do Funcionalismo Público. Mais ainda: Jogar fôra a Constituição.

GERVÁSIO — E quantas vêzes já se violou a Constituição? Não seria a primeira e nem a última.

GUIMARÃES — É. Por incrível que pareça, isso póde acontecer. Você sabe de alguma coisa? Vão dar com tudo para trás?

GERVÁSIO — Não sei de nada. É só uma hipótese. Estou argumentando para provar que você não está com tôda a razão neste seu caso aí. Nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Você não póde se transformar num escravo incondicional das suas obrigações, quando a Instituição a que você serve não merece essa incondicionalidade. Ninguém é profeta em sua terra. Não. Não é êsse o provérbio. Não se deve ser mais realista que o rei. Se o Govêrno póde amolecer com os maquinistas, porque há de ser você que vai endurecer? Vai preparar o prato para êles comerem lá em cima?

GUIMARÃES — Isso é da vida, meu velho.

Serviço de Censura de Diversões Públicas D. P. F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 229

astuto a propor a você. Vou falar por descargo de consciência, e digo mais, para seu bem, para seu bem estar e de Filipes e da Dalva também. De tostão a tostão se faz um milhão. Uma ova! Não é na cavada que se fica rico! não! A gente fica rico explorando o trabalho dos outros. Matheus, primeiro os teus. Essa é a ordem. Olha, Guimarães: o advogado do sindicato dos maquinistas é meu primo e mais que parente: meu amigo. Parentes os dentes, diz o ditado. Mas o homem é meu amigo aqui do peito. Posso falar porque tenho a máxima confiança. É aqui, entre quatro paredes. Eu falo, está falado, se você não topar azar seu. Os homens estão apavorados com êsse processo aí que está nas suas mãos. Se essa sua autuação vingar, êles estão perdidos. Vai ser uma quebradeira geral. É uma questão de vida ou de morte.

GUIMARAES — Mas êles podem pagar em prestações.

GERVÁSIO — E a multa?

GUIMARAES — É possível que se releve a multa. O advogado, seu primo, criou uma teoria sôbre a não incidência do impôsto. É uma teoria absolutamente falsa. Puro sofisma. Mas tem sua habilidade, não há dúvida. Talvez por meio dela, com boa vontade, relevem a multa, quem sabe?

GERVÁSIO — Pois olhe, meu velho: êles estão com mêdo. E estão com tanto mêdo que me incumbiram de falar com você. Se você der um jeito nisso...

GUIMARAES — Como é que eu posso dar um jeito nisso?!

GERVÁSIO — O chefe já sabe de suas conclusões?

GUIMARAES — Claro que sabe. Pois foi êle que levantou a lebre.

GERVÁSIO — Foi você.

GUIMARAES — Sim. Êle cismou com os maquinistas. Pediu-me para fazer a verificação. Êle está a par de tudo.

GERVÁSIO — Não tem importância. Deixa o chefe comigo que eu controlo...

GUIMARAES — Controla, como?!

GERVÁSIO — Minha primeira etapa é aqui com você. Os homens estão dispostos a lhe dar três milhões em gaita viva, para você dar para trás com essa incidência. Três milhões! Três mil abobrinhas! Nem mais e nem menos!

GUIMARAES — Mas não é possível!!

GERVÁSIO — O que não é possível? Arquivar êsse negócio?

GUIMARAES — Não. Não é possível eu me vender. Êles querem me comprar, Gervásio! E você está se prestando a isso!

GERVÁSIO — Vender... comprar... não são êsses os têrmos exatos. Tres milhões é uma pequena fortuna. Nem você vai se vender, nem êles vão lhe comprar. É uma questão de tese. Você vai ao jurista. Vai consultar o advogado. Vai pedir um parecer. Você faz a consulta e êle pergunta "O senhor quer sim ou não?" — Porque? Porque se o senhor quiser uma resposta afirmativa, tem o que citar os livros do lado esquerdo". Então? Tudo é interpretação. Êles pedem a sua boa vontade para uma interpretação favorável. O caminho já está preparado. Você concorda com a tese do advogado, meu primo, que é mais inteligente que você e conhece direito e pronto. Estará com uma renda aí de sessenta contos por mês. Mais que o dôbro de seu ordenado. E não cria inimigos e não planta para os outros colherem. E ninguém póde falar nada, meu velho, porque quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho.

GUIMARAES — Então, êles me pagam três milhões?! E o chefe?!

GERVÁSIO — Tem rabo de palha. Deixa que eu controlo êle. Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.

GUIMARAES — Eu não posso fazer isso.

GERVÁSIO — Porque? São três milhões, meu velho. Pagos na bôca do cofre, em moeda corrente do país. Não fica rabo, não. Você está louco! É sua independência! É um automóvel. É um apartamento melhor para sua família! Não pense só em você, meu velho!

GUIMARAES — É. O negócio é duro! Porque você vem me fazer uma proposta dessas?! Porque você vem me criar êsse problema? Nunca pensei nessa hipótese.

GERVÁSIO — Porque um dia é da caça e outro do caçador. A araruta também tem seu dia de mingáu.

GUIMARAES — Já ouvi êsse ditado. Não, Gervásio, não posso aceitar essa proposta. Até devia repudiá-la mais enèrgicamente. Sinto-me culpado de não a ter repelido liminarmente.

GERVÁSIO — Você é um louco!!

GUIMARAES — Você quer dizer outra coisa: que eu sou uma bêsta. Burro! Burro! Póde ser. Mas nasci assim. Que é que você quer que eu faça? Não dou para êsses golpes, não. Eu tenho que ir devagar, devagar. Olhe: com o aumento da reforma, sou capaz até de comprar um automóvel. De segunda mão, é claro. Para que eu vou me lançar em altas cavalarias? Enveredar por êsses caminhos? Não. Você me desculpe, Gervásio, mas não posso aceitar.

GERVASIO — Quer dizer que você recusa os três milhões?

Censura de Diversões Públicas
D.P.F.
SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.230

GUIMARÃES — É. Recuso. Dá dó, mas recuso.

GERVÁSIO — Por honestidade?

GUIMARÃES — Não sei. Talvez, sim. Por princípio.

GERVÁSIO — Que loucura! Você vai é botar na mão do Chefe êsses três milhões, você vai ver!

GUIMARÃES — Paciência.

GERVÁSIO — Êle já está rico. Agora é sua vez! Isso é de amargar! Êle vai dar para trás com a sua autuação, com todo o seu trabalho. Vai virar herói e se encher da gaita! À sua custa! Vai ver que já fêz isso de propósito! Tocou você na frente para criar a dificuldade e vai vender a facilidade. À sua custa. E quem faz o papel de bôbo será você. Tem dó, Guimarães, tem dó!

GUIMARÃES — Eu sou assim, que é que você quer que eu faça? Você pensa que eu gosto de ser assim? Não gosto.

GERVÁSIO — Você disse que ainda não concluiu o serviço?

GUIMARÃES — Falta muito, ainda.

GERVÁSIO — Quantos dias?

GUIMARÃES — Uns quinze, trabalhando aqui em casa.

GERVÁSIO — Então você tem tempo para pensar. Não apresente o trabalho sem primeiro falar comigo. Não me vá fazer essa falseta.

GUIMARÃES — Não adianta nada. Mostre ou não mostre, o que está feito está feito.

GERVÁSIO — Não. Você vai pensar. Não se jogam três milhões assim pela janela, não. Você vai pensar. Tem quinze dias para pensar. Se você não voltar atrás, azar seu, não posso forçar, nem fazer mais do que fiz.

(Entram Floripes e Dalva. Floripes vestida para sair saia e blusa, com um sanduíche na mão e um copo de leite na outra.)

GERVÁSIO — Que tal? Floripes?

FLORIPES — Bom dia. Gerváslo.

GERVÁSIO — Que leite é êsse? Vocês não vão almoçar? Vim filar a bóia. Hoje é dia de feira, não?

FLORIPES — Estamos sem empregada. Ela foi despedida. Ou melhor, despediu-se, porque eu a proibi de ver televisão.

GERVÁSIO — Bem. Então vamos todos almoçar no Gigetto. Eu estou convidando. Marca-se o ponto e vamos todos ao Gigetto. Por minha conta e risco. Eu vinha filar a bóia, mesmo. Não havendo, é justo que eu os convide. Póde deixar êsse leite e êsse sanduíche.

FLORIPES — Eu aceito.

GERVÁSIO — Há males que [illegible]. Vamos, Guimarães.

GUIMARÃES — Não. Eu não vou. Fica para outra ocasião.

FLORIPES — Que cara é essa, Guima? O que foi que aconteceu, que o Guima está com essa cara de organização social de luto?

GERVÁSIO — Claro. Não é para menos. Acaba de jogar fóra, pela janela, assim, olhe (vai à janela e faz gesto de quem atira) três milhões de cruzeiros! E sabe quem está lá em baixo? O chefe. O chefe. dêle, para pegar a gaita que êle jogou fóra!

FLORIPES — Como?! Três milhões?! Onde estão?!

GERVÁSIO — Aí. Nessa papelada. Uma questão de interpretação. Nada mais. Se êle chegar à conclusão de que o impôsto não é devido, êle ganha três milhões, ali, na batata.

FLORIPES — E qual foi a sua conclusão, Guima?

GUIMARÃES — Estou convencido de que o impôsto é devido.

FLORIPES — Estava convencido, mas não está mais.

GUIMARÃES — Não é assim, como você pensa, Floripes.

FLORIPES — Se você pensa que eu vou deixar você jogar três milhões pela janela, você está muito enganado! Só louco é que rasga dinheiro. Eu não estou louca. Você está, Dalva?

GERVÁSIO — Bem. Ainda há tempo. A resposta não é definitiva. O Guimarães tem 15 dias para pensar.

FLORIPES — Isso nem tem o que pensar. Vamos almoçar. Deixe o louco aí. Depois nós conversaremos. Vamos embora. Se êle não aceitar êsse negócio eu me mato. Isto, é, mato êle primeiro, que nasceu antes de mim. Não. A miséria tem que acabar nesta casa. E só ver os outros comendo a carne, na cara da gente, e a gente roendo osso?! Não. Isso vai acabar. Chega de filosofia. Chega de psicologia. Hoje o que vale é o metal sonante. A gaita. L'argent, money, plata ... O resto é conversa. Ciáo, meu Robespierre de araque. Vamos embora. Vem, Dalva. Vamos fazer êste gaúcho gastar uns cobres.

(Floripes sai. Dalva beija o irmão, que fica perplexo, estatelado na cadeira.)

GERVÁSIO — Até logo, Guimarães. Que o Espírito Santo ilumine tuas idéias.

Saem os três. Guimarães fica estático por uns momentos. Está pensando intensamente. Quase fala sòzinho. Começa a arrumar a papelada. Põe a gravata. Veste o paletó. Quando entra Edwiges.)

EDWIGES — Eu vol[illegible]

GUIMARÃES — [illegible]

[illegible] fôra?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 231

EDWIGES — Eu vi êles, mas êles não me viram. Me escondi na escada. Quando tomaram o elevador, eu entrei. Eu ainda tenho a chave. Eu voltei só por sua causa, seu Guimarães.

GUIMARÃES — Muito obrigado.

EDWIGES — É verdade. Não é brincadeira, não. Com Dona Floripes empregada nenhuma fica no emprêgo. Eu sei. Conheço minhas colegas. Patrôa que implica com um ôvo, com televisão, com não sei o quê, não guarda empregada. Não ficam nem um mês na casa. Eu ganho 4 mil cruzeiros por mês... Olhe, seu Guimarães: nem por oito mil. Ninguem aceita. Com implicância ninguém aceita. Eu fico, por sua causa. O senhor não merece ficar sem empregada. Depois eu sei que o senhor já se acostumou com minha comida... O senhor não almoçou? Vou preparar o seu almôço...

GUIMARÃES — Obrigado, Edwiges, mas não há mais tempo.

EDWIGES — Um instantinho só. Eu frito dois ovos, passo um bife na chapa...

GUIMARÃES — Não há tempo. Olhe: eu como isto aqui (e pega no copo de leite e no sanduíche que Floripes deixou em cima do móvel. E principia a comer.)

EDWIGES — É pena. O senhor trabalha muito. Precisa comer bem. Assim, ninguém aguenta.

GUIMARÃES — Você me prepare um jantar bem reforçado. Agora não tenho fome. Aconteceu tanta coisa aqui em casa, hoje de manhã, que eu perdi a fome.

EDWIGES — O senhor me desculpe, mas essa gente não compreendo o senhor. Eu compreendo...

GUIMARÃES — Não chame minha mulher de essa gente...

EDWIGES — Eu pedi desculpas. Eu não tenho educação, mas tenho sentimento. Eu compreendo o senhor. E eu gosto do senhor. Não é gostar de... de coisa... não. Eu gosto do senhor espiritualmente. O senhor é como meu falecido padrinho. O senhor é um bom. E hoje em dia, com o progresso, contra o subdesenvolvimento, ninguém compreende uma pessoa boa. E é tão fácil compreender. Mas tudo está voltado para o mal: Diz que foi a bomba atômica que espalhou mal pelo ar. Eu não sei. Mas gente boa está fôra de moda.

GUIMARÃES — Até logo, Edwiges. Então, um bom jantar, hein? olhe as ordens de Dona Floripes...

EDWIGES — Já sei: nada de televisão, néca de levar coisas para casa e néca de receber visita. Está certo.

(Guimarães já saiu, com sua papelada que pôs numa pasta.

Edwiges cantarola baixinho. Pega na vassoura. Vai principiar a limpeza da sala. Ela agora é a dona. Senhora da situação, vai à televisão e liga, com a maior calma dêste mundo. Nem dá bola. Continua cantarolando e bulcia a limpeza. Surge a imagem no aparelho de televisão.)

PANO

FIM DO PRIMEIRO ATO

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - SP/MG

SEGUNDO ATO

(Mesmo cenário.

Nove horas da noite, uma semana depois.

Floripes em cena, procura qualquer coisa pela sala. Chama pela empregada.)

FLORIPES — Edwiges! Edwiges!

VOZ DE EDWIGES — Senhora!

FLORIPES — Onde é que está o "Grande Hotel", que estava aqui na sala?

(Edwiges aparece.)

EDWIGES — Grande Hotel?!

FLORIPES — Sim. O último número

EDWIGES — Acho que seu Guimarães emprestou para dona Hermengarda.

FLORIPES — Porque havia de emprestar?!

EDWIGES — Ela sempre pede e êle sempre empresta. Os números atrasados.

FLORIPES — O que estou procurando é o número desta semana, que comprei há dois dias. Ainda não li e êle já foi emprestar!

EDWIGES — Vai ver que êle não sabia que era o último número.

FLORIPES — Não estará com você?

EDWIGES — Ora, dona Floripes! Que desconfiança! Para que que eu quero aquilo?! Eu nem sei ler!

FLORIPES — Não precisa saber ler. É história de quadrinho.

EDWIGES — Juro por tudo quanto há de mais sagrado que não bulí nessa revista!

FLORIPES — Então, péde à vizinha. Se está com ela, que devolva. As coisas nesta casa, quando emprestadas, tem dois V.

(Edwiges vai à janela e chama.)

EDWIGES — Dona Hermengarda! Dona Hermengarda!

VOZ DE HERMENGARDA — Que é?

EDWIGES — O patrão lhe emprestou o último número do Grande Hotel? A senhora tem êle?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.232

VOZ DE HERMENGARDA — Emprestou hoje de manhã. Está aqui comigo.

EDWIGES — É que a patroa ainda não leu. A senhora me devolve que depois ela empresta.

VOZ DE HERMENGARDA — Não tem dúvida. Eu também posso comprar a revista. Se quiser, não precisa emprestar.

EDWIGES — Não é isso. Ela não está reclamando. Ela quer é ler. Depois que ler não interessa, que ela não faz coleção.

VOZ DE HERMENGARDA — Já sei. Já sei. A gente não deve é pedir as coisas emprestado para não passar por êsses carões. Vou devolver aqui, pela janela mesmo.

EDWIGES — Pela janela não, que póde cair lá embaixo. Eu vou buscar aí na sua porta. Um momento.

(Edwiges sai da janela.)

FLORIPES — Além de maleriada, é mal agradecida essa Hermengarda.

EDWIGES — É uma infeliz!

(Sai. Instantes depois volta Edwiges com a revista.)

EDWIGES — Está aqui, dona Floripes.

(Floripes pega a revista, prepara uma luz junto à poltrona, enquanto Edwiges sai para a cozinha.

Floripes liga a televisão e depois se acomóda na poltrona, iniciando a leitura. A imagem surge. Ela levanta-se da poltrona para acertar o som. Volta. E mergulha na leitura da história de quadrinho.

Edwiges aparece pronta para sair. Terminou o serviço diário e Edwiges vai se embora para sua casa. Leva uma bôlsa grande, quase um balaio. Sente-se que ela quer esconder o balaio de Floripes.)

EDWIGES — Até amanhã, dona Floripes.

FLORIPES — (Distraída na leitura) Até amanhã.

(Edwiges passa, está quase à porta, quando Floripes dá com o balaio.)

FLORIPES — O que é que você está levando aí, nêsse balaio?

EDWIGES — Não é balaio, não senhora. É bôlsa.

FLORIPES — Bôlsa dêsse tamanho?

EDWIGES — Que é que a senhora quer? São exigências da moda!!

FLORIPES — Que é que você vai levando nessa bôlsa?

EDWIGES — Nada.

FLORIPES — Nada?! A bôlsa recheada dêsse geito?! Abre aí, quero ver.

EDWIGES — Ora, dona Floripes! Não posso abrir! São coisas íntimas!

FLORIPES — Não tem importância. Só eu estou aqui. Abre.

EDWIGES — São umas coisas à tôa. É um porquinho de comida que sobrou. O seu Gulmarães não veio jantar. Sobrou alguma coisa. Não adianta guardar para amanhã. Não dá. Tem que fazer arroz novo, mesmo. Eu não vou misturar arroz novo com arroz velho. Assim, nem um nem outro. Estraga tudo. Se tivesse qualquer serventia, eu juro, dona Floripes, que eu deixava. Eu não levava. Nêsse ponto eu sou muito direita. Nunca roubei casa de patrôa. Deus me livre! Mas, não tendo serventia...

FLORIPES — Porque você não fala antes? Não pede licença? Eu não sou pão dura! O que não acho direito é você levar as coisas sem me falar.

EDWIGES — É que a gente tem vergonha de pedir essas micharias. Parece que a gente está passando fome! A gente sente vergonha. (Edwiges começa a falar chorosa e depois chora mesmo.) O pior é que a gente precisa mesmo. O Dito está sem emprêgo. Deu de beber. E assim piora tudo. Bebe porque não tem trabalho. Não tem trabalho porque bebe. E a fome bate na porta da gente. É uma infelicidade! A senhora não sabe. Mas a vida está dura. Muito dura. Dizem que aqui no Brasil ninguém passa fome! Uma ova! Passa, sim senhora. Tem muita gente que não come nada. Almôço e jantar todo o dia é luxo. Só quem está bem.

FLORIPES — Eu não faço questão nenhuma que você leve as coisas. Olhe: póde levar uns ovos. Amanhã é dia de feira vou comprar mais. Hoje não precisa. Quantos tem ai na cozinha?

EDWIGES — Tem três.

FLORIPES — Devia ter quatro.

EDWIGES — Puxa, vida, que a senhora conta!

FLORIPES — Conto, mesmo. Não gosto de passar por bôba.

EDWIGES — Pois, desta vez, com perdão da palavra, a senhora bolou, porque tinha um ôvo que estava pôdre. E eu não boto ôvo pôdre na comida. Então, tive que quebrar outro. Nesse ponto eu sou muito honesta. Não tenho costume de roubar patrão, não. A senhora póde se informar nas casas onde estive. Se saí foi por incompatibilidade de gênio. Meu gênio não combinava com o da patrôa. É como aqui. A senhora é boa, mas tem mau gênio. Eu não combino com a senhora. Mas combino com o patrão. O seu Gulmarães é muito boa pessoa. Eu gosto dêle. Não pensa que é outra coisa. Não é, não senhora. Eu gosto de seu Gulmarães sem malícia. Nunca dei bola para patrão. Com bebida ou sem bebida, tenho o meu Dito, lá em casa, que me dá muito tra-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p 233

balho. De homem estou cheia. De homem quero sossêgo. Gosto de seu Guimarães porque êle é um santo. E de santo a gente não gosta para safadesa. Agora, se a senhora quer que eu devolva essa micharia de resto de janta, que eu levo, eu devolvo, mas é para botar no lixo, porque não tem serventia.

FLORIPES — Não precisa devolver nada. E se vocês estão precisando, póde levar os ovos. Póde levar o que quiser. O que não gosto é de fazer papel de idiota. É uma questão de disciplina. Eu sou a patrôa. Tenho que controlar a casa. Gosto de sabêr o que estou dando. Gosto de saber o que se está passando na casa. Não é pãodurismo, não. É minha obrigação de dona de casa. Ninguém gosta de ser roubada.

EDWIGES — Mas ninguém está roubando a senhora. Isso não é roubo.

FLORIPES — Não sendo seu e não tendo licença, é roubo, sim. É pequeno. Roubinho sem importância, mas não deixa de ser roubo. Então o que é?

EDWIGES — É... é... é sobejo.

FLORIPES — Está bem. Seja o que fôr. O nome não tem importância. Póde levar. Leve os ovos também.

EDWIGES — Deu. Está dado. Amanhã eu levo.

FLORIPES — Quando houver qualquer sobra, você me fale, mas pede licença, que eu dou. Eu deixo levar. Não vá fazer sobrar de propósito, que aqui em casa não nadamos em dinheiro. Nós também temos nossas dificuldades. Não é por gôsto que moro aqui neste cortiço.

EDWIGES — A senhora fala à tôa. A senhora não sabe o que é cortiço. Isto aqui é palácio, perto donde eu moro. É palácio, dona Floripes. A senhora nem deve falar, que Deus castiga...

FLORIPES — É tudo muito relativo, Edwiges. Enfim, não tem importância. Até amanhã. E venha cêdo, que é dia de feira. Não vá me fazer como da semana passada.

EDWIGES — Sim, senhora, dona Floripes. Amanhã às oito horas estou aqui. Então, até.

FLORIPES — Até amanhã.

EDWIGES — Muito obrigada, dona Floripes. Desculpe qualquer má palavra.

(Edwiges sai. Floripes considera um pouco sua saída e volta à sua leitura, depois de desligar a televisão. Momentos depois entram Dalva e Gervásio. Dalva acende a luz maior da sala.)

GERVÁSIO — Que tal?

FLORIPES — Como vai, Gervásio?

GERVÁSIO — Onde está o Guimarães?

FLORIPES — Não veio jantar. Tinha que ir a uma reunião depois do serviço. Até agora não apareceu.

GERVÁSIO — Como vai o nosso negócio?

FLORIPES — Que negócio?

GERVÁSIO — Dos três milhões.

FLORIPES — Não progrediu nada.

GERVÁSIO — Você falou mais vêzes com êle?

FLORIPES — Falei. Falei duas vêzes.

GERVÁSIO — Estou achando que você não está muito empenhada. Olhe que são três milhões! No mínimo sessenta mil por mês! Se quiser apurar no juro, serão uns noventa mil por mês. Não é para se desprezar.

FLORIPES — Eu sei, Gervásio. Eu sei. Ninguém está mais interessada do que eu. Mas é preciso ir com calma. Já falei. Já insisti. Nada. Êle parece nem me dar atenção. Fica me olhando como se eu fôsse uma parede. Estou esperando uma ocasião. Um determinado momento. Não sei. Ainda não dei o ultimatum. Ainda não briguei, nem ameacei. Vamos ver. Se êle deixar escapar esta ocasião, nem sei o que faço...

GERVÁSIO — Devagar com o andor que o santo é de barro, diz o ditado.

FLORIPES — Êle tem muita esperança na reforma. Tem certeza de que vai ter um bom aumento, vai ser promovido. A ocasião não é muito propícia...

GERVÁSIO — A ocasião faz o ladrão. Pois parece que ela se apresentou. Nem que fôsse encomendada! Agora, acho que a coisa será fácil. É aproveitar o momento psicológico. A reforma saiu e êle não foi promovido, e nem aumentado...

FLORIPES — Será possível?!!

GERVÁSIO — Será, não. É. Consumatum est. O melhor da festa é esperar por ela. A coisa saiu e êle continua na mesma. Na mesma, não. Muito pior, porque muita gente passou na frente dêle. Bem... mal de muitos consolo é... Êle não ficou sòzinho. Tôda a classe dêle foi prejudicada. Só onde êle trabalha foram uns 15. Fóra os outros setôres...

FLORIPES — Então, êle já sabe?

GERVÁSIO — Deve saber, com tôda a certeza.

FLORIPES — Sabe. Achei êle meio transtornado quando me disse que não viria jantar. Essa reunião deve ser já com o pessoal ..

GERVÁSIO — É. Já foram se reunir para tomar providências. Hão de cavar alguma coisa! Cavar nada! Aqui é assim: não dão valor a quem tem valor. Ah! Se fôsse comigo! Deus dá nozes a quem não tem dentes. Eu no lugar do Guimarães estaria pôdre de rico. Eram dois golpes dêsses por ano!

FLORIPES — Mas foi uma enorme injus

Censura de Diversões Públicas D.P.F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.234

...iça! Como puderam fazer isso? Guima disse que já estava tudo resolvido!

GERVÁSIO — Levaram êle no bico. Direitinho. Passaram êle para trás. Agora é malhar o ferro enquanto está quente. Hoje êle vem aqui tinindo. Com raiva de todo o mundo. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. To night or never.

FLORIPES — O Guima é de muito boa fé. Por isso que fazem isso com êle.

GERVÁSIO — Pois agora acabou-se. Amor com amor se paga. Se fizeram a sujeira com êle... Quem rouba ladrão tem cem anos de perdão... Bem... o resto é com você. Você sabe o que faz. Conhece o marido que tem. Não vou ensinar Padre Nosso ao vigário. O momento psicológico está aí dando sôpa. Não é que eu estivesse torcendo para o Guima ser prejudicado. Mas... há males que vêm para bem... Assim, êle aprende o caminho. Êles mesmo é que mostraram. Agora se aguentem. E não têem que aguentar nada. É tudo assim. Quem tem o seu vintém bebe logo. Não se aflija, que êles não aumentaram e nem melhoraram a classe do Guimarães, já pensando nisso. Êles sabem que a turma come mesmo. E comendo, não precisam, não reclamam. Malandro não estrila...

DALVA — Mas o Guima nunca fêz isso!

GERVÁSIO — Ah! Até que enfim você deu o ar de sua graça.

DALVA — Estive ouvindo. Vocês não me deram chance.

GERVÁSIO — Minha filha: a regra é a desonestidade. Essa é a verdade. Nós sabemos que o Guimarães é um sujeito batata. Que não está na gaveta de ninguém. Quem lida com êle sabe disso. Mas os de cima não sabem. Para êles, todos são iguais. E estão certos. O Guimarães é que está errado. Gente como o Guimarães, hoje não existe. Bem... vou indo. É melhor que êle não me encontre aqui. O trabalho é vosso. Olhe que são ...s milhões; é um barbadão. Em menos de ... dias o Guimarães estará com a mão na massa...

FLORIPES — E você não leva nada nisso?

GERVÁSIO — Pura camaradagem. É para servir o meu primo e também vocês. Vocês ... daqui do peito. É justo que vocês tenham ...a folga. Bem... você entra com o jôgo direitinho. É melhor deixar vocês operarem. Vocês são da família. Roupa suja lava-se em casa. O momento é ultra psicológico. Não vá entornar o caldo. Vá com diplomacia. Com ... e jeito... bem...; êsse, não. ... é ... ... você já sabe, não é? ... Êle é seu irmão. ... ...da...

DALVA — Eu não me meto nisso. Deixa a Floripes...

GERVÁSIO — Como não se mete nisso? Você também tem seu interêsse, ora bolas!

DALVA — Não gosto de interferir na vida dos outros.

GERVÁSIO — Isso não é interferir. Estamos pedindo apenas a sua colaboração...

FLORIPES — Deixa a Dalva. Ela parece que tem mêdo do irmão...

DALVA — Não. Não é mêdo. É respeito. Acho que é um assunto muito delicado êsse de bulir com consciência...

FLORIPES — Consciência! Consciência! Isto é conversa! Onde é que está a consciência do pessoal que fêz a reforma? Onde? A consciência está no estômago e não na cabeça. O homem trabalha dia e noite, todos os dias. Traz serviço para casa, todos os dias! Alguém reconheceu isso? Nada. Reconheceram nada. Ao contrário. Coice. Só deram coice! O idiota do Guima ficou para trás! Idiota mesmo. Pois agora é pagar na mesma moeda...

GERVÁSIO — Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Bem, minha gente: parece que estamos entendidos. Ciáo. Amanhã vocês me contam o resto. A Dalva me conta. Entra com o jôgo, Floripes. Deixa a Dalva, que é meio mole. É como o irmão. Quem sai aos seus não degenera. Ciáo!

FLORIPES — Até amanhã, Gervásio. O pior é se a galata não sair. A gente ter todo êste trabalho de convencer o cabeçudo do meu marido e no fim êles passam o bôlo e não dão o dinheiro!

GERVÁSIO — Isto é comigo. Quando chegar na hora, é comigo Manja aqui o papai. Já está tudo pensado e combinado. Não tenha o menor receio. É macuco no embornal. Depende de vocês. Ciáo!

(Gervásio sai. Dalva o acompanha, Floripes pega a revista.

Instantes depois Dalva vem de volta.)

FLORIPES — Eu não sei porque êsse camarada não casa você!

DALVA — Eu também não sei

FLORIPES — Sujeito gosado êle! Fala do Guima! Fala de todo o mundo! Mas onde está o dinheiro dêle? Êle devia ganhar muito dinheiro, com as teorias dêle!

DALVA — O cargo dêle é diferente do de Guima. Mas êle ganha muito dinheiro. Gasta. Gasta tudo.

FLORIPES — Mas não gasta ... ... Pelo menos, que gastasse com ...

DALVA — E porque ... ...folga?

FLORIPES — Então, ...

D...
Gasta...
nos c...
às co...
F...
D...
F...
para...
D...
F...
Êle n...
tão, ...
D...
essa?...
migo...
F...
D...
cada...
Que ...
F...
da êle...
D...
êle fiz...
promo...
reito.
F...
deu. É...
Agora,...
ver o...
DA...
à justi...
prejud...
FL...
anos ...
questã...
DA...
no fim...
FL...
A mág...
Êle ter...
vinganç...
você n...
que nã...
Mas co...
ficar q...
quem ...
que, at...
sem gr...
ninguém...
cabeça...
pre fic...
do. Afi...
aument...
lhorar...
reitinho...
que ...
t...

Serviço de Censura de Diversões Públicas — D. P. F. — SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.235

DALVA — Acho que não. É desperdiçado. Gasta em besteiras. Joga. Perde um dinheirão nos cavalos. De vez em quando vou com êle às corridas. Vejo quanto êle perde.

FLORIPES — Você devia controlar...

DALVA — Eu não! O dinheiro é dêle!

FLORIPES — A coisa está muito mole para êle. Você é que é bôba...

DALVA — Cada qual sabe de si.

FLORIPES — Comigo a coisa ficava fino. Êle não é solteiro? Você não é solteira? Então, porque não se casam?

DALVA — E porque havia de casar? Ora essa? Eu não posso obrigá-lo a se casar comigo. Nem estou interessada.

FLORIPES — Nessa não caio.

DALVA — Não me interessa. Acho que cada qual sabe onde lhe aperta o sapato... Que injustiça que fizeram com o Guima, heim?!

FLORIPES — Foi bem feito! Quem manda êle ser de boa fé?

DALVA — O que é que você queria que êle fizesse? Foi traído. Disseram que iria ser promovido e aumentado. Aliás, êle tem direito.

FLORIPES — Está certo. Agora aprendeu. Êle não podia ter feito nada. Agora pôde. Agora, êle sabe como são com êle. Vamos ver o que vai fazer.

DALVA — Com tôda a certeza vai recorrer à justiça; êle e os demais colegas que foram prejudicados.

FLORIPES — Boa noite! E adianta? Leva anos e anos discutindo. Quando ganhar a questão, já está no Araçá. Se ganhar...

DALVA — Se tiver de ganhar, ganha. E no fim recebe tôda a diferença ..

FLORIPES — Vá esperando! E a mágua? A mágua da injustiça, quem é que paga? Não. Êle tem de dar um jeito. Nem que seja por vingança. Mas deixa isso comigo. Só peço que você não me atrapalhe. Sua colaboração, sei que não vai adiantar. Você é mole como êle. Mas comigo, não. Eu não sou de apanhar e ficar quieta, não. Sujo por sujo, vamos ver quem sai ganhando. Você é testemunha de que, até agora, não forcei. Só pedi. Pedi só, sem grande empenho. Não quero transformar ninguém. Não quero que digam que virei a cabeça de ninguém. Fiquei quieta, como sempre fico. Fico calado. Só apreciando. Esperando. Afinal de contas, êle ia ser promovido; aumentado. Está certo. Vai ganhar bem, melhorar de posição. Está certo. Vamos agir direitinho. Bom por bom, ninguém é melhor que eu. Me fizeram sujeira. Passaram êle pra trás. Nem aumento, nem promoção e muito menos satisfação. Não. Essa, não! Agora, a coisa é comigo. Eu não tenho escrúpulo de barata, não. Deixa êle vir aí, que eu vou dar o baile! Pode ser até que não precise. Pode ser que êle venha e diga logo: "Floripes: chama o Gervásio. Vamos resolver o negócio". Aí, vai ser ótimo! Mas êle é um tímido. Não tem pelo. É como você: não tem pelo para fazer o Gervásio casar. Então, eu entro. Porque não durmo de botina. Até agora fiquei calada. Esperei. Agora é minha vez.

DALVA — Bateu a porta do elevador. Deve ser êle.

(Floripes se cala. As duas ficam em expectativa. Barulho de porta. Entra Guimarães. Aspecto normal. Talvez com a fisionomia um pouco carregada. Nada mais. Entra calmamente. Tira o paletó. Senta-se. Floripes ataca a conversa.)

FLORIPES — Como foi de reunião?

GUIMARÃES — Foi bem.

FLORIPES — Você jantou?

GUIMARÃES — Não.

FLORIPES — Não comeu nada?

GUIMARÃES — Não.

FLORIPES — Você não está com fome?

GUIMARÃES — Nem um pouco.

FLORIPES — Posso fazer qualquer coisa para você. Ovos fritos. Você não pôde ficar sem comer. Vou ver dois ovos quentes. Ovos quentes, um copo de leite, pão com manteiga e depois um cafèzinho..

GUIMARÃES — Não, Floripes. Não precisa. Estou completamente sem apetite. Aceito um cafèzinho.

FLORIPES — Guima, meu bem. Você precisa se alimentar. Vou ver um café e uns biscoitos. Um momentinho só. Você deve estar muito cansado. Aborrecimento também cansa muito a gente.

(Floripes sai.)

DALVA — Esqueceram mesmo de você na reforma? Totalmente?

(Guimarães confirma com a cabeça as duas perguntas.)

DALVA — Era de se esperar isso?

GUIMARÃES — Não. As informações eram positivas. Não posso imaginar o que houve. Ninguém, na reunião, soube explicar ... Não havia razão ... motivo ... Ainda não compreendo ... Foi de fato, uma decepção. Nós todos ficamos perplexos. A princípio, poderia parecer um êrro de impressão. Essas publicações oficiais muitas vêzes saem com incorreções ... com omissões ... Fomos ver, fomos consultar. Estava tudo certo. A classe tôda foi preterida.

DALVA — É incrível que isso aconteça! E o que é que vocês vão fazer?

GUIMARÃES — Já resolvemos tudo. Vamos fazer uma representação ao Govêrno.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 236

Uma reclamação administrativa. Se não formos atendidos, entraremos com um mandado de segurança.

DALVA — Não vai demorar muito?

GUIMARÃES — Eu fui contra o administrativo. Por mim, entrávamos logo com o mandado de segurança. Assim não se perderia tempo. Depois de muita discussão e de muito falatório, encontrou-se uma solução intermediária: se dentro de três semanas não atenderem o pedido, vamos ao Judiciário.

DALVA — E na Justiça não demora muito?

GUIMARÃES — Mandado de segurança, não. É imediato e não há jeito de se perder.

DALVA — Foi uma injustiça muito grande. Acho até que foi uma desconsideração. Afinal de contas...

GUIMARÃES — Foi uma grande besteira dêles, isso sim. Incapacidade... incompetência. Nem sabem o que estão fazendo! Nós não vamos perder nada. Nem tempo. Porque vão pagar todos os atrazados. Perde a administração pública, porque um fato dêsses tira todo o estímulo. A turma já não gosta muito de trabalhar...

DALVA — Você gosta. Trabalha fóra do expediente. Serviço extra sem ganhar nada.

(Entra Floripes com chinelos, para Guimarães. Floripes está muito solícita. Tira os sapatos de Guimarães e lhe calça os chinelos.)

FLORIPES — Eu sempre dizia para êle. Porque trabalhar fóra de expediente? Eu sempre disse. Já pus a água no fogo. Vamos tomar um café fresquinho. Tem presunto lá, meu bem. Você não quer um sanduíche de presunto?

GUIMARÃES — Não. Café com biscoito... está bem. Muito obrigado.

FLORIPES — Sujeira grossa fizeram com você, hein, Guima?!

GUIMARÃES — É.

FLORIPES — Não há de ser nada. Você agora pega a sua vingança. Que foi um desafôro, foi.

GUIMARÃES — No fim, dá tudo certo.

FLORIPES — E a raiva? Eu não posso com injustiças. Até faz mal para a gente. Essas injustiças é que acabam com a gente. A maioria dessa gente aí, que morre do coração, é por causa das injustiças. A pessoa já vive cansada de trabalhar muito, ainda sofre um desgôsto, é o coração que paga. Bem, vou ver o café.

(Floripes pega o paletó e os sapatos de Guimarães e sai. Assim que ela sai, Dalva bate três vêzes na mesa.)

GUIMARÃES — [illegible] isso?

DALVA — [illegible] clima.

GUIMARÃES — O Gervásio andou por aqui?

DALVA — Foi êle que nos contou.

GUIMARÃES — Que é que êle acha?

DALVA — Como você. Ficou admirado. Êle não acredita muito no sucesso de suas reclamações.

GUIMARÃES — O que é que se há de fazer? O caminho é êsse. É o único caminho indicado. Greve não é possível. Funcionário público não faz greve. Temos que ir pela justiça.

DALVA — E porque não vão pela política?

GUIMARÃES — Isso também já foi discutido. É impossível. É tudo do contra. Não tem um lá, que tenha pistolão seguro. As opiniões políticas na classe são muito divergentes. Quem vai pedir? E a quem?

DALVA — Vai ver que foi por isso que vocês não foram contemplados. Por política.

GUIMARÃES — Não creio. O fato é que a reforma saiu e eu não fui promovido e nem aumentado. Isso é de amargar, hein?! E o pior é que não se sabe a razão. Francamente, é de deixar a gente desanimado. Palavra de honra. Eu senti uma decepção... Quando vieram me contar, não acreditei. Devia ser êrro, omissão. Qual! Era verdade. A gente sente um vasio... uma coisa assim... sei lá. É amargura, é desilusão... Dá um desânimo na gente... Dá vontade que tudo acabe naquela hora. Então a gente trabalha, entra no serviço pontualmente todos os dias, anos...

DALVA — Você trabalha. Você é dedicado, mas a maioria não é. Os justos pagam pelos pecadores.

GUIMARÃES — Isso não está certo. Deviam distinguir. Premiar os cumpridores do dever ou pelo menos castigar os faltosos. Assim, como fazem, iguala tudo... por baixo. Quer dizer, ninguém mais se esforça... Se não há compensação?! O que é que adianta a gente trabalhar, trabalhar e no fim ser tratado como aquêles que não fazem nada? O negócio é igualar por baixo. Francamente, não adianta nada esconder. Eu sofri um grande desapontamento. Um grande desgôsto. Uma grande mágoa.

(Entra Floripes com o café e biscoitos.)

FLORIPES — Pois é, meu bem. Essa mágoa, quem é que paga? Vamos que êles te paguem os atrazados; vamos que você, um belo dia, ganhe êsse tal mandado de segurança. A desconsideração... o desgôsto que você passou, é, ninguém tira do seu coração. Não há dinheiro que pague. É uma ruga a mais [illegible] a mais na testa. Uma [illegible] a gente vai envel[illegible]

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D. P. F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 237

do mais depressa. Isso, Guima. Meus avós nasceram na Calabria. Eu tenho sangue de calabreça nestas veias. Amor com amor se paga. Olho por olho, dente por dente. Só com vingança. Com desforra. É um prazer que compensa o desgôsto.

GUIMARÃES — Mas que vingança a gente póde tomar num caso dêsses? Se o juiz conceder o mandado de segurança, já teremos plena satisfação. É um prazer termos nossos direitos reconhecidos na justiça.

FLORIPES — Um prazer, não. Um consolo. Uma reparação. Reconhecer nossos direitos não é vantagem nenhuma. É obrigação, ora essa! Está bom o café? Acho que agora você devia descansar um pouco. Não falar mais nisso. Espairecer as idéias. Quer ir a um cineminha comigo? Ainda dá tempo.

GUIMARÃES — Você veja: o salário está sempre atrazado sôbre o custo da vida. O meu dinheiro só, não dá. E deveria dar. A regra geral seria o casal viver só com o dinheiro que ganha o marido. Se o homem trabalha, tem competência, cumpre suas obrigações no emprêgo, teria que ganhar o suficiente para viver, ter mulher e filhos. A mulher cuidando da casa e dos filhos. Mas aqui, não. O nosso dinheiro dá, porque você trabalha e a Dalva também.

FLORIPES — Daqui a pouco, como vão as coisas, o que ganhamos juntos não vai dar mais e nós vivemos uma vida modestíssima. Daqui, só para a favela.

GUIMARÃES — É que o regimem é amoral. É uma imoralidade não se poder viver com o fruto do próprio trabalho. Então, como é que vamos viver? Temos que roubar?

FLORIPES — É o que todo o mundo acaba fazendo. Você pensa que êles nasceram roubando?. Não senhor! Todo o mundo entra no emprêgo com boas intenções. No funcionalismo também. Depois êles aprendem a dançar conforme a música. Mas passam a trabalhar o mínimo possível, para viver de outros bicos. Outros trabalham pela gratificação. Você veja êsse pessoal que atende o público. Sem um dinheirinho por fóra a coisa não vai. É que o ordenado não dá!

GUIMARÃES — Eu não acho que seja cem por cento assim. Há pessoas que são naturalmente boas e outras que não prestam. Quem é safado, é safado mesmo, com qualquer ordenado. Se ganham muito, querem ganhar mais. Há também os preguiçosos. Êsses não fazem fôrça, por natureza. Não adianta aumentar o ordenado.

FLORIPES — Há também os que trabalham como você. Dão duro; conhecem o serviço, e não vão para a frente. Porque?

GUIMARÃES — Não sei. O regime é imoral. É a regra do malandro não estrila. Do desapertar para a esquerda. Mas enjoei, sabe? Enjoei. Depois dessa palhaçada, perdi a bossa por completo. Agora, êles não contem mais comigo. Chega. Já vi tudo. Não adianta nada.

FLORIPES — Ainda bem que você abriu os olhos. Eu sempre disse...

GUIMARÃES — Agora, não tem mais conversa. Trabalho só nas horas de expediente e olhe lá! Se o tempo der, melhor. Se não der, azar dêles, eu é que não vou levar serviço para casa. Acabou-se. Agora, de noite é um cineminha; ouvir televisão; dormir. Trabalhar, não. Isso já está resolvido. Que ganhei trabalhando extra? Nada. Ao contrário. Enganaram-me. Preteriram-me. Está certo. Pois agora vou levar a coisa como êles. No mole.

FLORIPES — Ótimo! Isso mesmo! De hoje em diante você vai trabalhar para você. No seu próprio interêsse.

DALVA — O Guima pode pegar um bico, pode pegar outro emprêgo no período da manhã.

GUIMARÃES — Não sei o que possa fazer. Há anos que estou no funcionalismo. Não aprendi outra coisa. A gente mergulha a carcaça na repartição e é absorvido por ela.

DALVA — Você podia trabalhar em corretagem.

GUIMARÃES — Não dou para isso.

FLORIPES — Isso é bobagem. Não é na picareta que se ganha o dinheiro. Quem trabalha muito não tem tempo de ganhar o dinheiro. E isso é vida? Trabalha de manhã num serviço e de tarde noutro. Nem tem tempo de almoçar. É viver num corre corre danado. Um ordenadinho aqui, outro lá. Isso adianta? Isso compensa?

GUIMARÃES — É. A Floripes tem razão.

FLORIPES — Claro que tenho, meu bem.

GUIMARÃES — Eu admito que um sujeito trabalhe quinze horas por dia; vamos dizer, durante cinco anos. Pra ficar rico. Agora, se matar no serviço para viver de ordenado, para ganhar um pouco mais, não é negócio.

FLORIPES — Naturalmente. O que o Guima tem que fazer está na cara.

GUIMARÃES — Claro. Então eu sou idota? Agora eu vou levar tudo na flauta. Em casa não trabalho mais. Durmo, leio, faço palavra cruzada...

FLORIPES — E se trabalhar, é para levar vantagem. Você sabe, Guima, foi bom ter acontecido isso. A injustiça veio na hora. Na hora H. Agora você sabe o que tem que fazer.

GUIMARÃES — Se sei! Vou terminar êste serviço aqui e acabou-se. Êste é o último

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.238

serviço extra que eu vou fazer. JÁ está no fim. Paciência. Entrego. Amanhã eu depois entrego e basta.

FLORIPES — E agora a coisa está mais fácil. Não precisa fazer tantos cálculos.

(Bate sal.)

GUIMARÃES — As contas JÁ estão feitas. É só concluir.

FLORIPES — Pois é, meu bem: agora você também vai ter a sua satisfação. A sua primeira satisfação. Foi preciso levar na cabeça ..

(Guimarães começa a arrumar os processos em cima da mesa e a máquina de somar, preparando-se para iniciar o seu trabalho. O diálogo prossegue.)

GUIMARÃES — Apanhando é que se aprende.

FLORIPES — É uma dupla satisfação: moral e material.

GUIMARÃES — Moral e material. É isso mesmo.

FLORIPES — Assim, nós vamos viver uma vida melhor; já não era sem tempo.

GUIMARÃES — Graças a Deus.

GLORIPES — E sua mulherzinha poderá andar mais bem vestida e você poderá ter o seu automóvel.

GUIMARÃES — Claro.

FLORIPES — Você quer que eu ajude você, meu bem? Quanto mais cêdo você terminar isso, melhor. Eu acho que você deve ter cuidado ao entregar o relatório. Você deve falar antes com o Gervásio.

GUIMARÃES — Eu prometi a êle. Isso não tinha a menor importância.

FLORIPES — Ah, meu bem, eu estou tão satisfeita! Agora nós vamos viver. Viver bem. Antes vegetávamos. Você, com o seu cartinho. Você precisa tirar carta. Carta de motorista.

GUIMARÃES — Tem tempo.

FLORIPES — Você entra na auto escola. É melhor entrar já. Sempre leva uns vinte dias aprendendo.

GUIMARÃES — Então! Temos tempo de sobra. Agora, eu não vou fazer mesmo nada, de manhã. Até sair o mandado de segurança, receber os atrasados... Eu pretendo comprar o carro com os atrasados.

FLORIPES — Não precisa, meu bem. Você pode comprar o carro com o dinheiro do Gervásio.

GUIMARÃES — Está maluca! Eu não! Não quero ficar devendo nada ao Gervásio!

FLORIPES — Que devendo o quê! Êles é que vão ficar ainda muito agradecidos.

GUIMARÃES — Êles quem?

FLORIPES — Os maquinistas.

GUIMARÃES — Coitados. Êsses vão se entregar direitinho. Que azar que êles tiveram! É como o soldado que morre de uma bala perdida depois do armistício. A guerra acabou e êles ainda estão morrendo. Por ignorância, porque a notícia demora um certo tempo para chegar. É azar.

FLORIPES — Não estou entendendo nada do que você está dizendo.

GUIMARÃES — Então. Eu sou o inimigo. A guerra acabou. Êste meu relatório vai ser o último tiro. Azar dêles.

FLORIPES — Não entendi mais nada. Quer dizer que...

GUIMARÃES — Confesso que não tenho nenhum prazer nisso. Perdi todo o entusiasmo.

FLORIPES — Como é que você vai concluir o relatório?

GUIMARÃES — Não tenho o que concluir. Os homens devem o impôsto. É uma questão de máquina de somar.

FLORIPES — E os três milhões!? Você vai desistir dos três milhões?!

GUIMARÃES — Que três milhões?!

FLORIPES — Do Gervásio. Êle disse que se você concluísse pela não incidência do impôsto, você ganharia três milhões do advogado dos maquinistas...

GUIMARÃES — Mas os maquinistas negariam o impôsto...

FLORIPES — E que tem isso? Se não fôsse você, ninguém saberia. Pois, agora você deixa tudo na mesma.

GUIMARÃES — Isso eu não posso fazer...

FLORIPES — E êles podiam te passar para trás, podiam? Não podiam, mas passaram. Agora, você desforra. Chegou sua ocasião. Não foi você quem começou. Quem deu o exemplo. Você não disse que ia levar as coisas no mole?

GUIMARÃES — Bem... no mole, é uma coisa. O que o Gervásio pretende são outros quinhentos cruzeiros. Isso eu não faço.

FLORIPES — É assim que você responde pela sujeira da reforma?

GUIMARÃES — Não. São duas coisas diferentes. Fui preterido: então, em compensação, não dou mais duro no serviço. Isso é uma coisa. O que o Gervásio quer é outra bem diferente. É crime. É desonesto. É porcaria e isso eu não faço...

FLORIPES — Não sei porque.

GUIMARÃES — Eu sei e é o bastante. Êsses negócios você não entende, Floripes. Você vê as coisas muito fáceis, onde elas são impossíveis.

FLORIPES — Ai, meu Deus do céu! É de deixar a gente louca! Ia tão bem. Eu não entendo. Parece até castigo! Nossa Senhora

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. - SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 239

é [illegible] dai paciência para [illegible] [illegible]

GUIMARAES — Bofro, não. Apenas [illegible] nesto.

FLORIPES — Honesto! É muito fácil dizer! Honestidade à custa de quem? De mim. Que vivo nesta miséria. Isso não é ser honesto. É ser egoísta. É orgulho. Orgulho idiota de quem não tem dinheiro.

GUIMARAES — Você não póde se queixar. Temos vivido mais ou menos bem, até agora. Vida modesta, mas decente. Não devemos nada a ninguém. O apartamento é quase nosso...

FLORIPES — E para quê que eu quero esta porcaria?

GUIMARAES — Você tem que se conformar. Ricos não somos e nem seremos. Nunca pensei em ser rico.

FLORIPES — Mas o dinheiro está aí. Na porta! Está querendo entrar e você não deixa.

GUIMARAES — Esse é muito caro. A êsse preço, não convém. Você não me compreende, Floripes?

FLORIPES — Quem é que póde compreender uma coisa dessas? Quem é você, para recusar três milhões de cruzeiros? Um pé rapado presunçoso. Cretino, que pensa que é melhor que os outros! Isso é de amargar! Só comigo é que acontece uma coisa dessas! É da gente ficar louca!! Três milhões de cruzeiros! Dez anos de ordenado! Trabalhando todos os dias! Será possível, meu Deus! Minha Nossa Senhora de Fátima! Mê dê uma inspiração.

GUIMARAES — Não invoque Nossa Senhora para te ajudar. Dinheiro ganho assim, não traz felicidade.

FLORIPES — Hum! Não traz felicidade! Só esta é que faltava agora! Dinheiro, agora, tem marca de fábrica! Dinheiro é dinheiro. Uma coisa só. Tudo igual. Venha de onde vier. Pergunte aí para os teus colegas que ganham menos do que você e que têm automóvel e que moram em bairro bom e que as mulheres luxam. Vai dizer pra êles que dinheiro não é bom.

(Entra Dalva.)

GUIMARAES — Eu não tenho nada com a vida dos outros. Isso é lá com êles. Você está vendo, Dalva? A Floripes levou a sério aquela conversa do Gervásio. Dos três milhões do advogado dos maquinistas. O que é que você acha? Você acha que eu devo engulir aquela enorme sonegação dos maquinistas e embolsar os três milhões de quem não conheço?

DALVA — Eu não acho nada.

GUIMARAES — Como? Você não tem personalidade? Eu não sou seu irmão? [illegible] temos o mesmo sobrenome? De [illegible] [illegible] [illegible] Você acha que devo sujar minhas mãos recebendo bola, só porque os outros recebem e porque fui desconsiderado?

DALVA — Bem. Acho que você tem razão. Dinheiro não traz felicidade.

FLORIPES — Dinheiro não traz felicidade, mas a vida é bem mais suportável com dinheiro.

DALVA — Meu irmão não seria feliz sentindo se desonesto.

FLORIPES — Essa é muito boa! É de dar gargalhadas! Olhe só quem vem me falar em honestidade!

DALVA — Que é que tem? Pediram minha opinião, e dei! Não quero ofender ninguém e não admito que me ofendam.

FLORIPES — Você seria a última pessoa aqui a falar em honestidade.

DALVA — Não! Porque você me diz isso?

FLORIPES — Acho engraçado essas coisas! Até me irritam! E ainda pergunta? Essa eu digo! Não sou de falar por trás não. Digo e na cara. Comigo não há hipocrisia.

GUIMARAES — Floripes!

FLORIPES — E você defendendo sua irmã! Você está de acôrdo com essa vida que ela leva? Você que tem a mania de honestidade, não devia consentir que sua mulher, sua família vivesse aqui, com ela; ela, que vive públicamente com um colega seu. Ela é môça solteira e vive de amigação. Está certo isso? Agora eu pergunto: está certo isso?

DALVA — Sou maior de idade. Tenho vinte e oito anos. Não tenho que dar satisfações de minha vida a ninguém. Não vivo à custa de ninguém. Não dependo de ninguém. Se sou demais nesta casa é outro caso. A solução é fácil.

FLORIPES — Vai. Vai morar com o Gervásio. Aí completa tudo. Vocês, que são pela honestidade!

DALVA — Irei morar com quem quiser! Meu irmão não tem nada com isso! Você quer fazer dêle um ladrão! Um venal. Isso é outra coisa! Honestidade é uma coisa. Imoralidade é outra.

FLORIPES — O Gervásio é um venal e você vive com êle! Está certo isso? Me diga! Está certo? Não. Não. Isso é hipocrisia! E eu nesta miséria! A irmã faz o que quer e eu que aguente. Esta miséria de vida! E quando se apresenta uma oportunidade de sairmos do chiqueiro... não... porque é honesto... porque não é venal, porque não sei o quê... Mas isso há de acabar. Eu aqui não fico mais. Eu fico louca! Eu fico louca!

(Floripes cai num pranto nervoso. Guima-

Censura de Diversões D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 240

rães vai acudi-la. Faz apenas menção de movimentar-se em sua direção.)

FLORIPES — Não. Não venha cá. Estou farta! Chega! Não quero saber mais de vocês. Vou me embora. Chamem o Gervásio. Gervásio fica com ela. Eu me vou.

(Floripes sai da sala. Há uma pausa de estupefação.)

GUIMARAES — Me desculpe, Dalva. Quem havia de esperar uma coisa dessas?!

DALVA — Um dia tinha que acontecer! Eu sabia. E a culpa é minha. Ela tem razão. Ela não é obrigada a viver comigo. Sou demais aqui.

GUIMARAES — Mas você paga. Nós não estamos fazendo favor!

DALVA — É impossível. Eu tenho mesmo minha vida, Guima. O que ela disse é verdade. Eu vivo com Gervásio.

GUIMARAES — Ninguém tem nada com sua vida!

DALVA — Ela tem direito de reclamar...

GUIMARAES — Ela está furiosa por outra coisa e você sabe bem o que é. O seu caso não lhe afeta. Ela disse isso na raiva. É desabafo. Você sabe como ela é nervosa. Sofre dos nervos. É uma insatisfeita. E eu compreendo... Não teve filhos. A gente tem que dar o desconto.

DALVA — Naturalmente. Eu compreendo, Guima. Não tenho raiva dela. Mas... é impossível eu continuar aqui. Tudo estava mesmo por um fio. A gente sente essa situação. É falsa. É quase uma situação imposta. Um dia vem o desabafo e sai tudo para fóra...

GUIMARAES — Se você sente-se mal aqui...

DALVA — Não é por você... mas... sempre é um constrangimento... eu preferia morar aqui... é uma segurança... uma situação... como você já disse... mas agora é impossível.

GUIMARAES — Está bem. Você faça como quiser. De qualquer modo, você pode contar sempre com êste seu irmão. Em qualquer circunstância. Eu não sou daqueles que apontam o dedo, não. Eu compreendo a vida.

(Entra Floripes com uns papéis na mão e enxugando as lágrimas, momento de surprêsa e constrangimento.)

FLORIPES — Dalva. Você me desculpe, Dalva. Não fiz por mal. Eu gosto de você, Dalva. Foi nervoso. Eu me descontrolei... é um desespêro

DALVA — Não tem importância. Não se fala mais nisso

FLORIPES — Você não precisa sair daqui, Dalva. [illegible] você não sai. Eu sei que [illegible] desta casa. Eu sei. Mas você nos faz companhia. A casa irá ficar muito triste sem você. É uma casa vazia sem crianças... (chora).

DALVA — Não se preocupe, Floripes. Ninguém falou nada... Tudo continua na mesma... TÁ!?... Agora se acalme... que no fim tudo dá certo.

FLORIPES — Obrigada, Dalva. Não vá ficar com raiva de mim. Eu sou muito infeliz... Mas não há de ser nada. Agora eu lhe peço. Me deixe aqui um pouco sòzinha com meu marido. Quero falar em particular com êle. Um momento só. Não é nada. Estou calma. O nervoso já passou. Você me desculpe, Guima. Fiz uma cena idiota. Estou com raiva de mim mesma.

DALVA — Está bem. Com licença. Se precisarem de mim...

(Sai. Pausa. Floripes se recompõe, pensa. Reflete bem, escolhendo como atacar o assunto. Afinal, resolve-se.)

FLORIPES — Guima: sou sua mulher. Há oito anos que sou casada com você. Não é?

(Guima confirma com a cabeça.)

FLORIPES — Se não lhe dei filhos, você sabe, a culpa não é minha. É a coisa que mais desejo ter... um, dois... três, uma porção... mas Deus não quis, e a gente também tem que se conformar com isso...

GUIMARAES — Êsse é um assunto superado. Não interessa mais falar sôbre isso.

FLORIPES — Sempre fica no coração da gente. É uma mágua que a gente não supera. Nem eu e nem você. Paciência. Vamos nos conformar. Bem... mas fóra disso... eu tenho cumprido minha obrigação. Sou honesta. Você faz tanta questão de honestidade. Sou honesta. Sempre me comportei como sua mulher. Nesse ponto você não póde ter a menor queixa...

GUIMARAES — Mas, eu nunca me queixei...

FLORIPES — Eu sei. Você nunca se queixa de nada. Mas que eu sou honesta, sou. Nunca olhei para homem nenhum. Nunca criei dificuldades para você. Até trabalho. Trabalho, não é só para ajudar... mas o trabalho ajuda a viver... a passar o tempo. E a gente ganha. Está certo? Eu estou mentindo?

GUIMARAES — Não. Absolutamente. Mas... para que você está se preocupando...

FLORIPES — Deixa eu falar. Eu preciso falar. Eu podia ser uma mulher semvergonha. Homem não falta por aí. Eu podia lhe enganar e você nem perceberia nada... Eu podia não ser [illegible]. Ser gastadeira. Fazer você gastar [illegible] que ganha... Viver [illegible] cuidado [illegible] Não faço nada disso [illegible] tudo [illegible] bem a menos [illegible]

pação.
Tudo l
GU
so tem
pes. Sc
pouco
FL
como é
GU
lidades
FL
da, Gu
pedir.
vou lh
sico s
não nã
reconh
reito d
eu lhe
vásio
vogado
fessor
Aqui e
tas na
seu re
pretaç
escreve
lidade
vido..
Você
zinho.
(E
pega
GU
antam
feitos.
não.
o dir
esteja
impos
Fl
póde
G
tambe
comp
F
meu
te p
vida.
tou
meno
mal
coisa
gos.
fácil,
com
me
me
escr

Serviço de Censura de Diversões D P F

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 241

pição. O [illegible] faço o dinheiro dar. Tudo isso tem [illegible] tem?

GUIMARÃES — [illegible] que tem. Tudo isso tem valor. [illegible] tudo isso, Floripes. Sou muito [illegible]. Talvez sido um pouco rápido...

FLORIPES — Não interessa. A gente é como é. Tenho meus defeitos...

GUIMARÃES — Você tem muito mais qualidades que defeitos.

FLORIPES — Então?! Nunca lhe pedi nada, Guimarães. Nunca!!! Não sou mulher de pedir. Você sabe disso muito bem. Agora eu vou lhe pedir um favor. Um favor só. É preciso ser uma coisa que muito interessa, senão não estava aqui implorando. Se você me reconhece direitos... se eu tenho algum direito de pedir alguma coisa a você... agora eu lhe peço: Está aqui. Está aqui. Foi o Gervásio que me deu. É um parecer de um advogado. De um grande advogado. De um professor da Faculdade de Direito. Está aqui. Aqui está escrito e provado que os maquinistas nada devem. Você póde ter razão aí no seu relatório. Mas é uma questão de interpretação. Se tem um professor que diz, que escreve e assina, com tôda a sua responsabilidade de professor, que o impôsto não é devido... É uma questão de interpretação. Veja. Você tem costas quentes. Você não estará sòzinho. Veja. Leia.

(Entrega o papel a Guimarães. Êste o pega e passa os olhos por cima.)

GUIMARÃES — Êsses pareceres não adiantam nada, Floripes. Você sabe como são feitos. Depois, eu não posso mudar de opinião. Minha opinião já é conhecida. Você tem o direito de pedir o que você quiser, que esteja ao meu alcance. Isso que você quer é impossível!

FLORIPES — Você nem leu! Como é que póde saber?!

GUIMARÃES — Sei. Sei de sobra. Êles também sabem. Senão não estariam aí a me comprar.

FLORIPES — Guimarães: seja razoável meu bem. Pensa um pouco. É tua mulher que te pede. É muito importante, para a nossa vida. Você nem imagina! Mas eu sei. Eu estou vendo. É uma interpretação. Não tem a menor importância. Ninguém irá lhe querer mal por isso. Ao contrário: você facilita as coisas, ganha amigos. Ganha dinheiro e amigos. Não ganha inimigos. A vida fica mais fácil, mais alegre. Eu lhe peço, Guimarães, com tôda a humildade. Não é por orgulho. Eu me ajoelho. Eu peço de joelhos. Olhe: estou me ajoelhando. Peço de joelhos. Como uma escrava que pede a sua liberação. Êsse relatório é a [illegible] liberação. Minha e sua [illegible] bem, Guima, [illegible] bem. É um favor. [illegible] mim. Faça a [illegible] mulherzinha. Tem gente que rouba, que [illegible] pela sua mulher, não tem? Então, Guima?

GUIMARÃES — Levante-se, Floripes. Você perdeu completamente a capacidade de raciocinar. Você está obsecada! Nunca pensei que o dinheiro lhe transformasse tanto!! Eu compreendo que se roube, que se mate para matar a fome. Mas aqui ninguém está passando fome, Floripes. Vivemos bem. Melhor que oitenta por cento da população. A grande maioria vive pior que nós. É até um sacrilégio você tomar uma atitude desta, por causa de um infame dinheiro. Eu faço tudo por você, Floripes. Mas você não tem direito de me pedir uma coisa dessas. Que adianta êsse dinheiro? Não, Floripes. Você está me criando uma situação terrível, mas não póde ser. Eu não posso fazer isso.

FLORIPES — Está bem. Não insisto mais. Assim você quer. Está bem. Mas não conte mais comigo. Não quero mais saber de você. Dêsse inferno! Nunca! Fique aí com seus relatórios, com sua honestidade... Fique aí. Seu burro! Seu cretino! Idiota! Imbecil! Medíocre! Há de ser um pé-rapado tôda a vida. Pensa que vai ganhar o mandado de segurança? Pensa que vai receber os atrasados? Nunca. Nunca há de receber nada. Só coices. Você gosta de receber coices. Você é como cachorro: apanha e vai lamber a mão de quem bate. Pare de escrever isso aí. Vem me ouvindo. Seu burro! Burro! Tira isso daí! Essa porcaria! Vá trabalhar na repartição. Aqui não. Aqui é minha casa! Não quero!

(Nêsse momento entrou [illegible]. Floripes no auge do desespêro, procura espalhar os papéis pelo chão, rasgá-los. Faz um espalhafato dos diabos. Por pouco não [illegible] os processos. Rasga tudo. Quase histeria. Dalva assiste à cena, estagnada. Guimarães é obrigado a agir prontamente e com energia. Agarra Floripes pelos pulsos, com certa violência. Não é seu feitio, mas necessário torna-se salvar todos os processos da destruição. Floripes grita, inteiramente fóra de si.)

FLORIPES — Burro! Cretino! Pé-rapado! Pé-rapado! Covarde!! Covarde!

(Ouve-se a voz de Dona Hermengarda pela janela, que estava aberta.)

VOZ DE HERMENGARDA — He! Olha a Rádio Patrulha! Olha êsse barulho aí!! Eu chamo a Rádio Patrulha!

(Há um silêncio repentino. Floripes estaca, perplexa. Guimarães fecha repentinamente a janela. A mulher dando acôrdo de sua atitude, corre para dentro. Pausa. Perplexida-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, P-242

de. Guimarães, com muita calma, começa a ordenar os papéis novamente. Cata as fôlhas esparsas pelo chão. Dalva o ajuda. Cena silenciosa. Os dois se entendem. Há fôlhas esparsas, fôlhas rasgadas e folhas amassadas. Em dado momento, Dalva mostra dois pedaços de fôlha, consultando Guimarães. Êste passa os olhos pelos dois pedaços e os guarda, recebendo-os de Dalva. A cena muda é um tanto longa. Um minuto e meio mais ou menos. Depois de coordenados os papéis, Guimarães senta-se na poltrona, muito mais desanimado que cansado.)

GUIMARÃES — Que coisa, hein?! Você podia pensar numa coisa destas?! Você viu o problema?! Vai ser por tôda a vida! (Pausa) Bom, Paciência. Vamos ver.

DALVA — Sáia um pouco, Guima. Vá se espairecer.

GUIMARÃES — Eu não! Ela é capaz de vir aqui e me queimar tudo isto. Ela ficou louca! Você já viu uma coisa destas?!

DALVA — Eu saio com você, Guima. Vamos a um cinemínha. Isso passa. Tudo passa. No fim dá tudo certo.

GUIMARÃES — Não é bem isso. A gente se acostuma com tudo. Se conforma com tudo. E parece que deu tudo certo. Mas é uma mentira.

DALVA — Você viu que eu não posso mais continuar aqui, não é?

GUIMARÃES — Não há nada com você, Dalva. Posso lhe garantir que não há nada com você.

DALVA — Mas não convém, você não acha?

GUIMARÃES — Bem. Você não tem nenhuma necessidade de aguentar êste ambiente. De passar pelo que eu passo. Eu sei. Não quero prender você comigo. Nunca. Acho que você deve sair. Para seu bem. Há coisas que não têm mais consêrto. Mas não saia já. Assim, de repente. Por uma questão de situação. Não vá pedir nada ao Gervásio. Dentro de uma semana, você se compõe com uma amiga, uma colega, e vai morar com ela num apartamento de sociedade. Ou numa pensão. Onde quiera. Mas não dê parte de fraca ao Gervásio. Com êle, você tem que se impor, senão estará perdida. Gervásio póde saber que você gosta dêle. Que você o ama. Mas não deve sentir que você necessita dêle economicamente. Nem você necessita. E se precisar, eu ajudo. Hei de lhe ajudar. Você deve sempre guardar a esperança de se casar. Não que eu reprove a sua vida. Não aprovo e nem reprovo. Compreendo. Não discuto. Nem quero saber. Sei que você é uma môça direita. Mas casar, sempre é melhor.

DALVA — Um dia ainda hei de lhe contar tôda a minha vida. Há de me fazer bem.

GUIMARÃES — Está bem. Está bem. Não quero saber de sua vida. Não que não me interesse por ela. Está claro que me interesso. Não para julgar ou condenar. Mas para aconselhar. Encaminhar, se adiantar alguma coisa. A experiência dos outros não adianta nada. A gente aprende à própria custa. É sempre assim. Também... eu não tenho experiência alguma. Fui sempre um menino bôsta... sem mocidade alguma. Casei-me... nem sei porque... porque gostava. Sim, eu gostava de Floripes. Não era nada de extraordinário. Nada em mim é extraordinário. Vai ver que você tem mais experiência que eu. Enfiado! E eu aqui a dar conselhos! Enfim. Uma coisa é certa. Não se entregue, Dalva. Não cave sua ruina. Defenda-se. Arranje uma companheira de apartamento. De quarto. Defenda-se.

DALVA — Muito obrigada, Guima. Eu vou dar um jeito. Floripes não tem importância. Tudo se acomoda. Compreendo bem o que você quer dizer. Vou sair com calma. Também sair daqui não é sangria desatada. Quem viveu tantos anos aqui, póde esperar mais uma semana. Vou conversar com a Inês. Ela, uma vez, me convidou para morarmos juntas, de sociedade. Vou falar com ela. Muito obrigada, meu Irmão. Boa noite. Se fôr possível, uma boa noite depois de tudo isso.

(Guimarães levanta-se e vai arrumar a mesa para o seu trabalho. Coloca a máquina de calcular a seu alcance na mesa e começa a dispor da papelada.)

DALVA — Não trabalhe mais. Descanse. Afinal de contas... não é pelo dinheiro que o Gervásio lhe ofereceu... mas será que êsse trabalho valerá todo o sacrifício?

GUIMARÃES — Não sei. Nem quero pensar. É um perigo, pensar. Se pensar muito acabo cedendo. Sou capaz de me vender, por uma situação cômoda. Não. É melhor eu terminar de uma vez. Entregar e... pronto. E aguentar o baque.

DALVA — Você sabe o que deve fazer. Boa noite. Obrigada. Deixe eu beijar você, Guima. Nós nunca fomos afetuosos. Somos sêcos, rispidos por natureza. Você precisa de carinho, Guima.

(Dalva beija e acaricia o Irmão.)

DALVA — Boa noite. Trabalhe bem.

(Sai.

(Guima se prepara para o trabalho. Já está refeito da briga. Aliás, a cena de Floripes não o transtornou muito. Guima é um forte. Ajeitou a máquina. Colheu uns papéis. Apagou a luz central.

Serviço de Censura de Diversões Públicas D P F S

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.243

Efeito de luz sôbre Guimarães, trabalhando à mesa.

Surge Floripes com uma mala na mão.

Floripes atravessa a sala, lentamente, em silêncio.

Vê-se claramente, que abandona o lar. Quase que desafiando o marido.

Êste, suspende o olhar do trabalho, fita a mulher, com tristeza. Acompanha o seu trajeto, sem dizer palavra, sem um gesto, sem um sinal de contrariedade, plácido, triste, porem, calmo, quase tranquilo.

Floripes sai.

Guimarães, quase que automàticamente faz a máquina de calculo funcionar e mergulha no serviço. No malfadado serviço, enquanto o pano se fecha lentamente.)

PANO

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(O mesmo cenário, três semanas depois. Hora do jantar.

Guimarães e Dalva estão à mesa, em final de jantar, servidos por Edwiges.

Guimarães abre uma garrafa de champagne. Cena silenciosa, cujo silêncio é rompido pelo estouro do champagne.

Guimarães serve a bebida.

Levanta-se, com o copo na mão, como quem vai fazer um discurso.

Sente-se que está ligeiramente tocado pelo álcool.)

GUIMARAES — Dalva .. minha irmã. Mais que irmã... minha amiga. Festejamos hoje, o seu aniversário. Aniversário triste. Faltam duas pessoas nesta mesa: Floripes e Gervásio. A ausência de minha mulher é problema meu. A de Gervásio é uma imposição sua. É a sua greve em prol do casamento. Há três semanas que vivemos sós nesta casa. Neste solar da mediocridade. Levanto a minha taça... taça não... copo... para beber à sua saúde, neste seu melancólico natalicio, fazendo votos que você vença a sua greve e que Gervásio se case com você, dando-lhe uma situação juridica e moral, a que você tem direito por todos os titulos. Amém e tenho dito

(Tomam os copos e bebem. Há uma pausa.)

DALVA — Guima: eu rompi com Gervásio. Eu exigi o casamento. Eu disse a êle que se não quisesse se casar comigo, não me procurasse mais. Êle me tem procurado e eu não tenho recebido...

GUIMARAES — Este champagne que estamos bebendo e a sobremesa que comemos foram presente dêle.

DALVA — Pois é. Mas não saí mais com êle. Agora vou te contar uma coisa: não está certo o que você disse. Eu não tenho direito. Nenhum direito. A greve que estou fazendo é uma chantagem.

GUIMARAES — Não sei porque. Tôda môça tem direito ao casamento.

DALVA — Não, meu irmão. Quero que você saiba que Gervásio não tem a menor responsabilidade. Êle .. êle não foi o primeiro. Não posso me queixar dêle. É um bom companheiro. Sei que êle gosta de mim. Nós nos amamos. Eu tenho certeza.

GUIMARAES — Então, porque êle não se casa com você, ora essa?! Nada impede.

DALVA — Foi o que pensei. Por isso fiz a greve. Se êle gosta de mim, tem que se casar comigo. Foi assim que eu pensei. Foi uma chantagem.

GUIMARAES — Não sei porque.

DALVA — Eu sou môça estragada, como vocês dizem. Não tenho direito. Só se êle quiser casar. Se êle tiver vontade de se casar, para constituir familia. Mas quem é que vai constituir familia com uma môça estragada?

GUIMARAES — Você está completamente errada e complexada com êsse negócio de...

DALVA — Negócio de que? Diga. Você não tem jeito, não é? Você está vendo? Negócio de virgindade. Pela nossa lei, pelos nossos costumes, a môça deve ser virgem.

GUIMARAES — Há muita môça virgem que não vale nada e muita mulher como você que dava ótima espôsa e mãe.

DALVA — Pode ser. Mas aqui, de acôrdo com as nossas leis, o homem que se casa fica prêso à mulher durante tôda a vida. Aqui não há o divórcio. O homem fica marcado, vinculado. Há também a questão econômica: o homem é obrigado a sustentar a mulher durante tôda a vida. Mesmo depois de separado. Porque tudo isso? Porque êle tirou uma môça virgem da casa dos pais. Porque essa môça, depois, não tem mais chance de se casar. A lei foi tôda feita nesse sentido.

GUIMARAES — Num sentido mais econômico do que moral. Mas tudo isso evoluiu,

Censura de Diversões Públicas Serviço

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.244

DALVA — A lei continua a mesma. O Código não foi alterado.

modernizou-se. A coisa hoje não é mais assim.

GUIMARAES — A lei devia ser diferente.

DALVA — Pois é. Eu também acho. Mas não é. O que é que você quer que a gente faça? Eu acho que a lei devia variar conforme o caso. Por exemplo: com mocinhas saídas da casa da família, virgens... o casamento como está na lei. Com tôdas as responsabilidades. Com as môças estragadas como eu, casamento com direito a divórcio. Assim é que seria justo. Por isso é que é bom êsse casamento que não vale nada. Êsses casamentos de pessoas desquitadas. No México. É uma fórma de resolver uma situação...

GUIMARAES — Sem responsabilidades irremediáveis. Quer dizer, o marido tem responsabilidade moral de sustentar a mulher. Mas não fica vinculado a ela por tôda a vida...

DALVA — Tudo isso é muito complicado. Mas não é justo.

GUIMARAES — O justo é quem se gosta se casa. Podendo se casar, é claro. E o Gervásio e você nem se podem casar.

DALVA — Eu só queria que o Gervásio chegasse para mim e dissesse: está bem, Dalva. Você fêz chantagem comigo. Mas eu não posso viver sem você. Vamos nos casar. Eu juro, Guimarães: estava tudo salvo. Eu não me casaria com êle. Iria viver com êle. Continuava assim, vivendo com êle, ou morando juntos, ou separados, não tem importância. Mas eu queria que êle capitulasse.

GUIMARAES — E filhos? Você não gostaria de ter filhos?

DALVA — Ah! Isso é outro caso. Então, eu me casaria. Tenho certeza de que Gervásio casaria. Mas, não quero assim. Gervásio deve querer casar-se comigo, por mim mesma. E não para legitimar o filho. Você me compreende?

GUIMARAES — Como não? Está tudo tão claro! Agora vamos beber pelo seu casamento e pelo seu futuro filho.

(Guimarães enche novamente os dois copos. Os dois brindam e bebem.)

GUIMARAES — Filhos... o problema é filhos... Ter filhos. É o caso da Floripes. É frustração. Ela não era tanto assim. Foi ficando. Com o tempo. Mas olha aqui. Já resolvi. Antes tarde do que nunca. Está vendo isto aqui? É uma consulta. Mil cruzeiros. No ginecologista. Só daqui a uma semana. Puxa vida! Como ganham êsses médicos! A turma faz fila, a mil cruzeiros por cabeça! Mas vale a pena. Eu vou ficar com esta alegria. Com esta folga. Vou buscar o meu tormento. Vou tratar dela. Vamos ter um herdeiro.

EDWIGES — Deixa estar que dona Floripes, numa gravidez, deve ser de amargar.

(Edwiges serve o café.)

GUIMARAES — Nem é bom pensar. Mas vou aguentar a mão. Coitada da Floripes. Gênio mau. Como é que vai viver sem mim? Sòzinha, ela não pode. Os pais não aguentam. Nem sei como suportaram tanto tempo. Três semanas. Ela encrenca logo na casa dela. Só quem aguenta aquêle gênio sou eu mesmo. E ela sabe disso. Tenho a certeza de que ela voltará. Mas não vou esperar mais, não. É egoísmo. Não vou fazer ela quebrar o orgulho. Amanhã mesmo vou buscá-la. E eu gosto de tudo no seu lugar. A situação assim desgovernada não me agrada. Não está caminhando bem. Afinal de contas, quem está com a razão? Ela ou eu?

DALVA — Nós dois com os nossos problemas, hein?!

GUIMARAES — E o pior não é isso. É um nunca acabar de problemas. Resolve-se um, aparece outro. Você não se casa com o Gervásio. Pronto. Acabou-se. Resolveu o problema da felicidade?

DALVA — Não. Não é assim. Nesta vida a gente luta para ser o menos infeliz possível. Acho que nós estamos muito pessimistas, e que não é próprio para um dia de aniversário. E agora tenho que sair. Barriga cheia, companhia desfeita, como diria o bandido do Gervásio. Tenho que dar o fóra porque êle pode aparecer por aqui.

GUIMARAES — Você tem mêdo dêle no seu próprio reduto?

DALVA — Tenho sim. Se me encontrar com êle hoje, sou capaz de capitular. E por isso vou no cinema. Já devo estar atrasada. Marquei encontro com a Inês, às dêz horas na porta do cinema. Venha comigo, Guima. Vamos espairecer um pouco. Não é bom a gente ficar aqui, ruminando amarguras.

GUIMARAES — Não. Não vou ao cinema. Não gosto de ir ao cinema sem Floripes. Engraçado... Ela briga desde a escolha da fita. Implica. Eu quero uma e ela logo escolhe outra. Encrenca no ônibus. Fala no cinema. Comenta alto. Dá alteração. A turma olha duro. Muda de lugar. Quando a fita é policial, então, é um desespêro. Não entende nada. Quer que eu explique. Me aperta o braço. Dá gritos... O engraçado é que me acostumei com tudo isso. Sinto falta. No cinema, sinto falta. Nem vejo a fita até o fim. A natureza humana é gozada, não?

DALVA — Isso é vocação para [illegible]

GUIMARAES — Nem tanto. O [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 245

também é recíproco. Porque eu sou um chato, hein? Chato da galocha! Eu tenho me analisado ùltimamente e cheguei à conclusão de que sou um grande chato. O Gervásio é um camarada divertido. É exuberante. Exagerado. Gosta de movimento. Se agita. Vibra. E eu? Eu sou uma múmia. Pensando bem, ela também precisa ter estômago para me aturar.

DALVA — Quer dizer que a vida é isso? É um aturar o outro?

GUIMARAES — Eu acho que é. Não sei. O problema é viver. A gente vai vivendo. O tempo vai passando e a gente vai se acomodando. Desgraçado daquele que reage. Que não se acomoda. E no fim, como aquele sábio da história universal: êles nasceram, sofreram e morreram.

DALVA — Belíssimo panorama! E para que vou casar, então? Para que você quer um filho?

GUIMARAES — Faz parte do programa. É a rotina melancólica da vida.

(Dalva prepara-se para sair.)

DALVA — Até logo, meu irmão.

GUIMARAES — Não quer beber mais um pouquinho?

DALVA — Não. E você tenha juízo. Não vá beber demais.

GUIMARAES — Já ando cansado de ter juízo.

(Guimarães despeja champagne no seu copo e bebe.)

DALVA — Está certo. Vou ao cinema. Só quero te dizer uma coisa. Vou aguentar esta greve mais uma semana. Se Gervásio não se render, quem vai capitular sou eu.

GUIMARAES — Seria a primeira greve fracassada na história das greves nesta terra.

DALVA — Paciência. Mas vai ser assim. Só mais uma semana. Ciáo!

(Dalva beija o irmão no rosto e sai.

Guimarães, só com os seus pensamentos, tira o paletó, a gravata, abre a janela que dá para a área interna do edifício, senta-se na poltrona e acende o seu cigarro. Edwiges entra e sai da sala, tirando a mesa.)

EDWIGES — Boa môça. Muito boa môça! E foi gostar do seu Gervásio. Aquêle cavalão de homem! E êle fazendo luxo para se casar! Tomara êle pegar uma espôsa como a Dona Dalva!

GUIMARAES — Pois é. Os dois vão se casar, você vai ver.

EDWIGES — Não sei não. Os homens andam muito ariscos. Está tudo virado hoje em dia. Ninguém quer falar em casamento. Eu acho que é porque tem muita mulher sobrando por aí. O senhor veja o meu caso, seu Guima: até aquela peste do Benedito...

GUIMARAES — Você não é casada com o Dito, Edwiges?

EDWIGES — Casada, não senhor. Amancebada, sim senhor. Eu vivo maritalmente com êle, há quatro anos. Também não carece de casar. Agora nem tem mais graça.

GUIMARAES — Mas você não gostaria de ter uma situação definida? De ter certidão de casamento?

EDWIGES — Isso não adianta nada. A gente apanha do homem, com certidão ou sem certidão. O senhor veja aí a vizinha, Dona Hermengarda. Ela é casada no civil e no religioso...

GUIMARAES — Continuam brigando?

EDWIGES — Então. Uma ou duas vêzes por semana êles dão o show.

GUIMARAES — Dizem que êle bate porque ela não lhe é fiel.

EDWIGES — Isso é conversa, patrão. Êle bate porque êle é de bater. Tem uns que são de bater e outros que não. E o Dito? Também não bate em mim? E eu não passo êle pra trás, não senhor. Eu sou pessoa séria, de respeito. Também não levo desafôro para casa, não. Mêdo de homem eu não tenho.

GUIMARAES — Isso é uma questão de educação. Com gente bem educada, não há dessas coisas.

EDWIGES — Ora, seu Guimarães, deixe disso. Eu já fui empregada em casa de gente rica. De gente granfina que mora no Jardim América. E vi o pau comer muitas vêzes. E minhas colegas também sabem disso.

GUIMARAES — Eu falei com gente bem educada e não com gente rica. Uma pessoa pode ser muito rica, morar no Jardim América, ter automóvel e tudo e não ter educação. E outra pode ser pobre e ser bem educada.

EDWIGES — É mais difícil. É mais fácil ser bem educado do que pobre. Dinheiro ajuda muito. Mas êsse negócio de bater é questão de sentimento. Às vêzes a gente bate porque gosta. Outras vêzes, porque não gosta. O que há é muita semvergonhice por aí.

GUIMARAES — É. Talvez você tenha razão.

(Guimarães levanta e vai servir-se de champagne.)

EDWIGES — O senhor devia era sair um pouco. Ir a um cinema. Passear com os amigos. Assim o senhor acaba neurastênico. Nem aproveitou as férias.

GUIMARAES — Que férias?

EDWIGES — As férias conjugais. Dona Floripes lhe deu uma folga, o senhor não aproveitou.

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.246

GUIMARÃES — E as férias vão terminar, porque amanhã mesmo irei buscá-la.

EDWIGES — Ah, patrão! Espera mais uma semana, para completar um mês.

GUIMARÃES — Não, Edwiges. Essa separação já durou muito tempo. Durou demais para meu gôsto. Ou a gente é ou não é. Ou bem eu me separo ou então continuo casado. Cem por cento, de um lado, ou cem por cento do outro.

EDWIGES — Tá bom. O senhor sabe o que faz. Por mim, eu esperava mais um pouquinho. Mas eu sou uma errada. Não dou palpite.

(Edwiges sai. Toque de campainha. Volta Edwiges resmungando.)

EDWIGES — Quem será? que já vem encher a gente? Estou vendo que não saio cêdo hoje!

(Ewiges vai atender a porta. Barulho de vozes no vestíbulo.)

VOZ DE GERVÁSIO — Boa noite, môça. O patrão está aí?

VOZ DE EDWIGES — Está, sim senhor.

VOZ DE GERVÁSIO — Já acabaram de jantar?

VOZ DE EDWIGES — Já, sim senhor. Dona Dalva saiu. Foi para o cinema. Seu Guimarães está em casa. Êsse é como o caranguejo. Não larga a casca.

(Os dois entram na sala.)

GERVÁSIO — Boa noite, meu velho.

GUIMARÃES — Boa noite, Gervásio. Muito obrigado pela lembrança. A sobremesa estava muito boa, e êste champagne está ótimo. Quer provar um pouco?

GERVÁSIO — Quem dá e toma fica corcunda.

GUIMARÃES — Eu estou oferecendo. Vamos beber à saúde dos ausentes, mas que estão presentes no nosso coração.

GERVÁSIO — Então, que vá!

(Guimarães serve a bebida, os dois, de pé, brindam e bebem silenciosamente.)

GERVÁSIO — Bom champagne. É quase tão bom quanto o estrangeiro. Mas nós chegaremos lá. É uma questão de tempo. Fuma um charuto? Puro baiano.

GUIMARÃES — Espere o café. Edwiges: traz um cafèzinho pra gente.

GERVÁSIO — Está bom. Então vamos esperar pela rubiácea.

(Pequena pausa.)

GERVÁSIO — Então, a Dalva saiu. Foi ao cinema. Nem esperou pela gente. No dia de seu aniversário. E eu tenho novidades para contar. Duas grandes novidades. E trouxe também um presentinho para aquela ingrata. Está aqui, neste embrulhinho. Não vale muito, mas é caixa em condições, porque eu comprei no contrabando. Mas que é legítimo, é. De primeira qualidade. O que vale é o conteúdo, e não o rótulo. Está aqui. Manja só que beleza!

(Gervásio abre o embrulho e mostra um colar de pérolas de três voltas que Guimarães examina.)

GUIMARÃES — Muito bonito. Mas isto deve ser um presente muito caro, mesmo no contrabando. Aqui vai pelo menos um mês de ordenado!

GERVÁSIO — Bote coisa nisso, velho. Dois meses de ordenado! E isso porque eu sei comprar. Para qualquer trouxa seria muito mais.

GUIMARÃES — Quer dizer que você anda de caixa alta?

GERVÁSIO — Graças a você. Eu disse, meu velho: você vai preparar o prato para os outros comerem. Foi o que aconteceu.

GUIMARÃES — É. Eu soube. Todo o mundo já soube. Atenderam a representação do sindicato dos beneficiadores. E arquivaram a autuação, tudo. Que me importa? Melhor assim. Vamos beber à saúde do seu primo. O advogado dos beneficiadores, pela vitória que teve.

GERVÁSIO — Vitória?! A vitória foi minha! Estava na cara. Eu te disse. Caiu a bola direitinho. Você não topou. Foi melhor para mim.

GUIMARÃES — Melhor, porque?

GERVÁSIO — Bem. Vou te contar. Antes, vamos virar mais um copo. In vino veritas. Hoje vamos sair do sério. Eu e você vamos encher o caneco. (Servem e bebem vinho). Saúde! Eu menti quando disse a você que não estava levando nada. Menti. Você sabe: o segrêdo é a alma do negócio. E eu sou safado mesmo. Não com os amigos. Com os amigos sou barata. Ameus certus in re incerta. Mas negócio é negócio e ninguém precisa saber com quantos paus se faz uma canôa. A bolada era de cinco milhões. Os homens entravam mesmo eram com cinco milhões. Eu dava três a você e engavetava dois. Você não quis. Eu tinha que me virar. São Paulo não pode parar. Então trabalhei o chefe. Eu disse a você. Você jogou fóra a pepineira. Jogou pela janela e o chefe estava lá em baixo para pegar. Mas eu não fui bôsta. Meti a conversa no chefe. Não deu trabalho: nem foi preciso muito rodeio. Foi barbada. Só que inverti o programa. Dois milhões para êle e três para mim. E dito e feito. O homem achou que você era uma bôsta. Um exagerado. Que não conhecia direito fiscal. Achou que [illegible]

Serviço de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-247

rista e pronto 5 milhões para lá e 10 para cá. Está bem?

GUIMARAES — É. Todo o mundo na repartição já soube do fato. Só se comenta isso. Que eu não topei; que eu recusei milhões e que o chefe entrou na bola.

GERVÁSIO — Quer dizer que você está de herói?

GUIMARAES — Herói?!! O contrário. Olham-me como um idiota. Como um louco. Ou como um cretino, pretencioso. Passei a ser uma figura incômoda na repartição. O chefe, com culpa no cartório, trata bem todo o mundo. Releva faltas. Aquilo está uma bagunça! A turma tôda tem mêdo de mim. Me olham com reservas. Não tenho mais serviço. O ambiente lá, para o meu lado, está muito desagradável!

GERVÁSIO — Mas, como foram saber? Foi tudo entre quatro paredes!

GUIMARAES — Deve ter sido a Floripes. Você sabe como ela fala.

GERVÁSIO — É um assunto dêsses! Não tem importância. O que está feito, está feito. E a gaita já entrou. É o principal. O que desceu pelo esôfago e caiu no estômago eu não vomito mais.

GUIMARAES — Não sei como o chefe acomoda a sua consciência. Afinal de contas, êle é um chefe... Como é que êle se organiza?... A disciplina... a moral...

GERVÁSIO — O corcunda sabe como se deita. Essa é a grande verdade. O corcunda sabe como se deita. Você vai ver que êle se ajeita muito bem. Dois milhões, meu velho, resolvem muitos problemas.

GUIMARAES — E três, ainda mais, não é, doutor Gervásio? Você sabe, Gervásio. Perdemos a representação. Você se lembra? Pois, não deram bola. Um parecer de lá, uma informação de cá e um indeferimento em sêco. Nem houve fundamentação. Nem consideranda. Nada. Um despacho em sêco: "não assiste razão aos peticionários" "indefiro a representação de fôlhas". Quatro linhas. Escrevemos 16 laudas e, em quatro linhas foi tudo por água abaixo. Tenho a impressão exata de que houve desconsideração. A classe não se impõe, por causa dessas coisas.

GERVÁSIO — Isso é uma injustiça. Pouca gente pode atirar a primeira pedra. Até me revolta, sabe? Mas, vocês não vão entrar com o mandado de segurança? Vocês querem ir no mole?! Toca um mandado de segurança na cabeça dêles e acabam com essa conversa! Ora bolas! O que é que estão pensando?

GUIMARAES — Era o que havia resolvido, naquela região. Mandado de segurança. Aliás, eu queria entrar imediatamente com a ação judicial. Agora ninguém mais quer entrar com o mandado, está bem?! Ninguém! Dizem que é melhor deixar. É melhor não procurar encrenca. Que o aumento sai mesmo. Você está vendo? É um pessoal de amargar!

GERVÁSIO — Malandro não estrila; desaperta para a esquerda. Êles resolvem o problema pelas laterais. Qual é o dêles? Eu disse a você. Você estava com a faca e o queijo na mão. Agora...

GUIMARAES — Eu vou entrar com o mandado de segurança. Eu vou. Sòzinho. É direito meu, ora essa! Êles que se danem!

GERVÁSIO — É um direito que lhe assiste. E ganha. Não há dúvida. E aproveita a todos. É sempre assim.

GUIMARAES — Paciência. Eu vou entrar com o mandado. Não tenho nada com a desonestidade dêles. Não tenho rabo de palha.

GERVÁSIO — Êles são umas bêstas! Foltrões, para não dizer outro nome. Não têm classe! Estão passando o recibo. Foram preteridos porque são ladrões, porque são safados. Porque pegam tudo. E passam o recibo. Ficam quietos. Não reagem. Falta de classe! Comigo não tinha conversa. Continuava roubando e estrilava. E abria a bôca e cantava de galo. Comigo não. Enquanto êles vão [illegible] o milho, eu já volto com o fubá. Ninguém põe o pé de apontar o dedo para ninguém.

(Entra Edwiges com o café. Os dois tomam o café em silêncio.)

GERVÁSIO — Ótimo café! Excelente! Dona Edwiges está de parabéns. E cá estão 200 mangos para minorar os seus males (e Gervásio tira do bolso uma carteira recheada de notas e dá o dinheiro criada.)

EDWIGES — Muito obrigada, Doutor Gervásio.

GERVÁSIO — Você está vendo, colega? A fôrça do dinheiro? Já fui promovido. Dinheiro põe até DR na frente do nome da gente. Dinheiro dá até diploma!

GUIMARAES — Se doutor não é documento. Eu conheço uma família... são quatro irmãos. Três formados: Dr. José, Dr. Edgar, Dr. Valêncio. Tudo pronto, vivendo de ordenado. O Geraldo não se formou. Está rico. O filho do Dr. José dizia: quando crescer quero ser seu José.

GERVÁSIO — E não deixa de ter suas razões.

GUIMARAES — Eu não sei se estou certo ou errado. Penso muito diferente da maioria. Puxei pelo meu pai. Não há nada que pague o direito de estrilo. O indivíduo muito rico, o grande industrial, o tubarão, tem muitas responsabilidades a zelar...

Censura de Diversões Públicas DPF/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p-248

GERVÁSIO — Tomar conta de dinheiro também dá muito trabalho.

GUIMARÃES — É isso mesmo. Você sabe: o rico é ambicioso; quanto mais, melhor. Tem patrimônio a defender. Posição para sustentar. Então vivem na dependência de muita gente. Têm que agradar e engulir milhares de pessoas. Gente do govêrno. Políticos. Café Society. Até cronista social! O diabo! Vivem sorrindo amarelo. E com dinheiro, hein! Eu não. Não tenho nada, mas nada devo. E não abaixo a crista para ninguém. Vivo modestamente. Mas não tenho que dar satisfações a ninguém. O direito de estrilo ninguém me tira. Sou pobre mas em compensação posso gritar e estrilar. Não preciso bajular ninguém. Idiota é o pobre que ainda bajula. Êsse tem alma de cachorro. Pois, se a gente não tem nada a perder, ainda vai suportar pancada dos outros? Não. Só imbecil. Bulin comigo, levou troco. Essa é a vantagem do pobre. Veja êsses industriais. Quinhentas fábricas. Bilhões e mais bilhões. Têm que agradar o Govêrno. Têm que fazer rapapé para senador, para deputado, senão é espeto. Aumentam o impôsto. Tocam-lhe uma fiscalização. É o diabo. E com os jornalistas ainda é pior. E com os comunistas. Você sabe que tem muito tubarão aí que comparece com dinheiro para o Partido Comunista? Êles querem é sossêgo. Então, procuram cobrir-se de todos os lados. Vida miserável! Não invejo a vida dessa gente, não.

GERVÁSIO — Nem eu. Se eu pudesse ter o dinheiro, sem as responsabilidades... é impossível... Todo o mundo se incomoda com os ricos. Quando não é por interêsse, é por inveja.

GUIMARÃES — Vá se preparando, que você vai indo pelo mesmo caminho. Hoje três milhões. Amanhã, cinco...

GERVÁSIO — Quem? Eu? Ainda estou muito longe! Quem nasceu para dez réis não chega a vintém! Você não sabe da missa a metade. Há gente por aí que ganha três milhões por dia! Três milhões por dia! De renda, está bem? Eu podia meter os peitos. Botava um negócio aí. Contrabando. No fim de um ano teria dez milhões. Ou bunda de fóra ou calça de veludo. Ou bem cabeludo, ou caréca de tudo. Para quê? Para sair do meu natural? Deixa

GUIMARÃES — Está certo. Um dia lhe apreendem a mumba e lá se vai todo o lucro. E não há remédio, porque é negócio imoral e extra-legal.

GERVÁSIO — Extra-legal, de acôrdo. Mas imoral, não. Todo o mundo faz contrabando. Você vai a Nova Iorque, encontra a brasileirada, lá. Só pensam em contrabando. Só falam em contrabando. Você nem queira saber!

GUIMARÃES — É. Essa corrida atrás do dinheiro... do dinheiro... A corrida não pára... depois do dinheiro... a notoriedade... a fama... a glória. Vaidade. É uma coisa louca!

GERVÁSIO — O expresso não pára. É a reação em cadeia. Uma coisa puxa a outra. Você sabe que tem milionário aí que dá para artista. Não sabem mais o que fazer com o dinheiro; então botam pança de artista.

GUIMARÃES — Pois eu penso diferente. Talvez seja por eu não ser rico. Quem sabe, se fôsse rico, naturalmente agiria como rico. Mas, não se tendo dinheiro, o panorama é outro. É levantar a cabeça. É não entrar na gaveta de ninguém. O estrilo é livre. Exigir é não pedir. Lutar pelo meu direito. É uma condição humana. A gente tem que manter a condição humana!

GERVÁSIO — Muito bem, Guimarães! Bravo! É isso mesmo! Você é um brajo! Você é que está com a razão! Às vêzes eu fico pensando, pensando... Eu sou um ladrão de galinha, colega! Desta vez eu entrei na bolada. Mas já me vendi por gorgeta. Por quinhentos mil réis. Com qualquer gorgetinha eu facilitava as coisas. Eu não tenho dignidade. Eu falo isto aqui, para você. Entre amigos. Ninguém me diz isso na cara, que eu rebato à altura. Mas é a verdade. Eu não passo de um ladrão de galinha. De um achacador! Cá para nós, hein? In vino veritas. Eu tenho uma profunda admiração por você, colega! Você é que está certo!

(Pausa. Guimarães levanta-se e avança para o centro da cena, lentamente, com um copo de vinho na mão.)

GUIMARÃES — Eu não sei se estou tão certo assim, Gervásio. Não estou nada convencido da minha certeza. Eu também estive pensando, pensando... você sabe... três semanas. Há vinte dias que a Floripes saiu... eu tive bastante tempo para pensar... não tenho feito outra coisa... não sei... dúvida... A dúvida. A princípio parecia absolutamente certo. Convencido. Agora, não. Eu não me vendi. Não comi bola. Três milhões de cruzeiros... em moeda corrente do país... Está certo. Você pensa que eu recusei por patriotismo, em nome da Pátria, por civismo? Não. Nada disso. Minha recusa foi automática. Inconsciente. Nem ponderei prós e contras. Não como bola, sem bolsa. Foi um problema íntimo. Todo pessoal. A coisa é cá por dentro. Não [illegible] ninguém. Talvez só em [illegible] Aí [illegible] também é cá por [illegible]

Serviço de Censura de Diversões Públicas DIPE DCDP/MAG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319,p.249

hein? Vai por conta do vinho e de nossa amizade. Minha recusa foi um ato puramente egoístico. O que eu ganhei com isso? Nada. Não agi dessa maneira, atrás de compensações. Não. Foi automático, já disse. A moral da repartição não melhorou. Até piorou. Porque a venalidade veio de cima. Do Chefe. E eu sabia que êle cederia. Mas o problema não era só meu. Havia a Floripes. Eu joguei fôra uma chance de ficar rico. Uma chance de Floripes melhorar consideràvelmente de vida. Eu encarei o problema do meu lado exclusivamente pessoal. Egoismo. Vaidade. Sou um grande pretencioso. No fundo, não passo de um idiota pretencioso. Vou reformar o País? Vou moralizar a Nação? Eu? Quem sou eu, para recusar três milhões... em moeda corrente do País? Eu faço questão de que você saiba, Gervásio, que não estou arrependido. Não estou chorando o dinheiro que deixei de ganhar. Não. O que está se passando comigo é que não estou tão convencido de estar com a razão. É isso. Está tudo ballando, aqui, na minha cabeça. Estou confuso. É isso. Confusão. Não sei mais onde está a verdade. Talvez a verdade esteja dentro desta garrafa. Vamos a ela.

GERVÁSIO — Mas se todo o mundo pensar assim, então, êste país não tem mais salvação!

GUIMARÃES — Eu sei lá! O fato é que todo o mundo se vende e o País vai indo para a frente. Eu acho que é como nêsse negócio de terras. O desbravador do sertão nada mais é que um grileiro. Êle rouba a terra do Estado. E leva o progresso para a região. A história da terra vem dos posseiros. Do grilo. De um roubo. Na indústria é a mesma coisa: o capitalista, com o dinheiro, ajeitando as coisas, uma facilidade de cá, uma licença de exportação, uma moleza cumbial por baixo do pano. E monta a fábrica. Depois dana-se a vender sem nota. Compra tudo que é fiscal. Esconde o lucro na contabilidade. Fraude. Ajuda na caixa do partido da situação... e está aí mais uma fábrica... mais um fator de progresso. E a verdade é que todo o mundo ganha com isso. Você está vendo a confusão?

GERVÁSIO — Quer dizer que a ordem é roubar?

GUIMARÃES — Eu não quero dizer nada. Estou pensando alto. Estou considerando os fatos. E agora vamos nos despedir desta bebida. Vamos, colega. Meu colega rico. O colega pobre e o colega rico. Você com a gaita no Banco e eu com a conta no empório. Mas o tal sou eu? Está bom, Guimarães, pobre, porém honesto. Bonito... não há dúvida! Hein! Floripes! O que é que você acha disso tudo?

EDWIGES — Eu não acho nada. Cada qual sabe onde lhe aperta o sapato.

GERVÁSIO — Boa, Edwiges! Nada como a sabedoria popular.

GUIMARÃES — Adeus, meu bom champagne. Desculpe, se não o saboreei como um mestre de cerimônia. Seu gazua! Abridor de cofres de segrêdo!

EDWIGES — Quer mais café? Está na hora de tomar café sem açúcar.

GUIMARÃES — Vocês pensam que eu estou bêbedo? Absolutamente. Estou apenas um pouco alegre. Assim, no ponto de dizer umas verdades. E mais êste e pronto. Adeus. Vamos voltar à rotina. Amanhã a rotina. Trezentos e sessenta e cinco dias de rotina. E nos bissextos 366. E a gente vai vivendo. Vai-se se tocando o barco para a frente. Viva a mediocridade! Feito! Bem que a Floripes disse. Feito! Me faltou pelo para aceitar os três milhões. Eu sou um medíocre. E hei de ser isso tôda a vida. E viva a mediocridade!

GERVÁSIO — Guimarães: você é que está certo. Um tipo honesto, direito, correto. Póde gritar, não está na gaveta de ninguém. Tem um nome para deixar para seus filhos. Uma tradição de honestidade...

GUIMARÃES — Pobre de mim! Nem filhos tenho. Ainda bem. Senão êles tinham que herdar um nome honrado. O que você prefere: herdar um nome honrado de um pai liso como bunda de anjo, ou receber uma fortuna de um pai sujo como pau de galinheiro? Vamos, meu colega. Responda. Um nome honrado. Ou gaita? Está aí. Vamos ouvir o senso comum do povo. Edwiges: responda você.

EDWIGES — Eu, seu Guima? Quem sou eu para herdar qualquer coisa? Nem dinheiro, nem nome honrado. Que meu pai, como muito pernambucano, era ladrão de cavalo.

GUIMARÃES — Mas o que é que você preferiria?

EDWIGES — Dinheiro, seu Guima. Dinheiro não tem côr, nem procedência. Vale por si...

GUIMARÃES — E quem responder o contrário, está mentindo. O dinheiro tem uma fôrça descomunal. Você tem um padrinho rico. Êle lhe faz bem. Lhe encaminha na vida. Lhe socorre nas suas dificuldades. Você lá quer saber se o dinheiro dêle é roubado? Você é naturalmente amigo de quem lhe ajuda. Votará nêle se fôr o caso. O resto é teoria.

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 250

Você veja o que aconteceu comigo. Continuo pobre, fui preterido, sou uma figura indigesta na repartição onde trabalho. Briguei com minha mulher e durante tôda a minha vida vou ouvir dela êsse queixume: Idiota, imbecil, medíocre. Há de ser um pé-rapado tôda a vida. Coitada da Floripes! Deve ter amargurado.

GERVÁSIO — Não adianta, Guimarães. Você é que está certo. Você sabe disso. Eu não sei provar. Não sei demonstrar. Sou um ignorantão. Só sei provérbio. E me virar por aí. E quando é preciso eu me viro mais que charuto na bôca de bêbedo. Mas você é que está certo.

GUIMARÃES — Acho engraçado você dizer isso com êsse charutão na bôca! Com êsse ar de prosperidade. De industrial em férias. Você é quem está certo, Gervásio. Todo o mundo se vendendo por aí. A turma do dez por cento. Não sai um empréstimo sem correr o dez por cento. Não se paga um fornecimento, sem o dez por cento. Não se vence uma concorrência. Não se constrói uma casa. É a caixinha, a moleza, sei lá! E o Govêrno a aumentar os impostos! O pior cego é aquêle que não quer ver. E está na cara. É só fiscalizar. É só fazer pagar o que já é de lei. Se não houvesse sonegação, a arrecadação atingiria cifras astronômicas. Mas não, aumentam-se os impostos. Os trouxas irão pagar mais. Pagam pelos águias. Qual, seu Gervásio. É uma situação muito cômoda.

GERVÁSIO — Eu não sirvo de exemplo para ninguém. Até nem fica bem estar falando assim. Mas você acredite se quiser: ainda que pareça mentira: eu preferiria ser como você, Guimarães. Ter a sua moral, a sua têmpera. Você é como um sacerdote. Como um militar. Já tem a sua trilha certa. Não sai do regulamento. Tem o regulamento e não há problema. Não há a encruzilhada para se escolher. Você me entende? O caminho já está traçado. É mais simples.

GUIMARÃES — É mais simples. Já sei tudo que me vai acontecer na vida. Trabalho mais quinze anos. Subo duas letras. Me aposento. E fico esperando a morte sentado. É. De fato. É mais simples. Mais fácil, é a expressão. Há muita coisa que não entendo. Nós não somos donos da verdade. Por isso é que não se deve ir julgando, nem condenando. Você veja a minha irmã. Dalva. Ela tem a mesma formação moral que eu. A mesma educação. E gosta de você. E irá com você para onde você fôr. Que importa a [illegible] ... não um venal, um [illegible] ... como você diz. [illegible]

GERVÁSIO — Puxa! Você, agora, tocou na ferida. E está na hora da segunda novidade. A princípio não era novidade. Você já sabia. Mas esta é: Eu vou procurar a Dalva. Ela ganhou a parada. Há males que vêm para bem. O casamento é contra a minha religião, mas vou me casar com ela. E vou dividir êsses três milhões com ela. E depois você diz que não adianta ser honesto. Vou me casar com ela porque ela é assim como você. Batata! Cem por cento! Vinho da mesma pipa! Quero lhe pedir a mão de sua irmã. Você é o irmão mais velho. Meu colega, meu amigo e meu futuro cunhado. Venha de lá um amplexo.

(Guimarães levanta-se e abraça longamente Gervásio.)

GERVÁSIO — Entreguei os pontos direitinho, hein?! Eu gosto dela, sabe? E te digo francamente. Há muito tempo que já estava resolvido. Vou me casar com a bichinha. Entro nos três milhões e caso com ela. Há mal que vem para bem.

EDWIGES — Meus parabéns, doutor Gervásio... agora, o senhor falou com sabedoria.

GERVÁSIO — Em que cinema que ela foi? Quero me encontrar com ela. Já. Quero lhe dar os parabéns pelo aniversário. Êste modesto presente. Oitenta mil cruzeiros e a grande novidade.

Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F. SR/MG

GUIMARÃES — Não sei qual o cinema. Sei que marcou com a Inês na sessão das oito.

EDWIGES — Acho que ela foi ver Ben-Hur no cinema Regina.

GERVÁSIO — Quatro horas de projeção! Enche, hein? Não faz mal. Isso já vai por conta do casamento. Vai começar a minha via sacra. Bem. Até logo, meu futuro cunhado. Até logo. Depois você escreve um tratado de filosofia. Até logo, Edwiges.

(Gervásio sai e Guimarães o acompanha ao vestíbulo. Edwiges já terminou o serviço da sala. Tudo em ordem. Sai em direção à cozinha. Guimarães volta. Apaga a luz maior da sala; pega uma revista. Prepara seu cigarrinho e vai refestelar-se na poltrona. Aparece Edwiges pronta para sair, carregando o balaio de costume.)

EDWIGES — Até amanhã, patrão.

GUIMARÃES — Até amanhã, Edwiges. Muito obrigado pelo jantar. Estava ótimo. Hê! Edwiges!

(Edwiges, que ia saindo, para na porta.)

EDWIGES — Pronto, patrão.

GUIMARÃES — [illegible] Aproveita que esta [illegible] ... [illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.251

EDWIGES — O diabo não é tão feio quanto se pinta, patrão. Nós dá um jeitinho. Bye, bye.

(Edwiges sai. Calma, sossêgo, tranquilidade. Há uma pausa longa. Gulmarães larga a revista e vai acender a T.V. Acende e volta à sua poltrona, cigarro na bôca. De repente, entra Floripes, como saiu no final do segundo ato. Com o mesmo vestido e a mesma mala na mão. Só que a direção de sua marcha é diferente. Antes saia. Agora volta.

Floripes pára no centro da sala e quase sem voltar para Gulmarães, exclama, sêcamente, sem ser perguntada:)

FLORIPES — Eu voltei.

(E entra para o interior. Gulmarães nem se mexe. Fuma e o pano se fecha lentamente.)

F I M

Serviço de Censura de Diversões Públicas - DPF - MG

O direito de exclusividade de representações desta peça pertence ao TEATRO CACILDA BECKER, por cessão onerosa feita pelo autor, não podendo, por conseguinte, qualquer outra Companhia teatral profissional ou de Amadores representar "EM MOEDA CORRENTE DO PAIS" sem permissão expressa e escrita do autor. Da mesma forma, fica proibida qualquer apresentação pelo rádio ou pela televisão, no todo ou em parte, sob pena de responsabilidade por perdas e danos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0319, p.252

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 107 / 88-SCDP/SR/MG

TÍTULO: " EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS

AUTOR: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

COMPARANDO O TEXTO ACIMA MENCIONADO COM O CONSTANTE DOS ARQUIVOS DESTE SCDP/SR/MG, CONSTATEI SEREM ELES IDÊNTICOS, TRATANDO-SE UM DO XEROX DO OUTRO.

POR TAL, SUGIRO SEJA RATIFICADA A FAIXA ETÁRIA DE 14 ANOS, JÁ QUE O CERTIFICADO ESTÁ AINDA EM VALIDADE.

BELO HORIZONTE, 24 DE JUNHO DE 1988

Ana Maria Coelho Montes
Censora Federal - Mat. 2.416.906

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 253

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-DPF-SR-MG

HUMBERTO MOREIRA DA COSTA.
(REQUERENTE)

BRAS., Bancário, CARTEIRA DE IDENTIDADE M-771936
(NACIONALIDADE) (PROFISSAO)

SSP/MG, RESIDENTE E DOMICILIADO À Alameda Mahus,
(Nº/ÓRGÃO EXPEDIDOR)

110 - Dom Cabral FONE: 334-5399

VEM REQUERER A V.SA. O EXAME DO ENSAIO GERAL DO ESPETÁCULO EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS
(PEÇA TEATRAL, BAILADOS, ETC.) A REALIZAR-SE NO TEATRO DO SESC - R. Tupinambás, 956 - 29/06/88 20h
(LOCAL DO ENSAIO-ENDEREÇO)

DATA E HORÁRIO ACIMA, DECLARADOS PELO CENSOR RESPONSÁVEL, CONSOANTE OS ARTIGOS 49 E 50, § 5º DO DEC. Nº 20.493/46, CABENDO AO REQUERENTE A RESPONSABILIDADE QUANTO ÀS DETERMINAÇÕES LEGAIS MENCIONADAS NO VERSO.

TERMOS EM QUE
PEDE DEFERIMENTO

BH 24/06/88
(LOCAL E DATA)

(REQUERENTE)

OBS. VIDE VERSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p. 254

D E C R E T O Nº 20.493
D E 24 D E J A N E I R O D E 1946

ART. 50. DURANTE OS ENSAIOS GERAIS OS ARTISTAS SÃO OBRIGADOS A CUMPRIR RIGOROSAMENTE AS DETERMINAÇÕES DO CENSOR E DO CHEFE DO SCDP, TANTO EM RELAÇÃO AO TEXTO DA PEÇA OU NÚMERO EM ENSAIO, COMO EM RELAÇÃO À INDUMENTÁRIA, AOS GESTOS, MARCAÇÕES, ATITUDES E PROCEDIMENTO NO PALCO.

§ Iº. É DA RESPONSABILIDADE DOS EMPRESÁRIOS OU DIRETORES DAS CASAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS NÃO SE APRESENTAREM OS ARTISTAS COM A INDUMENTÁRIA PRÓPRIA DURANTE OS ENSAIOS E NÃO SE ACHAREM PRONTOS E EM FUNCIONAMENTO OS CENÁRIOS RESPECTIVOS.

§ 3º. DURANTE O ENSAIO GERAL QUE É PRIVATIVO DA CENSURA, CUMPRE AO EMPRESÁRIO, OU A QUEM SUAS VEZES FIZER, NÃO PERMITIR A PRESENÇA DE PESSOAS ESTRANHAS, SEM CONSENTIMENTO EXPRESSO DO CENSOR.

§ 5º. O ENSAIO GERAL SOMENTE SERÁ REALIZADO QUANDO REQUERIDO AO CHEFE DO SCDP, COM A NECESSÁRIA ANTECEDÊNCIA, PELO EMPRESÁRIO OU DIRETOR DA COMPANHIA TEATRAL, OU PELO RESPONSÁVEL PELO ESPETÁCULO, OUVINDO-SE O CENSOR RESPECTIVO, QUE DECLARARÁ, POR ESCRITO, NESSE REQUERIMENTO O DIA E HORA PARA A REALIZAÇÃO DO MESMO ENSAIO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p .255

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RELATÓRIO Nº 55/88-SCDP/SR/MG

DO: CNF ANA MARIA COELHO MONTES

AO: CHEFE DO SCDP/SR/MG

ASSUNTO: RELATÓRIO DE ENSAIO GERAL

TÍTULO: " EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS "

AUTOR: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

CLASSIFICAÇÃO: 14 ANOS

J.I.: CONFLITOS FAMILIARES

CUMPRINDO OM Nº 60/88-SCDP/SR/MG, COMPARECI NO DIA 29/06/88 ÀS 20 HORAS AO AUDITÓRIO DA CEF PARA ASSISTIR AO ENSAIO GERAL DA PEÇA ACIMA MENCIONADA.

TRATA-SE DE UM ESPETÁCULO CONTESTATÓRIO DE CUNHO POLÍTICO-SOCIAL, CUJO CONTEÚDO É DILUÍDO PELO TEOR CÔMICO DO TEXTO.

DO CENÁRIO FOI MOSTRADO APENAS O CROQUI, COM O DESENHO DE DOIS AMBIENTES: UMA SALA COM POLTRONAS E UMA COM MESA E CADEIRAS, JÁ QUE O ENSAIO NÃO FOI EFETUADO NO LOCAL ONDE O ESPETÁCULO VAI SER LEVADO.

O FIGURINO SÃO ROUPAS COMUNS DO DIA A DIA.

A SONOPLASTIA É COMPOSTA DE MÚSICAS COMO SE FORA A GRAVAÇÃO DE UMA RÁDIO POPULAR.

A ILUMINAÇÃO, SEGUNDO EXPLICAÇÃO DO DIRETOR, CONSTARÁ DE BLACK-OUTS NAS MUDANÇAS DE CENA.

A ENCENAÇÃO NADA MOSTROU QUE MERECESSE ALGUMA REFERÊNCIA DO PONTO DE VISTA CENSÓRIO.

PELO TEOR DA MENSAGEM VEICULADA, SUGIRO A RATIFICAÇÃO DA FAIXA ETÁRIA EM VIGOR PARA O ESPETÁCULO, OU SEJA IMPROPRIEDADE PARA MENORES DE 14 ANOS.

BELO HORIZONTE, 30 DE JUNHO DE 1988

Ana Maria Coelho Montes
Censora Federal - Mat. 2.416.906

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319, p.256

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Processo Nº 1124/88 - SCDP/SR/MG

I - De acordo c/ o relatório do ensaio geral.

Classificação: 14 ANOS.

J. I.: "Conflitos Familiares"

II - Emitir certificado censório, consoante a Portaria nº 08/85-DCDP

III - Encaminhar o processo à DCDP.

B. Hte., 30 de junho de 1988

Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0319 fl. 257

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO Nº: 046/88-SCDP/SR/MG

ESPETÁCULO PARA: TEATRO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

TÍTULO EM PORTUGUÊS: "EM MOEDA CORRENTE NO PAÍS"

TÍTULO ORIGINAL:

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR: CENTRO CULTURAL TEATRO VIVO

CLASSIFICAÇÃO: 14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE CATORZE ANOS

Válido até: 13 DE AGOSTO DE 1992

Emitido em: 30 DE JUNHO DE 1988

Antonio José de A. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: CONFLITOS FAMILIARES

ENSAIO GERAL
EM 29 / 06 / 88
Bel. Anunciação Gonçalves de Assis
Chefe da Seção de Coord. C/
SCDP/SR/DPF/MG

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

OBSERVAÇÕES:

AUTOR: ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/MG

VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

BR DFANBSB NS.GRP.TEA.PTE.0319, p.258/258

TEATRO

TÍTULO * EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS *

AUTOR: * ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 14 ANOS *

Praça * D C D P *

Obs.: ANEXAR AO PROCESSO ANTERIOR.

DF. 19 / Julho de / 1988

Resp. pela elaboração do Processo
Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Em ordem.
Ao Arquivo.
BSB, 25/07/88

Clovis Venuto da Silva
CF - Mat. 2461
Chefe Substituto da SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.